



# GLENN MEADE



# AS AREIAS DE SAKKARA

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



# AS AREIAS DE SAKKARA

Glenn Meade

Cairo: Na Actualidade

Era Abril e soprava o khamsin, um vento uivante do deserto que açoitava as ruas com rajadas cegantes de areia.

Quando o táxi parou à porta da morgue e me apeei, interroguei-me de novo sobre o que me levava a ir ali numa noite tão miserável e sem mais provas do que o cadáver de um velhote que dera à praia na margem do Nilo.

- O senhor quer que eu espere? - perguntou o taxista.

- Porque não? - De facto, não estava uma noite nada convidativa para ter de ir depois à procura de outro táxi.

A morgue era um daqueles antigos edifícios grandiosos de pedra que vemos com frequência no Egipto, relíquias do passado colonial, entretanto delapidadas e maltratadas pelo uso. A luz da entrada cintilava sobre uma porta azul com uma grade metálica inserida a meio. Toquei a campainha, e ao fim de uns momentos a grade abriu-se, revelando a cara barbada de um homem.

- Ismail?

O homem acenou com a cabeça afirmativamente.

- Vim ver o corpo do velhote - declarei em árabe. - O que pescaram do Nilo. O capitão Halim, da Polícia do Cairo, disse-me que perguntasse por si.

O meu interlocutor pareceu surpreendido por eu falar a sua língua, todavia logo a seguir abriu a porta e afastou-se para me deixar entrar.

- É da família do falecido? - indagou com uma bem treinada expressão compungida.

- Sou jornalista.

A expressão desvaneceu-se de imediato.

- Que deseja?

Peguei na carteira, da qual extraí uma generosa quantidade de notas que lhe entreguei.

- Só gostava de ver o corpo do velhote. Pode dar-me uma boa história, percebe?

Era óbvio que Ismail percebia. O dinheiro bania qualquer tipo de discussão, e o homem sorriu enquanto enfiava as notas no bolso.

- Claro. Estou sempre disposto a colaborar com os senhores da imprensa. E americano?

- Sou.

- Bem me parecia. Venha por aqui.

Conduziu-me à morgue. O aspecto era miserável e a precisar de obras, contudo o delicado trabalho de arabescos em madeira rendilhada nos arcos e portas era só por si uma obra de arte.

Ismail indicou com um gesto o que parecia uma pequena zona de trabalho, fechada por uma cortina de contas pesadas.

- O cadáver está ali. Eu estava a tratar dele quando o senhor tocou à campainha.

Segui-o, e ele afastou a cortina. A luz trémula de duas velas perfumadas colocadas ao lado de uma laje de mármore iluminava um cadáver masculino, nu, colocado sobre a laje, junto da qual uma mesinha metálica exibia alguns dos utensílios simples do agente funerário.

O velhote sobre a laje devia ter setenta e muitos anos e era bastante alto, mais de um metro e oitenta. Tinha os olhos abertos e baços da morte, o fraco cabelo grisalho afastado da testa. A pele ficara branca e engelhada devido à imersão de vários dias na água, as feições, tensas e terrivelmente contorcidas.

Senti um arrepio percorrer-me, pois o perfume das velas não escondia o fedor da decomposição, e acenei com a cabeça na direcção do cadáver.

- Que é que sabe sobre ele?

O agente funerário encolheu os ombros, como se pouca importância tivesse mais uma morte numa caótica cidade de quinze milhões de almas.

- Foi trazido para cá ontem. A Polícia encontrou-o na água perto da ponte ferroviária sobre o Nilo. A identificação na carteira dizia chamar-se Johann Halder, alemão, residente num apartamento do Bairro de Imbaba.

Aquilo já eu sabia.

- Alguém reclamou o corpo?

- Ainda não. O cadáver vai cá ficar algum tempo enquanto se procuram os familiares. No entanto, ainda não apareceu nenhum. Parece que vivia sozinho.

- Afogou-se?

Ismail anuiu de cabeça.

- O médico-legista acha que sim. Como pode ver, não há ferimentos no corpo. Ele pensa que o velhote talvez tenha caído ao rio por acidente. Ou então suicidou-se de uma das pontes. E impossível saber ao certo.

- Há mais alguma coisa?

- Receio bem que não. Terá de perguntar à Polícia.

- Pelo que ouvi dizer, descobriram que o nosso falecido amigo tinha um segundo conjunto de documentos de identificação escondidos no apartamento. Eram bastante antigos e deles constava o nome Hans Meyer. Se ele for quem eu penso, podemos estar a contemplar os despojos terrenos de um homem verdadeiramente incrível, tendo em conta que foi dado como morto há mais de cinquenta anos.

Ismail assobiou.

- Então, não admira que o outro cavalheiro estivesse tão interessado.

- Outro cavalheiro?

- Esteve cá há menos de meia hora. Veio inspeccionar o corpo. Um americano idoso. Aspecto militar. Entrou por aí dentro a exigir ver os restos mortais. - Ismail fez um grande sorriso e bateu com a mão na algibeira da túnica. - Infelizmente, não era tão generoso como alguns dos seus compatriotas. Quando lhe pedi uma pequena gratificação, ameaçou cortar-me a mão.

- Quem era ele?

Ismail coçou a cabeça.

- Weaver, acho que foi o que ele disse. Harry Weaver.

Fiquei intrigado, com um estranho formigueiro a descer-me pelas costas.

- Harry Weaver? Tem a certeza do nome?

- Creio que sim. Conhece esse Mr. Weaver?

- Era pessoa, não, mas já ouvi falar dele - respondi. - Foi durante quase quarenta anos conselheiro de segurança dos presidentes americanos. - Levantei a gola do casaco e preparei-me para sair.

Ismail voltou a falar:

- Acha que o corpo pertence ao tal alemão de que falou?

Baixei os olhos para o cadáver.

- Só Deus sabe. O pobre-diabo ficou em tal estado que mal se consegue distinguir um lado do outro. Tem a morada do falecido?

- Claro. Fui lá ontem buscar roupas para o enterro, segundo instruções da Polícia. - Escreveu a morada

num papelinho que lhe facultei. - O apartamento fica no último andar - esclareceu.

- Obrigado, Ismail, a sua ajuda foi preciosa - agradecei, enfiando o papel no bolso.

Imbaba é um bairro operário, um bairro de lata a cair aos bocados próximo das margens do Nilo, onde as casas estão agarradas umas às outras, como que a encolherem-se contra a pobreza e porcaria circundantes. O taxista encontrou o endereço sem qualquer dificuldade.

- Espere aqui - pedi eu, e apeei-me.

A casa era de estilo árabe, uma grande habitação antiga, com muita madeira castanha e muito decadente. A porta da rua estava aberta, batendo ao vento, com um vestíbulo escuro a seguir.

Ao subir as escadas, ouvi uma criança a chorar algures no edifício. Quando cheguei ao último andar, vi uma das portas que davam para o patamar aberta e entrei.

A divisão em que me encontrei estava na mais completa desarrumação. As gavetas tinham sido abertas, e o seu conteúdo, espalhado, como se alguém tivesse passado revista à casa. No chão havia papéis e correspondência de há muito tempo, roupas e artigos de uso pessoal. Duas portas levavam a outras divisões. Enquanto eu dava uma olhadela à correspondência e demais papéis, uma das portas abriu-se.

Virei-me e vi entrar um homem alto e idoso de gabardina. Apesar da idade, evidenciava um evidente ar militar - um bom metro e oitenta e cinco, feições bem cinzeladas, embora tivesse os ombros um pouco curvados e os penetrantes olhos cinzentos parecessem aquosos da idade.

- Quem diabo é você? - exigiu saber, com uma pronúncia indiscutivelmente americana.

- Podia fazer-lhe a mesma pergunta se não soubesse já a resposta, coronel Weaver.

- Conhece-me? - perguntou ele, atónito.

- Não pessoalmente, todavia qual é o americano que não ouviu falar de Harry Weaver? Uma lenda viva. Conselheiro de segurança dos presidentes americanos durante quase quarenta anos.

- E você, quem é? - vociferou Weaver.

- Chamo-me Frank Carney.

Não pareceu impressionado, contudo algo lhe provocou um brilho nos olhos e um franzir do sobrolho.

- Não é o Carney do New York Times?

- Exactamente.

- Que diabo faz aqui?

- Bom, acho que pode imaginar. Fomos ambos à morgue pela mesma razão: Johann Halder.

Weaver empertigou-se.

- Esteve na morgue?

- Parece que por pouco não me encontrei lá consigo. E, a propósito, o funcionário não ficou muito satisfeito por não lhe ter dado gorjeta.

Os olhos de Weaver semicerraram-se à cautela.

- Como soube de Johann Halder?

- Acontece que a egiptologia é um dos meus interesses, razão pela qual estou há cinco anos no Cairo como correspondente. Há uns anos, fiz pesquisa para um artigo sobre um certo Franz Halder, rico colecionador alemão de artefactos egípcios. Eu andava a pensar em escrever um livro sobre os tesouros egípcios desaparecidos durante a última guerra.

- E depois? - perguntou Weaver, interessado.

- Antes da guerra, Halder possuía uma das melhores colecções privadas da Alemanha. Morreu em Hamburgo em 1943 durante um raide aéreo dos Aliados com bombas incendiárias. Algum tempo depois, toda a sua colecção desapareceu. Tentei aprofundar. Descobri que Halder tinha um filho, Johann, que prestou serviço militar durante a guerra. Os registos militares alemães declaram-no morto em combate em 1943, no decorrer de uma missão qualquer, sem no entanto mencionarem como ou onde. Em todo o caso, um amigo meu, jornalista em Berlim, descobriu que Halder fora recrutado para a Abwehr em 1940. Em língua de gente, isso era serviço de espionagem militar alemã na altura da guerra.

- Sei muito bem o que era a Abwehr, Carney, mas continue.

- Em criança, Johann Halder foi educado na América até à morte trágica da mãe ao dar à luz o segundo filho. Depois disso, o pai levou-o de volta para Berlim. Alcançou o posto de major durante a guerra, apesar de nunca se ter inscrito no Partido Nacional-Socialista. O resto da sua carreira militar é quase um mistério. Não voltei a pensar no assunto até há pouco tempo, quando entrevistei um dos antigos directores do Museu Egípcio, Kemal Assan, pouco antes da sua morte. Mencionei Franz Halder de passagem, e Assan disse-me que conhecera o filho, Johann, em 1939, quando este participou numa escavação arqueológica em Saqqara. Contou ainda tê-lo visto no Cairo depois da guerra. Considerando que Halder fora dado como morto, aquilo pareceu-me incrível.

Weaver ficou de súbito muito interessado.

- E que lhe disse concretamente esse Assan?

- Há dez anos, estava sentado num café do Cairo, distraído, quando reparou no homem que ocupava a mesa ao lado e cujo rosto lhe pareceu de certo modo familiar. Assan perguntou-lhe se não se conheciam, e o homem limitou-se a sorrir e a responder em alemão: Conhecemo-nos há muito tempo noutra vida. Levantou-se e foi-se embora. Assan procurou segui-lo, mas perdeu-o completamente de vista no bazar.

Weaver pareceu desiludido.

- Compreendo. Então, você ficou convencido de que Halder talvez ainda estivesse vivo?

- E um mistério que me tem incomodado desde então. Não sei bem o que pensar, contudo pareceu-me ter

potencial para uma história. Então, na Gazeta Egípcia de ontem, deparei com uma menção ao corpo de um alemão idoso que fora retirado do Nilo. Constava que tinha documentos de identificação em nome de Johann Halder. Juntei dois e dois e tive esperança de que desse quatro. - Fitei Weaver, que se limitou a absorver a informação, sem no entanto se manifestar. - A questão é: que faz o senhor aqui? Se a memória não me falha, o senhor integrou o serviço de espionagem no Cairo durante a guerra. Não posso deixar de presumir que veio aqui por saber de Halder.

Weaver pareceu de repente ter dificuldade em encontrar palavras, preso numa armadilha montada por si próprio. Suspirou e a seguir deixou-se cair numa das cadeiras.

- E Johann Halder que está na morgue? - perguntei.

Ele não respondeu, e eu insisti:

- Então, ao menos, diga-me a razão da sua presença aqui. Afinal, não é todos os dias que deparo com a história de um homem dado como morto e que afinal pode estar vivo mais de cinquenta anos depois.

Weaver continuou em silêncio.

Fitei-o intensamente.

- Tenho a sensação de estar a falar para uma parede, coronel.

Ele levantou-se, como que para se ir embora, e declarou com firmeza:

- Não tenho por hábito discutir os meus assuntos pessoais com desconhecidos.

- Está bem, coronel, se é isso que deseja. Mas gostava de lhe contar uma coisa que talvez o senhor queira saber.

- Duvido.

- Ouça-me só um minuto. No momento em que ouvi o seu nome lá na morgue, senti um arrepio nas costas. Gostaria de pensar que talvez fosse o destino a desempenhar o seu papel.

Os olhos do meu interlocutor semicerraram-se.

- De que raio está para aí a falar?

- O nome Tom Carney diz-lhe alguma coisa?

Weaver pareceu ficar abismado, como se eu lhe tivesse dado um soco.

- Capitão Tom Carney?

- Esse mesmo. Era meu pai. Serviu consigo nas informações militares e desembarcaram no Norte de África durante a Operação Archote, em 1943. O senhor foi ferido por estilhaços quando um morteiro atingiu a vossa unidade de reconhecimento nas proximidades de Argel. Ele carregou-o de volta às linhas americanas sob intenso fogo inimigo. Isso valeu-lhe uma medalha por recomendação sua.



A dureza esvaiu-se da cara de Weaver.

- Ora, diabos me levem! Então, você é filho de Tom Carney!

- O meu pai costumava falar muito de si ao longo dos anos. Deixou-me a sensação de terem sido bons camaradas.

Weaver confirmou com um aceno de cabeça, e os seus olhos humedeceram-se com as recordações.

- Era um homem bom. Corajoso. Honesto. Ouvi dizer que tinha morrido ... o quê? Há uns dez anos?

- Doze. E não passa um dia em que eu não sinta saudades dele.

- Fitei Weaver com firmeza. - Agrada-me pensar que por vezes as vidas se cruzam, mesmo que por breves instantes, por razões que nós, mortais, nem sequer somos capazes de começar a entender. Talvez esteja escrito nos nossos astros. Como aconteceu com o senhor e o meu pai. E, sabe, quando ouvi mencionar o seu nome, calculei que fosse o destino a dar-me uma mãozinha. Esta questão de Halder anda-me às voltas na cabeça há uns anos. Só estou a pedir-lhe uma ajudinha.

O coronel permaneceu em silêncio.

- Talvez ache que é pedir demais. Só duas perguntas: porque está aqui e como conheceu Halder?

Weaver suspirou, um profundo suspiro demorado como se estivesse a tentar expelir alguma dor bem funda.

- Sim, conheci Johann Halder - acabou ele por confessar. - Porém, duvido de que saiba alguma coisa que possa ajudá-lo a descobrir o que aconteceu à colecção de Franz Halder. Há fortes probabilidades de ter acabado nas mãos dos Russos a seguir à captura de Berlim. Aliás, foi o que aconteceu a quase tudo o que tinha algum valor.

- Já calculava que houvesse essa possibilidade. Todavia, e Johann Halder? Que pode contar-me sobre ele?

Weaver ergueu-se e foi até à janela. Não olhou para trás enquanto falava quase distraidamente:

- O Cairo era um sítio extraordinário durante a guerra! Pode mesmo dizer-se que a sorte da guerra foi decidida aqui.

- Sim? E capaz de me contar isso?

Ele ficou completamente perdido nos seus pensamentos enquanto olhava pela janela. Quando se virou, a sua expressão era o mais séria possível.

- Com uma condição. Não publica nada do que eu lhe disser enquanto eu não morrer.

- Tem a minha palavra - assenti, fitando-o.

Ele relanceou o olhar pela divisão imunda, como se tivesse de súbito ficado pouco à vontade naquele

ambiente.

- Que tal irmos embora daqui para fora?

- Tenho um táxi à espera lá fora. Posso dar-lhe boleia.

- Numa noite destas, não recuso. Estou alojado no novo Shepheard,'s. Não é nada que se pareça com o antigo hotel que substitui, mas pelo menos serve um whisky americano decente.

- Isso é que é falar!

O percurso até ao hotel foi uma provação. Weaver quase nem falou, limitando-se a olhar pela janela do táxi, perdido num mundo só seu. Tive a terrível sensação de que estava a reconsiderar a proposta de me contar a sua história, até que ele declarou:

- Nunca contei a minha história fosse a quem fosse. Apeteceu-me contar muitas vezes, porque era uma coisa que me perseguia, no entanto mantive o segredo. Talvez tenha chegado a altura de a contar a alguém antes que seja demasiado tarde, que raio! - Quando chegámos ao hotel, disse: - Vou ter consigo ao bar dentro de dez minutos. Para mim é um Dewars duplo. Puro.

Dirigiu-se ao elevador, e eu fui para o bar-restaurante. Sentei-me perto de uma janela e pedi dois Dewars duplos; depois, mudei de ideias e disse ao criado para trazer a garrafa.

Weaver desceu dez minutos depois. Trocara de roupa, envergando agora uma camisola e calças de algodão, e parecia mais à vontade ao percorrer o bar com os olhos.

- Diabos me levem, isto não é nada como antigamente! Sabe que Greta Garbo costumava alojar-se aqui? Já para não falar em Lawrence da Arábia, Winston Churchill e metade dos espões da Gestapo no Cairo no tempo da guerra. - Bebeu todo o whisky que tinha no copo.

Voltei a servir os dois copos e pousei a garrafa entre nós.

- Se a memória não me falha, o Shepheard,'s original foi destruído por um incêndio durante os motins independentistas de 1952.

- Parece ser bom em história, Carney.

- Razão pela qual há uma coisa que me perturba. Se for verdade tudo o que descobri sobre Johann Halder, e se ele sobreviveu mesmo à guerra, porque havia de decidir desaparecer, escondendo-se, envolvido em mistério?

- Podia haver mais do que uma razão. Por exemplo, os Estados Unidos terem provas suficientes para o condenarem como traidor.

- Como? - Franzi o sobrolho. - Então, Halder não era cidadão alemão? Como podia ser um traidor americano?

- Era de facto cidadão alemão, mas natural dos Estados Unidos. O seu nome verdadeiro era Johann, porém era mais conhecido por Jack. E o desaparecimento dele está relacionado com a missão de que

você falou, a tal em que foi dado como morto.

- Não estou a perceber.

- Halder liderou um comando secreto encarregado de assassinar o presidente Roosevelt e o primeiro-ministro Churchill no Cairo por ordem directa de Hitler.

Eu estava atónito.

- Um assassino nascido na América e enviado por Hitler para matar o presidente dos EUA? É incrível.

Weaver pousou o whisky.

- A missão de Halder pretendia alterar o curso da guerra a favor dos nazis. Desenrolou-se quando Roosevelt e Churchill vieram participar na Conferência do Cairo, em Novembro de 1943, para delinear planos ultra-secretos para a Operação Overlord, a invasão da Europa. Se Hitler tivesse levado a sua avante e eles tivessem sido assassinados, causaria o caos entre os Aliados, a invasão nunca se teria realizado e a Alemanha ganharia a guerra. - Weaver mostrou o polegar e o indicador separados por um intervalo minúsculo. - acredite, Carney, esteve por um triz. Ainda fico assustado só de pensar nisso.

- Está a falar a sério, não é verdade? - perguntei, espantado. - Aconteceu mesmo.

- Oh, se aconteceu! - declarou Weaver com firmeza. - E a minha missão era deter Halder e matá-lo.

Fitei-o, ansioso.

- Todavia, mesmo presumindo que Halder tenha sobrevivido, porque havia o senhor de querer encontrá-lo ao fim de todos estes anos? Para poder condená-lo por traição?

- Não, as razões são muito mais pessoais - respondeu o coronel baixinho, com um olhar triste. Apercebi-me então da súbita carga de emoção na sua voz. - Contudo, não tenha dúvidas de uma coisa, Carney: Halder contribuiu mesmo para alterar o curso da história mundial.

- Importa-se de me contar como?

Weaver olhou pela janela, de olhos vidrados, como se estivesse a tentar recuar no tempo. A uivante tempestade de areia quase se extinguiu, desvendando a cidade antiga, e de repente avistámos o Nilo majestoso, os barcos-casas em pleno rio, as pungentes velas escuras e os altos minaretes, os contornos fantasmagóricos das Pirâmides de Gizé ao longe. Não me custava a imaginar como seria há mais de cinquenta anos, uma cidade plena de mistério e intriga.

Quando Weaver se virou de novo, tinha no rosto uma expressão enigmática. Talvez fosse desgosto ou sofrimento, não percebi.

- Talvez seja melhor começar pelo princípio. Eu conheci Jack Halder muito antes da guerra. Éramos amigos de infância. Poderia mesmo dizer-se que éramos como irmãos.

Primeira Parte: Setembro de 1939

Cairo

Em tempos, tinham estado todos juntos. Eram jovens, e o local chamava-se Saqqara. Uma equipa arqueológica descobrira a entrada para uma câmara funerária secreta perto da pirâmide em degraus do faraó Djoser, nas proximidades das ruínas da antiga cidade de Mênfis, a sul do Cairo. A equipa era composta na grande maioria por jovens na casa dos vinte anos idos de França, da Alemanha, da Grã-Bretanha e da América. Alguns eram arqueólogos e egiptólogos, outros, engenheiros ou aventureiros, e todos trabalhavam arduamente em equipa sob o escaldante sol do deserto, decididos a divertir-se, apesar dos ventos de guerra que se adensavam.

Para dois dos jovens, Harry Weaver e Jack Halder, a escavação em Saqqara era um reencontro combinado.

Filho de uma atraente senhora da alta sociedade nova-iorquina e de um prussiano rico, Jack Halder era aventureiro por natureza. Tinha vinte e quatro anos, mais um do que Weaver, cujo pai fora caseiro na propriedade familiar da mãe de Jack. Apesar das diferentes origens sociais, os dois rapazes eram amigos desde sempre, passando sempre os verões juntos. No entanto, em Saqqara havia um problema. Ambos se apaixonaram pela mesma mulher.

Rachel Stern era uma jovem arqueóloga de vinte e três anos acabada de sair da universidade, filha de pai católico alemão e de mãe judia. Loura e de olhos azuis, parecia ter herdado a inteligência e beleza dos pais. Eram os dois arqueólogos de renome, e o pai, professor, comandava a escavação. Rachel Stern gostava muito de ambos os jovens, mas não parecia capaz de decidir qual amava, por isso ia deixando as coisas correr, andando os três juntos.

Naquele Verão, organizaram idas ao Cairo e a Luxor, explorando os bazares e mercados, ao Vale dos Reis e às ruínas do Templo de Karnak. Aos fins-de-semana, dançavam no Shepherd,'s ou jantavam nos pequenos restaurantezinhos discretos que proliferavam ao longo do Nilo.

Harry Weaver pedira que lhes tirassem uma fotografia aos três juntos no meio dos túmulos, no deserto escaldante de Saqqara, com a pirâmide em degraus como fundo, todos bronzeados e a sorrirem para a máquina, Rachel entre os dois homens, com um braço a rodear a cintura de cada um deles. Fora a época mais feliz da juventude deles.

Porém, o Verão tinha de acabar. Estava-se em Setembro de 1939, a guerra fora declarada na Europa e as vidas deles, tal como tantas outras, iam mudar para sempre.

Naquela tarde, o calor tremeluzia sobre o vasto deserto que se estendia para lá das pirâmides quando o

jipe coberto se deteve e Harry Weaver saiu lá de dentro. Limpou a testa com as costas da mão e a seguir retirou do assento traseiro uma velha sacola de cabedal antes de se encaminhar para o conjunto de grandes tendas de lona que haviam sido montadas em torno da Estação Arqueológica de Saqqara.

Um distinto cavalheiro grisalho de chapéu colonial e camisa de caqui manchada de suor saiu de uma das tendas.

- Harry, até que enfim! Tinha começado a pensar que era preciso mandar uma equipa de busca.

-- Desculpe, professor Stern - disse Weaver. - De caminho, parei no Shepherd, 's para saber novidades.

- E o que é que consta no principal bebedouro do Cairo?

- Varsóvia continua em chamas. Os bombardeiros alemães estão a arrasá-la. Ninguém espera que os Polacos aguentem muito mais tempo.

- Hitler, aquele louco - resmungou Stern por entre os dentes cerrados. - Daqui a nada, temos a Europa toda em ruínas sem darmos por isso. - Apressou-se a mudar de assunto, como se o tópico do momento fosse demasiado perturbador, e olhou para um grande buraco escavado a pouca distância. Estava rodeado por uma resistente estrutura de segurança de madeira, e uma escada descia para o interior. - Já estamos adiantados. Só falta trazer para cima o resto do equipamento de escavação e depois tratamos de deixar tudo arrumado. Trouxe o correio?

Weaver ergueu a sacola.

- Está todo aqui, a última entrega.

- Excelente. -- Stern limpou o suor da testa antes de estender a mão para a sacola e acenar com a cabeça na direcção do poço. - Rachel e Jack mais alguns dos outros ainda estão lá em baixo. Porque não vai ajudá-los na limpeza enquanto eu entrego as cartas ao pessoal?

Weaver desceu a escada para o interior do poço, com uma profundidade de quase quinze metros. Lá em baixo, três estreitos corredores conduziam em direcções diferentes aos três túmulos individuais que tinham sido descobertos. O ar do túnel estava agradavelmente fresco, quase frio, e a atmosfera era um pouco estranha, todavia Weaver estava habituado àquilo e encaminhou-se alegremente por uma das passagens mal iluminadas até chegar ao fim e ouvir vozes.

Um grande sarcófago, em tempos túmulo de uma princesa relativamente pouco conhecida da dinastia de Djoser, ocupava um nicho na parede do fundo. Os despojos mumificados haviam sido retirados após a descoberta. A tampa do caixão, de pedra, estava encostada à parede, revelando as belas inscrições hieroglíficas na superfície, enquanto vários elementos do pessoal removiam equipamento de escavação e cabos de electricidade. Weaver avistou Jack Halder e Rachel Stern, muito atarefados, com as roupas cobertas de pó fino, e então Rachel virou-se.

Tinha o cabelo louro preso atrás, o que lhe acentuava as maçãs do rosto elevadas, e minúsculas gotas de transpiração perlavam-lhe a cara e o pescoço bronzeados. Embora envergasse camisa e calças largas de caqui, a sua figura era evidente e estava admiravelmente bonita. Dirigiu a Weaver um sorriso perfeito.

- Harry. Estávamos mesmo agora a falar em ti.

- Não a dizer mal, espero.

- Claro que não. Só nos interrogávamos sobre a tua demora.

- Passei pelo Sheppard, 's. As notícias não são boas. Varsóvia continua a arder. Parece que a Polónia vai ser obrigada a render-se muito em breve.

- É tudo tão horrível - comentou Rachel. - Não achas, Jack?

Jack Halder tinha um rosto atraente, olhos azul-claros e um sorriso que dava a ideia de ele achar a vida infinitamente mais interessante do que esperara. Contudo, não sorria agora, ao abanar a cabeça.

- É terrível. Quase me envergonho de ser alemão.

Weaver pousou uma das mãos no ombro do amigo.

- Acho que todos nos sentimos mal com o que está a passar-se, Jack, mas não foste tu que desencadeaste o conflito. Foi Hitler.

- Acho que tens razão. - Halder fitou por instantes o sarcófago aberto com um olhar de admiração antes de passar a mão pela superfície gasta da tampa. - Vou ter imensa pena de me despedir da última morada da nossa princesa. Pensando bem, não é incrível? Em tempos, foi objecto de desejo. Agora, é uma múmia repousando na casa-forte do Museu Egípcio. Qual seria o aspecto dela? Que tipo de vida teve? Quem amou? Duvido de que alguma vez alguém faça estas perguntas a nosso respeito. Pelo menos, ela atingiu uma forma de imortalidade.

- Jack és um sonhador tão romântico - sorriu Rachel.

- Esperemos apenas que não haja uma maldição ligada à nossa princesa, senão estamos fritos - declarou Weaver com um humor seco.

Riram, e depois ouviu-se um ruído algures atrás deles, passos a descerem a rangente escada de madeira, aparecendo então o Prof. Stern no corredor.

- Detesto ser desmancha-prazeres, mas já distribuí o correio que Harry foi buscar ao Cairo. São quase tudo más notícias, pelo que percebi. Pelo menos, uma dúzia do nosso pessoal foi mobilizada.

- Harry contou-nos de Varsóvia - sussurrou Halder.

- Nem quero pensar nisso - redarguiu o Prof. Stern, desanimado. - Antes que me esqueça, Jack, no correio vinha uma carta para si. - Estendeu-lhe o sobrescrito.

Halder aproximou-se de uma das lâmpadas, abriu a carta e leu o conteúdo. A sua expressão ensombrou-se visivelmente antes de ele dobrar as páginas com lentidão e as enfiar no bolso do peito.

- Que se passa? Más notícias? - interessou-se Rachel.

- De certa maneira - respondeu Halder com um sorriso forçado. - E do meu pai.

E ficou-se por ali, como se o assunto fosse particular. Stern readquiriu uma súbita vivacidade ao pousar a mão no ombro de Weaver.

- Bom, é melhor voltarmos ao trabalho. Quero tudo acabado antes de escurecer para podermos aproveitar ao máximo a festa de amanhã.

- Qual festa? - indagou Weaver, e todos olharam para o professor.

Ele sorriu.

- Um segredo que tenho mantido, mas que já é tempo de todos conhecerem. O embaixador americano insistiu em dar uma festa de gala em nossa honra. Vai haver uma esplêndida refeição volante, foi convidada uma série de pessoas distintas e, pelo que ouvi, o embaixador até contratou uma orquestra de música de dança.

- Ora viva - comentou Halder, mais bem-disposto.

- Que notícia maravilhosa, pai! - exclamou Rachel.

- Calculei que isto os animasse. - O professor arregaçou as

mangas. - Agora, vamos lá levar o equipamento para cima e embala-lo para depois podermos todos descansar.

O Sol caminhava para poente, lançando sobre o deserto uma luz alaranjada. O jantar fora servido pelos cozinheiros beduínos - almôndegas, arroz de açafrão e pão fresco -, e, por ser a última noite que passavam acampados, o Prof. Stern providenciara cerveja egípcia e vinho.

Sentaram-se ao redor da fogueira, mas pouco falaram da guerra. Um dos franceses tocou acordeão, acompanhado à viola por dois jovens ingleses, e quando acabaram a conversa e as cantorias era quase meia-noite, as brasas esfriavam e as pessoas começaram a dirigir-se para as respectivas tendas.

Halder estava um pouco embriagado ao sacar de mais três garra-las de cerveja e, com um grande sorriso, entregar uma a Rachel e outra a Weaver. Ergueu a sua.

- Gostava de propor um brinde. A nossa e a Saqqara.

- Á nossa e a Saqqara. - O brinde foi repetido em coro no meio de gargalhadas.

Conversaram depois durante algum tempo, observando as luzes tio Cairo à distância. Por fim, Rachel levantou-se e sacudiu o pó das calças.

- E agora é mesmo melhor ir para a cama. Estou ansiosa pela l esta de amanhã à noite. Espero que ambos me prometam uma dança.

Beijou cada um deles na face com ternura genuína. - Boa noite, Jack. Boa noite, Harry. Durmam bem, meus amores.

Weaver ficou a vê-la encaminhar-se para as tendas. Virou-se e reparou que Halder também a observava

quase em transe.

- Estás a pensar o mesmo que eu? - perguntou Halder.

- Não sei, Jack. Diz-me.

- Que ela é a mulher iftais maravilhosa que qualquer de nós alguma vez conheceu.

- Leste-me os pensamentos, como sempre.

- Sejam os francos, Harry. A verdade é que estamos ambos enamorados de Rachel. Portanto, porque não acabamos com estas mas- cu linices ridículas de não demonstrarmos os nossos sentimentos e confessamos os dois o que sentimos?

- Queres que seja franco quanto aos meus sentimentos?

- Quero. Cartas na mesa. Prometo fazer o mesmo.

Weaver olhou para longe, na direcção do Cairo.

Não consegui dormir ontem à noite por saber que eram os últimos dias que passava na companhia dela. É a primeira mulher a sério por quem me apaixonei.

- Deu-te forte, hem? - comentou Halder solenemente.

- Acho que sim. E parece não passar.

- Contudo, nunca lhe disseste o que sentes, nem sequer em termos vagos, pois não?

- Sabes bem que não. E isso é o mais ridículo. Houve sempre qualquer coisa a impedir-me. Talvez o medo de ser rejeitado ou de perder a amizade dela se não for correspondido. -,ñ† Weaver encolheu os ombros. - Ou podia ter sido outra coisa. Não tenho a certeza. E tu?

Por um momento, Halder pareceu de súbito um rapazinho pouco à vontade a confessar um segredo:

- Por vezes ... muitas vezes ... fico acordado, irrequieto, a imaginar todas as coisas que gostava que viessem a acontecer entre ela e eu. Vejo-nos juntos. Sonho com ela grávida de um filho meu e feliz por ser minha mulher. Sonho fazer amor com ela. E foram inúmeras as vezes em que quis mesmo dizer-lhe. - Halder fitou o amigo. - Sabes como costumo ser temerário e impetuoso. No entanto, tal como tu, não fui capaz.

- Porque não?

- Com toda a probabilidade, por não querer estragar tudo.

- Que queres dizer com isso?



Halder colocou a mão no ombro de Weaver com amizade.

- Há outro tipo de amor ... não físico, mas sim fraterno ... que é igualmente importante. Sempre foste o meu melhor amigo. Talvez, se um de nós tivesse avançado, désemos cabo de tudo. E eu não queria que isso acontecesse.

- Acho que percebo o que queres dizer.

- Mesmo assim, Harry, tem de haver uma solução prática. - Halder permitiu-se um sorriso divertido. - Pondo a amizade de lado, que me dizes se houver uma possibilidade remota de Rachel estar apaixonada por um de nós?

- Que queres dizer com isso?

- Se assim fosse, não seria uma pena impedirmos que a Natureza seguisse o seu curso? De contrário, podemos passar ambos o resto da vida a lamentar não lhe termos dito o que sentimos antes de ela partir. Pelo menos, um de nós podia ser feliz. E Rachel também.

- Achas mesmo que ela pode estar apaixonada por um de nós?

- Amanhã é a última oportunidade de descobrirmos - respondeu Halder com novo sorriso.

A residência do embaixador americano estava repleta de dignitários internacionais, o escol da sociedade egípcia e dos residentes europeus, desde artistas de cinema a diplomatas, de oficiais superiores a professores universitários. A festa estava no auge, com toda a gente bem-disposta, e, ao abrir caminho por entre a multidão que ocupava a pista de dança, Weaver ia correspondendo aos apertos de mão de despedida de outros membros da equipa. De repente, sentiu uma vontade desesperada de estar só.

Dirigiu-se a uma janela de sacada e saiu para uma varanda. Estava fresco lá fora, com lótus e buganvílias a perfumarem o ar nocturno. Os jardins da residência eram magníficos. Havia lâmpadas coloridas a iluminarem um pavilhão de madeira no jardim, e o majestoso Nilo fluía para lá do muro. Naquela noite, a cidade parecia envolvida numa tranquilidade incrível, com os habituais ruídos do trânsito reduzidos a um simples sussurro.

Enquanto ele ali estava a gozar a solidão, a porta abriu-se e apareceu Rachel com um vestido preto simples justo ao corpo, seguida por Jack Halder. Ele trazia uma garrafa de champanhe gelado e três taças. Entregando-lhe uma, sorriu e disse:

- Que festa, não é? Mas estás com aspecto de quem já dançou o suficiente para uma noite, Harry. Calculámos que havíamos de encontrar-te num sítio sossegado. Toma mais uma bebida.

- Porque não? - Weaver aceitou o champanhe, enquanto Rachel, ao receber o seu, pousou a taça na balaustrada sem beber, com uma súbita fadiga espelhada no rosto. - Cansada? - indagou Weaver.

A jovem sorriu.

- Receio que tu e Jack me tenham feito dançar demais.

- A propósito - interveio Halder -, antes que me esqueça, há umas pessoas importantes que gostavam de

conhecer-te, Rachel.

- Quem?

- O embaixador, que quer apresentar-te cumprimentos, e um tipo chamado Kemal Assan, que é filho de um dignitário egípcio conhecido do meu pai. Vou buscá-los.

- Obrigada, Jack. - Depois de ele se afastar, Rachel comentou: - Então, este é o nosso último serão juntos, Harry. Vou ter saudades.- Sorriu, fitou-o nos olhos, com uma tristeza inexplicável nos seus, e, por impulso, tirou uma flor de um dos canteiros de janela e pôs-lha na lapela antes de levantar o rosto e o beijar com suavidade nos lábios. - Uma pequena dádiva minha. Adorei que tivesses vindo ajudar na escavação, Harry. Nem consigo imaginar como teria sido sem ti e Jack.

Weaver devolveu-lhe o olhar, fixando os encantadores olhos azuis e o lindo rosto.

- Também vou ter saudades tuas, Rachel.

- Vais? A sério?

- Muito mais do que sou capaz de exprimir. Todavia, estou preocupado.

- Com quê?

- Com toda esta conversa sobre o que está a acontecer aos Judeus na Alemanha. Se regressares ...

Deixou a frase inacabada, e Rachel esclareceu em voz baixa:

- Não há qualquer hipótese de os meus pais e eu voltarmos para a Alemanha enquanto esta guerra não acabar e os nazis continuarem no poder. Por enquanto, Istambul vai ser a nossa morada e é segura. Foi oferecido ao meu pai um bom lugar na universidade. Não, para ser sincera, é com Jack que estou mais preocupada.

- Que queres dizer?

- É natural que ele regresse à Alemanha, portanto tem todas as probabilidades de ser mobilizado. As coisas podem complicar-se. - Mudou de assunto, como que a aligeirar a disposição: - Em todo o caso, ao menos passámos este tempo juntos. É algo que vou recordar com carinho. Sempre.

Os olhos de ambos cruzaram-se, e Weaver teve a certeza de qualquer coisa a passar entre eles. Fitou-a longo tempo, desejoso de lhe revelar os seus sentimentos verdadeiros, contudo, a certa altura, viu-a desviar o olhar e ficar de repente pouco à vontade.

- Que se passa?

- Na... nada.

Weaver virou-se, olhando pela porta aberta da varanda, e reparou num egípcio de rosto esguio e nariz adunco que envergava um fato de linho claro. O homem estava encostado a uma coluna de mármore. Dardejou um olhar na direcção deles, mas, ao reparar que Weaver o fitava, desapareceu na multidão. Ele

voltou de novo a atenção para Rachel.

- Aquele homem estava a incomodar-te?

Ela estremeceu.

- Tenho a sensação de que tem andado a espiar-me toda a noite.

- É melhor ir ver se descubro quem é.

Rachel pousou-lhe a mão no braço.

- Não, não te incomodes, deve ser inofensivo. Só me fez sentir pouco à vontade, mais nada.

Nesse preciso momento, dois homens transpuseram a porta acompanhados por Halder. Um era o embaixador americano, alto e de aspecto distinto, o outro, um jovem egípcio de vinte e poucos anos com ar formal e vestindo a tradicional djelaba árabe.

Halder avançou com um sorriso.

- Deixa-me apresentar-te o Sr. Embaixador e Kemal Assan.

O embaixador apertou calorosamente a mão de Rachel.

- Muito prazer, Miss Stern. Admiro imenso o trabalho do seu pai. E Kemal tem passado toda a noite ansioso por conhecê-la. Interessa-se imenso pelas vossas escavações, até porque o pai é um dos funcionários superiores do Ministério das Antiguidades.

Kemal Assan fez a saudação árabe, levando a mão ao coração e a seguir à cabeça.

- Tenho um enorme prazer em conhecê-la, Miss Stern. O meu país tem uma grande dívida para consigo e para com a equipa do seu pai. A sua família será sempre recebida no Egipto com todas as honras.

- É muito simpático da sua parte, Kemal. - Rachel espreitou o olhar para as luzes e a cidade, consciente da poderosa calma. - Nunca vi o Cairo tão silencioso. E como se estivesse prestes a desencadear-se uma tempestade.

- A atmosfera está pesada, é verdade. - Assan encolheu os ombros. - Quase parece que a cidade está toda na expectativa de ainda mais notícias desagradáveis relacionadas com a guerra.

Jack Halder relanceou o olhar para o relógio e disse com diplomacia:

- E agora, meus senhores, receio ter de vos arrastar para longe. Rachel vai apanhar o comboio para Port Said amanhã de manhã e precisa do sono dos justos.

- Espero voltar a vê-la em breve de regresso ao Egipto, Miss Stern - despediu-se Assan.

O embaixador apertou a mão a todos.

- Até à próxima. E obrigado. Vocês, meus jovens, fizeram um trabalho magnífico.

O embaixador e Assan afastaram-se. Halder bebeu um gole do seu champanhe e piscou o olho a Weaver com ar de conspiração.

- Então, Harry, perguntaste-lhe? - Weaver abanou a cabeça, com algum desconforto, e Halder prosseguiu:  
- Eu também não.

- De que estão os dois para aí a falar? - indagou Rachel.

Halder bebeu um gole de champanhe, como que para acalmar os nervos, e inspirou fundo.

- Isto pode ser embaraçoso, mas, diabos me levem, chegou o momento. Há uma coisa em que Harry e eu temos andado a remoer, porém sem coragem para te perguntar. Todavia, como partes amanhã, achámos que era melhor perder a vergonha e fazer-te a pergunta.

- Que pergunta?

- Há alguma hipótese, mesmo remota, de estares apaixonada por algum de nós?

Rachel corou. Mordeu o lábio e por instantes pareceu perturbada.

- Porque ... porque não fazer-vos uma promessa? Escrevo a ambos. Depois se vê.

- Acho que estás a ser muito diplomática - comentou Halder com ar desanimado.

- Não, Jack, só honesta. Sabem que gosto dos dois, mas a minha vida neste momento anda num rebuliço. A mudança para Istambul...

- Gostas, simplesmente?

- Por favor, Jack. Não é a melhor altura ...

- Desculpa termos abordado o assunto, Rachel - interveio Weaver, pegando-lhe no braço. - Vou ver se algum dos carros da embaixada pode levar-te ao hotel e acompanhamos-te à porta.

- Não, detesto despedidas. - Ela hesitou, com os lábios trémulos de emoção ao contemplar os amigos. - Posso dizer-vos uma coisa? Foi a melhor época da minha vida. Sinceramente. Até à próxima, adeus. - Foi muito rápido, ela tinha lágrimas nos olhos ao beijar e abraçar os dois, e desapareceu logo de seguida.

Na terça-feira seguinte, Jack Halder apanhou o avião de regresso à Alemanha. Fora mobilizado para a Wehrmacht, no entanto nada dissera aos outros com medo de estragar os últimos dias que passavam juntos. Embora não admirasse os nazis, revelou-se um oficial desembaraçado, aventureiro, e a sua sagacidade juntamente com o seu conhecimento de línguas não tardaram a chamar a atenção da Abwehr, o serviço de espionagem militar da Alemanha. Quando a guerra no Norte de África começou a sério, foi destacado para a Divisão do Próximo Oriente, trabalhando com o África Korps de Rommel.

Não recebendo notícias de Rachel Stern até seis meses depois de regressar à Alemanha, conheceu Helga Ritter, filha de um médico de Hamburgo, e apaixonou-se por ela. Houve muitas ocasiões em que recordou Rachel, mas a sua jovem mulher era alegre e apaixonada. Ao décimo mês do casamento, deu à luz um filho, Pauli.

Rachel Stern nunca chegou a escrever a qualquer dos amigos. Três dias após a festa do embaixador, ela e os pais partiram de Port Said no Izmir, um velho cargueiro turco cujo destino era Istambul. Na segunda noite de viagem, declarou-se um incêndio na casa das máquinas, o navio afundou-se e morreram catorze pessoas. A mãe de Rachel foi uma dessas pessoas. Rachel e o pai conseguiram embarcar numa das baleeiras com dois marinheiros turcos gravemente feridos, mantendo-se o pai sempre agarrado à pasta que continha os seus preciosos mapas e notas referentes à escavação em Saqqara. Pouco antes da meia-noite, desencadeou-se um temporal. A pequena embarcação foi assaltada por ondas de três metros e fustigada por ventos furiosos. O tempo melhorou ao amanhecer, mas pelo meio-dia já os marinheiros tinham morrido e ela e o pai estavam exaustos, desidratados e queimados pelo escaldante sol mediterrânico.

Ao fim da tarde, um navio da Marinha de Guerra Alemã apareceu no horizonte e rumou a eles. Rachel e o pai ficaram detidos a bordo quando aportaram a Nápoles para reabastecimento, e duas semanas depois chegavam a Hamburgo, sendo imediatamente transferidos para as mãos da Gestapo.

Harry Weaver permaneceu no Egipto. Não tinha pressa de regressar ao emprego numa firma nova-iorquina de construção civil e trabalhou num grupo americano de exploração do deserto em busca de ruínas arqueológicas até seis meses antes de Rommel desembarcar em Trípoli, em Fevereiro de 1941. Nessa altura, regressou aos Estados Unidos. Apresentou-se como voluntário no dia a seguir ao ataque japonês a Pearl Harbor.

Soube do afundamento do Izmir quando ainda estava em Saqqara. Passava pouco da meia-noite e alguém foi à sua tenda com um jornal para lhe mostrar a reportagem, onde era afirmado que os únicos sobreviventes tinham sido quatro tripulantes turcos cujo salva-vidas fora recolhido por uma traineira maltesa.

Ao ler a notícia, ele chorara. Amara Rachel profundamente, e naquela noite na varanda do embaixador desejara intensamente dizer-lho, tendo-lhe no entanto faltado a coragem. Depois, fez o que qualquer jovem desgostoso faria naquelas circunstâncias. Pôs de lado o jornal, pegou numa garrafa de whisky e embebedou-se.

Contudo, a última coisa que fez antes de adormecer foi olhar para a fotografia que constituía o seu tesouro: a dos três juntos. Rachel, Jack e ele próprio. Três jovens sorridentes, abraçados, nas areias do deserto de Saqqara. Tempos felizes.

Segunda Parte: 10-15 de Novembro de 1939

Fora o Verão mais quente dos últimos trinta e seis anos. A velha cidade construída à sombra das Pirâmides de Gizé sempre tinha sido fedorenta, no entanto agora mais parecia um esgoto fétido. Fora um ano significativo para os Aliados. O poderoso Rommel, invencível até então, havia sido derrotado, o 5. Exército Alemão rendera-se em Estalinegrado, as tropas do general Patton tinham desembarcado na Sicília e a segunda cidade do Reich, Hamburgo, fora reduzida a escombros fumegantes.

Depois, veio o Outono. O tempo esfriou, os Alemães começaram a reorganizar-se e a guerra estagnou. Porém, Mustapha Evir tinha a impressão de que o calor opressivo do Verão não chegara a dissipar-se. A noite estava amena, contudo a transpiração escorria-lhe pela camisa e pelas costas, pingava-lhe da cara e do queixo e ele sentia o corpo em fogo. Era o medo, claro.

Entre os que recorriam aos seus serviços, Mustapha Evir era conhecido por a Raposa. Ainda não fora construída a casa onde ele não conseguisse entrar, nem fabricado o cofre cujo segredo não descodificasse. No entanto, naquela noite o risco era tão grande que ele não ignorava que um deslize podia custar-lhe a vida.

Estava nos jardins murados de uma casa no bairro chique da Cidade Jardim, acororado nas sombras dos pinheiros. A sessenta passos, do outro lado do relvado, ficava a bonita residência do embaixador americano. Duas sentinelas armadas andavam de um lado para o outro frente às portas duplas de madeira de carvalho, e havia outras duas atrás dele junto do portão de entrada, num pavilhão ornamentado.

Um lustre acendeu-se de súbito no vestíbulo da casa, e Evir encolheu-se. Momentos depois, ouviu o motor de arranque de um automóvel, e logo um imponente Ford preto apareceu por detrás das instalações dos criados e parou à frente da entrada. As sentinelas puseram-se em sentido assim que as portas de carvalho se abriram, e um homem de fato de cerimónia saiu e tomou lugar no carro conduzido por um motorista.

Evir ficou a ver o Ford afastar-se, e segundos mais tarde o lustre apagava-se. Assim que o veículo saiu os portões, as sentinelas pareceram descontraírem-se, e as duas junto às portas de carvalho sentaram-se nos degraus de granito e acenderam cigarros. Passados cinco minutos, Evir limpou o suor da cara e levantou-se, massajando os joelhos doridos. Eram horas de se lançar ao trabalho.

Como de costume, o Bazar Khan-el-Khalili estava apinhado de gente ao princípio da noite, afogado no ruído e no odor a especiarias e a corpos transpirados. Mas Evir sentia-se contente ao abrir caminho por entre a multidão. Fizera um bom trabalho naquela noite. Deambulou por vielas escusas até desembocar numa praça empedrada rodeada de altos edifícios de apartamentos de tijolo e madeira. Passando por uma moto BSA verde estacionada à porta de um dos prédios, penetrou num átrio. Subiu depois um lanço de

escadas de madeira até ao primeiro andar, onde bateu à porta, que foi destrancada por um homem de barbas.

- Então? - perguntou o homem assim que Evir entrou na sala.

- Fiz o que me pediu.

O homem pareceu satisfeito.

- Tem a certeza de que ninguém o viu na residência?

- Se tivessem visto, acha que eu estava aqui? - respondeu Evir com uma gargalhada.

Já estivera por duas vezes naquele apartamento para o homem lhe ensinar a utilizar o equipamento. Era simples mas funcional, com uma mesa de café ao meio e almofadas espalhadas pelo chão e um fogão junto à parede, mas cheirava a mofo, e Evir tinha a sensação de que não estaria ocupado muito frequentemente. O outro homem estendeu a mão.

- Dê-me a máquina.

- Primeiro o meu dinheiro - exigiu Evir.

- Já recebe o dinheiro. Agora, dê-me a máquina.

Evir captou a dureza na voz do homem, viu o olhar ameaçador no seu rosto. Tinha um ar perigoso que fez Evir sentir-se pouco à vontade. Tirou da algibeira a minúscula máquina Leica e entregou-lha.

O homem recebeu-a, passou ao quarto e fechou a porta. O cubículo de arrumação que ele usava como câmara-escura ficava à direita e exalava um odor pungente a produtos químicos. Entrou e fechou atrás de si a porta de correr. Deitou revelador numa bacia metálica, retirou o rolo de película da minúscula Leica, colocou-o no líquido, premiu um cronómetro e esperou três minutos.

Por fim, ligou a ventoinha, retirou o rolo de película da bacia e segurou o negativo exposto na corrente de ar até ficar seco. Acendeu a luz dentro de uma caixa com tampo de vidro e colocou a tira em cima deste. Com atenção, examinou-a à lupa. Ao analisar um dos negativos das páginas com a indicação de confidencial, estremeceu de repente com o choque.

Quando voltou a entrar na sala, levava na mão um sobrescrito espesso.

- Antes de lhe pagar - disse a Evir -, tenho de lhe fazer umas perguntas. Tirou mais alguma coisa do cofre?

Evir via que o outro o examinava com atenção. Os olhos dele pareciam penetrar-lhe no rosto.

- Juro pela vida dos meus filhos que só fiz o que me mandou. Fotografei todos os documentos que encontrei no cofre. Fiz tal e qual o que me disse. E agora quero o meu dinheiro.

O homem acenou com a cabeça, satisfeito.

- Há só mais uma coisa.

Evir franziu o sobrolho.

- O quê?

O outro pousou o sobrescrito e enfiou a mão no bolso. Quando a tirou, o sorriso desaparecera, e Evir viu uma lâmina sarracena curva com um punho branco de marfim, um objecto sinistro

- Não posso deixá-lo ir embora. Sabe de mais e viu a minha cara.

Baía de Chesapeake, Virgínia: 12 de Novembro

Naquela manhã, o Sol escondia-se por detrás de escuras nuvens carregadas de chuva quando o volumoso couraçado cinzento USS Iowa, orgulho da Marinha Americana, fundeou cinco milhas ao largo da costa da Virgínia.

O comandante Joe McCrea, na ponte, ficou a ver o rebocador a aproximar-se, baloiçando na suave ondulação, escoltado por meia dúzia de vasos de guerra, que o rodeavam quais protectoras mães-galinhas.

McCrea virou-se para o jovem tenente ao seu lado.

- Preparar para o embarque dos passageiros.

- Sim, meu comandante.

Quando o rebocador atracou, McCrea observou a actividade dos marinheiros junto ao portaló, alando cabos e ultimando os preparativos. Devido à altura do Iowa, havia uma queda de quase nove metros entre o convés inferior e o mar. Fora arriada uma escada de portaló com patim para permitir o embarque, mas aí é que as coisas se complicavam. Não era todos os dias que se tinha de içar para bordo o presidente dos Estados Unidos. Franklin Delano Roosevelt era deficiente físico, preso a uma cadeira de rodas quase toda a vida, portanto não podia saltar para o patim. Fora preparado um arnês que, por meio de um guincho, o içasse até ao Iowa.

McCrea baixou os olhos para a ondulação suave, enquanto uma sucessão de agentes dos Serviços Secretos e de assessores saltava do rebocador para o patim, até que viu a figura familiar de Roosevelt, o grande rosto simpático e o sorriso pronto. Armações metálicas apoiavam as pernas do presidente do joelho para baixo, pernas tão delgadas como as de um garoto, herança da poliomielite que contraíra na infância e o deixara em sofrimento permanente. Foram precisos dois agentes dos Serviços Secretos para o ajudarem a sair da cadeira de rodas e o levarem ao arnês, onde o prenderam. Depois, foi içado.

Por fim, Roosevelt foi ajudado a embarcar, retirado do arnês e colocado na cadeira de rodas. McCrea reparara na admiração com que a sua tripulação observara todo o processo; jovens e menos jovens tinham-se apinhado no convés para vislumbrarem o famoso passageiro. Assistiam com reverência e



surpresa, desejosos de aplaudir. No entanto, fora emitida a ordem de não se prestar quaisquer honras aquando do embarque dos passageiros. Tratava-se de uma missão altamente secreta, e a guarnição do Iowa obedeceu até ao último homem.

McCrea fez continência.

- Bem-vindo a bordo, Sr. Presidente.

Roosevelt sorriu com afabilidade e estendeu a mão.

- Comandante McCrea. Então, é o senhor o pobre desgraçado que tem o dúbio prazer de me transportar em segurança até ao meu destino?

- Parece que sim, Sr. Presidente. A nossa rota leva-nos a passar a sul dos Açores, depois para nordeste, até ao estreito de Gibraltar, e daí para Orão. Tomará depois um avião para o Cairo.

- Esta viagem reveste-se da maior importância, comandante. Pode mesmo dizer-se que o resultado da guerra e o futuro do nosso país dependem da minha chegada. Acha que conseguimos?

McCrea reflectiu antes de responder:

- Nunca é fácil prever, Sr. Presidente, com tanta actividade inimiga no Atlântico. Mas, por outro lado, os Alemães não conhecem os nossos planos e vamos andar com rapidez, portanto estou bastante confiante em conseguir levá-lo em segurança ao seu destino.

Roosevelt tirou os óculos e fez um dos seus famosos sorrisos de esguelha.

- Comandante, parece que de momento a minha sorte está nas suas mãos.

Berlim: 14 de Novembro

O Almirante Wilhelm Canaris era um homem estranho.

Andava com frequência de um lado para o outro de chinelos de quarto, e o seu gabinete estava em permanente confusão. Não se via em parte nenhuma o obrigatório retrato de parede de Adolf Hitler, pois Canaris só sentia desprezo pela liderança nazi, ordinária e pomposa. Era, porém, um desprezo que reservava para si com uma precaução astuciosa, uma vez que era o líder da Abwehr.

Passava pouco das 8.30 da manhã quando o seu jovem ajudante-de-campo prussiano bateu à porta do gabinete, no quartel-general da Abwehr, nos números 74-76 da Tirpitz Ufer, em Berlim.

O ajudante-de-campo tossicou.

- Herr Admirai.

Canaris ergueu o olhar, distraído.

- Que é, Bauer?

- Uma chamada do quartel-general das SS, do general Schellenberg. O general pede uma reunião urgente às nove horas.

- Com que fim?

- Não disse, Herr Admirai. Só que é urgente.

- Muito bem. É melhor você tratar do carro.

Canaris sempre detestara ter de ir ao principal gabinete de segurança do Reich, na Prinz-Albrecht-Strasse, o quartel-general das SS e da Gestapo, de onde Heinrich Himmler e os seus sequazes presidiam ao império do mal. O ambiente soturno nunca deixava de lhe provocar um arrepio na espinha, embora Walter Schellenberg, chefe da SD Ausland, a divisão de informações do estrangeiro, ser um dos mais simpáticos oficiais das SS que Canaris conhecia. Advogado de profissão, Schellenberg era resoluto e bem-parecido, com gosto pelas coisas boas da vida. Licenciado pela Universidade de Bona, entrara para as SS após a subida de Hitler ao poder, em 1933, e a sua mentalidade viva e actuante não tardara a atrair as atenções de Himmler, que o nomeara para o seu estado-maior. Tinha maneiras descontraídas e estava bem-disposto quando Canaris entrou no gabinete.

- Sente-se, Wilhelm. - Schellenberg sorriu. - Como de costume, parece acartar o peso do Mundo sobre os ombros.

Schellenberg envergava a farda preta das SS, com RFSS bordado nas dragonas a fio de prata. Reichsfuhrer der SS. Aquela visão do posto nas dragonas fez Canaris estremecer por dentro.

- As vezes, é isso mesmo que sinto - redarguiu. - Então, o que é desta vez, Walter?

- As últimas mensagens enviadas pelos meus agentes SD na Pérsia e no Médio Oriente constituem uma leitura interessante. Parece que todos os sinais confirmam a realização das reuniões do Cairo e de Teerão, tal como suspeitávamos.

Canaris soltou um profundo suspiro, como se soubesse o que ia seguir-se.

- Porque será que estou com a sensação de que você tem em mente outro dos seus planos exóticos?

Schellenberg fez um grande sorriso.

- Meu caro Wilhelm, é essa a única razão da minha existência. O que seria a vida sem um pouco de subterfúgio para a tornar interessante?

- É melhor contar-me tudo.

- Primeiro, diga-me o que sabe sobre o meu principal agente no Cairo.

- Presumo que se refira ao Rouxinol. Só ouvi dizer que é o melhor que alguma vez teve.

- Esqueça o Rouxinol; águas passadas. - Schellenberg abanou a cabeça com uma gargalhada. - Estou a falar do presente.

- Sabe muito bem que guarda essas informações para si.

- Mas os tempos mudam - sorriu Schellenberg. - De momento, a guerra não está a correr-nos de feição e chegou a altura de colaborarmos.

Canaris ergueu o sobrolho e comentou com brandura:

- Essa é uma opinião que eu não exprimiria muito alto, Walter. A menos que queira dizer adeus à sua carreira e submeter-se a uma alteração dos testículos nas caves.

Schellenberg atirou a cabeça para trás com uma gargalhada.

- É disso que gosto em si, Wilhelm: está sempre a salvaguardar os meus interesses. Contudo, voltemos ao assunto. Por acaso, ainda temos dois agentes importantes em actividade no Cairo. O principal é um homem chamado Harvey Deacon, nome de código Besheeba, nascido em Hamburgo, com quarenta e oito anos de idade.

- É cidadão alemão?

- De facto, é britânico. O que não deixa de ser irónico, pois odeia ferozmente os Aliados.

- Posso perguntar porquê?

- Os Britânicos foram responsáveis pela morte do pai. É dono de um clube nocturno e homem de negócios. Também posso dizer-lhe que é implacável e extremamente capaz.

- E o outro?

- Um árabe chamado Hassan Sabry. Nome de código: Fénix. Pusemo-lo a trabalhar para a gente de Rommel até o transferirmos para o Cairo. Em todo o caso, o verdadeiro interesse dele é banir os Britânicos do Egipto.

- Porque está a contar-me tudo isso?

Schellenberg acendeu um cigarro.

- Preciso da sua ajuda. Tenho em mente um trabalho que exige a colaboração de algum do seu pessoal em conjunto com Deacon e Sabry.

- Para quê?

Schellenberg arvorou uma expressão da maior seriedade.

- Porque, meu caro Wilhelm, juntos vamos matar o presidente Roosevelt.

- Perdeu a cabeça? O que está a sugerir é absurdo.

- Eu diria ousado. E esquece-se de que há apenas seis semanas os pára-quedaistas do coronel Skorzeny resgataram Mussolini de um aquartelamento bem fortificado. Antes de nos encarregarmos dessa missão, avaliámos as probabilidades de êxito em menos de dez por cento ... no entanto, saímos-nos brilhantemente. E não perdemos um único homem em acção.

A audaz libertação do Duce da prisão no Hotel Campo Imperatore, nos Abruzos, ainda era objecto de referências elogiosas nos corredores do quartel-general da SD. Fora sem dúvida um triunfo ofuscante, mas Canaris abanou a cabeça.

- O que está a propor é uma coisa completamente diferente. Ambos sabemos que Roosevelt tem uma muralha de aço de seguranças a protegê-lo dia e noite. Uma coisa dessas era impossível.

- Nada é impossível, Wilhelm. E épocas desesperadas exigem medidas desesperadas. Para além do mais, tudo depende do planeamento.

- E como se propõe concretamente assassinar o presidente da América? - indagou Canaris, cansado.

- Primeiro, deixe-me mostrar-lhe uma coisa. - Schellenberg passou-lhe uma folha de papel que tirou do dossier aberto em cima da secretária. Enquanto Canaris começava a ler, informou: - E uma mensagem bastante importante que Deacon enviou do Cairo. Acho que vai concordar que ele desenterrou uma verdadeira pepita.

O almirante leu a mensagem decodificada e ergueu o olhar.

- Isto é verdade?

- Bem me parecia que ia ficar surpreendido - sorriu Schellenberg. - Como vê, é uma confirmação virtual de que Roosevelt chega ao Cairo dentro de oito dias, antes de prosseguir para Teerão. Vai reunir-se em particular com Churchill, e Himmler está convencido de que o objectivo é acordarem a data para a invasão da Europa.

Canaris voltou a ler a mensagem, que a seguir ergueu.

- Tem a certeza absoluta relativamente a esta informação?

- Todos os agentes SD no estrangeiro receberam instruções no sentido de recorrerem a todos os meios necessários para reunir informações referentes às reuniões de Teerão e do Cairo, tal como aconteceu com a sua gente. Há umas semanas, Deacon comunicou-nos pormenores de um recinto que estava a ser construído nos terrenos do famoso Hotel Mena House, perto das Pirâmides de Gizé, e revelou a ocorrência de muitos boatos relativos a um encontro importante que não tardaria a realizar-se. Um dos nossos agentes americanos avistou o couraçado Iowa a zarpar da baía de Chesapeake há dois dias, depois de receber um carregamento de passageiros, um dos quais em cadeira de rodas. A seguir, Deacon e Sabry enviaram-nos os trunfos. Conseguiram fotografias de um memorando ultra-secreto guardado no cofre do embaixador americano, na sua residência do Cairo, confirmando as datas da reunião. A película chegou ontem à noite por mala diplomática.

- Por amor de Deus! Como é que esse Deacon conseguiu fotografar o memorando?

Schellenberg fez um grande sorriso.

- Contratou um assaltante, um dos melhores do Cairo, para fazer o que era preciso. Porém, o fundo da questão é que o presidente americano tenciona mesmo visitar o Cairo, e temos as datas aproximadas. A segurança dos Aliados no Egipto tornou-se mais frouxa depois de dominada a ameaça de Rommel. E o Egipto fica muito para lá da linha da frente, portanto os Aliados não esperam qualquer acção nossa. Claro que temos a Luftwaffe e a esquadilha de submarinos alerta no Atlântico, na esperança de localizarem o comboio de Roosevelt e o destruírem. Todavia, não vou ficar na expectativa, prefiro antes avançar com o meu plano.

- E qual é ele exactamente?

- Infelizmente, o memorando não revelava onde Roosevelt vai ficar instalado nem as condições de segurança, o que é um problema para nós, embora não insolúvel. Quanto à missão, vamos dividi-la em duas partes. Primeiro, enviamos uma equipa seleccionada para detectar com exactidão onde o presidente e o primeiro-ministro britânico ficarão alojados e qual o respectivo nível de protecção. Depois, isso é-nos comunicado por rádio. Assim que recebermos a mensagem, os pára-queedistas SS de Skorzeny voam para o Cairo, sendo depositados num aeródromo perto da cidade que a nossa equipa no terreno terá dominado previamente. Se Roosevelt ficar instalado no Mena House, como temos fortes razões para supor, tanto melhor; os SS de Skorzeny já demonstraram ser capazes de penetrar num hotel assim fortificado, pois foi o que fizeram nos Abruzos. Entram e saem tão depressa que os Aliados nem percebem o que lhes aconteceu.

- Porque não matar também Churchill já agora? - propôs Canaris, com um encolher de ombros descontraído.

- Um alvo é sempre mais fácil de atingir do que dois. Matar igualmente Churchill seria um bónus estupendo, e se a oportunidade surgir, asseguro-lhe que será aproveitada.

- Acho que é uma loucura - suspirou Canaris. - A segurança dos Aliados será tão impenetrável como um cofre bancário. Em terra e no ar.

- Há sempre maneiras de arrombar um cofre, meu amigo - sorriu Schellenberg. - E não está a considerar as vantagens, no caso de sermos bem-sucedidos. Roosevelt é a pedra chave dos Aliados, e o seu fiel de armazém no tocante a abastecimentos. Sem ele, a confusão instala-se entre os Aliados. E pense no valor propagandístico: excelente para incrementar o moral das nossas tropas. Além disso, acho que é preciso dar uma lição. Os Americanos têm de aprender que não podem interferir numa guerra que na verdade não lhes diz respeito. Já é altura de levarem dois açoites.

- Está a dizer que a missão vai mesmo por diante?

O Fihrer já lhe deu prioridade máxima. Veja por si. Schellenberg estendeu-lhe uma carta assinada que tirou do processo, e Canaris viu em baixo a assinatura de Adolf Hitler. Leu a carta e levantou o olhar.

Uma operação conjunta da Abwehr e da SD é muito invulgar, no entanto parece que não tenho alternativa. Que pessoal meu tem em mente?

Primeiro, vou precisar de um dos seus agentes egípcios. De preferência, alguém que viva num local remoto do deserto, a uns dias de viagem do Cairo.

Canaris encolheu os ombros.

Lembro-me de um ou dois que podem servir. Mas prossiga.

Em segundo lugar, pensei que Jack Halder seria perfeito para

comandar a equipa inicial que enviarmos a preparar a operação. É um dos seus melhores homens, conhece o Cairo, fala árabe e é suficientemente capaz de levar a coisa a bom termo. É americano de nascimento, porém sabe falar inglês com impecável pronúncia britânica pinças tio tempo que passou em Oxford. Tudo isto pode ser útil quando chegar a altura de obter acesso às instalações de Roosevelt.

Canaris abanou a cabeça.

É de facto um dos meus melhores colaboradores, mas você está a perder o seu tempo. Ele ficou de cabeça perdida depois do desagradável incidente com o pai e o filho. Passa quase todo o tempo na casa de férias à beira do lago, em Wannsee. Fui lá visitá-lo no mês passado e achei-o profundamente infeliz.

Sim, foi uma tragédia o que aconteceu - assentiu Schellenberg, sombrio. - Mas ... e se eu conseguir convencê-lo?

É uma missão suicida, Walter. Vai mandá-lo para uma morte certa.

Asseguro-lhe que o plano pode ter êxito - declarou Schellenberg com firmeza.

Canaris encolheu os ombros, fatigado.

Conhecendo Halder, aceito que haja uma pequena hipótese de resultar.

Schellenberg correspondeu com um sorriso gelado.

- Tem de resultar. De contrário, Himmler garantiu-me que o Fiihrer pedirá as nossas cabeças.

- No entanto, uma semana não é tempo suficiente para montar uma operação destas.

- Por isso, as coisas têm de precipitar-se a partir daqui. Não temos o mínimo tempo a perder.

Jack Halder transpirava ao correr ao longo da margem do lago. Estava um deslumbrante dia de Novembro, com o céu de um azul límpido e o sol outonal a brilhar. Ele despira a camisa, revelando pequenas cicatrizes no peito nu e bronzeado, e estava de sapatos de ginástica e calças largas de treino de algodão. Apresentava cãs prematuras e começavam a aparecer-lhe rugas em torno dos olhos, mas exibia o mesmo permanente sorriso sardónico, embora naquela manhã aparentasse alguma solenidade. Quando chegou a umas rochas à beira da água, parou, carregou no botão do cronómetro que tinha preso à mão e olhou o resultado com desânimo.

- Diabos te levem, podes fazer muito melhor do que isto, Jack Halder.

Recomeçou a correr, com o suor a correr em bica após uma viva corrida de dez quilómetros. Ao contornar a enseada, viu o oficial sorridente de farda negra sentado na areia.

Halder deteve-se, respirou várias vezes fundo e fixou o olhar em Schellenberg, que se limitava a sorrir.

- Então, Jack, a tentar recuperar a forma, pelo que vejo. É sempre bom sinal. Estava a pensar dar uma braçadas contigo, mas acho que desisto.

- Seu filho da mãe, que raio vieste cá fazer?

- Isso não são maneiras de cumprimentar um velho camarada. - Schellenberg relanceou o olhar para as cicatrizes no peito do interlocutor. - Parece que sarou tudo bastante bem. - Perante a ausência de resposta de Halder, Schellenberg levantou-se, limpou a areia da farda e pegou na pasta. - E que tal se fôssemos até tua casa? Há uma coisa que gostava de discutir contigo.

- O que É que queres? - Halder tomara um duche e vestira roupa lavada, estando agora sentado num sofá da sua minúscula sala.

- Só uma conversa de amigos - respondeu Schellenberg.

- A última vez que ouvi essa deixa foi há mais de quatro meses.

Canaris fez-me passar por oficial do Serviço de Informações Militares Americanos para ajudar a trazer um dos teus generais SS de trás das linhas inimigas na Sicília. Acabei com uma bala na perna e estilhaços de granada no peito.

- Isso foi pouca sorte, mas tenho a certeza de que mais ninguém conseguiria ser tão convincente no desempenho do papel como tu. - Schellenberg fitou a moldura de prata com a fotografia de uma atraente jovem loura que se encontrava numa prateleira junto da lareira de pedra. Voltou-se de novo. - Amava-la muito, não é verdade, Jack? - Schellenberg viu um desgosto terrível ensombrar a cara de Jack Halder e uma tristeza insondável transparecer-lhe nos olhos. - Estes últimos anos não têm sido fáceis para ti, pois não? Perderes a tua mulher, tão nova, e depois o que sucedeu em Hamburgo durante os bombardeamentos aliados. O teu pai escolheu a altura errada para visitar os familiares que tinha na cidade com o garoto. Tive imensa pena ao saber que o teu pai havia morrido em consequência dos ferimentos - continuou Schellenberg em tom baixo. - Sinceramente. Espero que aceites as minhas condolências. Ouvi dizer que o pequeno ainda está em recuperação.

- E estará por muito tempo. Isso já são tudo águas passadas. Deixemos isso.

Schellenberg tornou-se mais profissional.

- Mas continuas furioso e com razão. A pátria da tua mãe matou-te o pai e mutilou-te o filho. Posso proporcionar-te uma oportunidade de desforra. - Desapertou as tiras de couro da pasta, extraiu um dossier e colocou-o em cima da mesa. - Há um assunto que gostava de discutir contigo. Uma coisa bastante ousada e perigosa que talvez devolva um pouco de vida a essa tua alma torturada. Canaris ofereceu-se para me ceder os teus serviços, se concordares.

- Não trabalho para a SD. A resposta é não, seja o que for. Contento-me em esperar em Berlim que a guerra acabe.

- E depois? Deixas os Aliados enforcarem-te como traidor? Podes ser cidadão alemão, mas nasceste na América, e com a tua folha de serviços na guerra é uma hipótese muito plausível. Que seria então do teu

filho? Ele precisa de ti, Jack, agora mais do que nunca. 11 achas mesmo que Canaris te deixa sossegado até ao fim da guerra? Agora que os teus ferimentos estão sarados, há-de usar-te à primeira oportunidade. O que diminui drasticamente as tuas probabilidades de sobrevivência. Por outro lado, se me ajudares nesta missão, fazemos tábua-rasa de tudo e ficas livre.

- Queres dizer, livre para sair da Abwehr?

- Para sair da Alemanha. Tu e o teu filho podem recomeçar a vida juntos em qualquer sítio seguro. - Schellenberg registou a surpresa no rosto de Halder. - Tens a minha palavra quanto a isso, Jack. E a do Fiihrer.

. - E qual é o preço que tenho de pagar? - perguntou Jack, franzindo o sobrolho.

- Estás sempre um passo à frente, não és? - sorriu Schellenberg.

- Então, diz lá.

E Schellenberg disse-lhe.

Halder ficou uns momentos com uma expressão aturdida, até que desatou a rir.

- Walter, não há dúvida de que estás a enlouquecer com a velhice.

- Garanto-te que o plano é exequível. E tu conheces-me, sabes que sou muito meticoloso nos trabalhos de casa.

- O almirante sabe disto?

Schellenberg confirmou com um aceno de cabeça.

- Vai ser uma operação conjunta. Assumo pessoalmente o comando do planeamento e das instruções.

Halder atravessou a sala até à janela, passou a mão pelo cabelo e olhou para trás.

- Matar Roosevelt? Sei que me consideras um aventureiro, mas podes crer que isso não inclui vocação para o suicídio. E porque diabo precisas de mim?

- Os meus agentes no Cairo podem ser tipos argutos, mas não tenho lá ninguém com o teu calibre para poder encarregar-se de uma missão destas. Tu, por outro lado, és o candidato perfeito. Já trabalhaste no Egipto bem para lá das linhas inimigas, falas árabe fluentemente e conheces bem o Cairo.

- Não me disseste nada sobre o resto da equipa.

- Conto com mais três: dois SS e uma mulher.

- Fala-me deles.

- Os dois SS são o major Dieter Kleist e o segundo-sargento Hans Doring. Ambos do grupo de comandos de Otto Skorzeny.



- Dieter Kleist? - Halder fitou Schellenberg com uma expressão de desprezo. - E um animal selvagem. Conheci-o nos Balcãs.

- Talvez, mas até os brutamontes têm utilidade. É uma arma muito eficaz e letal, o nosso Kleist, e excelente em campo. Também fala razoavelmente inglês e árabe.

- E quais são os antecedentes de Doring?

- Antes da guerra, passou algum tempo no Médio Oriente como mecânico de uma equipa arqueológica alemã. Agora, é especialista em operações secretas.

Halder abanou a cabeça.

- Por enquanto, continuo a não gostar muito do esquema. E a mulher?

- Chama-se Rachel Stern.

Jack ficou siderado. Após prolongado silêncio, Schellenberg acendeu um cigarro.

- É compreensível que tenhas ficado chocado. Conheceste-a em tempos, não foi? - Como Halder, pálido, não respondeu, Schellenberg indagou: - Que se passa?

- Há muito que não ouvia esse nome.

Schellenberg sorriu.

- Consultei o teu processo com autorização de Canaris, claro. Na equipa de arqueólogos que integraste em 1939 havia vários alemães que trabalhavam para a SD. Um deles tinha o nome de código de Rouxinol e era o nosso melhor agente. Por curiosidade, fui verificar os relatórios do Rouxinol. Parece que gostavas bastante da rapariga. Foi bastante atrevido da tua parte, Jack, tendo em conta que ela é meio judia. A minha informação surpreende-te?

- Já nada me surpreende. Que sucedeu à família?

- Um homem interessante, o professor. Arqueólogo com créditos firmados e descobertas significativas. Contudo, também era de uma grande virulência antinazi. A Gestapo estava ansiosa por lhe deitar a mão, o que acabou por conseguir num golpe de sorte.

- Que queres dizer com isso?

- Há quatro anos, a rapariga e o pai foram salvos pela Kriegsmarine. Eram passageiros de um navio que se dirigia a Istambul e que se afundou na sequência de uma explosão na casa das máquinas. A mulher do professor faleceu. Desde então, a rapariga está no campo de detenção feminino em Ravensbrück, enquanto o pai foi condenado a trinta anos em Dachau.

Halder corou de fúria.

- De repente, fizeste-me recordar a razão por que eu comecei a detestar Hitler.

- Vá lá, Jack. Se queres saber a verdade, acho toda esta questão anti-semita bastante repugnante e vou esquecer o que acabaste de dizer; não convém mesmo nada verbalizar comentários desses.

- O que não entendo é o papel de Rachel no teu esquema. Para que precisas dela?

- Vai ser o nosso seguro. Tal como tu, fala inglês e árabe fluentemente e conhece o Egipto. Mas o melhor de tudo é ser arqueóloga de formação. Sem ofensa, tu, por outro lado, nunca passaste de um amador interessado nesses assuntos.

- Porque é tão importante a profissão dela?

- Na verdade, até é simples. O vosso disfarce será o de uma equipa internacional de arqueólogos que ficou pendurada no Médio Oriente devido à guerra. As minhas fontes de informação dizem-me que há diversos grupos desses ainda espalhados pela região por causa das hostilidades.

- Podias ter inventado outros disfarces. Tens a certeza de que não estás a usá-la como peão para me fazeres alinhar?

- És perspicaz, Jack, e tens uma certa razão - respondeu Schellenberg com um grande sorriso -, porém até há outro motivo para precisarmos dela. E serás informado na altura própria, se concordares em alinhar.

- Estás a esquecer um facto importante. O que te faz ter tanta certeza de que ela colabora?

Schellenberg sorriu com ar malicioso.

- Há sempre maneiras de a convencer. Além disso, ela não saberá nada sobre as nossas verdadeiras intenções. Para ela, trata-se apenas de uma operação para recolha de informações no Cairo.

Halder abanou a cabeça.

- Não me agrada a ideia de a usar. Se está num campo de prisioneiras, já deve ter passado o suficiente.

- Receio que não haja mais ninguém tão conveniente. Por outro lado, tenho a certeza de que a rapariga fica em maior segurança se tu alinhares. Principalmente se tiver de enfrentar Kleist.

A raiva transfigurou o rosto de Halder.

- És um filho da mãe, Walter!

- E tenho uma guerra para ganhar. O sentimentalismo não pode desempenhar aqui qualquer papel.

- Tu não podes estar convencido de que esta loucura tem hipóteses?

- Muito pelo contrário. Estou convencido de que tem.

- E se eu não aceitar?

Schellenberg encolheu os ombros.

- Um bom cão de caça nunca abandona a matilha. Todavia, se recusares, asseguro-te que o desagrado de Himmler vai ser imperdoável.

- De quem seria o comando?

- A primeira fase da operação ficaria estritamente sob o teu comando, isto é, até os nossos pára-quedistas aterrarem no Cairo. Depois, Skorzeny assume o comando total. - Fez uma pausa e um último sorriso. - Então, alinhadas? Só mais isto e és um homem livre.

Cairo: 15 de Novembro

Harry Weaver acordou com uma dor ofuscante entre os olhos. A janela do quarto estava aberta, a luz do Sol entrava a jorros e através das cortinas passavam o alarido de vozes e as buzinas do trânsito matinal. Levantou-se da cama e praguejou ao recordar por que razão sentia o corpo moído e a cabeça a latejar. Na noite anterior, dois oficiais britânicos do Estado-Maior que tinham sido transferidos para a pátria haviam dado uma festa de despedida no Hotel ShephearcTs.

Weaver apressou-se a tomar duche e a vestir-se, mas já passava das 9 quando iniciou a breve caminhada até ao seu gabinete no Quartel-General Britânico para o Médio Oriente, na Rua Tolombat. Como oficial do Serviço de Informações do Exército Americano, adstrito ao gabinete do adido, Weaver era responsável pelos contactos com o Comando Britânico e dependia directamente da Embaixada Americana.

Fora transferido para as informações militares um mês após completar o curso de oficial, e o seu conhecimento de árabe não tardara a ser-lhe útil, primeiro durante a invasão do Norte de África pelo Exército Americano e posteriormente ao ser colocado na Embaixada no Cairo com o posto de tenente-coronel. Agradava-lhe estar de regresso ao Egipto, no entanto achava o trabalho no Serviço de Informações bastante aborrecido comparado com o do campo de batalha. Claro que a vida social era agitada. O Cairo florescia, agora que a ameaça de Rommel fora afastada.

Weaver apanhou o elevador para o seu gabinete, no segundo andar, e despiu o casaco. Tinha uma pilha de papelada em cima da secretária, relatórios para serem arquivados e outros para serem feitos, mas mal ele começara a dedicar-se-lhes, bateram à porta.

- Entre.

Entrou uma tenente. Helen Kane era adjunta de Weaver há seis meses. Apesar do nome, era anglo-egípcia, morena e um tudo-nada exótica, com uns expressivos olhos castanhos e o cabelo cortado à pajem.

- Bom dia, sir. Sem ofensa, parece um pouco abalado.

- Nota-se?

- Receio bem que sim.

- Espero não ter feito figura de parvo ontem à noite, Helen.

Ela retribuiu-lhe o sorriso.

- Não pior do que a maioria.

- Está a acontecer alguma coisa que eu deva saber?

- O tenente-coronel Sanson pede que vá ao gabinete dele.

Alfred Sanson fora inspector da Polícia do Cairo sob domínio britânico, antes da guerra, e subira na hierarquia. Era agora responsável pela segurança no Serviço de Informações Militares Britânico, tendo a reputação de oficial duro e metuculoso, um solitário casado com o trabalho.

- Ele disse porquê?

- Não, sir.

Weaver levantou-se da cadeira e vestiu o casaco da farda.

- Então, é melhor ir ver o que quer.

O gabinete de Sanson era do outro lado do corredor, uma divisão acanhada, com a tinta das paredes a saltar, um armário de arquivo ferrugento, uma secretária de madeira e duas cadeiras.

Sanson levantou-se quando Weaver entrou, mas não lhe estendeu a mão.

- Tenente-coronel Weaver. Queira fazer o favor de se sentar.

- Obrigado.

O inglês era alto, bem constituído, tinha físico de lutador profissional e uma cara desfigurada. Uma venda de couro preto cobria-lhe o olho esquerdo e tinha uma espessa massa rósea de tecido cicatricial no maxilar do lado esquerdo. O ferimento facial fora mal cosido pelo cirurgião e dava a impressão de um sorriso torturado. O efeito era perturbador. Weaver sentou-se. Sabia que Sanson não era do tipo de perder tempo com conversa fiada.

- Porque quis falar comigo?

Sanson acendeu um cigarro, abriu a gaveta da secretária e extraiu uma pasta de arquivo.

- Na noite passada, a Polícia do Cairo pescou um homem do Nilo perto das antigas docas. Embora o cadáver estivesse muito mutilado, conseguiram identificá-lo. Trata-se de um criminoso bem conhecido da Polícia, chamado Mustapha Evir.

- Que tem isso a ver comigo?

- Evir foi assassinado. Tinha a garganta cortada. Quando lhe revistaram a casa, um dos polícias encontrou isto escondido entre os pertences dele.

Sanson retirou do processo um papel de aspecto amarrotado, alisou-o e passou-lho. Weaver viu tratar-se

de um esquema rudimentar feito a lápis grosso: uma série de caixas e outras formas como um desenho de criança. Parecia ser uma casa grande com jardim, implantada dentro de uma forma rectangular. Uns rabiscos dentro do quadrado aparentavam ser maciços de árvores e uma imagem estranha parecia um pequeno pavilhão com o telhado em cúpula. Havia ainda mais duas formas de caixote que Weaver não conseguiu interpretar. Fitou Sanson e encolheu os ombros.

- Continuo sem perceber.

- Quem está encarregado da investigação do homicídio é o capitão Arkhan, um antigo colega meu, que em tempos comandou a guarda policial à residência do embaixador americano. Ele acha que o que tem diante dos olhos é um esquema dessa residência. Arkhan queria que você desse a sua opinião.

Weaver voltou a olhar para o desenho.

- Talvez seja, mas continuo sem perceber o que isso possa ter a ver comigo.

- Mustapha Evir tinha a reputação de excelente arrombador de cofres e assaltante. Entre a comunidade dos criminosos era conhecido por Raposa. O capitão Arkhan está convencido de que Evir pretendia assaltar a residência do embaixador e por isso tinha o desenho. O assassinio e as restantes informações que entretanto angariou fizeram Arkhan suspeitar de que o tipo pudesse já ter realizado o trabalho e que talvez isso estivesse relacionado com a sua morte.

Weaver franziu o sobrolho.

- Que informações é que Arkhan angariou?

- A Polícia interrogou a mulher de Evir. Ela afirmou que o marido lhe contara ter assuntos importantes a tratar na noite em que foi morto, tendo-se vangloriado de que no regresso lhe traria muito dinheiro. Todavia, não chegou a regressar.

- Está a sugerir que ele entrou na casa do embaixador e arrombou o cofre?

Sanson contraiu os lábios, uniu as pontas dos dedos em arco e concordou com um aceno de cabeça.

- Talvez por qualquer coisa valiosa. Qualquer coisa pela qual valesse a pena matarem-no. Há mais outra coisa que deve saber. Evir trabalhava por encomenda. Devido aos seus talentos, costumava ser contratado por outros criminosos com determinados roubos em mente.

- Não ouvi falar de qualquer furto em casa do embaixador.

- Há sempre a possibilidade de ter passado despercebido.

- Duvido. A residência é fortemente vigiada.

Sanson fez um sorriso, divertido com a ingenuidade de Weaver.

- Se aprendi alguma coisa como polícia, Weaver, foi que não há segurança inviolável no Cairo.

- A Polícia tem suspeitos do homicídio?

Sanson abanou a cabeça.

- Por enquanto, não. Arkhan interrogou quase todos os criminosos conhecidos de Evir e está convencido que nenhum está relacionado com a morte dele. A viúva afirma não saber a razão de o marido ter sido assassinado nem quem o possa ter feito e declarou nada saber do desenho. O caso intriga Arkhan, que agradece qualquer ajuda. Além disso, se a mulher de Evir souber mais sobre o assunto do que contou ou se houve uma falha na segurança, pode ter a ver conosco.

Weaver ergueu os ombros.

- Suponho que não faz mal irmos falar com ela.

Sanson estendeu a mão para o boné.

- Podemos ir no meu carro.

Estava calor dentro do Humber verde-azeitona, e Weaver abriu a janela. Agarrou-se à porta quando Sanson virou o automóvel de serviço para uma rua empedrada e ultrapassou uma carroça puxada por um camelo e carregada de melancias.

Desde que voltara ao Egipto, Weaver ficara surpreendido com a forma como o Cairo se tornara cosmopolita. As ruas estreitas estavam apinhadas de gente às compras e de soldados, sendo quase avassalador o impacte de corpos e odores. Para além de meio milhão de tropas aliadas de todas as nacionalidades, havia russos brancos, franceses, judeus alemães, britânicos e gregos. Os Egípcios não pareciam incomodados; os restaurantes, bordéis, pensões e bazares estavam todos a fazer bom negócio.

Sanson virou para uma rua apinhada e parou em frente de um edifício arruinado a meio de um quarteirão de casas delapidadas.

Entrou à frente, não por uma porta, mas apenas por uma cortina de contas.

- Por aqui.

Afastou as contas, e Weaver seguiu-o. Lá dentro, havia uma frágil mesa de madeira, contudo não havia cadeiras e o chão era de cimento e sujo.

A um canto, estava sentada uma mulher chorosa vestida de preto com um bebé nos braços. Rodeavam-na três carpideiras, também vestidas de preto. Weaver supôs que fossem familiares. Meia dúzia de crianças descalças e barulhentas apinhavam-se na divisão. Não pareciam afectadas pela morte na casa, pois soltavam risadinhas e sorriram, divertidas, aos visitantes. Sanson dispersou-as com um gesto.

- Barra! Barra! Rua! Rua!

Depois de as crianças terem corrido para a rua seguidas pelas carpideiras, Sanson fez as apresentações:

- Esta é a viúva de Evir. Talvez você tenha dificuldade em compreender o dialecto dela, por isso é melhor eu traduzir.

A mulher parecia ter quarenta e muitos anos, com a pele cheia de rugas, mas Weaver calculou que devia

ser dez anos mais nova, com seis partos e uma vida miserável a porem-lhe uma década a mais na cara.

- E capaz de ser melhor explicar a razão da nossa presença - aventou Weaver com um aceno de cabeça na direcção da mulher. - Quer perguntar-lhe se ela sabe porque é que o marido tinha o desenho?

Sanson falou com a mulher enquanto ela continuava a carpir. Ao fim de alguns momentos, ela balbuciou qualquer coisa em voz chorosa.

Sanson ficou com ar frustrado.

- Diz que não sabe porque havia ele de ter uma coisa daquelas e que está intrigada.

- Explique-lhe que a informação pode ser importante e que todo o auxílio que prestar será recompensado.

Enquanto Sanson traduzia, um garotinho que não podia ter mais de dez anos puxou o casaco de Weaver. Ele meteu a mão ao bolso e deu uma pastilha elástica à criança. O rapaz sorriu de satisfação, arrancou o papel prateado e meteu a pastilha na boca.

Após a resposta da mulher, Sanson declarou:

- Ela afirma que o marido nunca falava de trabalho. Na noite anterior à morte, disse-lhe que ia ter com uma pessoa. Saiu de casa por volta das nove e regressou antes da meia-noite.

- Quem era essa pessoa?

- Ela nega saber. O marido nunca lhe dizia aonde ia nem com quem se encontrava.

A mulher falou mais qualquer coisa, e Sanson respondeu em árabe:

- Esteja calada.

- Que disse ela? - quis Weaver saber.

- Queria que eu lhe dissesse que tem a despensa vazia e seis bocas para alimentar e que por qualquer ajuda que o ejfendi preste a uma viúva Alá lhe sorri. Mas não lhe ligue.

Weaver fitou o bebé nos braços da mulher, a sordidez que os rodeava e puxou da carteira. As experiências da guerra tinham-lhe endurecido o coração para quase tudo, porém não conseguia suportar a ideia de a mulher e as crianças passarem fome.

Tirou umas notas e deixou-as em cima da mesa. A mulher puxou o bebé para o peito e balouçou para trás e para a frente, agradecendo aos soluços. Ao guardar a carteira, Weaver sentiu que o garoto voltava a puxar-lhe o casaco.

- Não abuses, miúdo. - O rapaz balbuciou qualquer coisa, e Weaver olhou para Sanson. - Que diabo disse ele?

- Ele acha que sabe aonde o pai foi.

Weaver espreitava pelo pára-brisas quando o Humber de serviço de Sanson entrou ruidosamente no Bazar Khan-el-Khalili. As ruas eram uma loucura, orladas de ambos os lados por enormes lojas de bugigangas, bancas atravancadas e vendedores de comida.

Sanson buzinava à medida que avançava centímetro a centímetro pelo meio da confusão.

- O miúdo diz que desde que o pai saiu da prisão, há três meses, quis conhecê-lo melhor, mas o homem quase nem se dava ao trabalho de lhe falar. Então, o garoto seguiu-o em diversas ocasiões e viu-o ir por duas vezes a uma casa perto da Mesquita EI Hakim.

O pequeno chamava-se Jamal, e Sanson interrogara-o sem parar desde que tinham saído.

- Numa das ocasiões - continuou Sanson -, esperou que o pai entrasse na casa e depois seguiu-o. Viu-o subir um lanço de escadas e bater a uma porta do primeiro andar. Saiu um homem para o corredor e depois entraram os dois.

- Como é que ele sabe que o pai lá foi na noite em que morreu?

- Não sabe. Mas ele tinha-o seguido ao fim da tarde até à Mesquita EI Hakim. O pai viu-o e mandou-o para casa. O garoto pensa que talvez tenha ido ao mesmo sítio.

- Ele chegou a ver o aspecto do homem?

- Alto e de barbas.

Weaver passou mais uma pastilha elástica ao garoto, ao mesmo tempo que Sanson fazia a curva para entrar numa praceta empoeirada.

O miúdo apontou para uma casa que estava de porta aberta, revelando uma escuridão sombria. Sanson estacionou e disse ao rapaz que esperasse no carro.

- Vamos lá então dar uma olhadela.

Ao atravessarem a praceta, Weaver lembrou-se subitamente de que estava desarmado. Era raro andar com o Colt automático de serviço, no entanto reparou que Sanson trazia revólver, um Smith á Wesson .38, e, ao aproximarem-se da casa, o polícia abriu a aba do coldre.

- Não devíamos ter comunicado ao seu amigo Arkhan?

- Nós próprios temos umas quantas perguntas que precisam de resposta primeiro. - Entraram num corredor fresco e escuro. - Espere aqui um momento.

Sanson seguiu pelo corredor e bateu baixinho à primeira porta. Surgiu uma velhota. Ao ver a farda de Sanson, pareceu assustada. Houve uma conversa murmurada, até que a mulher voltou para dentro. Sanson regressou.

- Há um árabe a viver sozinho no primeiro andar que corresponde à descrição feita pelo rapaz. Alugou o apartamento há nove meses e chega e parte a horas estranhas, embora a mulherzinha não o tenha visto nos últimos dias. - Levantou os olhos para o patamar. - Vamos ver se está em casa.



Weaver seguiu-o pelas escadas rangentes até ao primeiro patamar. Sanson bateu à porta. Não obteve resposta. Bateu com mais força. Continuando sem resposta, sacou da pistola e, sem mais palavra, arrombou a porta a pontapé.

A casa estava desarrumada. E vazia. Havia uma velha otomana junto da janela, uma mesinha de café e uma salamandra de metal encostada a uma parede. A divisão tinha três portas, uma das quais estava aberta e revelava uma cozinha minúscula. Weaver viu um fogão a gás, um lava-louça e armários.

Enquanto Sanson ia verificar as outras divisões, Weaver entrou na cozinha. Havia comida enlatada nas prateleiras, mas os armários em si estavam vazios.

- Chegue aqui - chamou Sanson.

Weaver entrou num quarto. Tal como a outra divisão, estava quase vazio, funcional: um colchão no chão coberto de cobertores cinzentos sujos. Nada de objectos pessoais.

- Weaver!

Por um momento, este não viu o inglês, até que reparou num cubículo à direita com uma lâmpada vermelha no tecto e Sanson lá dentro.

- Que temos aqui?

Havia uma máquina fotográfica em miniatura pousada num nicho e vários frascos de produtos químicos. Uma extensão de cordel ia de uma parede à outra, com molas de roupa para pendurar os negativos a secar.

- Parece que o nosso amigo tem um grande interesse por fotografia - comentou Sanson. Tirou a máquina do lugar e examinou-a. - Uma Leica. Alemã. Encontrou alguma coisa na outra sala?

- Não.

- Vou mandar revistar o apartamento de fio a pavio. Há um telefone na estação de caminho de ferro. Importa-se de esperar aqui enquanto vou ligar para o quartel-general?

- E se o árabe aparecer entretanto?

Sanson sacou do revólver e entregou-o a Weaver.

- E melhor ficar com isto por precaução. Vou o mais depressa possível.

Weaver abriu a janela. Quase não corria uma aragem. Sentou-se na otomana, pousou o revólver na mesinha de café e olhou em torno da divisão. Não havia fotografias nem objectos pessoais que revelassem o tipo de homem com o qual lidavam. Porém, Weaver não duvidou tratar-se de um espião. E, assim sendo, era provável que tivesse um rádio. Sabia que devia deixar a revista completa para Sanson e os seus homens, todavia a curiosidade levou a melhor. Levantou-se e foi à cozinha. Bateu com os nós dos dedos no interior dos armários, verificou o chão e as paredes, mas não encontrou painéis falsos. Fez o mesmo no quarto e na câmara-escura.

Nada.

Voltou à sala e experimentou o mesmo método sem sorte. Só faltava a salamandra. Ajoelhou-se e começou a puxar os tijolos da base. Um soltou-se, a seguir, outro. Quatro tijolos depois, revelou-se um nicho. Enfiou a mão no interior, sentiu qualquer coisa e puxou-a para o chão. Era uma maleta de viagem de cabedal. Lá dentro estava um aparelho de rádio de ondas curtas alemão, um par de auscultadores e uma chave de código Morse. Weaver sorriu.

Sabe, Sanson? Acho que está com sorte.

Ouviu de repente um ligeiro estalido atrás de si e virou-se. Estava um árabe alto e barbudo à porta com uma pistola Walther na mão. Weaver ergueu-se.

Quem raio ...

Afaste-se do rádio - ordenou o árabe. - Devagar. - Weaver recuou. O revólver de Sanson permanecia em cima da mesinha de café. O árabe viu os olhos de Weaver dardejarem para lá. - Não faça isso a menos que queira morrer. Esvazie as algibeiras para cima da mesa. Weaver assim fez. O árabe pegou-lhe no bilhete de identidade e examinou-o. - Americano. Que faz aqui?

Isso parece óbvio - respondeu Weaver, indicando o rádio.

Passe para cá o rádio.

Weaver fechou a maleta e avançou para a entregar. Nesse momento, ouvi-se barulho de pés na escada. O árabe olhou para trás, espantado, Weaver viu a sua oportunidade e agiu em conformidade. No preciso instante em que o homem voltava a olhar na sua direcção, conseguiu agarrar a boca da Walther e socá-lo com força na cara. A arma disparou, a bala alojou-se na parede e o homem cambaleou para trás. Enquanto Weaver lutava pela posse da arma, o outro levantou a mão livre. Uma lâmina brilhou e o americano sentiu uma dor no pescoço.

Com um grito, largou a Walther. O adversário rasteirou-o, e ele caiu ao chão.

Ouviram-se gritos à porta, e momentos depois apareceram dois dos homens de Sanson de armas em riste, entrando com cautela no aposento seguidos pelo chefe. O árabe agarrou no rádio e correu para a janela, onde se voltou e disparou duas vezes ao subir para o parapeito.

Um dos homens foi atingido no peito, e Sanson e o segundo homem apressaram-se a procurar protecção.

Deixe-se ficar no chão, Weaver! - bradou Sanson.

O americano sangrava abundantemente de um corte no pescoço, no entanto levantou-se, arrebatou o revólver de cima da mesa e cambaleou até à janela. Lá em baixo, na viela, viu o árabe montar uma motorizada e pô-la em funcionamento. Tentou fazer pontaria com a mão esquerda, mas sentia-se fraquíssimo. Reparou no sangue que lhe escorria do peito, empapando o casaco da farda de vermelho-vivo.

Sanson apareceu de repente ao seu lado, arrebatando-lhe a arma dos dedos.

- Dê-me isso! - Fez pontaria e esvaziou o revólver com uma rápida sucessão de disparos.

A última coisa que Weaver viu foi a djelaba do árabe a esvoaçar loucamente ao vento, enquanto a motorizada se afastava a grande velocidade. Depois, sentiu-se a cair, envolvido pela escuridão.

Berlim

O hospital nos subúrbios de Charlottenburg era um edifício de aspecto sólido de tijolo-burro. Pouco passava das 11 da manhã quando Halder chegou. Filas de ambulâncias e camiões militares estacionavam no caminho de saibro, enquanto soldados e pessoal hospitalar ajudavam a transportar em macas dúzias de civis feridos.

Halder subiu os degraus e entrou no átrio, que também estava num caos. Viu o gabinete ao fundo do corredor, bateu à porta e ouviu uma voz impaciente dizer:

- Entre. - Um médico idoso de bata branca, muito mais velho do que a idade da reforma e com aspecto tenso, consultava processos sentado à secretária. - Sim, o que é?

- Vim cá por causa do meu filho, Pauli Halder. É doente da enfermaria de queimados. A enfermeira-chefe mencionou ontem que o Dr. Weiss queria falar comigo.

- O Dr. Weiss e a família morreram ontem à noite nos ataques aéreos. Nem os médicos estão imunes às bombas. - O médico suspirou, foi a um móvel de arquivo e procurou até encontrar o relatório médico que pretendia. - Pauli Halder, quase três anos, transferido de Hamburgo.

- É ele.

O médico leu o relatório e abanou a cabeça.

- Não está muito bem, pois não? Claro que está em recuperação dos enxertos de pele, mas como teve queimaduras de terceiro grau em quase todo o corpo devido às bombas de fósforo, ainda está em bastante mau estado. Ferimentos destes podem levar muito tempo a sarar. - O médico suspirou de novo. - Há aqui uma nota referente à morfina para lhe aliviar as dores. Como já quase não dispomos de medicamentos que cheguem para as urgências, vamos ter de reduzir-lhe a dose.

- Venho cá todos os dias desde que o meu filho foi internado - disse Halder, furioso. - Tenho visto o sofrimento em que ele está. Se fizerem isso, vai sofrer ainda mais!

- Lamento, mas estamos nos limites. Desculpe, mas não posso fazer nada. - O telefone tocou, e o médico atendeu: - Sim, raios! Vou já a caminho.

Halder saiu de rompante do gabinete e subiu à enfermaria do segundo andar. Estava repleta de novos doentes. Encontrou a um canto a cama isolada por cortinas.

O garotinho estava coberto de ligaduras da cabeça aos pés, com a pele queimada tão profundamente em

certos pontos que tinham sido necessários vários enxertos. Só a cara era visível, de olhos fechados, as pestanas cauterizadas. Havia gotas de transpiração na sua testa, e até a dormir a sua expressão era de dor.

Durante muito tempo, Halder ficou ali sentado, a passar suavemente um pano húmido pela testa do filho e a fitar-lhe o rosto torturado. Era extremamente perturbador testemunhar tal sofrimento numa criança e não poder fazer nada para o aliviar.

Uma enfermeira enfiou a cabeça pela cortina.

- Major Halder. Veio um cavaleiro para falar consigo. Está à espera na sala de visitas.

Ao descer, Halder encontrou Wilhelm Canaris sentado num dos bancos, vestido à civil, com um fato muito coçado e chapéu. O almirante levantou-se e apertaram as mãos.

- Jack. Como está o seu filho?

- Nada bem.

- Pobre criança. Lamento imenso.

- Quer falar comigo sobre quê?

Canaris exalou um suspiro.

- Creio que já se encontrou com Schellenberg. Só queria comunicar-lhe que o plano louco foi inteiramente concebido por ele. Ele quer que seja você a falar com Rachel Stern, pois parece estar convencido de que ela será mais receptiva se souber do seu envolvimento. - Canaris entregou-lhe um grande sobrescrito. - Estão aí os pormenores todos sobre a rapariga. Esperam-no em Ravensbruck ao fim do dia.

- Sabe como ela tem passado?

Canaris viu a preocupação no rosto de Halder.

- Aqueles sítios nunca são agradáveis, mas Ravensbruck não é o pior. E nos últimos dias Schellenberg assegurou-se de que fosse bem tratada, recebendo rações especiais, cuidados médicos, etc. - Canaris hesitou, com a perturbação na face. - Amou-a, Jack?

Halder desviou o olhar.

- Só Deus sabe quanto. Tudo isso parece ter-se passado há muito tempo, numa outra vida.

- Se lhe serve de consolo, eu disse a Schellenberg que quero ser mantido a par dos acontecimentos ... afinal, você é um dos meus melhores homens, e sinto uma certa responsabilidade. - Canaris hesitou, com uma expressão perturbada. - Mais uma coisa: Walter consegue ser um patife razoavelmente simpático quando comparado com alguns dos seus camaradas da SD, mas nem mesmo assim eu confiaria nele por um segundo que fosse.

- Que quer dizer?

Canaris encolheu os ombros.

- Chame-lhe intuição, se quiser, contudo não tenho dúvidas de que são os meus anos de experiência neste trabalho desagradável que estão a disparar as campainhas de aviso dentro da minha cabeça. Tenho a nítida sensação de que ele não está a contar-nos a história toda e planeia qualquer coisa nas nossas costas. Sabe como ele se delicia com os enredos complicados. Tome muito cuidado, Jack.

- Vou tentar. Faz-me um favor, Willy?

- O que quiser.

- Cuide de Pauli por mim enquanto eu estiver fora. E assegure-se de que tomam conta dele se eu não regressar.

- Claro. Boa sorte, Jack. Procure sair disto com vida.

Ravensbruck

O campo de Concentração de Ravensbruck foi um dos primeiros a ser construído exclusivamente para mulheres. Podiam ser prisioneiras políticas, mas também ciganas, judias, prostitutas, prisioneiras de guerra, agentes aliadas capturadas e membros da Resistência.

Fora reservada uma divisão com mesa e duas cadeiras numa delapidada barraca de madeira. Halder estava sozinho, e a espera parecia interminável. Tamborilava ansiosamente com os dedos na mesa. Finalmente, a porta abriu-se e entraram duas guardas SS com Rachel entre elas. Ela estava pálida, usava um pobre uniforme às riscas e tinha o cabelo louro muito curto.

- Olá, Rachel.

Por um momento, ela pareceu não conseguir absorver a presença dele.

- Jack?

Apesar do aspecto pálido, as maçãs do rosto salientes e os grandes olhos azuis continuavam atraentes. Halder atravessou a sala e pousou uma das mãos com suavidade na face da jovem.

- Minha pobre Rachel, que te fizeram?

- Eu ... mal posso acreditar que és tu. Estou tão contente por te ver. Tão contente.

Tudo aquilo parecia demasiado para ela. Jack Halder viu-lhe lágrimas nos olhos, e no momento seguinte Rachel caía-lhe nos braços. Jack teve a súbita consciência do calor do corpo dela através do uniforme, e durante uns instantes permaneceram assim, agarrados um ao outro. Halder levou-a até à mesa e sentaram-se.

- Como estás?

- Viva - respondeu ela, limpando os olhos. - Suponho que já é qualquer coisa.

Ele pousou a pasta de arquivo em cima da mesa e abriu-a.

- Gostava de conversar contigo. Sentes-te com coragem?

Vislumbrou-se uma expressão de desafio nos olhos de Rachel.

- Para quem trabalhas, Jack? Para a Gestapo?

- Serviço de Informações Militares - replicou ele, abanando a cabeça. - Tenho uma proposta para ti, Rachel. Ou melhor, os meus superiores têm uma proposta e querem que seja eu a apresentar-ta. - Viu a reacção intrigada na cara dela. - Deixa-me explicar. Queres voltar a ver o teu pai e partirem os dois em liberdade?

Rachel pareceu ficar atónita.

- Que ... claro.

- Então, posso prometer-te que ele será libertado de Dachau e ambos ficarão livres para saírem da Alemanha. Em troca, concordas em participar numa missão no Cairo para obtenção de informações. Não deves saber, mas a cidade está nas mãos dos Aliados.

- Não percebo. Que espécie de informações?

Halder abanou a cabeça.

- E uma questão de segurança e não te diz respeito. Só tens de fazer parte de uma equipa de pretensos arqueólogos que supostamente ficaram retidos no Norte de África devido à guerra. Uns dias de trabalho, no máximo, e a seguir tu e o teu pai ficam livres.

- Quem é que garante isso?

- Garantem Heinrich Himmler, Reichsführer das SS, e o almirante Wilhelm Canaris, comandante da Abwehr.

Ela fitou-o como se ele tivesse enlouquecido, até que desatou a rir à gargalhada.

- Mais depressa confiava no próprio Satanás. O que acontece se eu não concordar?

Halder levantou-se muito devagar, atravessando a divisão até à janela. Lá fora, chovia a cântaros. Ele hesitou antes de olhar para trás.

- Se não concordares, informaram-me de que ambos serão fuzilados antes de amanhecer.

Rachel fitou-o inexpressivamente, como uma mulher que já há muito esgotara todas as reservas emocionais.

Jack abanou a cabeça, ele próprio obviamente desagradado.

- Lamento, Rachel, nada disto é da minha autoria. Eu não passo de um mensageiro, e ainda por cima contrafeito. Todavia, se quiseres saber a minha opinião, uns dias no Egipto e a oportunidade de seres libertada soam-me muito melhor do que um pelotão de fuzilamento. Sei que te interrogas sobre a validade das promessas. Tens de me acreditar quando digo que estou no mesmo barco. Entre a espada e a parede.

- Tu estás mesmo a falar a sério, não estás?

- O mais possível. - Regressou à mesa e sentou-se. - Rachel, a vida não me saiu conforme planeava. - Hesitou. - Como não escreveste, conheci outra pessoa com quem casei. Era uma boa mulher, parecidíssima contigo sob muitos aspectos. - Rachel continuava a fitá-lo inexpressivamente, e ele prosseguiu: - Morreu ao dar à luz o nosso filho. Nenhum de nós escapou incólume a esta guerra, Rachel. Somos todos vítimas. Há três meses, houve um ataque aéreo a Hamburgo. O meu pai morreu, o meu filho sobreviveu. Se pode chamar-se sobrevivência a um grau de queimaduras que o vai deixar com cicatrizes para o resto da vida.

O rosto dela ensombrou-se.

- Eu ... lamento saber isso. Lamento mesmo muito.

- Águas passadas. - Halder sentia uma bola na garganta. - Contudo, há uma coisa que quero dizer-te desde há imenso tempo. E seja qual for a tua opção, quero que saibas.

- O que é?

- Uma coisa que nunca te disse porque sabia que Harry sentia o mesmo e não queria arruinar a nossa amizade. No entanto, da primeira vez que te vi em Saqqara, apaixonei-me de imediato. Coup defoudre, como lhe chamam os Franceses. Amor à primeira vista.

Rachel não comentou. Instalou-se um silêncio tenso entre eles. Halder levantou-se, de súbito embaraçado, e empurrou a cadeira para trás. Estava consciente de uma forte emoção a crescer dentro de si.

- Deixo-te por uns momentos para poderes meditar na proposta.

Cairo

Sanson aguardava Weaver numa das salas de espera do hospital com vista para os jardins. Ao ver o pescoço ligado do americano e o sangue coagulado na camisa e no casaco da farda, fez um ar vagamente preocupado.

- Isso está com mau aspecto. Sente-se capaz de falar?

- Claro - respondeu Weaver, embora ainda se sentisse zozzo. Mal se lembrava de ter sido levado para o hospital e não recordava com nitidez nada do que acontecera desde que o árabe o esfaqueara.

- Sente-se.

Sentaram-se perto de uma das janelas. Lá fora, nos relvados banhados pelo sol, havia enfermeiras a passearem homens que haviam ficado gravemente feridos nos combates em Itália e que estavam em recuperação, de muletas ou em cadeiras de rodas.

- Foi por pouco - comentou Sanson com rudeza. - O meu sargento não teve a mesma sorte. Morreu há dez minutos numa enfermaria ao fundo do corredor.

- Lamento muito.

- Também eu. Era um excelente soldado. - Sanson estava furioso. - E digo-lhe mais, Weaver. Se você se tivesse mantido alerta com a arma em punho e esperado o meu regresso antes de se pôr a bisbilhotar pelo apartamento, talvez o meu sargento ainda estivesse vivo.

- Talvez tenha razão - assentiu Weaver sombriamente. - E fui sincero quando disse que lamentava a morte do seu sargento. Mas podia muito bem ter sido eu.

Sanson extraiu um bloco e redarguiu à bruta:

- Esqueça, Weaver. De momento, não estou com disposição para discussões. E melhor contar-me o que aconteceu exactamente desde que eu saí de lá.

Ele assim fez, e Sanson anotou os pormenores.

- E provável que o nosso amigo tenha outro refúgio - acabou o polícia por comentar. - Porém, vamos ter de verificar hotéis, pensões e albergues para ver se descobrimos alguma coisa. Já forneci pormenores do incidente a todas as esquadras do Cairo, e estamos a tentar entrar em contacto com o senhorio para ele nos dizer o que souber acerca da identidade do tipo.

- Revistaram o apartamento?

- De alto a baixo. Não descobrimos nada. A propósito, a máquina fotográfica que já tínhamos encontrado é um modelo ideal para fotografar documentos. Com isso e o rádio, podemos apostar que o filho da mãe se prepara para qualquer coisa a sério. A questão é: o quê? E que serviço lhe fez Evir para pagar com a vida?

- Acha mesmo que ele conseguiu furar a segurança da residência?

Sanson levantou-se, agigantando-se acima de Weaver, mantendo

o tom gelado:

- É isso que temos de descobrir, não é? Todavia, se quer a minha sincera opinião, cheira-me a qualquer coisa. Ambos sabemos que o seu presidente e o nosso primeiro-ministro chegam na semana que vem para um encontro ultra-secreto. Os nossos relatórios de espionagem sugerem que os Alemães têm andado num desespero para conseguir pormenores. Eu diria que já é razão suficiente para estarmos ambos preocupados, não lhe parece?

O Gezira Sporting and Racing Club era o mais prestigiado clube do Cairo, instalado em cinco hectares de jardins magníficos na ilha de Gezira, um pequeno oásis de luxo no meio do Nilo.



O bar dos sócios continuava cheio de civis e de oficiais fora de serviço quando Weaver lá chegou, pouco depois do almoço.

Viu o general George Clayton de pé junto do balcão, com a farda rigorosamente passada a ferro, como sempre. O adido militar dos EUA era um oficial de espionagem que não brincava em serviço, tendo uma reputação de rigor.

-- Viva, Harry. Está com aspecto de quem passou uma manhã desgraçada.

- Acho que se pode dizer isso, meu general.

Atrás de Clayton, apareceu o embaixador americano em equipamento de ténis, raqueta na mão, toalha ao pescoço. Alexander Kirk era um homem alto muito bem-parecido e extrovertido.

- Sr. Embaixador. Lamento interromper o seu jogo.

- Tenente-coronel Weaver. Gosto de o ver.

Weaver apertou-lhe a mão, e Clayton indicou o terraço com um aceno de cabeça.

- Que tal um sítio mais privado?

O embaixador e o general saíram e foram sentar-se nas cadeiras de verga a uma das mesas, onde Weaver se lhes juntou.

Clayton acendeu um charuto e mandou embora o criado que se aproximara.

- Então, que história é esta de um árabe qualquer tentar cortar-lhe a goela?

Weaver explicou, e quando acabou, fez-se um silêncio prolongado, até o embaixador perguntar:

- Está a dizer-nos que o tenente-coronel Sanson acha possível que esse assaltante me tenha arrombado o cofre sem o meu pessoal dar por isso? Parece-me bastante incrível.

- Ele acha possível, Sr. Embaixador.

- Bem, nada falta no cofre - garantiu o diplomata.

- Encontrámos uns arranhões perto da fechadura das janelas de sacada que dão para o seu escritório que podiam ter sido feitos com um canivete. E várias pegadas sob um renque de árvores que atravessa o relvado.

O embaixador mudou de posição na cadeira, num gesto de pouco à vontade.

- E que pensa o senhor, tenente-coronel Weaver?

- O facto é que o assaltante foi assassinado, fosse qual fosse a razão. E o árabe tinha um rádio, provavelmente para contactos com os Alemães. Tinha também uma máquina fotográfica. Talvez nada tivesse sido retirado do cofre, no entanto os documentos que lá estavam podem ter sido fotografados.

Importa-se de me informar se teve alguma coisa particularmente importante guardada no cofre em qualquer altura da semana passada, Sr. Embaixador?

Kirk pigarreou, como que atrapalhado.

- Acho que tive lá uma cópia descodificada de uma comunicação secreta que enviei para Washington. Limitava-me a confirmar que os nossos preparativos aqui estão quase completos para a reunião da semana que vem e que as medidas de segurança necessárias estariam implementadas muito antes da chegada do nosso presidente e do primeiro-ministro britânico. - O diplomata corou e apressou-se a acrescentar: - Porém, não havia qualquer pormenor sobre a natureza da reunião nem sobre a segurança em si, asseguro-lhe.

Weaver permaneceu em silêncio. O embaixador parecia pouco à vontade.

- Por amor de Deus, Harry - interveio Clayton -, acha mesmo que um único espião árabe pode constituir perigo? A segurança vai ser mais apertada do que o buraco de uma agulha. Além disso, as linhas alemãs mais próximas estão a mais de mil e seiscentos quilómetros de distância.

- Francamente, não sei o que pensar. Todavia, gostava de saber que o nosso amigo do rádio anda a tramar e preferia não descobrir da pior maneira.

Clayton deitou uma olhadela significativa ao diplomata. Kirk comprimiu os lábios, sempre com aspecto perturbado, e correspondeu com um aceno de cabeça e um suspiro. O adido militar virou-se para Weaver.

- Muito bem, é melhor procurar o tipo. Quero o assunto esclarecido antes da chegada do presidente e do primeiro-ministro. Sanson que comande as operações. Afinal, isto está sob jurisdição britânica e, pelo que sei de Sanson, ele tem muito mais experiência destas coisas. - Clayton levantou-se e esmagou o charuto. - Não nos deixe ficar mal, Harry. É uma ordem.

Harvey Deacon, o agente de Schellenberg no Cairo, era um cidadão britânico naturalizado que vivia no Egipto há mais de trinta anos. Possuía uma villa no Nilo, uma casa flutuante que funcionava como casino e um conhecidíssimo local de diversão nocturna denominado Sultan Club.

Estava no seu gabinete da casa flutuante naquela tarde, a tratar da burocracia, quando bateram à porta e entrou um homem de djelaba. Deacon tinha uma expressão consternada ao sacar um charuto do humidificador de sândalo que tinha em cima da secretária.

- Então?

O árabe deixou-se cair numa das cadeiras de verga em frente dele. O maxilar e o lábio pareciam muito magoados e inchados, ficara com o olho direito negro e perdera dois dentes de baixo. Fez um esgar de dor ao falar:

- O miúdo era filho de Evir. Eu sabia que já o tinha visto. Andava por ali numa noite em que me encontrei com o pai. Evir mandou-o para casa, mas ele deve ter-nos seguido até ao apartamento.

- E um autêntico desastre - explodiu Deacon, atirando com o charuto por acender. - É melhor manteres-te escondido mais uns dias. A Polícia e a tropa hão-de andar à tua procura.

- Que andem - replicou Hassan Sabry em tom de desafio. - Nunca me hão-de encontrar. Eles só viram mais um egípcio de barbas com uma djelaba vestida. E não podem saber que Evir penetrou na residência. Não têm provas. Ele só tirou fotografias.

Deacon aceitou que devia haver alguma verdade nas palavras de Hassan, no entanto aquilo continuava a não lhe agradar.

- Os Aliados não são tolos ... hão-de perceber que estão na pista

de qualquer coisa. - Abriu uma gaveta da secretária e atirou para o outro lado uma mancheia de notas. - Toma, assegura-te de que não és reconhecido. Corta a barba e o cabelo e compra um fato. E a partir de agora tens de ter muito cuidado, entendido? Vai para o hotel do teu primo Tarik em Ezbekiya, o Imperial. Fica por lá até eu te chamar.

Hassan pegou no dinheiro com maus modos e saiu sem responder. Deacon atravessou a sala até ao espelho junto da vigia e suspirou, exasperado. O árabe tinha a sua utilidade, mas era demasiado convencido, e a última coisa de que ele precisava numa altura daquelas era de arrogância e desleixo, pois corriam o risco de acabar os dois pendurados na ponta de uma corda.

Ao fim do dia, Deacon foi no seu Packard preto para sul ao longo da margem do Nilo até à villa.

A Maison Fleuve era grande, caiada, com persianas nas janelas, quatro quartos e um jardimzinho descuidado. Ficava isolada, tinha ancoradouro próprio e fora construída por um dos generais da campanha de Napoleão para aí instalar as amantes. Deacon quase nunca a usava, preferindo os seus aposentos na casa flutuante.

Destrancou a porta e entrou no vestíbulo às escuras. A villa não tinha electricidade, mas haviam sido colocados sobre a mesa de entrada dois candeeiros a óleo de palma, e ele procurou acender um com um fósforo. Depois, fechou à chave a porta principal e encaixou uma sólida e pesada tranca metálica em duas ranhuras, uma de cada lado, precaução que instalara para maior segurança.

Virou-se para outra porta que dava saída do vestíbulo e destrancou-a. Um lanço de escadas descia para o que inicialmente fora a adega. O general napoleónico descobrira-lhe outra utilidade: um caminho de fuga secreto. Ao fundo da cave, um pequeno túnel conduzia a uma porta metálica ferrugenta. Para lá dela, ficavam juncos altos que escondiam um pequeno ancoradouro, e a este estava acostado um barco de madeira a remos, complementados por um motor fora-de-borda.

Deacon abriu um armário ao fundo das escadas e retirou o transmissor de rádio lá escondido, ignorando a pistola Luger de 9 mm, carregada e pousada ao lado. Levou então o fio até à antena montada na parede exterior do túnel, ligou a bateria e logo a seguir o aparelho.

Depois de este aquecer, sintonizou-o. Em Roma, uma estação re-transmissora passava as suas mensagens ao quartel-general da SD, e assim que ouviu o sinal de chamada pôs o bloco a postos. Desta vez,

a comunicação foi maior do que o habitual, e tinham passado mais de vinte minutos quando ouviu as letras AR, significando que a mensagem terminara. Deu conhecimento de que recebera a transmissão e a

seguir decodificou-a.

Quando acabou, ficou a olhar para o papel. A enormidade de tudo aquilo era quase demasiada para ele abarcar. A boca secou-lhe e sentiu suores frios na nuca. Assobiou alto.

- Ora, raios me partam - comentou, a sorrir para consigo de entusiasmo-, mas parece que estamos mesmo com trabalho a sério.

Pouco faltava para a meia-noite e continuava a chover a cântaros quando Halder foi conduzido de Ravensbriick até à casinha em Wannsee. No caminho de saibro em frente desta, encontrava-se um Opel preto com dois homens da Gestapo lá dentro. O Mercedes de Schellenberg estacionara ao lado, e o seu ocupante já estava instalado no sofá da sala, onde a lareira fora acesa e crepitava.

- Uma noite horrorosa, por isso decidi pôr-me à vontade. Espero que não te importes. - Sorriu. - Então, que tal correu?

Halder sacudiu a chuva do casacão e respondeu em tom irado:

- Ela concordou. O que não se pode dizer que me surpreenda, dada a proposta que lhe foi feita.

- O mundo é assim, Jack. - Schellenberg parecia excitado e levantou-se. - Parece mesmo que a coisa vai. Excelente.

- Quero que me faças um favor.

- O quê?

- O meu filho precisa de morfina. Fui vê-lo hoje, e o médico diz que os abastecimentos do hospital foram reduzidos. Não quero que Pauli sofra mais do que já está a sofrer e gostava que fosse transferido para um hospital fora de Berlim, algures onde haja menos bombardeamentos.

- Muito bem - assentiu Schellenberg, acenando. - Vou ver o que posso fazer.

Halder encolerizou-se.

- Não vejas. Faz-

- Controla o teu mau génio, Jack - retorquiu Schellenberg. - Prometi que ele seria bem tratado e tenciono cumprir a promessa.

- Outra coisa. Se Rachel Stern sair disto com vida, é melhor também maneres essa promessa. De contrário, tens-me à perna, Walter. Juro-te pela minha vida, mesmo que isso me leve a enfrentar um pelotão de fuzilamento.

- Palavras duras; não sei se gosto desse teu tom. Mas as promessas serão cumpridas, podes ter a certeza.

Halder atirou o sobretudo molhado para cima de uma cadeira.

- O que é que se segue?

- Amanhã de manhã, vais conhecer os teus companheiros de viagem. As sete da manhã, no quartel das SS de Lichterfeld. A rapariga será transferida para lá esta noite. Mando um motorista buscar-te às seis e meia.

- E depois?

- O tempo está contra nós, portanto temos de andar depressa. Vai haver três dias de preparação rigorosa. Depois disso, partem de avião para Roma e daí para o Egipto, provavelmente na mesma noite.

- Parece-me tudo muito rápido.

- Para além dos evidentes condicionalismos de tempo, as previsões meteorológicas a longo prazo não são nada animadoras. Por isso, quero-vos a caminho antes que o lançamento se tome impossível. Não podemos arriscar atrasos.

- Preciso de ver o meu filho uma última vez antes de partir.

Schellenberg abanou a cabeça.

- Lamento, mas não é possível por razões de segurança. E os dois homens da Gestapo que estão lá fora têm ordens para garantir que não vás a parte alguma sem minha autorização. - Atravessou a sala até à porta. - E agora é melhor dormires um pouco. Amanhã tens um dia muito preenchido. - Levantou a gola e olhou para trás com uma expressão estranha. - Heinrich não aceitará qualquer fracasso, Jack. Segundo ele, está tudo em jogo, e quando diz isto, refe- re-se a vitória total ou derrota. Portanto, nem vale a pena pensar em dedicar menos de cem por cento ao caso. De contrário, como se costuma dizer, não valeria a pena viver a vida, nem tu nem o teu filho.

Terceira Parte: 18-20 de Novembro de 1943

Weaver pousou com um baque um grande monte de processos em cima da secretária, arregaçou as mangas e atirou-se ao trabalho. Os processos referiam-se a germanófilos conhecidos e consultou-os um a um. Era muito bonito o general Clayton dizer-lhe que tinha de descobrir o espião árabe, mas que tipo de pessoa seria, que disfarce utilizaria e qual seria o seu modus operandi? Quatro horas passadas, ainda não consultara todos os processos, mas já detectara meia dúzia de suspeitos pró-nazis (cinco egípcios e um negociante turco) cujas descrições físicas se assemelhavam vagamente ao homem que tentara matá-lo.

A porta abriu-se, e Sanson entrou com um dossier debaixo do braço.

- Então, já teve sorte, Weaver?

- Dê uma olhada a estes.

Sanson sentou-se numa das cadeiras e analisou os processos que Weaver lhe passou.

- O meu palpite é que são capazes de ser inofensivos. Em todo o caso, o melhor é convocá-los para umas perguntinhas.

Weaver já interrogara os guardas de serviço na residência do embaixador. Nada de extraordinário fora registado nos relatórios de turnos, mas o oficial de serviço na quarta-feira anterior confessara que cerca das 9 horas, depois de o embaixador ter saído para um jantar, tivera a impressão de ouvir um ruído, como que de uma porta a bater, numa das salas do rés-do-chão. Passara ele próprio revista a todo o edifício, mas nada encontrara fora do lugar. Era um beco sem saída, reflectia Weaver.

- E quanto aos hotéis e pensões?

- Ainda andamos a verificar, mas demoraremos no mínimo mais um dia ou dois a ver todos. Até agora, estamos a zero. - Sanson pegou no dossier que trouxera, e Weaver reparou na palavra confidencial escrita a letras vermelhas na capa. - Gostava que visse uma coisa.

- O que é?

- Um registo de transmissões descodificadas e de origem desconhecida que as Comunicações têm captado durante o último ano.

Sanson abriu o dossier e mostrou a Weaver o registo de uma comunicação interceptada que se referia a reforços de tropas no Cairo.

- Foi feita há cerca de um ano por um agente cujo nome de código é Besheeba. Uma coisa em que os nossos rapazes do controle de comunicações no quartel-general tropeçaram por acaso.

- Que tem de tão interessante?

- Para além do facto de estas informações serem sempre correctíssimas e ainda não termos apanhado o autor, vai ver uma coincidência bastante notável numa das transmissões. - Passou a Weaver outra comunicação interceptada. - Foi captada na madrugada da última quinta-feira, pouco depois da meia-noite.

Desta vez, a mensagem era constituída por uma série ininteligível de letras e algarismos. Weaver olhou para o colega.

- Não percebo. Ainda está em código.

- A certa altura deste último ano, os Alemães tornaram as suas operações menos permeáveis e o código de Besheeba foi alterado. Parece provável que tenha passado a ser uma tabela de frequência impossível de decifrar. Em todo o caso, não é essa a questão. Besheeba não transmite com frequência, contudo, quando o faz, a informação costuma ser de importância razoável. Calculamos que Ewir tenha sido assassinado na última quarta-feira à noite. Pouco depois, a Secção Y captou esta transmissão. Uma coincidência interessante, não lhe parece?

- Acha que foi Besheeba quem transmitiu isso?

- Apostava que sim. Todo o operador de Morse tem o que os rapazes das Comunicações chamam a assinatura. É uma espécie de estilo individual, se quiser ... a maneira como a tecla de Morse é operada. Com força ou ligeireza, depressa ou devagar, há sempre um ritmo único para cada operador. E o tipo que captou a transmissão na madrugada de quinta-feira tem muita experiência, conhece o estilo de assinatura de Besheeba e jura que foi ele.

- Acha que Besheeba pode ser o nosso amigo árabe?

- Só Deus sabe, no entanto suponho que seja possível. - Sanson ergueu o olhar. Passava das 9 horas e estava escuro lá fora. Repôs no dossier as mensagens interceptadas e levantou-se. - Bom, é melhor acabarmos por hoje. Encontramo-nos aqui às seis da manhã. Você pode continuar com os processos.

- E você?

- Há um monte de relatórios de espionagem que capturámos quando os boches evacuaram Tunes. Estão guardados num dos nossos armazéns no Bairro de Ezbekíya. Combinei com uns tradutores ajudarem-me a dar-lhes uma vista de olhos e ver se há alguma referência a Besheeba.

- Acha provável?

Sanson encolheu os ombros.

- Há sempre a possibilidade de o pessoal de Rommel captar as mensagens dele em directo. Faz algum sentido. Na altura, os Alemães precisavam de receber bem depressa as informações obtidas pela espionagem. Encaminhá-las via Berlim podia fazê-los perder um tempo precioso.

- Quando acabar com isto aqui amanhã, e se você não se importar com a minha companhia, gostava de ir também.

Sanson ergueu o olho intacto.

- A caça de uma medalha, Weaver?

- Não, só de um perigoso espião alemão - respondeu Weaver, estendendo a mão para o casaco.

Berlim

Eram 7 da manhã e ainda estava escuro quando o Mercedes de serviço se deteve em frente à porta do gabinete do comandante do Quartel de Lichterfeld. Apeando-se do carro, Halder viu Schellenberg aparecer à porta iluminada com o sobretudo da farda pelos ombros.

- Então, pelo que vejo, sempre conseguiste. Não percamos mais tempo. Já marquei uma sala para as reuniões. Kleist e Doring esperam-nos. Segue-me.

Schellenberg avançou até um recinto rodeado de arame farpado e guardado por uma dúzia de soldados SS com pistolas automáticas e dois lobos-d,'Alsácia de aspecto feroz. Schellenberg mostrou o passe e deixaram-nos entrar.

- Precauções de segurança - observou, precedendo Halder a atravessar o recinto e encaminhando-se para um edifício térreo de tijolo com um holofote sobre a entrada. - Quem quiser entrar sem autorização especial minha é alvejado.

O interior do edifício era espaçoso e básico, como uma sala de aulas. Estavam dois homens junto de um fogão a aquecerem as mãos, ambos à paisana. Um andava próximo dos quarenta anos, de cara marcada e nariz achatado, e era entroncado como um touro. Parecia um estudo em brutalidade, com os olhos escuros a indiciarem uma natureza selvática. O segundo homem estava a meio da casa dos vinte, com aspecto rude, cara afilada e boca fina, cruel.

- Já conheces o major Kleist. E este jovem é o segundo-sargento Doring, das SS. Apresento-lhe o major Halder.

Kleist foi o primeiro a estender a mão.

- Bem, Halder, cá nos encontramos de novo. Se bem me lembro, a última vez foi numa operação anti-resistentes perto de Sarajevo.

Halder ignorou a mão estendida.

- Lembro-me muito bem. E não posso afirmar que seja um prazer revê-lo depois de ter assistido à forma como tratou os prisioneiros.

Kleist corou, e os olhos semicerraram-se-lhe com aspecto ameaçador.

- Os métodos duros são por vezes necessários na guerra, major. Sabe isso.



- Sou soldado, não sou carniceiro, Kleist. Talvez você não perceba a diferença. Não considero a violação e a tortura de mulheres um modo honroso de conduzir uma guerra. O seu comportamento desonrou a farda alemã.

- Recebi um louvor por essa operação - replicou Kleist com um sorriso malicioso. - É evidente que o major não tem estômago para trabalho assim.

Halder ignorou a provocação. Doring dissimulou um sorriso, como se os acontecimentos o divertissem, e Jack antipatizou de imediato com ele.

- Tenho muito prazer em conhecer o meu major - afirmou Doring.

- Encantado, sem dúvida.

Schellenberg suspirou e pôs a pasta em cima de uma secretária de madeira virada para três cadeiras.

- Muito bem, agora que já sabemos que vão todos dar-se bem, sentem-se, meus senhores, para prosseguirmos. - Schellenberg abriu a pasta e extraiu uns quantos mapas. - Não tardo a dar-vos os elementos exactos, mas, em resumo, a estrutura da vossa missão é a seguinte: serão transportados para o Norte do Egipto ao encontro de um dos nossos agentes locais num aeródromo abandonado no deserto. Ele ajuda-vos a chegar ao Cairo disfarçados de arqueólogos. Na capital, encontram-se com um dos nossos agentes egípcios que vos instala num refúgio. A partir daí, a vossa missão é envidar todos os esforços no sentido de saber onde Roosevelt e Churchill ficam acomodados na cidade. Suspeitamos que seja no Hotel Mena House, porém isso fica para mais tarde. Assim que conseguirem confirmar a localização, precisam de elaborar um plano que contribua para conseguirmos penetrar a segurança dos chefes aliados. Feito isso, o resto é simples. Comunicam por rádio com Berlim e nós enviamos o coronel Skorzeny e os seus pára-quedistas. Nessa altura, é Skorzeny a completar a missão, e vocês ficam de fora. Não deve ser necessário insistir na importância de um bom resultado para a sobrevivência da Alemanha. É mesmo vital que esta operação seja um êxito. A missão não será abortada em circunstância alguma, a menos que seja eu em pessoa a dar semelhantes instruções. Entendido?

- Como é que nós vamos manter o contacto? - quis Halder saber.

- Besheeba, o agente que vão conhecer no Cairo, tem um transmissor de rádio. As suas comunicações são retransmitidas para Berlim a partir de um receptor em Roma. - Schellenberg apontou para um dos mapas.

- Vamos então aos pormenores.

Nas horas que se seguiram, Schellenberg explicou todo o plano até aos mais ínfimos pormenores. Por fim, apontou o mapa do Cairo.

- Os homens de Skorzeny hão-de aterrar em segurança numa pista que vocês têm de tomar dez quilómetros a sul de Gizé, perto de uma vila chamada Shabramant. É um campo de treino da Real Força Aérea Egípcia e só de vez em quando é usado pelos Britânicos e Americanos.

- Por Deus, como é que vamos conseguir que dois aviões cheios de pára-quedistas SS penetrem as defesas antiaéreas aliadas?

- Há sempre maneiras - sorriu Schellenberg. - E, basicamente, é a mesmíssima forma que vamos usar

para vos pôr lá. Por acaso, até é bastante engenhosa. Todavia, como já disse, os pormenores exactos serão dados antes da partida. Quanto a trazer-vos de volta, a intenção actual é que vocês regressem a Shabramant, onde um dos nossos aviões fica à espera. Devo acrescentar que Besheeba virá convosco. Depois disto, perde a sua utilidade no Egipto.

- Com certeza que a nossa partida por via aérea será arriscada. E provável que por essa altura os Aliados já estejam em alerta máximo.

- Contando com essa possibilidade, organizei ataques aéreos a Alexandria e ao Cairo, a partir das nossas bases em Rodes e em Creta, como manobra de diversão, logo a seguir à aterragem dos homens de Skorzeny. Sim, Kleist?

- Quando é que conhecemos a rapariga?

- Amanhã, quando distribuirmos as roupas e objectos pessoais. Conforme expliquei, ela não sabe o verdadeiro objectivo da missão, portanto nenhum de vocês pode discutir aspectos relevantes na companhia dela. - Fitou Kleist e Doring. - Combinei com uns especialistas darem-vos um curso intensivo básico de arqueologia para dar credibilidade ao disfarce. Agora, ao trabalho, meus senhores.

Cairo: 17 de Novembro

Foi Sanson quem encontrou o memorando precisamente quando estavam prestes a desistir. Haviam-se sentado a uma mesa de madeira no armazém de Ezbekiya. Os documentos e processos estavam empilhados aos montes em cima da mesa e no chão. Muitos encontravam-se chamuscados: o pessoal do Serviço de Informações Alemão procurara queimar os papéis quando os Aliados tinham tomado Tunes.

Sanson analisou o memorando, subitamente alertado.

- Acho que temos aqui qualquer coisa.

Mostrou a Weaver a página dactilografada em alemão e datada de nove meses antes. Ficara parcialmente queimada, no entanto o conteúdo ainda era legível. O nome Besheeba saltou à vista de Weaver, que ergueu o olhar, ansioso.

- Que diz?

- Parece ser um memorando interno de um oficial do Serviço de Informações Militares, Hauptmann Berger, para o comandante, em Tunes. - Sanson passou-o a um dos tradutores oficiais que o acompanhara. - Dê-nos uma tradução exacta, sargento.

- Sim, sir: Rommel exige mais pormenores com urgência: número de efectivos, armamento e movimentos de artilharia. Berlim ordena que Fénix parta de imediato para o Cairo para se encontrar com Besheeba e espera que esforços combinados produzam melhores resultados. - O sargento ergueu o olhar da folha. - É mais ou menos isto, meu tenente-coronel.

- Parece que o nosso amigo Besheeba arranjou ajuda - comentou Sanson para Weaver. - Se ainda trabalharem juntos, podemos ter de enfrentar um pau de dois bicos. - Bocejou, vestiu o casaco e mandou embora os dois sargentos.

- E agora? - perguntou Weaver, fatigado.

- Voltamos aqui à procura depois de dormirmos um pouco, para o caso de aparecer mais qualquer coisa. E vou verificar nos campos de prisioneiros se capturámos o Hauptmann Berger ou o superior dele quando tomámos Tunes.

- Parece improvável. As esperanças de o apanharmos continuam vagas, não acha?

Sanson esfregou o olho bom e fitou Weaver.

- Numa cidade de dois milhões de habitantes? De facto, não há grandes esperanças. Mas temos de tentar, Weaver, temos de tentar.

O grande e velho armazém na apinhada zona comercial de Khan-el-Khalili tinha um aspecto exterior igual ao de qualquer outro existente no bazar: uma rudimentar construção de tijolo com as paredes enegrecidas pela fuligem. Lá dentro era uma câmara de tesouro com abastecimentos de que qualquer manutenção militar se orgulharia; empilhavam-se do chão ao tecto grades de bebidas alcoólicas, medicamentos, caixas de sapatos, comida enlatada e praticamente tudo o que pudesse atingir no mercado negro um preço inflacionado.

Reggie Salter estava sentado à secretária no gabinete do primeiro andar a contar maços de sujas notas egípcias. Era um homem baixo de trinta e poucos anos que envergava um casaco de linho com manchas de transpiração, por baixo do qual se aninhava uma Browning automática num coldre de ombro de cabedal.

Bateram à porta, e Salter resmungou, sem se dar ao trabalho de erguer os olhos das notas, que continuou a contar.

- Estou ocupado. Que raio se passa?

A porta abriu-se e apareceu um dos seus guarda-costas. O aspecto era perfeitamente letal, um metro e oitenta e cinco, entroncado e musculoso, com minúsculas cicatrizes que lhe formavam como que uma teia de aranha na cara.

- Chegou Deacon. Está à espera lá em baixo.

Salter arrebanhou o dinheiro para dentro de uma gaveta, que fechou à chave.

- Vai chamar o Costas à cave e diz-lhe que preciso dele cá em cima.

- Certo, chefe.

No dia em que Reggie Salter desertara do 8o Batalhão, a sua vida mudara para melhor. Quando a campanha no Norte de África começara a sério, milhares de soldados em pânico tinham fugido das suas unidades, escondendo-se no delta do Nilo e nas cidades, desejosos de não apanharem com uma bala

alemã entre os olhos. Os mais endurecidos de entre eles montaram lucrativos negócios ilícitos, recorrendo a grupos organizados de desertores para pilharem armazéns civis e manutenções militares. Salter fora um dos primeiros.

A porta abriu-se já ele estava empoleirado na beira da secretária, e apareceu um homem moreno e de bigode negro. Costas Demiris era filho de um comerciante grego e, tal como Salter, seu sócio, também era desertor.

- Qual é o problema, Reggie?

Salter acendeu uma cigarrilha de um maço que tinha em cima da secretária.

- Deacon está cá.

Costas fez um grande sorriso.

- Então, semeaste ventos, agora vais colher as tempestades. Ele virá cobrar as duzentas libras que perdeste na roleta? Já foi há mais de um mês.

- Ele tem as roletas viciadas. Se me chatear, arranco-lhe os tomates para os pôr a amparar livros.

O sorriso de Costas alargou-se perante a perspectiva de complicações, e nesse momento o guarda-costas abriu a porta e Harvey Deacon entrou, seguido por Hassan. A barba do árabe desaparecera, assim como a djelaba, substituída por um fato. Salter atravessou a sala e estendeu a mão.

- É um prazer voltar a vê-lo, Harvey. Em que posso ser-lhe útil, meu amigo?

- Num negócio, se estiver interessado.

- Os negócios agradam-me sempre, portanto conte lá. O que é desta vez, umas caixas de whisky do mercado negro?

- Desta vez não. - Deacon foi sentar-se numa das cadeiras. - Aquela dívida de jogo que tem para comigo: que tal não ter de a pagar e ainda receber algum por fora?

Salter relanceou o olhar para Costas e depois fitou Deacon com um ligeiro sorriso.

- Gostava muito, meu querido. Mas o que se esconde por detrás dessa proposta?

- Preciso de um jipe militar americano com as insígnias da Polícia Militar.

- Só isso? - perguntou Salter, ainda a sorrir

- Ainda não acabei. Também quero uma farda de capitão do Exército Americano, duas fardas da PM e as armas correspondentes. E três camiões do Exército, americanos, em boas condições mecânicas. Mais a documentação dos veículos toda legal.

Salter parecia divertido e riu à gargalhada.

- Que vai fazer, Harvey? Desencadear outra guerra?

Deacon tirou um grande sobrescrito do bolso interior do casaco e atirou-o ao interlocutor.

- Estão aí mil libras por conta. Esterlinas. Só para saber que não estou a fazê-lo perder tempo.

O sorriso desapareceu da cara de Salter, que fez um aceno de cabeça a Costas; este pegou no sobrescrito e dedilhou rapidamente o conteúdo.

- Parece verdade, Reggie. Mil esterlinas. Tal como ele disse.

Salter fitou Deacon.

- Para quem é o material? Com certeza não é para si. É um pouco tarde para começar a brincar aos soldadinhos.

- Clientes meus que pretendem permanecer incógnitos.

Salter sorriu.

- E você recebe comissão, não é?

- Pode dizer-se que sim. A questão é: consegue fornecer tudo?

- Consigo fornecer tudo o que lhe apeteça. Mas custa dinheiro.

- Quanto?

O sorriso de Salter alargou-se.

- Um jipe, três camiões, uniformes e armas? É muito equipamento. Digamos três mil esterlinas por tudo.

- Uma quantia considerável.

- É o melhor que posso fazer. - Salter encolheu os ombros. - É pegar ou largar.

- Só há um problema. Preciso do jipe, das fardas e das armas até sexta-feira à noite. Os camiões podem ser uns dias depois.

Reggie assobiou.

- É um trabalho urgente, Harvey, meu camarada.

- Mas consegue?

Salter voltou a encolher os ombros, até que por fim sorriu.

- Não vejo porque não.

- Temos negócio - comentou Deacon, levantando-se e estendendo a mão a Salter, que a apertou. - Confio em si, Reggie. Não me desiluda.

Salter deu-lhe uma palmadinha nas costas e acompanhou-o à porta.

- Não se preocupe. Trato de tudo. Só não se esqueça de trazer o dinheiro na sexta-feira, e terá tudo como deve ser, meu velho.

Berlim

Schellenberg entrou com Rachel na camarata do quartel pouco passava das 7 da manhã de quarta-feira.

- É altura de conhecerem o último membro da equipa, meus senhores - anunciou. - Permitam-me que vos apresente Fräulein Stern. A partir de agora, vão conhecê-la como Maria Tauber, especialista em arqueologia e judia alemã exilada. - Virou-se para ela. - O major Halder já você conhece. No entanto, para efeitos da missão, ele chama-se Paul Mallory, professor americano de Arqueologia. - Schellenberg indicou Kleist e Doring. - Estes são os outros dois cavalheiros de que lhe falei. Fica a conhecê-los como Karl Uder e Peter Farnback, ambos sul-africanos.

Kleist inclinou a cabeça, bateu os calcanhares e sorriu.

- Fico na expectativa de a conhecer melhor, Fräulein. Até confesso que para judia tem um aspecto tentador.

- Vamos deixar uma coisa bem clara - interveio Halder com um olhar gélido. - Se você se armar em parvo com ela, seja de que maneira for, encarrego-me pessoalmente de lhe enfiar um tiro, entendido?

- Isso é uma ameaça, Halder?

- Tome-o antes por um aviso amigável.

- Basta, Kleist - interveio Schellenberg. - Adiante.

Em cima da mesa, havia diversas malas de viagem, e ele entregou uma a cada um, dando depois a Rachel um conjunto de documentos de identificação.

- Vou deixar-vos a sós para se familiarizarem com os disfarces e experimentarem o tamanho das roupas.

Lagos Amargos: 18 de Novembro

A estrada do deserto não tinha qualquer movimento às primeiras horas do dia, o ar estava frio e não se

cruzaram com um único veículo. As 4 e poucos minutos, com os primeiros raios da alvorada apenas a colorirem ligeiramente o horizonte, chegaram à barreira que marcava a entrada principal do campo de prisioneiros e pararam. À meia-noite, Sanson telefonara ao comandante do Campo dos Lagos Amargos, o qual confirmara que o autor do memorando, o Hauptmann Berger, estava lá detido após ter sido capturado em Tunes havia seis meses.

Dois guardas armados saíram da guarita e examinaram os documentos deles, só depois lhes permitindo transpor a barreira da entrada. Foram recebidos à porta do edifício principal da administração por um major britânico de aspecto cansado, que os acompanhou ao seu gabinete.

- Creio que veio interrogar Berger, meu tenente-coronel - disse ele a Sanson. - É uma hora estranha para isso, deixe-me dizer-lhe.

- Uma questão de segurança - limitou-se Sanson a informar. - Gostávamos de consultar o processo do prisioneiro.

O major não insistiu.

- Como queira. - Saiu e regressou passados minutos com um dossier que lhes entregou.

- Conhece Berger pessoalmente? - perguntou-lhe Sanson.

- Acho que se pode dizer que sim, sir.

- Como é ele?

- Um alemão muito decente. Poderia dizer-se que é um prisioneiro modelo. - O major sorriu. - E ainda por cima um jogador de xadrez muito inteligente. Geralmente, ganha-me com toda a facilidade. - Encolheu os ombros, como que a desculpar-se por confraternizar com o inimigo. - Receio que não haja muito mais coisas para fazer por estes lados. A propósito, não vai precisar de intérprete. Berger fala um inglês excelente.

O oficial acompanhou-os pelo corredor até uma sala nua só com uma mesa e cadeiras. Após a partida do anfitrião, Weaver e Sanson leram o processo de Berger até dois guardas o trazerem. O prisioneiro era alto e pálido, de aspecto juvenil, com rosto simpático, boca suave e olhos vivos, inteligentes. Coxeava visivelmente, arrastando um pé, prótese evidente, e vestia uma esfarrapada farda alemã de um tamanho superior ao seu. Vinha com ar confuso e estremunhado.

- Capitão Manfred Berger?

- Ja - respondeu o jovem alemão, pestanejando.

- Sou o tenente-coronel Sanson, do Serviço de Informações Militares. E este é o tenente-coronel Weaver. Sente-se.

Berger puxou de uma cadeira em frente deles. Sem mais preâmbulos, Sanson mostrou-lhe o memorando.

- Escreveu isto?

Berger analisou o papel fino, transparecendo na sua expressão uns laivos de cautela.

- Lamento, mas não me lembro.

- O seu nome está aqui em baixo. Capitão Manfred Berger.

Ele encolheu os ombros.

- Sim, mas no cumprimento do meu dever enviei muitos agentes para lá das vossas linhas. Não consigo lembrar-me de todos.

- Relativamente a este agente no Cairo, com o nome de código de Besheeba, e ao outro, Fénix ... o que pode dizer-me sobre eles?

- Não sei nada de qualquer dessas duas pessoas.

- Não é o que o memorando faz crer, Berger - insistiu Sanson. - Portanto, não me venha com tretas.

O alemão enrubesceu perante o tom ameaçador.

- Deixe-me recordar-lhe que, de acordo com a Convenção de Genebra, eu só sou obrigado a revelar o meu nome, posto e número. Nada mais. Os senhores são ambos militares, portanto sabem isso perfeitamente.

- Estou-me nas tintas para a Convenção de Genebra, Berger - gritou Sanson, batendo com o punho na mesa. - Responda à pergunta.

O capitão pareceu ficar um pouco abalado face à hostilidade de Sanson, mas redarguiu em tom pausado:

- Lamento, mas de facto não posso ajudá-los. Devem saber que oficiais menos graduados dos serviços de informações, como eu próprio, não costumam ter o privilégio de conhecer as verdadeiras identidades dos agentes no terreno.

- Não costumam, mas às vezes conhecem. E é frequente haver boatos de caserna a circularem em relação aos agentes que trabalham para nós. Tenho a certeza de que você sabia coisas sobre a operação no Cairo. Como é que Fénix passou as nossas linhas? Onde se instalou no Cairo à chegada? Como se encontrou com Besheeba? Dê-me respostas.

Berger não o fez, e Sanson abriu o processo do alemão.

- Vejo que, quando foi detido em Tunes, estava vestido à paisana. Um militar disfarçado de civil em território inimigo ... isso sugere tratar-se de um espião. Os espiões são fuzilados, Berger.

O alemão empalideceu.

- Eu, espião? Está a gozar, com certeza.



Sanson enfrentou sem pestanejar o olhar do prisioneiro.

- Acha? Você até é oficial de informações: mais uma prova, se necessário.

- Não sou espião -- replicou Berger, nervoso. - E mesmo que soubesse alguma coisa sobre o assunto, o que não acontece, nunca trairia a confiança do meu país a favor do inimigo.

Sanson afastou a cadeira para trás com estrondo e levantou-se. A sua expressão era fria e determinada.

- Quero respostas, não conversa fiada. - Tirou da algibeira um bastão de couro e colocou-o em evidência em cima da mesa. Berger fitou o objecto com ansiedade. - Então?

Perante a hesitação do alemão, num movimento rápido Sanson agarrou no bastão e atingiu-o violentamente na face. O jovem soltou um grito, agarrando o maxilar, chocado.

- Eu ... não sei nada sobre a operação no Cairo.

- Deixe-me recordar-lhe uma vez mais o que diz o memorando. - Sanson leu: - Berlim ordena que Fénix parta de imediato para o Cairo para se encontrar com Besheeba e espera que esforços combinados produzam melhores resultados. - Ergueu o olhar. - É isto que o denuncia, Berger: ... espera que esforços combinados produzam melhores resultados. Que resultados esperava? Diga-me.

Berger parecia assustado, e Sanson voltou à carga:

- Então, Berger, estou à espera. Pode ser fuzilado como espião, ou ainda não percebeu?

- Ich bin Manfred Berger, Hauptmann, nummer...

Sanson saltou da cadeira num instante, de bastão em punho. Atingiu de novo Berger com força na cara. O alemão gritou de dor e caiu ao chão. Weaver não estava capaz de aguentar muito mais e começava a interrogar-se se Berger teria alguma coisa útil para lhes contar. Foi ajudar o alemão a levantar-se.

Sanson reagiu de imediato:

- Que raio está você a fazer, Weaver? Deixe-o!

- Vá-se lixar. O tipo está magoado!

- Largue-o, já disse.

Weaver recuou. Sanson aproximou-se, agigantando-se sobre o alemão.

- Vamos lá, Berger. A verdade. Venha ela!

O prisioneiro ficou caído, a gemer:

- Por favor...

- Pense, Berger. Pense bem. Deve saber qualquer coisa. Vale a pena arriscar um espancamento e uma

bala quando o seu país já está a perder a guerra? Pense na sua filha. Gostava de revê-la, não gostava? Ou prefere que a sua mulher e filha recebam um telegrama a comunicar-lhes a sua morte?

Berger reagiu, quase a ceder. Levantou a mão para se proteger assim que Sanson começou de novo a erguer o bastão:

- Não, por favor! Eu conto-vos o que sei.

Passada uma hora, estavam eles sentados na sala do interrogatório depois de Berger ter sido levado e Sanson acendeu um cigarro, comentando:

- Não é muito, mas já é qualquer coisa. - Weaver permaneceu em silêncio enquanto Sanson relia os apontamentos. - Já sabemos que, após a chegada ao Cairo, Fénix deve ter passado uma noite num refúgio em Ezbekiya, um hotel pertencente a um simpatizante árabe da espionagem alemã, antes de entrar em contacto com Besheeba.

As informações prestadas por Berger eram de facto poucas, mas não deixavam de ser significativas. Tal como Weaver suspeitara, Berger não tinha conhecimento da verdadeira identidade de qualquer dos agentes, no entanto admitira ter visto o árabe descrito por Sanson durante a última reunião havida no QG da Wehrmacht em Tunes.

- Precisamos, portanto, de descobrir este hotel. Vou falar com alguns dos meus informadores. Talvez encontremos um suspeito. Se não, investigamos todos os donos de hotéis na zona até o encontrarmos. - Quando Weaver se levantou, Sanson interpelou-o: - Aonde vai?

- Ver se Berger está bem. Acho que você o abalou um bocado.

- Nem pense, Weaver - ripostou Sanson, irado. - E já agora que estamos a falar do assunto, chamo-lhe a atenção para uma coisa. Sabe muito bem que não devia ter tentado ajudá-lo durante o interrogatório. Isso minou a minha autoridade.

- Não foi um interrogatório, Sanson. Foi tortura, independentemente dos resultados. O tipo de coisa que eu esperaria do raio da Gestapo.

- Isto é uma guerra suja, Weaver, e eu uso as tácticas que achar convenientes! - Sanson parecia prestes a explodir. - Se não gosta, esteja à vontade para falar com os seus superiores, mas nunca mais revogue as minhas ordens, principalmente na presença de um prisioneiro. Fui claro?

- Não podia ser mais.

- Agora, regressemos ao Cairo. Temos de nos esfalçar se queremos descobrir Fénix rapidamente.

Berlim

Nesse mesmo dia, a mais de três mil quilómetros de distância e pouco depois das 8 da noite, o almirante

Wilhelm Canaris entrou numa cervejaria de cave. Era um lugar cheio de fumo frequentado por militares de licença e berlinenses de aspecto abatido, com uma banda de música cujos executantes pareciam condenados, o que não era surpreendente. Tal como a todos os outros habitantes da cidade sitiada, os bombardeamentos tinham-lhes dado cabo dos nervos.

Canaris esgueirou-se para um privado vazio e pediu uma caneca de cerveja. Engoliu um trago de líquido tépido e olhou para o relógio. A jovem que entrou na cervejaria dois minutos depois era esbelta e loura, com o belo corpo bem disfarçado por roupas deselegantes e que não lhe assentavam bem, o que deliberadamente lhe escondia o encanto. Viu Canaris, deslizou para o lugar em frente dele e sorriu.

- Wilhelm.

- Minha querida Silvia - cumprimentou Canaris com afecto. Se não tivesse um casamento feliz, ter-lhe-ia sido fácil apaixonar-se por aquele anjo de aspecto divino. A condessa Silvia Konigsberg era mulher de um diplomata sueco e amiga de longa data. - Não teve problemas para cá chegar?

- nenhuns. - Os olhos brilharam-lhe, travessos. - Despistei no metropolitano o tipo da Gestapo que me seguia.

Canaris pediu uma cerveja para ela.

- Então, parte esta noite de avião para Estocolmo?

- A meia-noite. No avião do correio. Porque quis falar comigo?

Canaris pigarreou.

- Minha querida Silvia, tenho de lhe confiar uma mensagem vital. Tão crucial que pode decidir o destino da guerra. Está pronta a memorizá-la?

Silvia não se retraiu. Mulher corajosa, pensou o almirante.

- Diga - limitou-se ela a pedir.

Canaris hesitou. Sabia que aquele simples acto ia condenar Halder e a companheira ao fracasso, talvez até à morte, e isso era um grande peso na sua consciência. Porém, a alternativa era simplesmente demasiado horrível para ser considerada.

- Schellenberg e Himmler elaboraram um plano com vista a matar o presidente americano e o primeiro-ministro britânico. Sabem que Roosevelt chega ao Cairo para uma reunião com Churchill no dia 22 ... daqui a quatro dias. A intenção é assassiná-los a ambos.

O anjo sueco empalideceu, e a boca abriu-se-lhe de espanto.

- Como ... como vai ser?

- Uma equipa de especialistas para a montagem da operação parte para o Egipto por via aérea dentro das próximas quarenta e oito horas. Até mesmo mais cedo, eventualmente ...

Nesse momento, ambos ouviram o som agudo da sirene de aviso de ataque aéreo. A banda parou de tocar, houve pessoas que entraram em pânico, e o pessoal do bar começou a conduzir os clientes para a subcave.

- Meu Deus, lá começa outra vez - pronunciou Canaris em voz fraca. - O país vai ficar reduzido a escombros. - Pousou a mão rapidamente sobre a de Silvia. - Tem de transmitir a mensagem. Tem a certeza de conseguir chegar ao avião esta noite?

- O meu marido tem assuntos diplomáticos a tratar em Estocolmo - confirmou ela com um aceno de cabeça. - E seremos escoltados pelo corredor, como de costume.

Canaris sabia que aquilo era absurdo: no meio da pior guerra da história da Humanidade, havia um acordo tácito entre os Aliados e a Alemanha relativamente a um corredor aéreo no Báltico para a passagem em segurança dos aviões da neutra Suécia. Lá fora, começaram os ruídos; o tecto abanou, fazendo saltar bocados de estuque, e as luzes perderam intensidade.

Silvia levantou-se, ansiosa.

- É melhor ir-me embora. Se ficar aqui retida, posso perder o avião.

- Mas há mais coisas para levar ao conhecimento do nosso amigo em Estocolmo ...

- Não temos tempo, Wilhelm. - Silvia encaminhava-se para a porta.

- Mas tenho mesmo de lhe fornecer alguns pormenores ...

Silvia Konigsberg precipitara-se porta fora.

Canaris viu-a desaparecer escadas acima, ao mesmo tempo que uma nuvem de pó invadia a cervejaria e o edifício abanava uma vez mais. Meu Deus. E se ela morresse durante o ataque aéreo e não conseguisse chegar ao seu destino? E ele quisera desesperadamente fornecer-lhe mais pormenores, garantir que o contacto britânico em Estocolmo era informado de que Halder e a acompanhante eram peões inocentes num jogo mortífero, no entanto não tivera tempo. Silvia desaparecera, e um soldado possante empurrava-o para o piso de baixo, para a segurança da subcave.

Cairo: 19 de Novembro

Costas Demiris subiu as escadas do armazém na tarde daquela quinta-feira a limpar as mãos a um trapo sujo de óleo.

- Deacon acaba de chegar lá abaixo, Reggie. Queres que o mande subir?

- Não, eu desço. Vamos lá ver a cor do dinheiro dele. - Salter desceu ao armazém propriamente dito, seguido por Costas, e viram Deacon e o árabe, Hassan, à espera junto a uns caixotes de embalagem. - Harvey, meu velho. É bom voltar a recebê-lo.

- Tem o jipe e as fardas?

- Então, hoje é só negócio? Disse que não o desiludia e não desiludo. Siga-me. - Salter atravessou o armazém à frente dos restantes até um pátio coberto nas traseiras. Dois dos seus homens atarefavam-se sob o capô de um jipe americano. - Costas disse-me que o motor está bom ... quase como novo - explicou. - Não a cair aos bocados, como a maior parte que se encontra por aí.

Deacon sentou-se no jipe e ligou o motor. Este vibrou a um ritmo certo. O homem apeou-se e espreitou sob o capô.

- Parece em condições - concordou.

- E eu enganava-o? - Salter entregou-lhe os documentos do veículo. - Tudo em ordem, suponho que concordará.

Deacon examinou os documentos.

- De facto, parecem em condições. E as fardas?

Salter fez estalar os dedos na direcção de um dos seus homens.

- Vai lá dentro buscar o resto do material, Joey.

Este entrou no armazém e regressou com duas mochilas militares a abarrotar. Salter abriu uma e extraiu parte do conteúdo para o chão.

- Tudo o que encomendou. Mas é melhor verificar, só para ter a certeza.

Deacon examinou o conteúdo das duas mochilas e concluiu:

- Parece tudo correcto. Quero que as fardas e armas sejam entregues no clube logo à noite, mas pode guardar-me o jipe por uns dias, até eu precisar dele?

- Não há problema desde que pague a armazenagem. Digamos, cem libras por dia. Esterlinas.

Deacon retirou um sobrescrito da algibeira e entregou-lho. Salter passou os dedos pelas notas e logo enfiou o sobrescrito no seu próprio bolso.

- E um prazer negociar consigo, Harvey.

- Ainda não acabámos. E os camiões?

Salter acendeu uma cigarrilha e cofiou o queixo.

- Receio que estejamos com um problema temporário em relação a isso, não é, Costas?

O grego encolheu os ombros.

- Parece que o Exército está a deitar a mão a todas as viaturas que pode, Harvey. Todavia, não se

preocupe que chegam cá a tempo.

- Ótimo. - Deacon pareceu aliviado, acenou a Hassan e virou-se para se ir embora. - Entra em contacto comigo?

- Assim que souber alguma coisa, meu velho. - Salter ficou a vê-los sair do pátio e, após a partida deles, chamou dois dos seus homens. - Já sabem o que fazer: aonde quer que Deacon vá, com quem quer que fale, quero ser informado, entendido?

- Claro, Reggie.

Os homens saíram. Costas acercou-se. Sorria de esguelha para o sócio.

- Achas que resulta?

Salter fez estalar os nós dos dedos.

- É bom que resulte mesmo, Costas, meu velho. Seja o que for que está em jogo, vamos arrebanhar uma parte.

Berlim: 20 de Novembro

O aeródromo da Luftwaffe em Gatow parecia muito atarefado naquela tarde, quando o Mercedes de Schellenberg transpôs a barreira seguido por um camião de caixa fechada que transportava Halder e os outros. Pararam junto de um hangar trancado, e Schellenberg conduziu-os por uma porta lateral. No interior, encontrava-se um avião estacionado pintado de cor de areia para camuflagem, sem quaisquer marcas ou círculos identificativos. Meia dúzia de mecânicos trabalhava nele, enquanto dois pilotos se atarefavam no cockpit.

- Vito! - chamou Schellenberg, e o homem aos comandos acenou pela vigia, aparecendo momentos depois à porta da carlinga e descendo os degraus metálicos.

- Herr General.

- E que tal está a portar-se o nosso transporte?

Vito Falconi era alto para italiano, muito bem-parecido, com cabelo escuro ondulado, um perfeito nariz romano e uns olhos repletos de energia impaciente. Usava o blusão de cabedal de piloto da Luftwaffe, com um lenço de seda branca ao pescoço.

- Bene. Pu-lo no ar esta manhã e portou-se bastante bem. - Virou-se para Halder e apertou-lhe a mão calorosamente.

- Olá, Vito. Há que tempos não te via - saudou Jack.

- E eu não sei bem se estou contente por voltar a ver-te - sorriu Falconi -, depois de saber que foi tua a ideia de me escolher para esta missão. Queres ver-me morto? Então, como vais, meu amigo?

- Entre o desespero e o assim assim.

Falconi soltou uma gargalhada.

- Não é o que se passa com todos nós? Esta maldita guerra deixou toda a gente com os nervos esfrangalhados. E em que te meteste agora?

- E melhor perguntares isso ao Sr. General.

- Lamento, mas não é da sua conta, Vito - interveio Schellenberg com ligeireza, procedendo de seguida às apresentações: - Este é o Gruppenkommandant Falconi, o vosso piloto. Vai levar-vos ao Egipto.

Vito pegou na mão de Rachel e beijou-a.

- Muito prazer, bella signorina.

- Não ligue - aconselhou o general. - Vito é um conquistador inveterado.

- Herr General - interrompeu Kleist com expressão azeda -, o piloto é italiano. Porque não é alemão? Os cobardes filhos da mãe dos italianos renderam-se ao inimigo. A única coisa que fizeram foi causar-nos problemas. Quanto aos pilotos deles, toda a gente sabe que são inúteis.

Falconi dirigiu a Kleist um olhar gelado.

- Se fosse a si, não me preocupava com as capacidades de pilotagem do comandante de esquadrilha - declarou Schellenberg, de olhos fixos em Kleist. - Desde 1940 que está na Luftwaffe e é um dos melhores de que dispomos. Portanto, tenha maneiras, major Kleist. E uma ordem.

- Sim, meu general - empertigou-se Kleist com uma careta.

- E agora, Vito, é melhor que nos explique como vai ser o transporte.

Falconi acompanhou-os ao avião, e Halder inquiriu:

- Que é isto, por amor de Deus?

- Um avião de carga C-47, americano, mais conhecido por Dakota, que capturámos. E há outros dois iguazinhos para o nosso amigo coronel Skorzeny. Deste modo, temos probabilidades de vos fazer passar as defesas aéreas aliadas.

- Não vamos precisar de marcas identificadoras de aviões aliados? - interessou-se Halder.

- Quando aterrarmos em Roma para reabastecimento, pintam-se marcas americanas. Quando nos pusermos a caminho, havemos de parecer um avião da Força Aérea dos EUA no cumprimento do seu dever.

- Que sucede se as defesas aéreas aliadas nos interceptarem e te interpelarem via rádio?

Falconi encolheu os ombros perante aquela perspectiva desanimadora.

- Se isso acontecer, só podemos tentar desenrascar-nos, porque o mais provável é nem percebermos que estão a interpelar-nos. Sabes, é que eles mudam todos os dias as frequências em que transmitem. Não temos hipótese de saber qual a frequência que estão a usar em determinado dia.

- Isso inspira-me uma confiança dos diabos. Há mais boas notícias?

- Como te disse, Jack, há riscos - interrompeu Schellenberg. - Mas também sabes perfeitamente que não é a primeira vez que Vito faz este tipo de incursão em território inimigo. Estão muito bem entregues.

- Acha mesmo que estaremos em segurança? - interveio Rachel.

Falconi sorriu, todo encantos.

- Estamos em guerra, bella signorina, e ninguém se encontra em completa segurança. Contudo, até o Diabo tem os seus dias bons, e já que eu tenho sobrevivido até agora, é evidente que ele ainda não me abandonou.

Schellenberg perscrutou os rostos que o rodeavam.

- Não há mais perguntas? Ótimo. Subam para bordo e arrumem as vossas coisas. Não tardamos a partir.

Cairo

- Chama-se Imperial - informou Reeves do lugar do condutor do automóvel de serviço não identificado.

Weaver acabara de se instalar no assento de trás ao lado de Sanson, ambos armados e à paisana. Tinham apanhado um táxi até às ruelas abafadas e apinhadas de Ezbekiya para se reunirem a Reeves e Briggs, dois dos homens de Sanson que haviam sido destacados para a vigilância ao hotelzeco.

- Quais são os antecedentes do dono? - indagou Weaver.

Sanson tinha o bloco de apontamentos aberto no colo.

- Tarik Nasser é um pequeno negociante cujas convicções são desconhecidas. O hotel foi visitado pela Polícia local há três dias, no âmbito das verificações, mas o registo estava em ordem e o funcionário da recepção declarou que nenhum árabe que correspondesse à nossa descrição procurara lá quarto. A única razão para considerarmos Tarik Nasser um provável simpatizante está no facto de, durante a agitação do ano passado, um dos nossos informadores o ter ouvido proclamar que acolheria os Alemães de braços abertos. O que não é para admirar, pois descobriu-se que há uns anos o irmão mais novo dele foi morto a tiro quando andava a pilhar armazéns militares britânicos. E até agora é Nasser o único suspeito provável que descobrimos, embora tenhamos em observação mais três hotéis do bairro. - Sanson estava impaciente



por avançar. - Muito bem, Reeves, você vem conosco. Briggs, vigie as traseiras. Se alguém tentar fugir, atire, mas não mate os filhos da mãe. Se fugirem, é porque têm alguma coisa a esconder, e eu quero saber o quê.

Weaver entrou no átrio com Sanson, ambos seguidos por Reeves. O hotel estava decadente e cheirava a comida requentada e fumo de cigarro. Havia um balcão de madeira à esquerda com um funcionário árabe.:

- Tarik Nasser. Onde está? - perguntou Sanson.

O empregado pestanejou e indicou uma porta com um gesto nervoso.

Sanson atravessou o átrio em passo rápido na companhia de Weaver e Reeves e abriu a porta com um encontrão. Entraram num pequeno gabinete onde Tarik Nasser estava sentado à secretária a ver correspondência. Levantou-se com movimentos vacilantes, incertos.

- Sim?

- Tarik Nasser?

- Sim, sou eu.

- Tenente-coronel Sanson, do Serviço de Informações Militares. Este é o tenente-coronel Weaver.

Nasser sentiu as pernas começarem a tremer, como se estivessem prestes a ceder sob o seu peso.

- A que devo esta honra?

- Vou direto ao assunto. O senhor, Mr. Nasser, é suspeito de albergar espiões alemães. E até de ser agente alemão.

Nasser sentiu uma dor repentina a apertar-lhe o peito, no entanto soltou uma gargalhada seca e nervosa.

- Isto ... isto é alguma brincadeira?

- Pare de se armar em inocente, Nasser. Temos a palavra de um oficial de informações alemão que foi capturado.

Nasser procurou um lenço, que levou à testa.

- Tem de haver engano. Eu ... eu sou um negociante extremamente honesto.

- Vamos revistar o hotel. Deitá-lo abaixo, se for preciso. Mas, antes disso, damos-lhe a oportunidade de confessar. Então, Nasser?

Ele decidiu-se. Trémulo, com o lenço ainda na mão, levou-a até debaixo do tampo da secretária e premiu um botão. Sanson agarrou-lhe no braço quase no mesmo instante e torceu-lho atrás das costas.

- Que raio de jogo é o seu ...?

Nasser gritou de dor e Sanson ergueu-o em peso para o pôr fora do caminho, pesquisou por baixo da secretária e descobriu o botão.

- O sacana avisou alguém. - Sacou do revólver. - Aposto o que quiserem em como o árabe está cá. Vigie este, Reeves, e cubra o átrio. Siga-me, Weaver, depressa ... - Regressaram ao átrio e correram escadas acima. - Cada um de nós vai a um andar - decidiu Sanson, de Smith & Wesson em punho. - Fico no primeiro, você vá ao segundo e depois subimos a partir daí. E, por amor de Deus, tenha cuidado.

Separaram-se no patamar do primeiro andar, com Weaver a subir a correr para o segundo. Deu por si num pequeno corredor com uma janela ao fundo, três quartos de cada lado.

Experimentou o primeiro à direita. Fechado à chave. Atirou o ombro à porta, que se abriu de súbito, revelando um europeu de meia-idade que fez menção de sair. Parecia assustado.

- Mãos ao ar. - Weaver apontou-lhe o Colt automático à cara e empurrou-o de novo para dentro do quarto.

- Eu ... eu tenho documentos - gaguejou o homem. - Sou refugiado húngaro...

- Fique no quarto e tranque a porta - ordenou Weaver, logo regressando ao corredor.

Tentou o quarto ao lado. Trancado. Dirigiu-se à pressa para a porta em frente, cujo puxador experimentou. A porta abriu-se, e ele entrou num minúsculo quarto individual. A cama estava amarrotada, com a marca do sítio onde uma pessoa estivera deitada. Voltou ao corredor. A janela ao fundo estava entreaberta. Correu até lá e olhou para o exterior. Uma escada de incêndio levava a uma viela nas traseiras, mas não viu aí ninguém.

- Raios!

De repente, ouviu dois tiros de pistola em rápida sucessão, algures lá em baixo, a que se seguiram outros dois. Ele precipitou-se de novo pelo corredor e pelas escadas atrás de Sanson.

No átrio, o corpo avantajado de Tarik Nasser jazia esparramado na tapete.

- Está morto, sir - informou Reeves. - Tentou fugir, fez um movimento em direcção à porta principal. Disparei dois tiros de aviso para o assustar, e ele caiu para a frente agarrado ao peito. Parece que foi ataque cardíaco. Procurei reanimá-lo, mas em vão.

Sanson ajoelhou-se, palpando o pulso de Nasser para ter a certeza.

- Diabos me levem. Precisávamos de interrogar o filho da mãe.

- Ouvi mais dois tiros. Onde está Briggs? - lembrou Weaver.

- Devia estar a cobrir a retaguarda, sir.

Sanson empalideceu e levantou-se.

- Vamos lá atrás ...

Quando se preparavam para o fazer, Briggs entrou a correr pela porta da rua, arfante, ainda de revólver na mão, e Sanson apressou-se a indagar:

- Apanhou o árabe?

- Ele escapou, sir.

Cairo, 4 da Tarde

Mais tarde nesse mesmo dia, Weaver ia ao lado de Helen Kane, que o conduzia na direcção de Gizé. A estrada poeirenta estava repleta de trânsito militar americano e britânico, com estafetas de moto a passarem a grande velocidade em ambas as direcções.

- Sanson disse do que se tratava? - perguntou à adjunta.

- Só que ele e o general Clayton queriam falar consigo o mais depressa possível no Mena House.

Acabaram por chegar à desarrumada aldeola de Nazlat as-Saman, junto à Esfinge e às Pirâmides de Gizé. Mais adiante, ao fundo de uma avenida ladeada de palmeiras, erguia-se um magnífico edifício branco de estilo colonial rodeado por pavilhões individuais para os hóspedes e situado no meio de terreno próprio.

Tendo começado por ser um pavilhão de caça otomano, o Mena House fora comprado por um casal inglês e transformado num hotel de luxo de fama mundial, que gozava da preferência da realeza e dos abastados.

- Muito bem, vamos lá ver até que ponto a segurança é boa. Prepare o seu passe especial - disse Weaver.

Ela virou o jipe na direcção do hotel. A longa avenida que levava até lá tinha dois postos de verificação fortemente guarnecidos, um em cada extremidade do caminho, separados por cem metros.

No primeiro posto, um possante capitão do Exército Americano avançou e mandou desligar o motor. Examinou-lhes os documentos com toda a atenção e a seguir foi usar o telefone na guarita da sentinela, enquanto meia dúzia de soldados armados inspeccionava integralmente o veículo.

O oficial regressou por fim, entregou-lhes os documentos e fez continência.

- Está tudo em ordem, sir. Aguardam-no. Vou mandar um dos meus homens acompanhar-vos ao hotel.

- Não é necessário, capitão.

- São as normas, sir - sorriu ele. - Sem escolta, os homens no próximo posto podem rebentar-vos os miolos sem fazerem perguntas.

Avançaram até ao segundo posto, com um sargento armado de pistola-metralhadora M3 no banco de trás. Repetiu-se o mesmo exercício de segurança antes de poderem dirigir-se à entrada do hotel.

O general Clayton, com expressão soturna, desceu à pressa os degraus da entrada, com Sanson atrás e

acompanhado por um major britânico.

Weaver fez a continência.

- Queria falar comigo, sir?

- Volte para dentro do jipe, Harry. Precisamos de conversar - redarguiu Clayton sem mais, e entrou para a traseira da viatura, com Sanson e o major a encolherem-se ao seu lado. O general fez as apresentações: - Este é o major Blake, do SIS.

Blake estendeu a mão a Weaver.

- Prazer em conhecê-lo, sir.

- Talvez seja altura de você fazer a visita guiada, Weaver - interveio Sanson com brusquidão. - Podemos conversar pelo caminho. - Acenou a Helen Kane. - Ponha isto a andar, Helen.

A jovem demorou vinte minutos a dar a volta ao perímetro de segurança. Weaver viu que todo o hotel e quase trezentos hectares do deserto adjacente estavam rodeados por uma cerca de arame farpado pontilhada de ninhos de metralhadoras e patrulhada por guardas armados.

- Temos mais de mil homens de guarda a este espaço - explicou Clayton. - Na altura em que o presidente chegar, vai estar tão bem selado como Fort Knox. Para além disto, o presidente contará com uma guarda de vinte homens dos Serviços Secretos, e ninguém, mas mesmo ninguém, entra na zona sem os documentos apropriados.

- Onde vai ficar instalado o presidente, sir? - quis Weaver saber.

- Numa das suites do hotel. Todos os empregados foram temporariamente substituídos por pessoal militar, à excepção do gerente. Os funcionários árabes tiveram férias pagas. O que nos leva ao nosso amigo árabe. - O general estava com aspecto sério, sendo evidente o seu desagrado. - O que sucedeu foi um desastre. Tem de fazer muito melhor, Harry.

Tinham dado a volta completa, e Helen Kane deteve-se no parque de estacionamento do hotel. Weaver viu que os engenheiros militares tinham acabado de montar uma rampa para cadeira de rodas, e dois afastavam-na para um lado.

- Há um novo elemento muito preocupante, Harry - suspirou Clayton ao sair do jipe. - Major Blake, talvez seja melhor explicar.

O major dirigiu-se a Weaver:

- Ao fim da noite de ontem, um dos nossos agentes em Estocolmo recebeu uma mensagem de fonte alemã altamente colocada. A informação é de que os Alemães tencionam matar o presidente dos EUA e o primeiro-ministro britânico.

- Como? - perguntou Weaver, franzindo o sobrolho.

- Os pormenores são escassos, mas parece que o Serviço de Informações deles sabe que os dois chegam

ao Cairo antes do dia 22. Pretendem enviar uma equipa especializada para montar a operação. - Blake fez uma pausa. - E tudo o que sabemos, sir.

- Compreendo - comentou Weaver, pálido.

- Acho que isto dá uma perspectiva nova e muito grave ao assunto - disse Clayton. - Parece que os vossos temores em relação a esse árabe tinham razão de ser. Desde esta manhã, temos no ar patrulhas costeiras suplementares, assim como na zona de exclusão aérea. O Mediterrâneo Setentrional deve ser assolado nas próximas duas noites por condições atmosféricas bastante más, o que já por si é dissuasor, todavia nenhuma segurança será demais. Os boches estão suficientemente desesperados para tentarem seja o que for. O vosso árabe está com certeza envolvido de uma forma ou de outra, por isso encarrego-o a si e a Sanson de porem ponto final no assunto antes que seja tarde de mais. O presidente chega dentro de trinta e seis horas. Descubram o nosso amigo árabe e bem depressa. Roma

O Dakota fez a aproximação pelo lado do mar e aterrou no Aeródromo Militar de Practica di Mare pouco depois das 7 daquela tarde. Dirigiu-se para um grande hangar, onde meia dúzia de mecânicos da Luftwaffe deitaram de imediato mãos à obra, fazendo a verificação final do aparelho, enquanto uma equipa de pintores se dedicava a acostar-lhe escadas metálicas para poder pintar os distintivos americanos na fuselagem e nas asas. Halder reparou que estavam estacionados nas proximidades dois outros Dakotas idênticos, também com a imitação de distintivos dos EUA.

Schellenberg seguiu à frente dos companheiros de viagem na travessia do hangar até um gabinete particular onde havia uma mesa, poltronas e uma refeição ligeira: sanduíches e café puro acabado de fazer. Remer, o co-piloto, e Falconi entraram atrás deles. O italiano fez um sorriso radiante ao sentir o aroma.

- Café verdadeiro. Nem posso crer. Você excedeu-se, Walter. Só espero que isto não seja uma espécie de Última Ceia de mau agouro.

- Esperemos que não. Façam favor de se servirem enquanto falo em particular com o major Flalder. - Conduziu este para um gabinete ao fundo do hangar.

- Que se passa? - indagou Jack.

Schellenberg abriu o fecho da pasta e retirou dela um mapa esfarrapado.

- Disse-te que havia outra razão para Rachel Stern ser uma parte vital da missão, e é esta a altura de ficares a conhecê-la. Como deves saber, os antigos egípcios gostavam muito de passagens secretas.

- E depois?

- Enquanto vocês estiveram no Egipto em 1939, foi feita uma descoberta bastante interessante na zona das Pirâmides de Gizé, não longe do Mena House. Encontraram uma passagem secreta no sentido da Pirâmide de Quéops. Parece que quase toda ela faz parte de uma caverna natural subterrânea, e o resto foi escavado por ladrões de túmulos ainda nos tempos antigos.

- Como é que tu sabes tudo isso? - perguntou Halder, surpreendido.

- A passagem a que me refiro foi descoberta pelo professor Stern, contudo ele e a família mantiveram o segredo. As notas do professor e este mapa foram encontrados na sua posse quando a Kriegsmarine o recolheu. A verdade foi revelada durante o interrogatório da Gestapo.

- E em que vai essa passagem ajudar-nos?

Schellenberg encolheu os ombros.

- Não sei ao certo se vai, só tu o saberás depois de a veres. No entanto, Besheeba confirmou no relatório da noite passada que ainda há actividade arqueológica em Gizé, o que significa que talvez consigam usar o vosso disfarce para examinarem o local. Então, que achas?

- Pode ser útil - replicou Halder. - Mas muito dependerá da segurança da zona e do estado do túnel.

- Vamos precisar de saber com exactidão quais são as hipóteses antes de os pára-quedistas de Skorzeny serem lançados. Decora este mapa. Não o podes levar por motivos óbvios, porém Fräulein Stern deve lembrar-se dos pormenores. - Bateram à porta, e Schellenberg disse: - Entre.

Era um ajudante-de-campo das SS.

- Mensagem urgente para o meu general.

Entregou-lhe um sobrescrito selado. Schellenberg rasgou-o e retirou a cópia a papel químico de uma comunicação via rádio que leu antes de mandar embora o ajudante-de-campo.

- Algum problema? - perguntou Halder.

Schellenberg abanou a cabeça.

- Muito pelo contrário. O Cairo tem tudo preparado e aguarda a vossa chegada. - Fez um sorriso de triunfo. - Bem, Jack, parece que estamos quase prontos para levantar voo. E não te esqueças: a partir deste momento, a sobrevivência do Reich e o resultado da guerra estão inteiramente nas tuas mãos.

Quarta Parte: 21 de Novembro de 1943

Espaço Aérea Egípcio: 4.35 da Tarde

O Tenente aviador Chuck Carlton, de Dallás, cantava The Yellow Rose of Texas sentado aos comandos do seu Bristol Beaufighter, na tentativa de se manter acordado. Atrás dele, no lugar do navegador, o sargento aviador Bert Higgins já não suportava mais.

- Não sabe mais canções, meu tenente? - perguntou pelo intercomunicador.

- Não há melhor do que isto, meu filho - replicou Carlton com um grande sorriso. - Que diabo, vocês, Britânicos, nem sabem reconhecer uma boa melodia.

Piloto veterano, com quinze anos de experiência de voo numa empresa particular de entregas postais, Carlton alistara-se como voluntário para servir a Grã-Bretanha logo no início da guerra. Oferecer a sua contribuição parecera-lhe a atitude correcta.

- Pronto, estamos quase no fim do nosso turno. Dê-me um azimute e levamos este menino para casa para você poder descansar esses seus ouvidos ingratos.

O Beaufighter estava em patrulha costeira nocturna, voando a cento e cinquenta nós no meio das nuvens. Enquanto verificava a bússola para calcular o rumo para Alexandria, Higgins relanceou o olhar para a massa de feias nuvens de tempestade que se amontoavam à sua esquerda. Havia uma tempestade de areia no solo, o seu remoinho castanho-alaranjado vagamente visível ali em cima, contudo ele comunicara com a torre do Aeródromo de Alexandria e fora informado de que as condições na pista ainda permitiam a aterragem. Quando acabou de verificar o azimute, o Beaufighter emergiu das nuvens a doze mil pés. Olhando para baixo, teve a surpresa de avistar a forma escura de um avião a cerca de uma milha da asa de estibordo.

- Alvo às duas horas em baixo!

Carlton esticou-se e espreitou para baixo, perscrutando o céu negro. O outro aparelho seguia à frente deles, a voar a cerca de dez mil pés.

- É mesmo, camarada. Vamos lá descer e dar uma olhadela.

Carlton manobrou o manche para baixo e para a direita e ao mesmo tempo empurrou as manetes, acelerando. Naquele momento, sabia que tinha vantagem. O alvo estava à frente e abaixo, sendo provável que não o visse aproximar-se. Menos de dois minutos depois, a distância entre os dois era inferior a quatrocentos metros, e ele reconheceu o perfil inconfundível de um Dakota C-47 com camuflagem para a

areia e a bandeira dos EUA pintada na asa e na cauda. Descontraiu-se um pouco.

- E um dos nossos - participou pelo intercomunicador -, mas que raio andará ele a fazer aqui em cima? - Dez minutos antes, Carlton pedira à torre uma actualização do tráfego aéreo e não recebera informações relativas a qualquer aparelho nas proximidades. - Ora bem, vamos lá interpelá-lo. - Accionou o botão do rádio para a posição de transmitir. - C-47, aqui patrulha costeira à retaguarda, acima, às cinco horas, identifique-se. Escuto.

Não obtendo resposta, Carlton tentou de novo e, continuando a não obter resposta, fez uma rápida passagem pelos outros três canais de comunicação para o caso de o C-47 estar a tentar transmitir. Estavam todos mudos.

- Qual é a sua ideia, meu tenente?

Carlton foi cauteloso. O briefing anterior ao voo fora muito específico. Um relatório do Serviço de Informações sugeria a probabilidade de os Alemães procurarem penetrar as defesas aéreas aliadas ao longo da costa do Norte de África, e todos os aparelhos encontrados durante a patrulha tinham de ser verificados.

- Chame a torre de Alexandria e veja se há algum C-47 na zona.

Carlton ouviu Higgins chamar a torre e obteve a resposta nos seus

auscultadores momentos depois:

- Lariço, aqui torre de Alexandria. Não há participação de qualquer C-47 aliado na vossa zona. - Após uma pausa, a voz continuou: - E melhor trazerem-no convosco.

Carlton endireitou-se, entusiasmado. O C-47 podia ser legítimo, mas ele não duvidava da possibilidade de os Alemães utilizarem aparelhos capturados aos Aliados. Fosse como fosse, ia descobrir, e bem depressa. O C-47 não possuía artilharia e era lento. O Beaufighter podia facilmente ultrapassá-lo e, se necessário, derrubá-lo.

Abriu a tampa vermelha com a palavra fogo sobre o manipulo que disparava as metralhadoras.

- Muito bem, só para jogarmos pelo seguro, vamos apresentar ao nosso amigo as cores do dia. Se não houver resposta ou ele a der na sequência errada, disparo uma rajada de aviso e depois logo se vê.

Falconi estava com ar preocupado quando Halder irrompeu no cockpit do Dakota.

- Que se passa?

- Temos um Beaufighter da RAF no nosso encalço - gritou Falconi acima do ruído dos motores. - Mostrou-nos um código de cores. Como não respondi, o filho da mãe disparou duas rajadas de balas tracejantes à frente do nosso nariz.

Halder olhou lá para fora e viu um caça a par deles à direita. O outro aparelho começou a agitar as asas e



momentos depois baixou o trem de aterragem.

- Que está ele a fazer? - inquiriu Halder.

- A dizer-nos delicadamente que devemos segui-lo até Alexandria e aterrar. Se não o fizermos, rebenta connosco.

- Estupendo. Podes fazer alguma coisa?

- O Beaufighter é muito mais rápido do que nós, Jack. Não há qualquer hipótese de lhe escaparmos. E, se queres saber, acho que já lhes cheirou a esturro.

- A que distância estamos da costa?

- Umhas trinta milhas. Menos de dez minutos de voo.

- Temos de lhe escapar, Vito - disse Halder num frenesim. - Faz o que puderes.

- E mais fácil de dizer do que de pôr em prática. - Falconi limpou a transpiração da cara e ajustou as correias do cinto de segurança. - A única hipótese muito remota que temos de fugir ao nosso amigo é atirarmo-nos de cabeça para aquela tempestade de areia. - Apontou para a costa, e, sob a luz fraca da alvorada, Halder reparou no castanho-alaranjado rodopiante de uma violenta tempestade de areia a estender-se por todo o litoral desértico. - Se entrarmos nela depressa e a baixa altitude, pode ser que o despistemos. E melhor avisares os outros de que podemos ter problemas. Depois, volta para aqui e amarra-te a um assento.

Chuck Carlton suave. O Beaufighter estava a ser loucamente fustigado pela tempestade de areia, e ele sabia que os motores não gostavam daquilo. Não contara que o alvo procurasse fugir, pois não tinha qualquer hipótese, principalmente com aquele tempo. Agora já tinha a certeza de que o intruso era um inimigo, e a sua adrenalina fluía na antecipação de uma caçada bem-sucedida.

Atrás dele, Higgins, pálido-acinzentado, observava a areia dourada a passar velozmente pelo vidro laminado, mal conseguindo distinguir a cauda do C-47, menos de quatrocentos metros à frente. Tinha os nervos em franja. Se o C-47 reduzisse a velocidade, entravam-lhe pela cauda adentro.

- Talvez ... talvez devêssemos sair daqui, sir - sugeriu com ansiedade pelo intercomunicador.

- Nem pensar - redarguiu Carlton acima do ronco do motor. Tinha o C-47 em plena mira. - Estamos quase a apanhá-lo, e vou mandá-lo desta para melhor. - Com isto, Carlton premiu uma vez mais o botão, as seis metralhadoras .303 crepitaram nas asas e as balas tracejantes sibilaram em direcção ao alvo, quais vespões irados.

Um projectil penetrou pelo lado direito do cockpit, abrindo caminho pela fuselagem. Atingiu o co-piloto de Falconi de lado, fazen-

do-o rodar no assento. Remer soltou um grito, levando a mão ao ferimento. Halder ia ajudá-lo, porém Falconi bradou:

- Deixa-o! Não me distraias!

O piloto tinha os olhos fixos mesmo em frente, como se procurasse algo no meio da tempestade, e nessa altura passou nova rajada de projecteis do lado esquerdo. Estavam quase a aflorar o solo, com dunas baixas a rolar, quais ondas douradas, mesmo sob o avião, até que de repente Halder viu uma enorme colina de areia mesmo em frente.

- Vito! Por amor de Deus! - exclamou.

Contudo, parecia que Falconi estivera precisamente à espera daquele momento, quase a contar com ele. Num instante, as suas mãos moveram-se com rapidez, acelerando, puxando o manche com força, baixando os flaps. O nariz levantou bruscamente e o C-47 passou a rasar a duna. Houve um raspar metálico quando a fuselagem aflorou o topo, mas, por milagre, o aparelho continuou a subir.

- Co,'a breca, Vito, foi por pouco!

O rosto pálido de Falconi pingava de suor.

- Perto de mais. Agora, só nos resta rezar para que o nosso amigo não veja o obstáculo a tempo.

Carlton tentava manter o olhar no C-47, preparando-se para disparar uma vez mais, quando viu de súbito a cauda do alvo em subida abrupta.

Um segundo depois, avistou uma enorme duna mesmo em frente. Puxou o manche com frenesi.

Higgins soltou um berro. Foi o último som que Carlton ouviu pelos auscultadores antes de o Beaufighter raspar o cimo da duna, rodar sobre si próprio descontroladamente, afocinhar na areia e explodir numa bola de cauterizante fogo cor de laranja.

- Pobres desgraçados. Deus tenha piedade deles - exclamou Falconi, ao mesmo tempo que limpava da cara uma camada de transpiração e nivelava o Dakota. - É melhor tratares de Remer.

Halder procurou o pulso do co-piloto. Estava fraquíssimo.

- Está vivo ... por pouco.

- Vai buscar o estojo de primeiros socorros à cabina e vê o que se passa com os outros. Mas despacha-te, Jack. Remer parece não estar nada bem.

Halder regressou à cabina e viu Rachel de pé, agarrada à rede de

carga, com aspecto assustado e pálido. Kleist e Doring pareciam abalados pela experiência, mas, por incrível que parecesse, ninguém fora atingido além de Remer.

- O pior já passou ou vai começar agora? - indagou Kleist com frieza.

- Parece que por enquanto estamos safos. Procurem o estojo de primeiros socorros. O co-piloto foi ferido com gravidade.

No momento em que Kleist entregava o estojo a Halder, houve uma agonizante sensação de queda e o avião começou a perder altitude.

- Deixem-se ficar sentados, todos vocês! - Jack foi para o cockpit e leu profunda preocupação no rosto de Falconi. - Que se passa agora? - quis saber, ao mesmo tempo que fazia um penso ao ferimento do piloto inconsciente.

- Problemas de motor. O mais provável é termos sugado areia e esta ter provocado danos. E estamos a perder combustível muito rapidamente. Os tiros devem ter rompido os tubos do combustível. Vou ter de tentar uma aterragem de emergência.

Nesse preciso momento, os motores calaram-se. Fez-se um silêncio assustador, apenas quebrado pelo silvo do vento nas asas, e logo o Dakota iniciou uma queda pavorosa.

- Prende-te ao assento, Jack - gritou Falconi. - Depressa!

Halder enfiou-se no lugar do operador de rádio e prendeu as correias. A sensação de afundamento era terrível, e depois as rajadas de areia tornaram-se esparsas, revelando o deserto a subir ao seu encontro. Preparou-se para o impacto.

O Dakota embateu no solo com uma força incrível e rasgou um sulco na areia, até a asa esquerda embater em qualquer coisa, fazendo capotar o aparelho.

Berlim

Canaris estava no seu gabinete quando o oficial às ordens deu entrada a um Schellenberg de aspecto cansado. O almirante indicou-lhe uma cadeira.

- Sente-se. - Schellenberg assim fez, e Canaris prosseguiu, roufeno: - Recebeu o meu recado sobre a morte de Pauli Halder?

Schellenberg conseguiu aparentar a compunção adequada.

- Recebi. Uma calamidade terrível, mas que outra coisa seria de esperar? Eles mandam bombardeiros para destruírem as nossas cidades, matarem e estropiarem os nossos ...

- Cale-se, Schellenberg. Não estou com disposição para um dos discursos à Goebbels. Você prometeu a Halder que mandava transferir o filho dele para um hospital fora de Berlim. Então, porque não o fez?

Schellenberg irritou-se perante a acusação implícita no tom de voz do interlocutor.

- Não sei se gosto do seu tom. Todavia, só cheguei de Roma há uma hora. Não houve tempo.

- Raios o partam, Schellenberg! Se você tivesse feito o que prometeu antes de partir, o garoto ainda estava vivo.

O general levantou-se e empurrou a cadeira para trás, irado.

- Não sou obrigado a aturar-lhe isto.

- Sente-se. Ainda não acabei. Você também mentiu a Rachel Stern.

- Sobre quê? - perguntou Schellenberg, franzindo o sobrolho.

- Sobre o pai. Verifiquei em Dachau. Pelos registos de lá, o professor Stern nem chegou a dar entrada no campo após a detenção há quatro anos. Que se passa, Schellenberg? Os seus amigos da Gestapo espancaram-no até à morte naquelas caves deles? Mentiu-me?

Schellenberg encolheu os ombros com indiferença.

- É verdade. Não lhe contei a história toda. E depois?

- Então, agora tudo se torna claro. Enganou a mulher e não cumpriu a promessa que fez a Halder. Você é um tipo desprezível, Schellenberg, tal como todos os seus amigos sanguinários da Gestapo.

Schellenberg ignorou a tirada.

- Não quer saber em que pé se encontra a missão?

- Por estranho que pareça, neste momento estou-me nas tintas. - Era mentira, claro, no entanto Canaris esforçou-se por disfarçar a curiosidade.

- O Dakota desapareceu. Ou se despenhou, ou foi obrigado a aterrar em território inimigo, ou foi abatido. O nosso agente em Abu Sammar enviou há uma hora uma mensagem via rádio a dizer que o avião não apareceu no ponto de encontro.

Desta vez, Canaris empalideceu. Talvez a mensagem de Silvia tivesse passado. A consciência de poder ter contribuído para as mortes de Halder e da rapariga provocou-lhe um doloroso espasmo de remorso.

- Estou a ver. - Aparentava choque e tristeza. - Então, acabou-se tudo? Ou morreram ou foram capturados?

- Receio que sim.

Cairo: 21 de Novembro

Weaver acordou com o grito de chamada do almuadem à oração. Dormira no gabinete numa cama de campanha depois de ter relido todos os dossiers sobre simpatizantes árabes. Ao levantar-se, doía-lhe o corpo todo.

A porta abriu-se, e Helen Kane entrou munida de uma bandeja em que transportava café fumegante e um prato com pãezinhos quentes.

- Achei que talvez quisesse tomar o pequeno-almoço.

- Veio cedo.

- É dedicação - redarguiu ela com um sorriso. Pousou o tabuleiro em cima da secretária. - Acabou de chegar um relatório do Comando da RAF que deve ser do seu interesse. Houve um incidente estranho em Alexandria.

- Que espécie de incidente?

- Um avião em patrulha costeira, um Beaufighter da RAF, comunicou ter deparado com um Dakota americano não identificado a voar a noroeste de Alexandria. O piloto ia interceptá-lo, mas parece que a torre perdeu o contacto e o Beaufighter desapareceu. Foi durante uma violenta tempestade de areia e as condições de voo eram horrorosas.

- E o Dakota?

Helen Kane abanou a cabeça.

- Parece que também não sabem o que lhe aconteceu. O Comando Costeiro de Alexandria sugeriu que o Dakota podia ser um intruso e pediu ao QG da RAF no Cairo que lançasse um alerta em relação a ambos os aparelhos ou aos seus destroços. Pensaram que talvez quiséssemos estar informados.

Weaver dirigiu-se ao mapa de parede. Contemplou-o durante longos momentos, depois olhou para trás com uma pitada de entusiasmo.

- Entre em contacto com o QG da RAF e peça informações sobre qual era o rumo que o Dakota seguia quando foi detectado pelo Beaufighter.

- Vou já tratar disso.

- A seguir, ligue a Sanson e peça-lhe que venha cá o mais depressa possível. Se aparecer alguma coisa, vamos ter de ir dar uma olhadela.

35 KM A SUDOESTE DE ALEXANDRIA

Halder acordou com uma dor de cabeça terrível e uma brisa selvagem a atirar-lhe areia para a cara. O vidro do cockpit estilhaçara-se, e ele continuava preso ao lugar de operador de rádio. O avião estava tombado para o lado esquerdo, e Remer pendia do assento num ângulo grotesco, com os olhos arregalados na morte. Falconi jazia no seu lugar a gemer de dor.

- Estás ferido, Vito? - perguntou Jack.

- Tenho o pé preso. Não consigo mexer-me.

Halder soltou as correias e chegou-se à frente. O pé direito de Falconi ficara preso debaixo de um dos pedais do leme, e ele tinha um grande ferimento abaixo do joelho. Jack tirou o cinto, atou-lho com força acima do golpe, na tentativa de suster a hemorragia, e a seguir procurou libertar-lhe o pé em vão.

- Vou precisar de ajuda.

-- Pobre desgraçado - comentou Falconi, fitando o cadáver do co-piloto. - A asa de bombordo deve ter-se enfiado numa duna assim que nos despenhámos.

- Não tiveste culpa. Já muito fizeste tu. - Halder virou-se com ansiedade para a porta da cabina, preocupado apenas com a sorte de Rachel. - Vou ver se os outros sobreviveram.

Dirigiu-se para o fundo da cabina. A fuselagem encontrava-se amachucada em certos pontos, mas de resto intacta. Kleist ajudava Doring a erguer-se, e Rachel tratava um golpe que tinha a sangrar na cabeça.

- Estás bem? - perguntou Halder. - Deixa-me ver a tua cabeça. - Examinou o ferimento. -- Não parece grave. Como é que te sentes?

- Como se alguém me tivesse batido com um martelo.

Ele ajudou-a a levantar-se e a seguir perguntou a Kleist e Doring:

- Algum de vocês ficou ferido?

- Só uns arranhões, mas estamos vivos - respondeu Kleist, sorumbático. - Eu tinha razão relativamente aos pilotos italianos. São umas nódoas.

- As coisas podiam ter sido muito piores. Venha cá à frente ajudar-me. O co-piloto morreu, e Falconi está preso.

Dirigiram-se ao cockpit e, com o auxílio de Kleist, Halder tentou sem êxito libertar a perna de Falconi do pedal destruído. O piloto tinha a cara coberta de uma película de suor e parecia estar num sofrimento terrível.

- Não serve de nada, Jack. Precisavas de uma espécie de alavanca.

- Vou ver se encontro alguma coisa lá fora no meio dos destroços.

- Não podemos ficar aqui - protestou Kleist. - Assim que a tempestade abrandar, pode aparecer uma patrulha para investigar.

- Preocupamo-nos com isso mais tarde. - Halder virou-se para Falconi. - Onde diabo estamos nós, Vito?

- Estamos a menos de dez quilómetros a norte da zona de lançamento.

- Não conseguíamos chegar a tempo ao encontro, isso de certeza. Tentar atravessar o deserto nestas condições atmosféricas era correr riscos desnecessários. - Voltou-se para Kleist. - Espere aqui, eu vou lá fora.

Jack saiu, mas Kleist seguiu-o e agarrou-o pelo braço.

- Escute, Halder, o piloto vai atrasar-nos quando tentarmos prosseguir. Pelo aspecto, tem o pé partido.

- E que sugere você?

- Deixá-lo. Melhor ainda se o matarmos. Como lhe disse, não confio nos Italianos. Se os Aliados o encontrarem, é provável que nos denuncie para tentar salvar a própria pele.

Jack libertou-se.

- Você está sob o meu comando, Kleist. Não quero ouvir falar mais em matar seja quem for. E ninguém vai para lado nenhum enquanto eu não avaliar as nossas hipóteses na tempestade. Agora, espere aqui. E uma ordem.

Halder atravessou a cabina até à parte de trás, passando por Rachel e Doring, forçou a porta da carlinga, cobriu a boca e o nariz com o braço e saltou lá para fora. O tempo estava terrível, mas os destroços proporcionavam um certo abrigo. Metade da asa esquerda do Dakota fora completamente arrancada, restando apenas metal contorcido. Encontrou um bocado de estabilizador arrancado e logo se apressou a regressar à cabina e fechar a porta ao vento.

Kleist aguardava com ar infeliz.

- Então, qual é o veredicto?

- Não teríamos quaisquer hipóteses se tentássemos prosseguir nestas condições. É melhor esperarmos que a tempestade amaine. Agora, venha ajudar-me a tentar libertar Falconi.

Levaram mais de meia hora a soltá-lo, e o pé de Falconi ficou muito magoado e inchado nessa operação. A hemorragia não parara. Transportaram-no para a cabina, onde Jack apertou mais o garrote e verificou o osso lesado.

- Parece que tens uma fractura.

- Seja o que for, amico, dói como burro.

A tempestade parecia ter abrandado um pouco. Kleist foi até à porta da cabina, espreitou lá para fora e perguntou a Halder:

- Quando partimos?

- Assim que conseguirmos aprontar uma espécie de maca. - Apontou para a rede de carga, que se estendia pelo lado de dentro da fuselagem. - Veja o que pode fazer com aquilo. E peça a colaboração de Doring.

- Tenha juízo, Halder, por amor de Deus! Ele vai atrasar-nos.

- O tipo tem razão, Jack - concordou Falconi. - Terão mais probabilidades se não tiverem de cuidar de um inválido.

Halder não lhe ligou e disse com severidade a Kleist:

- Obedeça à ordem.

O outro oficial virou-se, irado, e ele e Doring começaram a retirar parte da rede, arrancando-a das paredes. Rachel encontrou um penso e uma tala no estojo de primeiros socorros e ligou o pé de Falconi.

- Grazie, signorina. E enfermeira?

- Lamento, mas não sou.

- Não faz mal, é um anjo.

- Os Italianos nunca deixam de ser galanteadores?

- Deve estar-nos na massa do sangue. - Falconi conseguiu esboçar um fraco sorriso.

Rachel foi ter com Jack.

- E agora?

- Há uma aldeia a menos de quinze quilómetros a oeste daqui. Se tivéssemos transporte, faria sentido tentar primeiro o local de aterragem marcado, para o caso de o nosso contacto ter decidido esperar mais algum tempo. Mas como não temos, é melhor esquecer essa hipótese.

- E se houver tropas na aldeia?

- Uma possibilidade muito real. Teremos simplesmente de manter os nossos disfarces.

Kleist e Doring regressaram com uma rudimentar maca de rede.

- Foi o melhor que conseguimos - declarou Kleist com maus modos.

Transportaram Falconi lá para fora e depositaram-no na rede. O vento abrandara, o Sol nascera e a visibilidade melhorara consideravelmente.



- Certifiquem-se todos de que têm os seus pertences e vamos embora - ordenou Halder.

Ele e Kleist transportavam a maca improvisada. Tinham percorrido uma pequena distância quando Doring gritou:

- Temos companhia, meu major!

Jack reparou num veículo a pequena distância levantando uma nuvem de poeira, e o coração caiu-lhe aos pés. Um jipe do Exército Britânico precipitava-se na direcção deles, com dois oficiais fardados no banco da frente. Um deles vinha em pé, agarrado ao pára-brisas da viatura, de pistola em riste.

- Bestial! - exclamou Kleist. - E então agora, major?

Halder limpou o suor da cara.

- Mantenham as cabeças frias. - Ajoelhou ao lado de Falconi. - Vito, temos um problema a caminho ... dois oficiais britânicos num jipe. Geme se tiver de ser, mas não pronuncies uma única palavra.

Falconi, banhado em suores frios, disse com voz fraca:

- Isso ... isso não vai ser difícil, amico.

- Os restantes deixem as despesas da conversa por minha conta.

O jipe deteve-se, e o oficial britânico que ocupava o lugar de passageiro apeou-se. Envergava uma farda de capitão coberta de pó e empunhava um revólver Smith & Wesson.

- Não se mexam! Todos de mãos no ar!

- Graças a Deus encontrou-nos - exclamou Jack. - Sou o professor Paul Mallory, e estes são membros da minha equipa arqueológica. O nosso avião despenhou-se.

O capitão permanecia cauteloso.

- Ai sim? - Relanceou o olhar por cima do ombro para o camarada. - Revista-os, Hugo. Vê se estão armados.

Um tenente de rosto muito jovem saiu do jipe e revistou-os um de cada vez, incluindo Falconi, desarmando este da Colt automática, retirando as carteiras a todos e folheando-lhes os documentos de identidade.

- Estavam todos desarmados, meu capitão, excepto o piloto. E os documentos parecem em ordem, só os do piloto é que não encontrei.

- Mostra-mos.

- Podemos ao menos baixar as mãos? - perguntou Halder.

- Podem, mas permaneçam imóveis.

O tenente entregou os documentos, que o capitão examinou.

- Então, o senhor é americano, está acompanhado por dois sul-africanos e a senhora é judia alemã?

- Exacto - confirmou Jack.

- Uma boa mistura. - O capitão olhou para Falconi. - E o piloto? Não tinha documentos.

- Devem estar no local do despenhamento. Ele ficou muito ferido. - Halder soava impaciente. - Agora, se não se importar, precisávamos de ajuda para levá-lo a um médico.

- Espere lá, professor. Eu ainda não acabei. - O capitão continuava a apontar-lhes o revólver. - Para onde iam?

- Para o Cairo e a seguir para Luxor.

- Fazem parte de uma equipa arqueológica, diz?

- Exacto. Estamos a trabalhar numa escavação no Vale dos Reis.

O capitão franziu o sobrolho.

- E que diabo faziam num avião a sudoeste de Alexandria?

Jack fingiu frustração perante o interrogatório:

- Já que quer saber, regressávamos da Sicília. Foi-nos pedido que examinássemos uns achados arqueológicos descobertos pelo Exército Americano. Os Alemães roubaram um bom número de artefactos no Norte de África e levaram-nos na retirada. E eram até uns achados muito valiosos. Deparámos com mau tempo e tivemos problemas de motor no regresso. O nosso co-piloto morreu. O piloto fez uma aterragem de emergência no meio de uma tempestade de areia.

O oficial meditou por instantes e franziu o sobrolho, indeciso.

- Bem, os vossos documentos parecem em ordem. No entanto, vou ter de confirmar a história junto das autoridades em El Âmiriya. Temos lá médico para se ocupar do vosso piloto. - O capitão tirou o boné e limpou a testa. Guardou o revólver, com as suspeitas obviamente reduzidas, mas não lhes devolveu os documentos. - É melhor ficar com isto até estar tudo esclarecido. - Chamou o tenente: - Vamos embarcar estas pessoas, Hugo.

- Sim, meu capitão.

O tenente ajudou Kleist e Doring a levarem Falconi para o jipe. O piloto continuava quase inconsciente, a gemer enquanto era instalado.

- Foi uma sorte para nós terem aparecido nesta altura - comentou Halder. - Estão em missão de patrulha?

- Santo Deus, não. Vínhamos a regressar à base após uma sessão de póquer com uns camaradas do Exército em Hammam, mas perdemo-nos quando o raio da tempestade se desencadeou. Tivemos que ficar

à espera que passasse, abrigados por umas rochas, uns cinco quilómetros a oeste daqui. Ora bem, vamos lá a entrar para irmos dar uma olhadela rápida a esse vosso avião. Vi os destroços pelos binóculos imediatamente antes de avistar o vosso grupinho.

- Capitão, o nosso piloto está muito ferido ...

- Já dei por isso, mas enquanto aqui estamos preciso de verificar a vossa história. Despachamo-nos enquanto o Diabo esfrega um olho.

Antes de Halder poder protestar, já o capitão se encaminhava a passos largos para o veículo. Jack deu o braço a Rachel, seguiu-o e ajudou a jovem a subir para a parte de trás do jipe superlotado, com plena consciência de que o disfarce deles seria desmascarado assim que o capitão vislumbrasse os buracos de balas no Dakota.

Enquanto a viatura se aproximava do local do acidente, Falconi gemia , tremendo com dores.

Halder pôs-lhe a mão na testa, que fervia, e percebeu que o piloto não estava a representar.

- Capitão, temos de levar este homem a um médico com urgência. Se ele morrer, farei que seja pessoalmente responsabilizado.

- Calma aí, professor! Tenho o raio de um dever a cumprir. - O tenente parou a pequena distância dos destroços, e o capitão apeou-se. - Parece que tiveram uma sorte dos diabos em sobreviver. Não demoro nada. Não desligues o motor, Hugo.

- Sim, meu capitão.

Os buracos das balas não eram visíveis à primeira no meio do metal retorcido, contudo, assim que deu uns passos, o capitão rodou sobre si próprio com uma palidez acinzentada.

- Este avião foi alvejado ...

Ia levar a mão à arma, mas o braço de Halder rodeou o pescoço do tenente enquanto Kleist lhe arrancava o revólver e lho apontava à cabeça.

- Eu não fazia isso, capitão - dirigiu-se-lhe Jack. - Agora, atire para aqui a sua arma depressinha.

Halder acenou com o revólver e mandou os dois oficiais para dentro do Dakota.

- Dispam as fardas os dois. - Virou-se para Kleist e Doring. -

Quando estiverem despídos, amarrem-nos bem à fuselagem.

Os oficiais despiram-se, tal como lhes foi ordenado. O capitão parecia assombrado e temeroso.

- São alemães, não é verdade? - perguntou a Jack. - Importa-se de me dizer o que se passa?

- As perguntas, capitão, não o levam a parte alguma. Cale-se, por favor.

Depois de prender os dois homens, Kleist indagou:

- Que fazemos com as fardas?

Halder avaliou-lhes os tamanhos.

- Fico com a do capitão. - Atirou a farda de tenente a Doring. - Vista essa a ver se lhe serve.

Doring experimentou as roupas, que lhe assentavam razoavelmente bem. O SS sorriu do alto para o jovem tenente em roupa interior e bateu-lhe nas costelas com a ponta da bota.

- Então, passo por Englander?

- Deixe-o - ordenou Halder a Doring. Voltou-se para os militares. - Receio que tenhamos de os abandonar aqui.

- Podemos morrer de sede antes de nos encontrarem.

- Dou uma ração de água a cada um antes de partirmos.

Jack indicou a Doring e Kleist que se lhe reunissem no exterior. Espetou um polegar na direcção de Doring.

- Veja se têm mapa no jipe. Kleist, dê água aos nossos amigos e depois pomo-nos a mexer.

- Está louco? Não vai deixá-los vivos?! - exclamou Kleist, espantado. - Podem descrever-nos aos camaradas.

- Não vou assassinar ninguém a sangue-frio e já temos problemas que cheguem. Agora, faça o que lhe mandei.

Kleist não protestou, de rosto lívido, parecendo pensar melhor. Dirigiu-se à pressa para os destroços, pegando de caminho nos cantis de água, ao mesmo tempo que Doring regressava.

- Não há sinais de qualquer mapa, meu major, mas trouxe a bússola deles.

- Estamos metidos numa alhada, não é? - comentou Halder, virando-se para Rachel. - Em todo o caso, é preciso ver o lado positivo das coisas ... pelo menos temos transporte. - Despiu a roupa de safari, enfiou a camisa do capitão e respectiva farda e pôs o revólver no coldre.

- Podes ter uma pequena semelhança com o capitão, mas se esses documentos forem verificados com atenção, não passas por ele.

- Um facto de que tenho plena consciência, contudo deixa-me preocupar com isso quando chegar o momento. - Voltou-se para Doring. - Diga a Kleist que vamos embora.

De súbito, explodiram dois tiros dentro do Dakota. Jack empalideceu e virou-se na direcção dos destroços, percebendo instintivamente o que sucedera.

- Kleist! Seu animal de um raio!

Quando chegou à porta do avião, vinha Kleist a sair, empunhando o revólver com um penacho de fumo a sair do cano. Halder espreitou lá para dentro e viu os corpos dos dois jovens oficiais, cada um deles com uma bala na cabeça. Agarrou Kleist pelas lapelas, furioso.

- Seu sacana! Matou-os a sangue-frio!

- Se você não conseguia fazê-lo, eu consegui - declarou o interpelado. - Estamos em guerra, Halder ...

Jack deu-lhe um soco na cara. Kleist foi atirado para trás contra os destroços e deixou cair o revólver. Levantou-se com dificuldade, o ódio a incendiar-lhe os olhos.

- Você é um homem morto, Halder. Morto!

Atirou-se ao outro, de braços abertos como um urso furioso, atingindo-o com toda a sua altura e derrubando-o. Arremeteu para cima dele, a socá-lo com selvajaria, com os punhos a baterem-lhe na cara. Halder ripostou e conseguiu afastar-se, rebolando; no entanto, quando procurou sacar a arma do coldre, Kleist arremeteu de novo.

Desta vez, ele estava preparado. Levantou o pé e atingiu o adversário abaixo do joelho. Kleist rugiu de dor e cambaleou para trás agarrado à perna. Jack levantou-se e desatou a socar o outro numa rápida e violenta sucessão de golpes. O SS, atordoado, girou, e Halder rodeou-lhe o pescoço com um braço.

- Basta, Kleist, senão parto-lhe o pescoço!

- Doring! - conseguiu Kleist gritar em voz rouca. - A arma!

Doring hesitou, acabando por correr a recuperar o revólver de

Kleist, caído na areia, mas Rachel passou-lhe uma rasteira, atirando-o de borco e foi ela quem apanhou a arma. Quando Doring se levantou, viu-a apontada à sua cara.

- Cabra! - Doring encaminhou-se na direcção de Rachel.

- Mais um passo e mato-o.

Ele parou de imediato. A expressão dos olhos dela sugeria que aquilo era a sério. Rachel manteve a arma apontada a Doring, dizendo a Kleist:

- A menos que queira o seu camarada morto, faça o que Halder lhe diz.

Kleist percebeu que estava derrotado e obedeceu. Jack afastou-o e sacou do revólver.

- Major, eu ... - começou Doring, na defensiva.

- Bico calado e vá para junto de Kleist. - Doring obedeceu, e Halder apontou-lhe a arma. - Eu devia pôr ponto final no assunto aqui mesmo. E você, Kleist, nem desprezo merece. Uma bala, sim.

O possante SS limpou sangue do nariz.

- Raciocine, Halder. Se eles fossem encontrados com vida, éramos apanhados em três tempos. Assim, temos ao menos uma oportunidade.

Jack sabia que aquilo tinha uma lógica brutal, porém a implacável selvajaria de Kleist fazia-o detestá-lo.

- Entrem para o jipe. Para a frente, onde posso manter-vos sob vigilância. Temos uma missão a cumprir. - Os SS obedeceram, e Halder foi ter com Rachel, que lhe entregou o revólver. - Lamento que tenhamos chegado a isto. Aqueles homens não mereciam morrer. Podes ter a certeza de que não vai passar muito tempo até as patrulhas inimigas saírem à nossa procura. Com sorte, chegamos ao aeródromo em vinte minutos. Só nos resta rezar para que o nosso contacto ainda lá esteja.

Alexandria

Um jipe da Polícia Militar com capota de lona esperava no aeródromo quando o Avro Lancaster aterrou. Assim que Weaver e Sanson desceram do avião, um oficial britânico foi ao encontro deles e fez-lhes continência.

- Tenente-coronel Sanson? Apresenta-se o capitão Myers, da Segurança do Campo. As suas ordens, meu tenente-coronel.

Sanson correspondeu à continência.

- Este é o tenente-coronel Weaver, do Serviço de Informações Militares dos EUA. Trabalha em conjunto connosco.

- Muito prazer em conhecê-lo, sir. - O capitão virou-se de novo para Sanson. - Consta-me que está interessado no Dakota desaparecido, que talvez seja um intruso alemão?

- Descobriram mais alguma coisa?

- Soubemos há apenas dez minutos, sir, que um dos nossos aviões de busca avistou os destroços de um Dakota com identificação americana em pleno deserto, cerca de quarenta quilómetros a sudoeste daqui. O piloto pensa que talvez também tenha avistado o Beaufighter uns oito quilómetros mais a norte.

- Ótimo. Há sinais de sobreviventes?

O capitão abanou a cabeça.

- Não no que diz respeito ao Beaufighter. Está completamente destruído, pois embateu de frente na crista de uma duna. Todavia, a fuselagem do Dakota ainda parece intacta, portanto é possível que os passageiros tenham sobrevivido.

- De quanto tempo precisamos para chegar lá?

- Se nos despacharmos, menos de uma hora.

Abu Sammar

Halder esperava com Rachel na recepção do hotel, enquanto Kleist e Doring permaneciam sentados no jipe a olhar por Falconi. Um grupo de crianças andrajosas reunira-se à volta deles, seguindo o veículo até à aldeia desde o momento em que tinham aparecido.

Abu Sammar não passava de um conjunto de edifícios de madeira e adobe no meio do nada, atravessada por ruas de terra e becos estreitos. O hotel não era grande coisa, uma pobre construção de três andares com um pátio fechado ao lado, sendo o único hotel numa aldeia que parecia nem daquele precisar.

- Não é propriamente o Ritz - comentou Jack para a companheira. Havia uma campainha em cima da secretária, e ele voltou a bater-lhe antes de baixar os olhos para um garotito parado ao seu lado. - Tens a certeza de que o teu pai está cá, Mafouz?

Tinham encontrado o rapazinho na pista de aterragem a apascentar cabras. O pai deixara-o lá para o caso de, por milagre, os alemães aparecerem.

- Vou à procura dele.

- Lindo menino. - Halder deu uma palmadinha na cabeça do garoto, e, um minuto ou dois depois, ele regressou com um homem de fraca figura que usava fez e djelaba.

O recém-chegado fitou com desconfiança a farda britânica de Jack.

- Posso ajudar o senhor?

- Procuro o proprietário, Achmed Farnad - respondeu o interpelado em árabe fluente.

- Eu ... eu sou Achmed.

- Um conhecido nosso de Berlim fez reservas para nós, mas não conseguimos evitar um atraso.

Achmed soltou um suspiro de alívio e limpou o suor da cara.

- Pensei que vinham prender-me.

- Depois, explico as fardas. De momento, temos necessidade urgente do seu auxílio. Estamos com um problema.

- Que espécie de problema? Esperei mais de duas horas no aeródromo. Que sucedeu?

- O nosso avião despenhou-se a dez quilómetros daqui. O piloto está ferido com gravidade. Há médico na aldeia?

- O mais próximo fica a um quarto de hora de distância. E não é homem em quem eu confie ... dá-se com os Britânicos.

- Com certeza há alguém na aldeia que tenha conhecimentos médicos.

Achmed encolheu os ombros.

- Há uma velhota que passa por parteira, no entanto, se quiser saber a minha opinião, é uma inútil.

- Não temos por onde escolher. Chame-a cá o mais depressa possível e é melhor arranjar-nos quarto. Precisamos de um sítio onde haja privacidade para cuidar do nosso camarada. Tem mais hóspedes?

O interlocutor abanou a cabeça, arrancando com relutância uma chave de um gancho na parede.

- Para além da minha mulher e do meu filho, não há mais ninguém no hotel.

Halder virou-se para Rachel.

- Diz aos outros que levem o jipe para o pátio das traseiras e tragam Vito para dentro o mais depressa possível.

A velhota não tinha um único dente e estava no mínimo na casa dos oitenta. Vestida de preto da cabeça aos pés, os seus olhos quase tapados fitaram-nos à cautela.

- Chama-se Wafa - disse Achmed em inglês. - Conte-lhe que tinham tido um acidente de automóvel. Ela concordou em fazer o que puder.

A mulher transportava uma antiga maleta de médico, e Jack não pôde deixar de reparar que tinha as unhas imundas. Aproximou-se de Falconi e, ao arregaçar as mangas e fingir que lavava as mãos numa bacia, chamou Achmed e tagarelou qualquer coisa num dialecto tão cerrado que Halder não percebeu.

- Que disse ela?

- Que não pode trabalhar com homens a espreitarem por cima do seu ombro. Só quer a senhora para a ajudar. Nós temos de sair do quarto.

- Achas que consegues ajudá-la? - perguntou Jack a Rachel.

- Farei os possíveis.

- Chama-me se precisares de alguma coisa.

Halder fez sinal aos restantes, e Achmed conduziu-os lá para baixo, para uma cozinha imunda nas traseiras do hotel. A mesa estava posta com uma travessa de pão quente e tâmaras e um fedorento queijo de cabra.

- Sirvam-se de comida. De momento, nada mais podem fazer que não seja esperar e rezar.

Jack não ligou à comida e disse a Achmed:

- Devido ao nosso problema, podemos ter de desistir do plano original de você nos conduzir a Alexandria disfarçados de arqueólogos. Portanto, vamos ter de inventar outro. Tem mapas da zona até Alexandria?



Achmed abanou a cabeça.

- Só tenho um velho guia que um turista qualquer deixou para trás. Tem pelo menos vinte anos.

- Não faz mal; vá buscá-lo.

Quando Achmed saiu da divisão, Kleist engoliu um pedaço de pão com queijo e limpou a boca com a mão.

- Doring e eu já discutimos o assunto. Não podemos ficar aqui muito mais tempo. Era melhor dividirmo-nos e procurarmos chegar assim ao Cairo. Ao menos, aumentamos as probabilidades que eventualmente temos. Continuarmos todos juntos seria suicida.

- E Falconi?

- Deixe-o com o hoteleiro. Se for apanhado, até pode ser que seja convenientemente tratado.

Halder reflectiu na proposta, acabando por abanar a cabeça.

- Vamos primeiro ver o resultado do tratamento da velhota e depois decido.

Achmed voltou com um guia turístico já muito usado. Abriu-o em cima da mesa e apontou para um dos mapas.

- Estamos aqui. Mais ou menos a quarenta quilómetros de Alexandria pela estrada interior. A outra hipótese é cortar em direcção à marginal e chegar lá pelo lado do mar, mas é mais longe.

Jack estudou o mapa.

- Há tropas estacionadas nesta zona?

- Desde o fim das escaramuças, não. O quartelamento mais próximo fica em EI Âmiriya, a uns vinte e cinco quilómetros.

- Assim que descobrirem o que aconteceu aos camaradas, vão ser como sabujos em fúria a farejarem - lembrou Doring.

- Por isso, temos de prosseguir o mais depressa possível.

Achmed cofiou o queixo.

- Parece-me que têm duas opções. Para a primeira, há uma antiga pista de camelos usada em tempos pelas caravanas. Dá uma viagem lenta e aos saltos pelo meio do deserto inóspito, mas há diversos uádis pelo caminho e podem chegar ao Cairo em cerca de dez horas.

- E a segunda?

- A que eu tencionava usar à partida para vos levar para lá, o comboio normal com partida de Alexandria. Se quiserem um conselho meu, o melhor caminho é seguirem para Alexandria pelo caminho de ferro costeiro, que passa a norte daqui. Os comboios são frequentes e levam-vos directamente à estação principal da cidade, onde podem fazer a ligação para o Cairo.

Kleist parecia duvidoso.

- Se nos separarmos, a melhor aposta para Doring e para mim é a do caminho do deserto. O seu inglês é melhor do que o nosso, você tem possibilidades de fazer bluff e conseguir passar em postos de controle. Eu e Doring temos muito menos hipóteses.

Halder voltou-se para Achmed.

- Parece que vamos dividir-nos em dois grupos. Precisamos de mais meios de transporte.

- Acho que têm de levar o meu camião - suspirou Achmed. - Se alguém perguntar, posso sempre dizer que mo roubaram.

- Vai parecer suspeito se o levarmos para fora da aldeia - lembrou Kleist. - Talvez seja melhor levar-nos você até à tal pista de camelos.

- Fica a dez quilómetros. Como é que eu regresso?

- A pé - respondeu Kleist sem mais.

Achmed acenou com a cabeça relutantemente. Ao menos, assim via-se livre dos alemães.

Kleist deu a Jack as chaves do jipe.

- Quanto mais nos atrasamos, mais diminuem as nossas hipóteses. Vamos já embora.

Halder espetou o polegar na direcção de Doring.

- Vá com Achmed. Retire as vossas coisas do nosso veículo e

prepare o camião. - Eles saíram, e Jack ficou a sós com Kleist. - Se conseguirem chegar ao Cairo, o nosso contacto estará à espera no Jardim do Faraó, em frente da estação de caminho de ferro. Vai lá às horas de chegada de comboios de Alexandria com um panamá na cabeça e uma rosa acabada de colher na boteira. Se algum de nós for detido, nada dizemos que possa pôr em perigo a nossa missão. Ouviu a frase de Schellenberg ... tudo depende de nós. E, valha o que valer, boa sorte.

- Igualmente para si. E nunca pensei ouvir-me dizer uma coisa destas, Halder. Todavia, parece que vamos todos precisar de mais do que sorte.

Nesse momento, a porta da cozinha abriu-se de rompante, e Rachel apareceu com expressão contristada.

- Lamento, mas Vito morreu.

Ao ver os dois corpos dentro do Dakota, Weaver foi invadido pela náusea. Sanson entrou na cabina atrás

dele e praguejou.

Depois de recuperar, Weaver ajoelhou-se e examinou atentamente os cadáveres.

- Ainda estão os dois quentes - declarou.

Entrou no cockpit com Sanson. O co-piloto ainda estava preso ao assento, com moscas a zunirem em redor de um enorme ferimento. Sanson revistou as roupas do morto e descobriu um conjunto de chapas de identificação em redor do pescoço, assim como documentos de identificação num dos bolsos.

- Segundo isto, é tenente piloto-aviador americano.

Weaver examinou os documentos. Pareciam genuínos. Reparou num rasto de sangue a partir do lugar do piloto e até à cabina.

- O piloto também deve ter ficado bastante ferido.

Ambos saíram de novo para o sol.

- Têm de ser uns refinados filhos da mãe que mataram os rapazes. - A voz de Sanson estava rouca de raiva. - Não há outra hipótese ... estamos perante uma infiltração de alemães. Os documentos do co-piloto podem parecer em ordem, mas aposto que são falsos.

Weaver foi analisar umas marcas de pneus na areia em que reparara anteriormente. Quando Sanson se aproximou, o americano comentou:

- Estou a imaginar o que aconteceu: os dois homens avistaram os destroços e vieram investigar. Foram mortos e roubaram-lhes os uniformes e o veículo.

Sanson concordou com um aceno de cabeça.

- O que implica que estamos a lidar pelo menos com dois homens, se calhar até mais. E um está ferido. - Chamou o capitão Myers e consultaram o mapa. - Onde fica o hospital mais próximo? - indagou.

- Em Alexandria, sir. Contudo, a base do Exército em El Amiriya tem médico.

- Contacte El Amiriya pelo rádio. Informe-se se alguém lá procurou tratamento médico nas últimas horas e diga-lhes que precisamos de todos os homens de que possam dispor para irem fazer uma batida pelas aldeias da região. Quero saber se esta manhã algum médico local ou alguém com conhecimentos médicos foi chamado para tratar um ferido. Depois, ligue para o QG. Quero postos de controle em todas as estradas para Alexandria. - O capitão voltou a correr para o jipe. - Vamos nós próprios começar pelas aldeias mais próximas - propôs Sanson a Weaver. - Neste tipo de terreno, não têm muito onde se esconder. Talvez consigamos descobri-los rapidamente.

Estação de Caminho de Ferro de El Hauwariya

Jack parou o jipe à porta da estação ferroviária caiada. Não tinham deparado com quaisquer barreiras durante a viagem de cinquenta minutos através do deserto e, ao entrarem em El Hauwariya, ninguém parecera ligar-lhes particular importância. A paisagem circundante era plana e interminável, o deserto em

três lados e o Mediterrâneo turquesa muito ao longe.

A estação tinha aspecto sossegado, no entanto, ao estacionar, Halder reparou num jipe mais à frente.

- Isto não parece muito prometedor - disse ele a Rachel. - E melhor esperares aqui enquanto vou dar uma olhadela.

Havia muito movimento na estação, dúzias de pessoas à espera no cais, principalmente camponeses árabes com djelabas surradas, mas quando ia a dirigir-se para a bilheteira, Jack reparou em dois polícias militares britânicos a um dos lados, armados, com fitas vermelhas nos bonés e polainas brancas. Um deles, sargento, perscrutava os passageiros que transpunham a barreira com os bilhetes. Halder fingiu consultar um horário exposto na parede, mas, antes de ter a oportunidade de se afastar, o sargento foi ter com ele e fez-lhe continência.

- Bom dia, meu capitão. Posso saber se vai viajar?

Jack franziu o sobrolho, correspondeu à continência e imitou na perfeição uma pronúncia de alta sociedade inglesa:

- Porquê, sargento, o que se passa? - O homem fitou-o de alto a baixo, aparentando relutância em se explicar, e Jack insistiu. - Então, sargento, eu fiz-lhe uma pergunta.

- Houve um incidente não longe daqui, sir - contou o sargento. - Dois soldados britânicos foram assassinados por agentes inimigos.

- Santo Deus!

- Desculpe, mas ainda não respondeu à minha pergunta, sir -- insistiu o sargento. - Vai de viagem?

Halder abanou a cabeça.

- Por acaso, não. Vim esperar uma pessoa. Mas creio que fiz confusão com os horários. É no próximo comboio.

- Lamento, sir, mas continuo a ter de lhe pedir para me mostrar os seus documentos.

- Claro, compreendo perfeitamente. - Jack remexeu as algibeiras, fingindo procurar o BI. - Sabe os nomes dos dois rapazes que foram mortos? Pode ser que os conheça.

- Por acaso, ainda não, sir. Mas de certeza que havemos de saber em breve.

Halder estendeu os documentos, e o sargento examinou-os. Ergueu os olhos atentos, que por baixo do boné fitavam a cara de Halder.

- Capitão Jameson?

- Claro.

- Há um problema com esta identificação.

Jack sentiu o coração cair-lhe aos pés.

- Que espécie de problema?

- Caducou há uma semana, sir.

Halder apressou-se a recuperar os documentos, que examinou.

- Tem toda a razão. Que negligência a minha! - Voltou a enfiá-los no bolso. - Pouca sorte a dos nossos camaradas mortos. Parece coisa séria.

- Não tanto como quando apanharmos os responsáveis, sir.

- Com certeza que sim. - Jack olhou de relance para o relógio e suspirou. - Bem, acho que tenho de arranjar qualquer coisa para fazer até à chegada do comboio certo. Desejo-lhe boa sorte, sargento.

- Tenho quase a certeza de que havemos de encontrá-los, meu

capitão. Estão a ser montadas barreiras em todas as estradas para Alexandria. Não têm a mínima hipótese de escapar.

Halder saiu da estação completamente deprimido e regressou ao veículo.

- Há problema? - perguntou Rachel

- Bem podes dizê-lo. Parece que já andam à nossa procura. - Explicou a situação e a seguir estendeu a mão e tocou na da jovem. - Tudo isto é um raio de uma confusão. Estamos como animais numa ratoeira, seja qual for o lado para que nos viremos.

- Tem de haver uma forma de embarcarmos no comboio - declarou Rachel. - Que desculpa deste aos nossos amigos da bilheteira para a tua presença na estação?

Jack explicou. Nesse preciso momento, ouviram o assobio de uma locomotiva a vapor. O comboio chegava dentro de minutos.

- Tens alguma sugestão?

Rachel olhou para o jipe da Polícia Militar.

- Só uma.

- Desculpe, menina. Vai viajar? - inquiriu o sargento.

- Vou. Porquê?

- Pode mostrar-me um documento de identificação, por favor?

Rachel fingiu procurar na mala.

- Lamento, mas parece-me que não trouxe. Saí tão à pressa esta manhã ... Devo ter-me esquecido dos

documentos.

- E inglesa, a menina?

- Sul-africana.

- E posso saber o que faz aqui? - continuou o sargento.

- Ouça, importa-se de me dizer o que se passa? - perguntou ela, franzindo o sobrolho.

- Isso não é da conta da menina.

- Claro que é, uma vez que o senhor está a interrogar-me - redarguiu Rachel, audaciosa. - Andam à procura de alguém, não é?

- Ora, porque faz uma pergunta dessas? - inquiriu o sargento, erguendo as sobrancelhas.

- O meu pai é coronel e está colocado em Alexandria.

Acabamos por perceber quando se passa qualquer coisa. Quem procuram? ,

- Isso é uma informação confidencial, menina. Eu preciso de uma confirmação da sua identidade. De contrário, não posso deixá-la embarcar.

- Bem, nada posso fazer. Só se telefonar ao meu pai para Alexandria. Ouça, a manhã já foi suficientemente difícil para mim. Vim ter com o meu namorado, e ele não apareceu. É o capitão Jameson, que está em EI Âmirfya. Talvez pudesse entrar em contacto com o aquartelamento via rádio e saber o que lhe aconteceu.

- Jameson, menina? - O sargento franziu o sobrolho. - Esteve aqui há coisa de cinco minutos. Achou que tinha confundido os horários dos comboios. Mas disse que voltava.

- Sim? - Rachel fingiu-se aliviada. - Bem, graças a Deus. - Para lá da barreira onde tinha que se apresentar os bilhetes, os passageiros iam arrastando os pertences para a beira do cais. Rachel virou-se de novo para o sargento: - Olhe, espero que não se importe, mas como acaba de me ajudar tanto ... A viatura que está estacionada lá fora é vossa?

- Porque pergunta?

- Porque há uns minutos vi dois homens a agirem de maneira muito suspeita. Apareceram num jipe e, quando viram o vosso, entraram em pânico. Saíram do veículo deles, pegaram num carro do Estado-Maior parado lá ao pé e arrancaram.

O rosto do sargento ensombrou-se.

- Qual era o aspecto desses homens?

- Foi tudo tão rápido que nem vi bem. Mas um estava fardado de oficial e o outro vinha à paisana. Não me lembro de mais nada.

- Viu para que lado foram?

- Para a saída da vila do lado nascente.

O sargento fez sinal ao cabo.

- Para o jipe, Charlie, o mais depressa possível. Parece que temos que fazer. - O cabo apressou-se em direcção à saída, e o sargento levou a mão à pala do boné em saudação a Rachel antes de o seguir. - Obrigado, menina. Obrigadíssimo.

Momentos depois, Halder estava com Rachel a passar a barreira. Rachel comprara dois bilhetes. Entraram no comboio. As carruagens eram antigas e imundas, muitas delas apinhadas de barulhentas famílias camponesas, e tiveram de caminhar até à última para conseguir ficar sozinhos. Jack atirou-se para cima do duro assento de madeira ao mesmo tempo que o comboio partia.

- Foi por um triz. Pensei que não íamos conseguir.

- E se houver mais polícias a verificarem os documentos quando o comboio chegar à Estação de Ramleh?

- Já me lembrei disso. Razão pela qual desembarcamos na paragem anterior a Ramleh e apanhamos um eléctrico ou táxi para fazer o resto do caminho até Alexandria. Entretanto, é melhor livrar-me desta farda, e tu devias fazer os possíveis por te disfarçares. Tens produtos de maquilhagem nessa tua mala?

- Alguma coisa.

- Ótimo. A propósito, parabéns. Deves ter sido muito convincente, porque os PMs arrancaram como se tivessem fogo no rabo.

- Nem sei como consegui arranjar coragem - confessou Rachel.

- É muito simples - aconselhou Jack. - Basta pensares na alternativa.

Quartel-General de Alexandria

- Mandaram-me à caça dos gambozinos, sir. Espertos como alhos, tenho de admitir.

O capitão Myers chamara Sanson e Weaver pelo rádio assim que os dois PMs tinham aparecido no QG. O par regressara de imediato, deixando as patrulhas a continuar a revista das aldeias.

Weaver fitou o PM em sentido no gabinete do capitão Myers.

- Á vontade, sargento.

Este obedeceu, pondo as mãos atrás das costas. Sanson tirou o boné, ainda com grãos de areia a salpicarem-lhe a cara e a venda.

- É melhor contar-me em pormenor tudo o que aconteceu.

O PM parecia constrangido na presença de três oficiais enquanto contava a história.

- Qual era o aspecto da rapariga? - indagou Sanson.

- Muito atraente. Na casa dos vinte. Loura, de olhos azuis. Magra, altura mediana. E uma atriz fantástica, tenho de reconhecer.

- Disse que era sul-africana?

- Sim, sir. Disse que o pai era coronel e estava colocado em Alexandria.

- E não lhe verificou os documentos? - insistiu Sanson, irado.

- Ela disse que se tinha esquecido deles, sir - admitiu o PM, corando. - E depois achei que não valia a pena, pois aparentemente o oficial confirmaria a história dela.

Sanson esforçou-se por dominar a fúria.

- Diz que ele se apresentou como capitão Jameson?

- Isso é o mais assustador, sir - anuiu o PM. - Ele estava nas

calmas. Falou com uma pronúncia inglesa impecável. Calculo que tenha uns trinta anos. Alto, bem-parecido, cabelo escuro e olhos a/uis. Depois, quando falei para EI Âmiriya, disseram-me que o capitão Jameson e outro oficial, o tenente Grey, tinham sido ...

- Nós sabemos o que lhe disseram - interrompeu Myers.



- E os documentos? - insistiu Sanson. - As fotografias não podiam corresponder.

O sargento voltou a enrubescer.

- As vezes, é difícil fazer a correspondência entre as fotografias e as pessoas, sir, principalmente quando estão fardadas. Quando fiz notar que a validade da identificação tinha caducado há uma semana, ele pareceu tão convincente ...

- Seja quem for, não há dúvida de que é um indivíduo implacável e astuto - comentou Sanson para Weaver, logo se encaminhando para o mapa de parede. - Diz que o homem e a mulher foram vistos a embarcar no comboio em direcção oeste?

- Sim, sir - confirmou o PM.

- Onde é a última paragem? - perguntou Sanson a Myers.

- Ramleh, a estação central. No entanto, já dá para terem chegado há que tempos. A viagem é de cerca de meia hora. Presumindo, claro, que fosse esse o destino deles. Há várias paragens pelo caminho.

- Mande homens para as estações intermédias e faça-os interrogar o pessoal ferroviário. Descubra se alguém viu um casal que correspondesse às descrições a apear-se em qualquer delas. - Sanson relanceou o olhar para o sargento, dominando com dificuldade a ira perante a incompetência deste. - E tudo por agora. Espere lá fora.

O homem saiu. Myers deitou uma olhadela ao relógio.

- Há um comboio de Alexandria para o Cairo dentro de pouco mais de uma hora, meu tenente-coronel. As duas e um quarto. E há outro para Port Said uma hora depois. Talvez não faça mal nenhum vigiar com particular atenção a Estação de Ramleh.

- Pode apostar que é isso que vamos fazer - disse Sanson com um esgar. - E o melhor é levarmos o sargento. Ele já os viu uma vez. Há-de reconhecê-los se os voltar a ver.

### Estação de Ramleh

A estação de Ramleh, um pesado edifício de pedra com altos tectos abobadados, era um caos. Logo à entrada, havia várias bancas de comida com aspecto imundo, mas apinhadas de passageiros, quase todos camponeses árabes. Estes enchiam a estação acompanhados por mulheres e filhos e transportando caixas atadas com fios e gaiolas com galinhas.

Halder entrou na estação de braço dado com Rachel. Olhou em redor com cuidado. Os únicos soldados que viu não estavam obviamente em serviço, uma vez que bebiam cerveja junto das bancas enquanto esperavam os seus comboios.

- Está tudo com ar bastante normal. -, ñ† Conduziu Rachel na direcção das bilheteiras. -- Temos um quarto de hora até o comboio partir. Achas que consegues comprar bilhetes para os dois? - Deu-lhe dinheiro. -- Compra de ida e volta. Provocam sempre menos suspeitas do que só de ida.

Jack ficou à espera enquanto Rachel ia para a fila dos bilhetes. Reparou num jovem à civil a ler

descontraidamente um jornal logo ao lado da fila de bilheteiras em serviço. Viu-o olhar de soslaio para Rachel e a seguir retomar a leitura. Halder sentiu-se pouco à vontade. O homem podia ser um polícia militar ou estar apenas à espera de alguém. Era difícil descobrir.

Rachel regressou com os bilhetes, e Jack perguntou:

- Algum problema?

- Não. Dois de ida e volta, como pediste.

- Ótimo, vamos lá então. Faz figas.

Pegou-lhe de novo no braço e encaminharam-se para o cais. Havia uma bicha enorme para a passagem por uma única barreira onde eram apresentados os bilhetes, e Halder reparou em dois homens à civil postados a um dos lados da barreira, perto do funcionário encarregado de verificar os bilhetes. Quando um deles tirou o pa-namá para limpar a testa, Jack imobilizou-se. Era o sargento que estivera naquela manhã na Estação de EI Hauwariya. Preparava-se para fazer meia volta quando reparou na cara do homem ao lado do sargento.

- Meu Deus, não posso crer!

- Que se passa? - indagou Rachel.

Os olhos de Jack Halder espelhavam a desorientação da descrença. Sem responder, pegou no braço dela e afastou-a para o meio da multidão, a caminho das bancas de comida. Comprou duas cervejas e dirigiram-se para uma mesa.

- Que foi? - voltou Rachel a perguntar. - Parece que viste um fantasma.

- Não olhes agora - respondeu Halder -, mas há dois homens

junto da barreira. São militares à paisana e estão à nossa procura.

- Como sabes?

- Um deles é o sargento que enganámos esta manhã. - Rachel ficou pasmada, e Jack prosseguiu: - É melhor preparares-te para outro choque. O segundo homem é Harry Weaver.

Ela virou-se de repente, olhando para a zona de verificação de bilhetes.

- Não olhes. Isso só serve para chamar as atenções - avisou o companheiro.

Todavia, Rachel mal o ouvia. Reparara no sargento, ao lado do controlador dos bilhetes, e, pela sua expressão, reconheceu de imediato Harry Weaver. Ele encontrava-se demasiado longe para dar por eles, preocupado a observar os passageiros da fila.

- Rachel...

A voz de Jack fê-la regressar à realidade.

- Eu ... não posso acreditar. Que faz ele aqui?

- Boa pergunta. Calculo que seja da Polícia Militar ou do Serviço de Informações do Exército. - Fitou-a. O rosto dela ainda denotava confusão. - Estás bem?

- E que ... não parece verdade. Revê-lo em circunstâncias destas. Achas que ele sabe que anda à nossa procura?

- Duvido. Como podia saber? Mas, apesar de eu sempre ter apreciado a companhia de Harry, parece-me melhor não esperarmos por aqui para recordar velhos tempos. - Halder teve a impressão de que Rachel queria olhar uma última vez para Weaver, no entanto estendeu a mão por cima da mesa e agarrou na dela. - Agora, vamos sair. Se alguém tentar deter-nos, deixa-me falar. Mas prepara-te para fugir se necessário.

- Não desistes com facilidade, pois não, Jack?

Ele forçou um sorriso.

- Nunca achei que valesse a pena. Portanto, vamos com calma e mantém-te junto de mim.

Embrenharam-se no meio da turba que transpunha a enorme porta da estação.

- Quando chegarmos lá fora, procuramos voltar para os lados da avenida marginal - instruiu Halder.

Saíram para a Praça de Ramleh. Pelo canto do olho, Jack reparou de súbito num homem alto e bem constituído, trajando à civil, junto da parede da estação. Tinha uma venda sobre o olho esquerdo e uma cicatriz lívida no maxilar. Halder percebeu instintivamente que o homem observava a multidão que entrava e saía da estação. Sentiu o pulso acelerado; não tinha alternativa se não continuar a andar. Mal tinham percorrido uma dúzia de passos quando uma voz chamou atrás deles:

- Os senhores desculpem ... - Jack virou-se. O coração caiu-lhe aos pés. Era o homem da venda, que pediu: - Posso ver os vossos documentos? - Ao seu lado, um colega tinha um volume visível sob o casaco desabotoado.

Halder tentou parecer ofendido ao enfrentar os dois homens.

- Com quem diabo estou a falar?

- Tenente-coronel Sanson, Serviço de Informações.

- Nesse caso, está bem. - redarguiu Jack com calma. Entregou os documentos.

- A senhora também, se não se importa - insistiu Sanson.

Rachel remexeu na carteira e apresentou os documentos. Sanson

verificou os dois conjuntos, demorando-se a examinar as fotografias. Quando por fim ergueu o olhar, Halder viu-lhe a desconfiança na expressão.

- Reparei nos dois a entrarem na estação há dez minutos. Agora, voltam a sair. Perguntei-me se haveria alguma razão para desistirem de viajar.

- Escute, meu caro amigo, nós tínhamos desembarcado do comboio que chegou do Cairo. Só depois é que aqui a minha amiga reparou que se tinha esquecido de uma das malas. Agora, ficámos a saber que se perdeu. - Jack procurou aparentar a irritação adequada à situação. - Ora aí tem os serviços ferroviários egípcios. Uma inutilidade.

Sanson esboçou um breve sorriso frio.

- Posso saber qual é o objectivo da vossa visita a Alexandria?

- Sou arqueólogo, professor da Universidade Americana do Cairo. O conservador-chefe do Museu de Alexandria convidou-nos a examinar uns artefactos descobertos há pouco perto de Rashid. - Halder sorriu. - Na verdade, não passa de uma desculpa para visitarmos velhos amigos. - Sanson ainda não estava convencido. Em desespero de causa, Jack jogou a sua última cartada: - Por acaso, até acabámos de avistar um na estação. Harry Weaver. Dado que estão no mesmo ramo, calculo que o conheça?

Sanson levantou o olho são.

- São amigos do tenente-coronel Weaver?

- Harry e eu conhecemo-nos há que tempos.

- Compreendo - comentou o interlocutor, parecendo descontrair-se. Fitou Rachel. - Posso perguntar qual é a relação da senhora com este cavalheiro, Miss Tauber?

- Somos colegas. Também sou arqueóloga.

Sanson devolveu-lhes os documentos.

- Não vos retenho mais tempo. Obrigado, minha senhora. E ao senhor também.

Halder enfiou os seus papéis no bolso.

- Ainda não nos disse o porquê de toda esta confusão.

- É uma importante operação de segurança - limitou-se o interpelado a responder. - O tenente-coronel Weaver não vos informou?

Jack sorriu.

- Nem uma palavra, mas Harry é assim mesmo. Nunca mostra o jogo. - Imobilizou-se, e o seu sorriso desvaneceu-se ao ver Harry Weaver a transpor a porta da estação atrás de Sanson. Desviou de imediato o olhar.

- Algum problema? - indagou Sanson.

- Não. - Halder obrigou-se a sorrir. - Acho que já nos atardá- mos o suficiente. Boa tarde. Por aqui,

minha querida.

Agarrou com força o braço de Rachel e começou a atravessar a praça, sabendo contudo que já era tarde. Pelo canto do olho, viu Harry Weaver deter-se, espedado. A expressão do americano era de quem não compreende nada do que está a passar-se, como se visse mortos ressuscitados.

Foi tudo muito rápido. Sanson captou as reacções de todos, percebendo que algo de errado de passava, mas Jack antecipou-se a puxar do revólver.

Sanson recuou, tacteando à procura da sua arma.

Halder atingiu-o na mão, e o possante inglês cambaleou para trás, agarrado ao pulso. A praça retinia com os gritos das pessoas que corriam a abrigar-se. O companheiro de Sanson sacara entretanto da sua própria arma, mas Jack disparou primeiro, atingindo-o no ombro, e o homem soltou uma exclamação de dor e caiu. Enquanto o homem à paisana que se encontrava junto da entrada da estação procurava eximir-se a um tiro, Jack voltou a disparar por duas vezes, atirando-o contra a parede.

Harry quase nem reagiu. Ficara em estado de choque, a olhar alternadamente para os amigos, incrédulo. O alemão ergueu a arma, fez-lhe pontaria, mas Weaver permaneceu imóvel, e então Halder quebrou o feitiço e agarrou no braço da companheira.

- Mexe-te! - E atravessaram a praça à desfilada na direcção do bazar.

Correram pelas ruas labirínticas do bazar, com Jack a afastar freneticamente as pessoas do caminho e a atirar bancas ao chão.

Foi um pesadelo.

Dez minutos depois, tinham deixado para trás as vielas apinhadas e o movimento de pessoas diminuía. Halder olhou por cima do ombro, mas já não viu ninguém a persegui-los, embora percebesse que a trégua era apenas temporária.

- Acho que os despistámos por agora. Contudo, não podemos aqui ficar. Dá-me o braço como se andássemos a passear.

Dirigiram-se para a beira-mar e dez minutos depois desembocavam na Comiche, a famosa rua em forma de crescente que se estende por quilómetros de litoral em Alexandria. Jack conduziu Rachel para um dos bancos do passeio marginal.

- Podes apostar que Harry e os amigos vão barrar todas as estradas de saída depois do que sucedeu, portanto é inútil tentar sequer o caminho para Rashíd. Assim que escurecer, vamos ter de procurar esgueirar-nos para fora da cidade para atravessarmos o deserto. É praticamente a nossa única esperança.

- Porquê Rashid?

- Já me esquecia de que tu não estavas a par. - Explicou que havia um barco atracado na pequena povoação portuária. - Era para nos servir de esconderijo, no caso de depararmos com problemas. Só que não nos serve de grande coisa neste momento.

- No entanto, tinhas dito que tentar atravessar o deserto era um acto suicida.

- Receio que não tenhamos alternativa. Entretanto, precisamos de um sítio seguro para ficarmos enquanto elaboramos os nossos planos. - Levantou-se, fitando-a de cima. De súbito, ela parecia muito vulnerável e infantil. - Lamento, Rachel. Lamento que tenhas sido envolvida em toda esta confusão.

- Aquilo ... aquilo que aconteceu lá na estação com Harry: ainda não consigo bem acreditar. Continuo a tremer por dentro.

Ele pôs-lhe a mão com suavidade na cara, arvorando uma expressão séria que sugeria estar a tentar conter as suas próprias emoções.

- Eu também. Mas não falemos disso agora. Por favor.

Ao longo da Corniche ensolarada, uma interminável fila de hotéis, pensões e bordéis estendia-se pela curva do litoral. Os edifícios eram muito britânicos, vitorianos, com escadarias de acesso.

Rachel olhou para lá.

- O Exército com certeza que vai revistar hotéis e pensões. Não há nenhum lugar seguro.

Halder forçou um sorriso de coragem que não sentia.

- É verdade. - O sorriso desapareceu-lhe do rosto, que assumiu uma expressão séria. - Mas tenho uma ideia. É um pouco drástica, mas pode ser que resulte.

Era difícil de acreditar que Gabrielle Pirou fora em tempos uma das mulheres mais desejadas de Marselha. A sua cara de sessenta anos revelava uma espessa camada de rouge, os lábios eram um rasgão de bâton vermelho e coxeava. Os únicos vislumbres da beleza passada eram a figura esbelta e os sensuais olhos mediterrânicos, contudo até estes estavam a ficar corrompidos pela idade.

Chegara há vinte anos a Alexandria para abrir o seu próprio salão, bem longe do violento proxeneta francês que a deixara aleijada. Agora, era a madame de um dos melhores bordéis da marginal.

Quando abriu a porta da rua, teve uma pequena surpresa. Um homem e uma mulher esperavam na escada. Era um par jeitoso, e ela sorriu com delicadeza.

- Oui? Em que posso servi-los?

O homem parecia apreensivo.

- Uma pessoa amiga sugeriu que visitássemos o seu estabelecimento.

L'amour nunca é simples, pensou Gabrielle. Por vezes, aventureiros casais boémios apreciavam brincadeiras a três com uma das suas meninas. Aquele casal não tinha aspecto de aventureiro nem de boémio, no entanto, desde que pagasse, podia entreter-se como quisesse.

- Queiram fazer o favor de entrar. - Gabrielle aconchegou ao amplo seio o caniche e conduziu os recém-chegados para um salão adjacente ao vestíbulo. - Não se envergonhem de dizer a Madame Pirou o que desejam - sorriu Gabrielle, ansiosa por fazer que o casal se sentisse à vontade.

O homem vacilou, tentando esconder o constrangimento.

- Gostávamos de passar o serão com uma senhora de bom gosto.

- Ah, algo que acrescente pimenta à vossa vida amorosa? Tenho

a certeza de que conseguimos servir madame e monsieur. Uma das minhas mais simpáticas jovens ficará disponível em breve.

- Quanto tempo podemos ficar?

Gabrielle soltou uma risadinha ao mesmo tempo que acenava com a mão.

- O tempo que quiser, chéri, desde que pague adiantado. Cinco libras egípcias por hora. Agora, se quiserem vir por aqui, vou proporcionar-vos um quarto particular e uma garrafa de champanhe. Por conta da casa, claro. A jovem já vai ter convosco, e podem passar o vosso serão sem serem perturbados.

A sala das urgências do hospital francês estava vazia, à exceção de Sanson, que estava a ser tratado num cubículo por um médico e uma enfermeira. Weaver esperou até eles acabarem e Sanson aparecer de trás da cortina. Tinha a mão direita bem ligada.

O que sucedera na estação fora um desastre. Sanson e dois homens feridos, um deles ainda na sala de operações com uma bala alojada no peito. Halder e Rachel tinham escapado no meio da confusão. Weaver perseguira-os pelas vielas apinhadas, esquadrinhara a zona durante quase uma hora, mas eles tinham desaparecido como fantasmas.

- Como se sente?

Sanson puxou de um maço de cigarros e acendeu um com dificuldade.

- Como Boris Karloff no papel de múmia. Em todo o caso, tenho os dedos intactos, o que já é qualquer coisa. - Perscrutou Weaver. - Precisamos de conversar num sítio privado. - Saiu à frente para uma varanda. - Conhece o casal da estação, não conhece?

Weaver assentiu com a cabeça.

- Acho melhor contar-me que diabo se passa - prosseguiu o outro.

Weaver explicou-lhe como conhecera Halder e Rachel. Levou alguns minutos a esclarecer tudo, e, quando acabou, o inglês soltou um suspiro.

- É cá uma coincidência! Bom, mas a presença de Halder é o tipo de coincidência que eu entendo: fala árabe fluentemente e conhece o Egipto; também fala inglês como um natural de Inglaterra. E provável que pertença à Abwehr, portanto não é propriamente uma surpresa ele estar envolvido. Todavia, a rapariga confunde-me mesmo. Vou mandar investigar a história dela. A primeira vista, parece muito improvável

que alguém de ascendência judaica esteja a colaborar com os Alemães. Contudo, há sempre uma outra possibilidade.

- Qual?

- A de ela não ser quem disse que era logo à partida. A de essa história de judia alemã ser um disfarce e ela ter sempre trabalhado para os nazis; se calhar, até o seu amigo Halder fazia o mesmo.

- Não há qualquer hipótese de Jack Halder ou Rachel Stem terem sido espiões - disse Weaver, abanando a cabeça. - Apostava a minha vida nisso.

- Se fosse a si, não exagerava. Pelo menos enquanto não nos informarmos do que a Polícia sabia sobre eles naquela época. Sendo preciso, todos conseguimos esconder bem os nossos segredos. E agora não restam dúvidas de que são agentes inimigos. - Sanson levantou-se e indagou vivamente: - O que se passa com a busca?

O americano contou-lhe que os homens de Myers estavam a passar revista a todos os hotéis e pensões da cidade. Sanson meditou por instantes.

- É melhor inspeccionar também todas as igrejas, mesquitas, albergues e bordéis. Eu não excluía qualquer sítio que possa constituir refúgio. Mesmo que tenhamos de arrasar a cidade, havemos de os apanhar.

Weaver limpou a transpiração da testa. Ainda se sentia entorpecido, dominado pela angústia e a confusão. Se não tivesse visto aquilo com os seus próprios olhos, nunca teria acreditado. Não fazia sentido nenhum.

- Que sucederá quando os encontrarmos?

- Acho que já sabe a resposta para isso. Podem ter sido seus amigos em tempos, mas agora são inimigos, têm as mãos manchadas de sangue. A lista de acusações tem mais de um quilómetro de comprimento. E só Deus sabe quais eram as intenções deles antes de nos pormos no seu encalço. - O inglês abanou a cabeça. - Encaremos os factos, Weaver. Vai ser a força para os dois. Hão-de ficar pendurados tão alto que nem os abutres lhes chegam. Isso posso garantir-lhe.

O quarto ficava no último andar. Tinha uma cama de casal de latão com lençóis de algodão lavados e dava para um quatinho de banho. As janelas altas tinham persianas, mas avistava-se um pátio lajeado lá em baixo, com umas figueiras, uma espécie de estufa e um portão em arco de ferro forjado que dava acesso a uma ruela estreita.

Depois de Madame Pirou ter saído, Halder trancou a porta, e Rachel atirou-se para cima da cama, exausta.

- Nunca pensei que uma cama de bordel pudesse dar-me tanta felicidade.

- A questão é como evitar o inevitável embaraço quando a rapariga chegar.

Rachel conseguiu fazer um sorrisinho e redarguir:



- Tenho a certeza de que hás-de arranjar qualquer coisa. - Deslizou para fora da cama. - Preciso de um banho quente e de mudar de roupa. Sugiro que faças o mesmo enquanto podemos.

Bateram à porta, e Jack imobilizou-se.

- É melhor ires abrir - lembrou Rachel.

Ele encaminhou-se para a porta. Quando a abriu, deparou com uma deliciosa árabe de pele cor de chocolate. A madame acertara: a jovem era bela, de cabelo negro de azeviche e olhos castanho-escuros. Sorriu a Halder e espreitou por cima do ombro deste para Rachel.

- Monsieur, madame. O meu nome é Safa.

Jack hesitou, inseguro quanto ao que devia fazer, porém a rapariga entrou no quarto com ar decidido e fechou a porta. Envergava calças de harém e um top tão decotado que revelava o generoso intervalo entre os seios.

- Tem a certeza de que não nos incomodam? - perguntou Halder.

Safa fez um sorriso astuto.

- Claro. - Passou os dedos pelas lapelas dele em ar de brincadeira, mas o seu olhar guloso deteve-se sobre Rachel. - A madame disse-me que devo agradar a ambos.

- Na verdade, não vai ser necessário - contrariou Jack.

A mulher ficou confusa.

- Pardon?

Jack Halder abriu a carteira e extraiu um generoso maço de notas.

- Aqui tem cem libras para desaparecer até à meia-noite e nada dizer, nem à madame nem às outras raparigas. - Desta vez, a expressão de Safa era atónita, mas Halder prosseguiu: - Estamos a tentar escapar a um oficial do Serviço de Informações Militares Americano a quem não agrada a ideia de a mulher ter um caso. Vai revistar todos os hotéis da zona, por isso precisávamos de um refúgio para o serão até ser seguro sair da cidade. - Jack fez um sorriso encantador. - E óbvio que a madame compreendeu mal, contudo, tra-

tando-se de questões delicadas como esta, achámos melhor falar o mínimo. Com certeza está a perceber.

Que a mulher percebesse ou não, era irrelevante. Safa arrancou com ganância o dinheiro dos dedos de Jack, escondeu-o entre os seios e sorriu.

- Como queira, monsieur.

Cairo

Deacon engoliu o seu terceiro brandy dos últimos dez minutos. Acabara de regressar do Jardim do Faraó,

onde devia encontrar-se com os alemães difarçados, e não vira ninguém que aparentasse, nem mesmo remotamente, tentar estabelecer contacto.

- Se a cidade está cercada, é o fim deles - comentou Hassan.

- Que alhada! - exclamou Deacon com amargura, pegando numa folha de papel que tinha em cima da secretária. - No entanto, ainda não está tudo perdido. Há uma coisa que temos de fazer ...

Bateram à porta e entrou o criado com ar nervoso.

- Está ali um cavalheiro chamado Salter para falar com o patrão. Chegou de barco com uns homens.

Nesse momento, a porta abriu-se de par em par e entrou Salter, logo seguido por Costas Demiris.

- Viva, Harvey. - Reggie pegou na garrafa de brandy e examinou o rótulo. - Hennessy de 1936. Boa vida, pelo que vejo.

- Que é que quer?

- Não é preciso ser antipático. Vim dizer-lhe que tenho os três camiões americanos, conforme prometido. E há umas coisas que temos de discutir. - Salter serviu-se generosamente de brandy. - Conta-lhe, Costas.

- Tem andado muito ocupado, Mr. Deacon. Viagens a Gizé, outra àquele aeródromo. Ficámos a pensar em como interpretar tudo isso.

Deacon sentiu-se um idiota e o sangue fugiu-lhe das faces. Com as pressas, esquecera a regra mais básica: vigiar sempre as próprias costas.

- Têm andado a seguir-me.

- Raciocínio rápido, hem, Harvey? Diz-lhe o que descobrimos mais, Costas.

- O Aeródromo de Shabramant pertence à Real Força Aérea Egípcia. É por vezes usado quando o Departamento Governamental de Antiguidades quer transportar para o Cairo artefactos valiosos encontrados em escavações oficiais. A última notícia que tenho refere-se a material que passou por lá há um mês a caminho do Museu Egípcio. Bens provenientes de um túmulo no Vale dos Reis. De valor incalculável, tudo aquilo.

Reggie pousou o copo vazio com um sorriso maldoso.

- Interessante, não acha, Harvey? Tesouros desses podem render um bom dinheirinho se, depois da guerra, forem vendidos a coleccio- nadores particulares; dá para garantir o resto da vida a um homem. Por acaso, meu velho, não sabe de outro carregamento que esteja para chegar em breve, não?

- Acho que está a interpretar a situação de um modo completamente errado, Reggie. - Deacon engoliu em seco. - É com toda a sinceridade que lhe digo isto.

- Não me parece, camarada, não me parece mesmo nadinha. Calculo que os seus amigos estejam a preparar-se para qualquer coisa séria ... como desviar do aeroporto algum tesouro incalculável. Seja o

que for, acho que deve valer muito mais do que três mil. Portanto, vamos fazer novo acordo. Quero entrar para a sociedade e ficar com dez por cento. Em troca, recebem os veículos e as fardas sem pagarem mais nada e também forneço musculatura extra que possa fazer jeito.

- Já lhe disse ... - começou Deacon, mas Salter deu-lhe uma bofetada na cara.

- Não me venha com essas tretas. Qual é a ideia desses seus camaradas?

Num instante, Hassan saltara da cadeira de navalha em punho, porém Reggie foi mais rápido. Sacou a Browning do coldre ao ombro e apontou-a à cara do árabe.

- Experimenta, meu lindo, e abro-te um buraco tão grande que até dá passagem a um camelo. Agora, larga a faca, de contrário aqui o teu patrão vai precisar de uma carpete nova.

Hassan não se mexeu.

- Não volto a dizer - avisou Salter.

- Larga a navalha - disse Deacon.

Hassan obedeceu. Reggie pegou na arma e atirou-a para longe. Virou-se de novo para o dono da casa.

- Converse com os seus amigos. Chame-os à razão. Posso deitar as mãos a tudo o que precisem para isto acabar em bem, e, quando digo tudo, é mesmo tudo. Todavia, se tentarem manter-me fora da brincadeira, frito-os. E não creio que os seus amigos ficassem muito felizes se a Polícia recebesse uma sugestão para vigiar o aeródromo. Está a ver aonde quero chegar? Até breve.

Após a saída de Salter e do grego, Hassan cuspiu para o chão, apanhou a navalha e deitou a Deacon um olhar irado.

- Para a próxima, mato-o. E ao grego também.

Deacon serviu-se de um brandy duplo, que emborcou de um trago, batendo a seguir com o copo em cima da secretária.

- Deixa. De momento, temos problemas maiores. No estado em que estão as coisas, nem precisamos dos camiões de Salter. - Atirou ao outro as chaves do Packard. - Para já, pega no carro e vai a Alexandria o mais depressa possível. - Entregou-lhe um papelinho. - Vai a esta morada e pede para falar com o inspector Sadek.

Hassan fitou o interlocutor como se ele tivesse enlouquecido.

- Um polícia? Disse que aquilo estava infestado de tropa e Polícia.

- Este é um polícia reformado ... simpatizante nazi. Precisamos de saber se os nossos amigos foram apanhados. Tenho de informar Berlim quando efectuar a transmissão desta noite. Sadek deve conseguir descobrir. Se as coisas estiverem desesperadas, vai a Rashtd e diz ao teu primo que se desfaça do barco. Não quero a mínima prova a implicar-nos se os nossos amigos forem interrogados.

Halder estava deitado em cima da cama a consultar o guia turístico quando Rachel saiu da casa de banho. Trazia o cabelo molhado e vinha embrulhada numa toalha.

- Ao menos, a água é quente e há sabonete a sério.

Jack contemplou-lhe a figura, pernas altas e pescoço delicado, a suave curvatura dos seios sob a toalha.

- Que é? - indagou ela.

Jack Halder fitou-lhe o rosto.

- Nada.

Atirou o guia para o lado, saiu da cama e passou por ela a caminho da casa de banho. Pôs um banho a correr enquanto fazia a barba, a seguir mergulhou na banheira de água quente e saiu dez minutos depois envolto numa toalha. Tirou um cigarro do maço e bateu-o, absorto. Rachel estava sentada na cama a secar o cabelo e reparou que ele a fitava.

- Porque olhas para mim dessa maneira?

Ele acendeu o cigarro e inalou, melancólico.

- Reparei na tua expressão quando vimos Harry. Era ele que verdadeiramente amavas, não é verdade?

Desta vez, Rachel fitou-o intensamente.

- Fiquei chocada. Nada mais. E o que eu sentia por Harry é inconsequente.

Ele suspirou, levantou-se da cama e foi até à janela.

- Posso contar-te uma coisa? Quando a minha mulher morreu, só o meu filho me manteve vivo no meio desta loucura. Houve, contudo, frequentes ocasiões em que pensei em ti. Talvez, na verdade, esperasse um dia reencontrar-te e ter a coragem de te dizer que estava apaixonado por ti. Ainda estou, como sempre estive. - Esmagou o cigarro com uma súbita expressão pesarosa. - Quanto ao meu filho, duvido de que alguma vez volte a vê-lo. Tanto quanto sei, até já pode ter morrido. - O desgosto toldava-lhe a voz e, de repente, toda a sua autoconfiança se desvaneceu, e ele virou-se, alquebrado.

Rachel ergueu-se, foi ter com ele e pôs-lhe a mão no ombro.

- Não podes desistir agora. Juntos, havemos de desenvencilhar-nos disto.

- Não me parece que tenhamos grandes probabilidades, principalmente depois do que aconteceu.

Rachel pousou-lhe ambas as mãos nos ombros.

- Olha para mim, Jack. Havemos de conseguir. Tu tens de acreditar.

Ele respirou fundo, recuperando a compostura.

- Tens razão. Desculpa.

- Continuas a preocupar-te com Harry, não é verdade? Apesar do facto de estarem em lados opostos. Quando lhe apontaste a arma à porta da estação, ocorreu-te que podias ter de lhe dar um tiro?

- Claro. Só que sabia que não era capaz de o fazer. - Halder teve um arrepio. - No entanto, preocupa-me a ideia de termos de nos enfrentar com os dedos nos gatilhos. Algum de nós saberá como reagir se a situação se tornar desesperada?

Rachel hesitou, de olhos postos no rosto dele.

- O que acabaste de dizer, sobre estares apaixonado por mim ... é mesmo verdade?

- Tudo o que disse é verdade. Mas também já te disse que Harry estava igualmente apaixonado por ti. E eu nunca quis destruir a nossa amizade sendo o primeiro a declarar-me. - Mergulhou os olhos nos de Rachel. - E tu? Amavas algum de nós naquela altura? Diz-me a verdade.

Rachel hesitou, com a confusão estampada no rosto. Até que passou um dedo pelos lábios de Jack.

- Nem que seja apenas por pouco tempo, quero ser feliz num mundo enlouquecido. Beija-me.

Ele fitou-a de olhos incendiados, plenos de intensa paixão, e beijou-a arrebatadoramente. Rachel correspondeu, e Halder arrancou-lhe a toalha, explorando-lhe o corpo, com os lábios a aflorarem-lhe o pescoço, as orelhas, os ombros, e as mãos a passarem-lhe pelos seios, a descerem-lhe para as coxas e a introduzirem-se-lhe entre as pernas. Ela soltou um gemido de prazer, acariciando-o por sua vez, com os dedos a percorrerem-lhe a barriga lisa e musculosa, agarrando e afagando a sua dureza.

Até Jack não conseguir aguentar mais. Pegou-lhe e levou-a para a cama. Tocaram-se e beijaram-se com uma ternura dominante, quase esmagadora; por fim, Rachel rolou para cima dele, afastando as coxas e guiando-o para dentro de si.

Halder acordou com o ruído do trânsito. Estava escuro lá fora, um raio de luar entrava no quarto pelas persianas abertas. Rachel estava sentada numa cadeira de palhinha junto da janela, com o guia turístico aberto sobre os joelhos.

- Que estás a fazer?

- A pensar. Há uns caminhos que não tínhamos considerado.

- Como, por exemplo?

- O porto, para começar. A partir daí, podíamos chegar a Rashíd e depois seguir para o Cairo. - Entregou-lhe o livro. - Vê.

Jack olhou de relance para o livro, mas abanou a cabeça enquanto saía da cama e começava a vestir-se.

- Podes ter a certeza de que Harry e os amigos dele têm o porto sob vigilância. Além disso, não há para

onde fugir quando se está no mar.

- Não podemos limitar-nos a ficar aqui sentados à espera de que nos apanhem. Temos de fazer alguma coisa. - Uma nota de desespero aflorou-lhe a voz.

- O deserto continua a ser a nossa melhor aposta. Muito provavelmente, a única. - Pegou na mão dela e puxou-a para si, pondo-lhe uma das palmas em concha na face. - Estás arrependida do que se passou entre nós?

Rachel abanou a cabeça, e então ele viu-lhe lágrimas ao canto dos olhos.

- A verdade é que nunca consegui decidir-me entre ti e Harry. Amava-os a ambos, sabes.

- E agora?

Ela mordeu o lábio, pareceu de novo à beira das lágrimas, até que lhe rodeou o pescoço com os braços e o puxou para si. Depois de se beijarem, Rachel encostou a cabeça ao peito de Halder, apertando-o com força. Jack aconchegou-a longo tempo, até que ela comentou:

- Está tudo tão silencioso aqui em cima.

- Talvez se tenham esquecido de nós.

- Há pouco, pareceu-me ouvir qualquer coisa no patamar das escadas. E capaz de ser melhor irmos ver.

- Esperemos que a nossa amiga Safa tenha cumprido a sua parte do acordo.

Quando ele se dirigia para a porta, ouviram uma chiadeira de pneus. Ele apagou a luz do quarto e correu até à janela. Meia dúzia de camiões do Exército estava parada lá em baixo, na rua, e dúzias de soldados estavam a desembarcar e a tirar as espingardas dos ombros. A seguir, subiram a correr os degraus do edifício do outro lado da rua.

- Se estão a fazer uma rusga na zona, não tarda muito que alguém venha bater à nossa porta - comentou Halder, virando-se de novo para Rachel. - Veste-te depressa. São horas de nos pormos a andar.

Gabrielle Pirou torcia as mãos, desesperada. Estava convencida de que o homem e a mulher que estavam lá em cima eram o casal procurado pelo Exército. Tivera esperança de que se limitassem a ir embora sem dar nas vistas, poupando-lhe assim o trabalho de chamar a Polícia Militar. Uma rusga seria desastrosa para o negócio. Contudo, o último cliente partira há mais de uma hora, e ela dera folga às raparigas para o resto da noite.

Não podia esperar mais. Trémula, estendeu a mão para o auscultador e ligou o número do QG da Polícia Militar.

- Gabinete do oficial de dia - atendeu uma voz masculina.

- Tenho uma informação que talvez vos interesse - começou Gabrielle.

- Quem fala?

Ela deu o seu nome e a direcção, contou o que se passava e descreveu o casal. Após um silêncio, ela detectou excitação na voz do interlocutor:

- Os nossos homens estão aí dentro de dez minutos, minha senhora. Mas não faça nada precipitado. Se for o casal que procuramos, está armado e é muito perigoso. Deixe-se ficar onde está até à chegada do pessoal.

Dez minutos. Isso era uma eternidade, e não lhe agradava nada aquilo do armado e muito perigoso. O melhor era esgueirar-se em silêncio pela porta das traseiras. Ia falar para o bocal a fim de informar o interlocutor dos seus planos, quando ouviu um ligeiro estalido e olhou para trás no momento em que a porta da sala se abria.

O homem trazia uma arma na mão.

- Que menina mal comportada! Agora, faça favor de desligar e de obedecer.

A principal estrada de ligação entre Alexandria e o Cairo estava num caos. Todos os condutores eram mandados sair dos veículos, que sofriam uma revista minuciosa enquanto os documentos dos ocupantes eram examinados. Até as viaturas que chegavam estavam a ser verificadas. Hassan deixou-se ficar sentado no Packard e olhou de soslaio para o relógio. Levava mais de duas horas a chegar aos arredores de Alexandria, conduzindo tão depressa quanto se atrevera. Estava quase na barreira, porém agora o trânsito à sua frente era compacto, com os carros colados uns aos outros.

O Exército revistava todos os veículos. Ele sabia que aquilo significava que ainda não tinham encontrado os alemães, pelo menos não todos. O camião à sua frente, carregado de melões, avançou um pouco. Ele meteu a mudança e ocupou o lugar seguinte. Havia uma lâmpada acesa no posto de verificação, e Hassan teve um repentino sobressalto de choque.

Reparou em dois oficiais, um britânico e outro americano, a encaminharem-se a passos largos para o camião. O americano que seguia à frente era o oficial do Serviço de Informações que lhe assaltara o apartamento, Weaver.

Hassan praguejou de si para consigo. Era improvável que o americano esquecesse a cara de alguém que tentara matá-lo; tinham-se visto de bem perto.

O camião da frente avançou para ser revistado, e então um dos soldados fez sinal a Hassan para ocupar o lugar deixado vago. Era ele o seguinte.

Viu que Weaver continuava na barreira, com as mãos na cintura, a observar os soldados a revistarem o camião. Todavia, no preciso mo-

135

mento em que Hassan se preparava para avançar ouviu um motor a roncar.

Weaver rodopiou sobre si próprio. Aproximava-se um jipe a toda a velocidade, vindo da cidade. Parou com um chiar de travões numa nuvem de pó, e um homem de venda num olho pôs a cabeça de fora e

chamou Weaver.

Trocaram umas palavras rápidas, e Weaver saltou para a traseira do jipe. Este fez inversão de marcha e afastou-se, barulhento.

Hassan soltou um suspiro de alívio antes de lhe ocorrer que talvez tivessem encontrado os alemães. Humedeceu os lábios, recordando a morte do primo, Tarik Nasser, roído por um forte desejo de vingança pelo que o americano e os seus homens tinham feito.

- Saia do carro, por favor - ordenou um sargento.

Hassan obedeceu. O sargento examinou-lhe os documentos com cuidado enquanto dois soldados se apressavam a revistar o automóvel.

- Que vai o senhor fazer a Alexandria?

- Visitar o meu pai, que está muito doente.

- Não há nada no carro, meu sargento, a não ser isto. - O cabo entregou-lhe uma navalha.

- Uma arma bastante perigosa - observou o sargento, aguardando uma explicação.

Hassan encolheu os ombros, confiante de estar a salvo.

- Sou um homem de negócios. Com certeza que compreende, sargento. No Egipto, um homem como eu tem de se proteger de rufias e ladrões.

O sargento pareceu não duvidar nem por um minuto. Devolveu a navalha a Hassan e mandou-o seguir.

Ele reentrou no automóvel e ligou o motor. Na estrada lá à frente, viam-se os faróis traseiros do jipe de Weaver precipitando-se para a cidade. Deacon dissera-lhe que procurasse o inspector Sadek, polícia reformado. Contudo, uma luz acendeu-se de súbito na cabeça de Hassan.

Tinha uma ideia melhor. Ia seguir o americano.

Halder instruiu Rachel:

- Procura uma toalha e lençóis. Depois, apaga todas as luzes do rés-do-chão. - Virou-se de novo para Madame Pirou. - Quem mais está no edifício?

- Ninguém. Saíram todos. Pensei que podia haver problemas.

- Bem pensado. Tem carro, por acaso? - Como ela não respondeu, Halder apontou-lhe a arma e insistiu em tom calmo: - Acredite, madame, eu estou a falar a sério.

- Está um Citroen numa garagem nas traseiras.

- Onde tem as chaves?



- Na gaveta de baixo da minha secretária.

Enquanto Jack procurava as chaves, ouviram-se de repente várias pancadas com força na porta principal.

- Quem é? - rosnou Halder.

A francesa estava com um ar assustado.

- Se calhar, é algum cliente.

- Ou o seu telefonema obteve uma resposta rápida. - Halder arrancou o fio do telefone da tomada de parede, ao mesmo tempo que Rachel regressava com uma toalha e lençóis. Ele pousou a arma, enrolou os lençóis e utilizou-os para atar a madame a uma das cadeiras, usando a seguir a toalha para lhe fazer uma mordança sobre a boca. - Ao contrário de alguns dos seus clientes, não posso dizer que tenha sido um prazer, madame.

Gabrielle Pirou guinchou sob a mordança. O batuque para lá do vestíbulo intensificou-se. Jack pegou no revólver e acenou à companheira.

- Vamos.

Correram para o pátio das traseiras e descobriram a garagem, a qual tinha uma porta de entrada a um dos lados que Halder verificou não estar trancada. Tacteu às escuras, à procura do interruptor, que accionou. Um Citroen preto de antes da guerra, com os cromados e a carroçaria luzidios, cintilou à luz, e viam-se duas portadas de madeira que davam acesso à rua das traseiras.

- Vai ver se estão abertas. - Jack precipitou-se para a porta do lado do condutor, saltando para dentro do automóvel.

Rachel experimentou as portas da garagem.

- Não estão fechadas à chave.

- Não as abras ainda ... eu faço isso quando estiver a postos. - Inseriu uma das chaves na ignição, carregou no botão do motor de arranque e este emitiu um ruído, mas calou-se logo em seguida. - Reza uma oração. - Voltou a experimentar, e desta vez resultou. - Afinal, os deuses sempre estão connosco. Entra.

Rachel deslizou para o lugar do pendura, e então ele foi até uma portinhola inserida numa das portadas da garagem que entreabriu, espreitando lá para fora. Deparou com uma viela empedrada que as luzes de um café em frente iluminavam. Estava prestes a abrir a garagem quando viu um homem lá ao fundo, aproximando-se a correr de pistola em punho. Era Harry Weaver. Halder destrancou as portas, meteu a cabeça para dentro e fechou a portinhola.

- Parece que falei cedo demais.

- Porquê? - inquiriu Rachel.

- Temos companhia. Harry, mais concretamente. Passa para o lugar do condutor e desliga o motor. Fica

dentro do carro e não façam barulho.

Enquanto ela obedecia, Jack engatilhava o revólver e desaparecia na escuridão.

Weaver contara as entradas das traseiras à medida que corria pela viela de pistola em punho até chegar a um portão de ferro em arco que dava para um pequeno pátio empedrado. Experimentou o portão, que se abriu com um estalido, e ele entrou no pátio. Do outro lado havia uma porta para as traseiras do edifício principal. Harry encaminhou-se para lá e experimentou o puxador. A porta abriu-se, e ele deu por si num corredor às escuras.

Tinha consciência de uma tensão insuportável a acumular-se-lhe no peito enquanto prosseguia de pistola em riste. Ouviu um ruído e deteve-se. Parecia um cão a ganir e provinha de uma divisão ao fundo do corredor. Encaminhou-se para a porta e parou do lado de fora.

Os ganidos recomeçaram. Weaver preparou-se, levou a mão à maçaneta, rodou-a devagar e entrou de rompante na sala.

Um caniche mordiscou-lhe os pés. Quase alvejou o animal antes de ver a mulher amarrada a uma cadeira e amordaçada com uma toalha. Libertou-a, e ela inspirou o ar, lívida.

- Merci! Graças a Deus! Os malditos boches pregaram-me um susto dos diabos, a mim e ao petit Donny! - A mulher emitiu um chorriho de impropérios, até que Harry conseguiu interrompê-la:

- Onde está o casal?

Weaver saiu para o pátio e dirigiu-se cuidadosamente à entrada lateral da garagem. Hesitou antes de rodar o puxador. Lá dentro reinava a escuridão, mas viam-se os contornos difusos de um carro. Afinal, Halder e Rachel não o tinham levado. Entrou, mas ao tactear à procura do interruptor da luz, sentiu a ponta fria do cano de uma arma encostado à nuca.

- Nem uma palavra, Harry - sussurrou uma voz. - Nem tentes mexer-te, porque eu detestava ter de matar-te. Agora, tranca a segurança e depois larga a pistola.

Weaver obedeceu, e a pistola caiu no chão com um estardalhaço. No segundo seguinte, acendeu-se uma lâmpada e a garagem foi inundada de luz. Harry olhou em frente. Sentada ao volante do Citroen, estava Rachel. Ela virou-se para trás, e os olhares de ambos cruzaram-se. Antes de o americano poder falar, o alemão surgiu de trás dele com um revólver na mão e apanhou a Colt.

- Voltamos a encontrar-nos, velho amigo, mas, se não te importas, guardamos os discursos do reencontro para mais tarde. Vai para a frente do carro. - Weaver assim fez, e Jack perguntou: - Está algum dos teus homens lá fora? - Perante a hesitação dele, Halder insistiu: - Não me mintas, Harry, senão ainda morre alguém. Incluindo nós.

- Estão todos na frente. Vim pelas traseiras sozinho.

- Rachel, abre as portadas e depois volta. Parece que temos um avanço em relação ao grupinho de Harry.

- Não vais conseguir fugir - avisou-o Weaver. - A zona está cercada.

- Pode ser, mas tenho um ás na manga. Agora, senta-te ao volante e faz exactamente aquilo que eu te mandar. Dirige-te para a saída leste da cidade. Continua a conduzir até eu te dizer para parares.

- Estás louco, Jack. Não avanças cem metros. A cidade está a fervilhar de soldados e polícias.

- Pois, mas tu vais safar-nos desta encrenca, Harry. Se nos mandarem parar, explicas quem és e mostras a tua identificação. Se alguém fizer perguntas, nós estamos contigo e tu estás com pressa. Agora, entra.

Weaver deslizou para o lugar do condutor enquanto Rachel saía e empurrava as portas da garagem, regressando depois e sentando-se no lugar do passageiro. Halder ocupou o banco de trás e instruiu:

- Segue para a rua. Se alguém tentar impedir-nos, prego a fundo.

Weaver meteu a mudança e soltou a embraiagem. O Citroen

avançou com um solavanco, e Harry virou à esquerda à saída da garagem, passando por um Packard estacionado na viela.

Hassan viu o Citroen preto entrar na via pública. Weaver ia ao volante, com uma mulher sentada ao lado e um homem à paisana no banco de trás. O carro virou à esquerda e afastou-se, aumentando de velocidade. Por um momento, Hassan deixou-se ficar sentado, completamente confuso, até se decidir a pôr o motor do Packard em funcionamento e seguir a outra viatura.

Ao sair para a marginal, viu um camião militar a deter-se com um chiar de travões, seguido por diversos jipes. Abrandou para uma velocidade mínima, ansioso por não atrair as atenções. Apareciam soldados de todos os lados, e uma parte da Corniche estava a ser vedada.

Hassan praguejou. Os soldados bloqueavam a estrada por completo. Os idiotas não sabiam o que acontecera. Era evidente que dois dos alemães tinham fugido, levando Weaver como refém. Hassan deixou-se ficar parado a matutar.

Talvez os alemães tentassem chegar a Rashid. Provavelmente, era a única esperança de fuga que lhes restava. Fez um sorriso manhoso. Se seguisse por uma das múltiplas estradas secundárias, até 'podia ser que conseguisse lá chegar antes dos outros. Se acertasse e Rashid fosse o destino deles, teria oportunidade de ajustar contas com o americano.

Hassan tomou uma estrada secundária, que atalhava pelo litoral e pelos pântanos do delta do Nilo, mas não viu o Citroen preto pelo caminho. Receou ter-se enganado relativamente aos alemães tentarem chegar a Rashid; ou então talvez tivessem sido apanhados pelo caminho. Fosse como fosse, tinha de se ver livre do barco. Conduziu até ao fim de um carreiro coberto de ervas e ladeado de palmeiras e deteve-se.

À esquerda, havia um barracão para guardar barcos, uma estrutura de madeira delapidada e que em tempos servira aos pescadores locais. Amarrado ao embarcadouro, estava um barco a motor de proa afilada. Saiu do Packard, foi buscar uma lanterna à bagageira e acendeu-a três vezes. Respondeu-lhe outro sinal de luz, e logo um homenzinho de barba rala saltitou das sombras. Ele franziu o sobrolho.

- Que se passa, primo? Temos carregamento?

- Houve uma alteração de planos. Tens de desaparecer imediatamente.

O homem pareceu aliviado, mas nesse preciso momento ouviram um ruído de motor. Hassan virou-se e viu as luzes de um carro a aproximar-se. Quando este chegou mais perto, apagou e acendeu os faróis por três vezes. Hassan voltou-se para o primo e sorriu.

- Parece que afinal o carregamento sempre veio. Prepara o barco.

Enquanto o homem se apressava pelo cais fora, Hassan observou a aproximação do Citroen, ainda com Weaver ao volante.

Sorriu para consigo. Está na altura de ajustarmos contas, americano.

Aparearam-se todos. Halder fitou o árabe que avançava ao seu encontro a perguntar com maus modos:

- Onde estão os outros dois?

- Só Deus sabe. Tivemos problemas, por isso atrasámo-nos. - Indicou Weaver com um gesto do polegar. - Este homem é nosso prisioneiro, oficial americano de informações. Tivemos de o trazer connosco.

- Já conheço o americano. - Hassan puxou da navalha e apontou a extremidade ao pescoço de Weaver. - Lembra-se de mim, Weaver?

Halder viu a ameaça prazenteira nos olhos do árabe. Por um momento, Harry pareceu confuso, até o reconhecimento se lhe espelhar na cara.

- Como é que se conhecem? - perguntou Halder, franzindo o sobrolho.

- Depois - redarguiu Hassan de imediato. - O barco está à espera. Se não partirem já, correm o risco de serem detectados pelas patrulhas do rio.

- Não vem connosco?

- Volto para o Cairo de automóvel.

- É melhor desceres para o cais - disse Hader a Rachel.

- Eu ... gostava de ter uns momentos com Harry.

- Não há tempo. Podemos ter companhia de um momento para o outro.

Rachel mordeu o lábio enquanto contemplava Weaver, encaminhando-se depois para o molhe.

- Arranje uma corda para lhe atar as mãos - disse Halder ao árabe.

- Com muito gosto. - Hassan fez um grande sorriso e afastou-se em passo ligeiro.

- Vais matar-me? - perguntou Weaver.

- Deixa-te disso, Harry. Nós já somos amigos há demasiado tempo.

- Ainda não me contaste porque estás envolvido nisto. E porquê Rachel? Eu pensava que ela tinha morrido ...

- Lamento, mas não há tempo para tanta coisa. Com um pouco de sorte, alguém há-de encontrar-te amanhã de manhã. Mas nessa altura já estaremos longe.

Hassan regressou com um baração de corda, e Jack puxou os braços de Weaver para trás e amarrou-lhos.

- Agora, leve-o para o barracão. Assegure-se de que ele não consegue fugir. Depois, atire o Citroen ao rio.

Hassan pareceu intrigado.

- Mas ele é inimigo e viu-nos a cara ...

- Não há mas nem meio mas, limite-se a fazer o que lhe mando - ordenou Halder.

Hassan puxou de novo da navalha e declarou com grande determinação:

- Ele tentou matar-me uma vez. Agora, mato-o eu.

Agitou a lâmina num arco que fez Weaver recuar. O árabe aproximou-se, com a sede de sangue estampada na cara. Voltou a levantar a lâmina, avançando para matar, mas Jack sacou da pistola e, antes de a navalha atingir o objectivo, houve uma explosão e uma bala roçou a orelha de Hassan, que ficou a sangrar. A navalha tilintou no chão, e o homem gritou de dor.

- Devia lavar os ouvidos - aconselhou Halder. - Disse-lhe que não o matasse. Agora, trate do Citroen antes que eu mude de ideias e acabe o que comecei.

Hassan fixou os olhos em Weaver.

- Inshallah. Há-de haver nova oportunidade, americano.

Foi-se embora, deitando um olhar irado a Jack, que por sua vez

empurrou Harry para o barracão, onde o atou com força a um dos postes de madeira.

- Vieste matar Roosevelt e Churchill, não é verdade?

Jack Halder ergueu o olhar, visivelmente chocado.

- Porque dizes isso?

- É uma ideia louca, Jack, uma missão suicida. Não tem de ser assim. Entrega-te já e ...

- E o quê? Enfrento um pelotão de fuzilamento? Estou demasiado embrenhado para voltar a sair. - Uma expressão torturada perpassou-lhe pelo rosto. - Imploro-te, Harry, não te metas nisto. Isto é maior do que nós dois.

- Não posso fazer uma coisa dessas.

- Assim seja. - Halder despiu o casaco, tirou a camisa e enrolou-a para fazer uma mordação.

- Jack, por amor de Deus, escuta-me ...

O alemão atou a mordação sobre a boca do amigo, vestindo depois outra vez o casaco.

-

Gostei de voltar a ver-te, e digo-o com sinceridade. Era bom acabarmos a nossa conversa, mas tenho um barco à espera. Até à próxima, Harry.

Halder acordou de um sono entrecortado ao som de água a marulhar. O barqueiro conduzia o bote por entre canaviais em direcção ao molhe privado de uma vivenda caiada. Rachel dormia encostada ao seu ombro e ele acordou-a.

- Chegámos.

Figueiras-da-índia debruçavam-se sobre a borda-d'água, de onde uns degraus subiam para um pátio empedrado nas traseiras. Hassan esperava-os no molhe. Ajudou o barqueiro a amarrar o cabo e depois fitou-os com cara de poucos amigos, indicando o pátio com um movimento de cabeça.

Esperava-os um homem carrancudo, que avançou de sobrolho franzido de preocupação.

- Então, finalmente conseguiram. Deve ser o major Halder. - Estendeu a mão. - Harvey Deacon. Besheeba para os meus amigos de Berlim. Espero que a vossa viagem pelo rio não tenha sido demasiado desagradável.

- Se descontarmos o facto de o barqueiro ter sido obrigado a esconder o bote entre os canaviais durante umas boas duas horas para fugir a uma patrulha.

- Desagradável, mas já cá estão, que é o mais importante. - Deacon virou-se para Rachel com a expressão desanuviada, fez-lhe um sorriso encantador e beijou-lhe a mão. - Berlim disse-me que esperasse uma senhora, mas não contava com uma tão bonita. Encantado. - Apontou a vivenda. - Queira fazer o favor de entrar e pôr-se à vontade. Tenho uns assuntos particulares a tratar com o major.

Rachel entrou pelas portas de vidro, deixando Halder sozinho com Deacon e Hassan. O dono da casa olhou de soslaio para este antes de se voltar de novo para Halder.

- Parece que tiveram ontem à noite um pequeno desentendimento.

- Ele não cumpriu as minhas ordens. Já estamos em terreno suficientemente frágil para que eu tolere desobediências.

- Devia ter-me deixado matar o americano - retorquiu Hassan com amargura. - Depois disto, só nos vai trazer problemas.

Jack olhou-o do alto.

- Não se esqueça de quem está no comando desta operação.

- Então, então - interrompeu Deacon, que espetou o polegar na direcção do árabe. - Vai para dentro e cuida da senhora. - Depois, o dono da casa tirou um charuto do bolso do peito, acendeu-o e atirou o fósforo ao rio. - Hassan é teimoso, arrogante e não perdoa a mínima desconsideração. No entanto, fora isso, vale o seu peso em ouro. E mais, ele tinha razão: o major devia ter morto Weaver quando teve oportunidade. Esse homem só nos pode causar mais problemas.

Jack Halder não ligou à crítica.

- Há uma coisa muito mais preocupante que tenho de dizer-lhe. Ele sabia exactamente o que nos preparamos para fazer.

- Mas ... como? - perguntou Deacon, atónito.

Halder encolheu os ombros.

- Adivinhou, ou talvez seja mais complicado do que isso. Porém, é improvável que saiba do seu envolvimento, de contrário já há muito o Serviço de Informações Militares lhe teria feito uma visita.

- O senhor faz tenções de ir por diante?

Halder assentiu de cabeça.

- Todavia, vai ser cada vez mais difícil a partir daqui. - De súbito, a tensão e o cansaço espelharam-se na sua cara. - Passámos por muitas dificuldades desde que nos despenhámos. Precisamos de nos lavar. E uma refeição decente seria bem-vinda.

- Já está tudo preparado. No entanto, antes disso tenho uma surpresa para si.

Deacon olhou para as portas de vidro, de onde Hassan saía para o pátio. Atrás dele vinham Kleist e Doring, vestidos de novo. Um lento sorriso abriu-se na cara de Kleist.

- Parece que voltamos à acção, Herr Major.

Depois de comerem, Rachel subiu para o quarto para descansar. Halder foi para o pátio, onde Deacon e os outros estavam sentados.

- Como diabo conseguiram atravessar o deserto sem serem apanhados? - perguntou, ao mesmo tempo que puxava uma cadeira.

- Não foi fácil - informou Kleist em tom amargo. - Tínhamos parado num uádi ao fim da tarde quando ouvimos um avião a sobrevoar-nos. Tivemos de esperar que escurecesse para nos arriscarmos a sair de novo. Depois, perto de uma aldeia chamada Birqâsh, fomos mandados parar por dois polícias egípcios de serviço numa barricada na estrada. Cortámos-lhes as goelas e enterrámos os cadáveres. Assim que chegámos aos arredores do Cairo, descartámo-nos do camião, apanhámos o comboio e chegámos à justa ao ponto de encontro na noite passada.

Foi com expressão de desagrado no rosto que Jack comentou para Deacon:

- Mais mortes. Meu Deus, esta guerra piora de dia para dia.

O dono da casa limitou-se a encolher os ombros.

- Numa batalha, não é possível fugir aos cadáveres, major. Agora, é melhor irmos ao que interessa. Roosevelt chega hoje ao Aeródromo Cairo Oeste. As minhas fontes informaram-me de que fica instalado na suite presidencial do Mena House. Churchill chegou ontem e também o instalaram no hotel.

- A sua fonte é de confiança?

- É um oficial da Força Aérea Egípcia cujas informações costumam ser impecáveis.

- Segurança?

Deacon contraiu os lábios com secura.

- Muito apertada, como seria de esperar. Ninguém pode aproximar-se do complexo hoteleiro sem autorização adequada. Fui até aonde me atrevi, tomei apontamentos e fiz desenhos de tudo o que consegui ver. Tanques, artilharia antiaérea no telhado, patrulhas no terreno a intervalos irregulares.

Halder examinou as páginas escritas à mão, passando-as a seguir a Kleist e Doring para que as estudassem igualmente.

- E que problema é esse com os veículos?

- Não vai gostar do que se passa - suspirou Deacon, explicando a atitude de Salter. - O tipo é um perigoso gangster. Por infortúnio, não tive outra hipótese senão recorrer a ele. Ele quer uma resposta até amanhã à noite.

- Que pensa ele que estamos a preparar? - perguntou Jack, intrigado.

- O idiota suspeita que vamos executar um roubo e quer uma parte para comprar o silêncio dele. De contrário, podemos esquecer o jipe e os camiões, e posso contar com uma visita da Polícia.



Halder abanou a cabeça, desesperado.

- Mas precisamos desses veículos. Tudo depende deles. Tenho de pensar no assunto. - Virou-se para contemplar a vivenda. - Então, vai ser esta a nossa toca?

- Estou confiante em que a achará razoavelmente confortável e perfeitamente segura.

- Dêem uma boa vista de olhos por aí - disse Halder a Kleist e Doring. - Familiarizem-se com o ambiente e façam-me um mapa decente. Quero planejar saídas de emergência para o caso de serem precisas.

- Major Halder - interveio Deacon -, posso mostrar-lhe uma saída de emergência perfeita.

Deacon erguia um candeeiro de petróleo enquanto desciam os degraus para a cave. A luz tremulava no espaço abobadado enquanto eles se dirigiam para o fundo da divisão, onde se encontrava a porta metálica. Deacon abriu-a, e o brilho do Sol jorrou em catadupas. Um pequeno cais de pedra revelou-se do lado de fora, bem escondido por juncos altos. Depois, o Nilo, um pequeno barco a remos com motor fora-de-borda.

- Você é, sem dúvida, um homem cauteloso, Deacon - observou Halder.

- Por isso, ainda estou vivo - replicou Deacon, sorrindo e fechando a porta metálica.

Regressaram ao vestíbulo pelas escadas, e o dono da casa apagou o candeeiro com um sopro.

- Muito bem. Duas coisas - recomeçou Halder. - Primeiro, não revela as nossas intenções em frente da senhora. Ela não sabe dos nossos planos nem do objectivo final. Segundo, vou dar-lhe uma lista das coisas de que preciso para esta tarde, se é que posso abusar da sua boa vontade: são principalmente ferramentas pesadas e equipamento para escavações e duas das fardas americanas que obtive através de Salter.

- Importa-se de me dizer para quê?

- A minha intenção original era tentar introduzir-me no complexo fazendo-me passar por oficial americano. Porém, esse é precisamente o género de estratégia que os Aliados devem esperar, agora que já estão ao corrente das nossas intenções. Parece-me que nos resta apenas uma única opção. Perto da Pirâmide de Quéops, há um túnel que vai de uma câmara funerária em direcção aos terrenos do hotel. Schellenberg pensa que talvez desemboque no interior do complexo.

- Extraordinário. - Deacon coçou o maxilar. - Então, foi por isso que Berlim me pediu a confirmação se ainda havia escavações em curso em Gizé.

Halder tirou a carteira e mostrou a Deacon os documentos que o identificavam como professor Paul Mallory, assim como as credenciais da Universidade Americana.

- Pode alterar estes nomes se eu lhe der umas alternativas?

Deacon encolheu os ombros.

- É um trabalho fácil, portanto não vejo porque não. E capaz de me dizer o que tem em mente?

- Para todos os fins, serei um professor a proceder a uma inspecção legítima ao trabalho dos meus alunos em Gizé, por conseguinte deve ser fácil enrolarmos a Polícia e conseguirmos passar. Todavia, mesmo que as coisas se compliquem, é provável que consigamos suborná-la para não nos incomodar.

- E depois, se dermos com o túnel?

- Kleist e eu avaliamos a segurança no interior dos terrenos do hotel e procuramos descobrir os locais exactos em que Roosevelt e Churchill se encontram instalados. E para isso que precisamos das fardas.

- Contudo, deve haver inspecções de segurança dentro do perímetro - contrapôs Deacon, preocupado. - Weaver e os camaradas dele hão-de estar apostados em apanhar-vos.

- Com esse problema tenho de ser eu a preocupar-me. E não me resta outra opção. A menos que você me dê uma.

- Com essa é que me trama, major.

- Precisamos de transporte. E, de preferência, um modo de chegar a Gizé que nos ajude a evitar barreiras, se possível.

Deacon coçou a cabeça.

- Sai daqui perto um acidentado trilho no deserto directo para a aldeia de Nazlat as-Saman, próximo das pirâmides. Sugiro que leve a moto de Hassan. Kleist e eu podemos seguir no Packard pela estrada mais usada.

Halder esmagou o cigarro com um breve sorriso.

- Perfeito. Está então combinado. E não se preocupe com Weaver. Ele não vai apanhar-me.

Cairo

- Que espécie de idiota é você? - Clayton deu um murro na secre-tária. - Como é que os deixou escapar?

Weaver estava sentado no gabinete do general, de olhos raiados de sangue, o corpo dorido de exaustão. Pouco depois das 7 dessa manhã, dois pescadores tinham-no encontrado no barracão dos barcos. Duas horas depois, um Sanson furioso enfiava-o num avião com destino ao Cairo e ao gabinete do general Clayton.

- Não tive alternativa, meu general - respondeu Weaver.

Sanson estava sentado ao lado dele. Continuavam ambos visivelmente furiosos.

- É ridículo - prosseguiu Clayton. - Tínhamos metade do Exército na rua, todas as estradas bloqueadas, e mesmo assim conseguiram evadir-se. Quanto a você, Weaver, permitir que dois agentes inimigos o

convencessem a ajudá-los na fuga é pura incompetência. Que tem a dizer em sua defesa?

- Cometi um erro ao persegui-los sozinho - confessou Weaver, pouco convincente.

- Sem dúvida que cometeu! - disparou Clayton. - Parece-me que você deixou os sentimentos pessoais interferirem com o dever. Neste caso, não é só imperdoável, é quase traição. - O general levantou-se, irado, de trás da secretária. - É melhor contar-me tudo o que sabe sobre esse casal.

O general permaneceu em pé até Weaver ter acabado e por fim dirigiu-se a Sanson:

- Quais são as suas informações sobre essas pessoas?

- Bem, sir, o contacto que tenho na Secção de Homicídios do Cairo, o capitão Arkhan, que investigou a morte de Mustapha Evir, no princípio da guerra estava na Polícia Secreta Egípcia. Ele contou-me que, quando a família de Miss Stern estava empenhada na escavação arqueológica de Saqqara, em 1939, houve suspeitas de que fossem espiões alemães, embora nunca se provasse nada contra eles. Halder também foi suspeito por essa época.

- Não pode condenar-se pessoas com base no instinto. São precisos factos concretos - contrariou Weaver com ímpeto.

Clayton fez um esgar, pegou no relatório que Sanson lhe trouxera e voltou a atirá-lo para cima da secretária.

- Pelo menos, há umas coisas de que podemos ter quase a certeza.

Primeiro, é óbvio que estamos, no mínimo, perante quatro inimigos infiltrados. E segundo, o mais provável é que entretanto já estejam algures na cidade.

Weaver sabia pelo relatório de Sanson que dois polícias egípcios tinham sido dados como desaparecidos ao fim da tarde do dia anterior, não longe de uma aldeia chamada Birqâsh, trinta quilómetros a norte do Cairo. Os corpos haviam sido descobertos ao princípio daquela manhã, enterrados a pouca profundidade, com as gargantas cortadas.

Sanson já anteriormente esclarecera Clayton de que era impossível aquilo ter sido obra de Halder e da mulher, pois estes encontravam-se em Alexandria. O general atravessou a sala até às portas de vidro, ainda furioso.

- As investigações no deserto foram relativamente bem-sucedidas - revelou então Sanson. - Os homens de Myers apanharam um homem chamado Achmed Farnad, agente dos alemães, que tem um pequeno hotel numa povoação chamada Abu Sammar. Uma velhota qualquer da terra denunciou-o. Parece que foi ele o agente de ligação contratado por Berlim para receber a equipa e depois encaminhá-la para o Cairo.

- Quando podemos interrogá-lo? - indagou Weaver.

- A partir daqui, Weaver, isto nada tem a ver consigo - interveio Clayton.

- Que quer dizer, sir?

- Cumpre-me informá-lo de que foi dispensado deste caso. Para dizer a verdade, não tenho a certeza de poder confiar em si para cumprir o seu dever com a eficácia e o vigor adequados, Weaver. Parece haver em si um conflito entre a lealdade para com os amigos e o dever em relação à pátria. Corre mesmo o risco de ceder à tentação de lhes permitir fugirem em vez de os levar perante a justiça militar. O presidente chegou esta manhã e não posso arriscar nada.

Weaver empurrou a cadeira para trás, irado.

- Não pode simplesmente descartar-se de mim.

- A decisão está tomada.

Cairo

Halder estava a verificar as fardas e os documentos de identidade alterados que Deacon lhe mandara entregar ao quarto quando bateram à porta e Rachel entrou. Vestira uma blusa fresca e calças de caqui, e Halder perguntou-lhe:

- Sentes-te melhor depois da sesta?

- Um pouco. - Ergueu o olhar para ele. - Achas que Harry está bem?

- Com certeza que os camaradas dele já o encontraram.

- Devias ter-me deixado falar com ele antes de embarcarmos no bote.

- Que vantagem teria? E a verdade é que não havia mesmo tempo. - Rachel suspirou, e ele indagou: - Que se passa?

- E só a sensação de que a partir daqui vai ser sempre a piorar. - De seguida, como para mudar de assunto, apontou uma farda de capitão americano estendida em cima da cama. - Para que é aquilo? Algum baile de máscaras no Shepheard, 's?

- Boa ideia - comentou Halder, recordando momentos mais felizes. Enfiou o uniforme numa mochila. - Tenho um trabalhinho a fazer na companhia do nosso anfitrião e de Kleist. - Calou-se por instantes. - Rachel, há uma coisa sobre que temos de falar. Refere-se ao teu pai.

O rosto dela ensombrou-se.

- Que ... que queres dizer?

- Schellenberg contou-me a descoberta em Gizé. Eu diria que foi arriscado, já para não dizer ilegal, ele não ter informado as autoridades egípcias.

Rachel corou, acabando por responder com firmeza:

- Havia boas razões para o meu pai manter o seu trabalho em segredo. Havia a ameaça de guerra, e os

Egípcios eram germanófilos. Se o país fosse ocupado, a última coisa que ele queria era que as suas eventuais valiosas descobertas caíssem em mãos nazis.

- Não posso contar-te a razão exacta, mas preciso de dar uma olhadela ao túnel. Lembras-te da localização?

- Lembro ... sim, claro.

- Qual é a dificuldade de acesso?

- Não muita. O meu pai voltou a selar a entrada, mas está suficientemente escondida para ninguém suspeitar da sua existência.

- Ótimo. Vamos estudar o assunto em pormenor antes da minha partida.

- Leva-me contigo, Jack - pediu de repente Rachel.

Halder abanou a cabeça.

- Não quero que corras o risco de seres apanhada.

- Eu sei tomar conta de mim.

- Já dei por isso.

Rachel fez um meio-sorriso e inclinou-se, afluando-lhe os lábios com os seus. Algo se incendiou nele, que a puxou para si, sentindo-lhe a macieza dos seios contra o peito quando ela se deixou enlaçar.

- Leva-me contigo, Jack, por favor! Sentia-me mais segura do que ficando aqui com os outros e posso ajudar-te a encontrar o caminho com muito mais rapidez.

- Acho que nunca fui capaz de recusar nada a uma mulher bonita.

Ao fim da tarde daquele dia, Weaver subiu os degraus de entrada no Shepherd,'s, passando pelos dragomanos fardados. Descobriu um lugar vago sob as palmeiras do terraço da frente e pediu um whisky duplo, quase nem reparando no caos do trânsito que passava pelo hotel.

Sentia-se irritado e frustrado. E ver Rachel com Jack Halder activara nele o aguilhão do ciúme com tal intensidade que quase o fazia desejar a morte do amigo. Passou um criado e ele pediu outro whisky.

- Olá, Harry - Virando-se, ele viu a adjunta, Helen Kane, de pé junto de si. - Importa-se que lhe faça companhia?

- Não, claro que não. Como sabia que eu estava aqui?

Ela puxou uma cadeira.

- Não sabia. Ia a passar de carro quando o vi no terraço. - Fitou-o com solidariedade. - Soube do que se passou com Clayton e Sanson, e achei que talvez gostasse de um pouco de companhia.

- É simpático da sua parte, Helen. - Weaver sorriu. - Importa-se que lhe pergunte se Sanson avançou alguma coisa?

- Calculo que não devia contar-lhe isto, mas houve um telefonema de um tal sargento Morris para o oficial de dia da Polícia Militar acerca de um pedido de informações de Sanson relativamente a veículos roubados. Houve exactamente quatro furtos na semana passada ... todos do mesmo depósito de material de transporte dos EUA no Cairo.

- Que espécie de veículos?

- Um jipe e três camiões. E três fardas foram levadas da Manutenção Militar mais ou menos ao mesmo tempo que o jipe, o que o deixou desconfiado de que houvesse qualquer relação.

- Fardas?

- Uma de capitão do Exército Americano e duas de polícias militares. O sargento sugeriu que podia ter mais informações sobre os roubos.

151GLEN N MEADE

- Que está Sanson a fazer relativamente a isso? - perguntou Weaver, animado.

- Vem no caminho de regresso de Alexandria. Parece que não teve grande sorte no interrogatório do agente árabe que Myers apanhou em Abu Sammar. - Vislumbrando uma centelha na expressão de Weaver, Helen Kane prosseguiu em tom sério: - Se você está a pensar o que eu penso que está, Harry, nem se atreva. Se Sanson o descobrisse a trabalhar sem autorização, levava-o a conselho de guerra. - A rapariga levantou-se. - É melhor eu ir andando. Ele tem toda a gente a trabalhar vinte e quatro horas por dia. Adeus, Harry.

- É isto que procura, major? - indagou Kieist.

Como Halder previra, perante um suborno generoso o polícia de serviço permitira-lhes, a ele e ao seu grupo, acesso ao local disfarçados de arqueólogos da Universidade Americana. Agora, procuravam o sinal que, segundo Rachel, o Prof. Stern deixara à entrada do túnel.

Halder e os outros reuniram-se a Kieist. O candeeiro a petróleo que este erguia revelava uma pilha de entulho, velhos pedregulhos e terra, tudo deixado em monte perto do canto inferior direito de um túmulo em ruínas.

- É isto - confirmou Rachel, examinando um inconfundível par de linhas direitas gravadas numa grande laje. - A entrada deve estar por baixo do entulho.

Halder agarrou num pé-de-cabra e afastou todo o entulho. Por baixo deste, estava uma grande pedra redonda, com mais de meio metro de diâmetro, ao nível do solo. Recorrendo ao pé-de-cabra, Halder tentou forçá-la, no entanto a laje não se moveu.

- Não serve de nada. Tem um peso dos diabos e está bem encaixada. - Despiu-se da cintura para cima e atirou a camisa para longe, pois transpirava abundantemente com aquele calor viscoso. - Ajude-me aqui, Kieist.

O SS reuniu-se-lhe, e juntos aplicaram toda a sua força no pé-de-cabra, gemendo de esforço.

O bloco começou a mover-se um pouco, e quando por fim conseguiram fazê-lo recuar, tombou com estrondo, deixando sair uma súbita lufada de pó e ar pestilento.

Com excitação crescente, Halder desenrolou um comprimento de corda de uma bola e atou-a ao pedregulho.

- Desço primeiro. Deacon, você fica aqui de vigia. Se alguém

aparecer, dê dois violentos puxões à corda. - Halder agarrou num candeeiro a petróleo, pôs um joelho no chão e levantou os olhos para Rachel e Kieist. - A hora da verdade. Se for seguro, dou um puxão à corda e vocês podem seguir-me.

Rastejou por uns cinco metros num ambiente claustrofóbico, com um ar quase irrespirável. Ao fundo da passagem, deu por si numa câmara escura e fantasmagórica, com uma largura de cerca de dois metros e meio e o tecto a roçar-lhe na cabeça. No centro, encontrava-se um grande sarcófago de pedra coberto por uma camada de espesso pó castanho. Halder passou os dedos pela tampa suja do velho túmulo, revelando a superfície bem polida que ficava por baixo e parte da qual tinha hieróglifos gravados. Ergueu o candeeiro e rodou lentamente em círculo.

As paredes da câmara estavam decoradas com hieróglifos ainda mais magníficos, de cores ainda nítidas e vivas, apesar de terem passado séculos, e ele ficou-se alguns momentos maravilhado perante o esplendor misterioso de tudo aquilo.

Ao fundo da câmara, havia um buraco no chão que conduzia ao negrume. Halder ajoelhou-se e avançou a rastejar sobre a barriga. Desta vez, a passagem tinha pouco mais de meio metro de comprimento e dava para uma caverna com tecto irregular meio metro acima da sua cabeça. Era nitidamente uma gruta natural; estendia-se por uns dez passos até chegar a um arco de pedra. Halder foi até lá, baixou a cabeça para transpor a entrada baixa e viu que a passagem prosseguia pela escuridão.

Deu um puxão forte na corda, e poucos minutos depois Kieist e Rachel vinham ter com ele.

- Muito bem, sigam-me e vamos ver aonde nos leva o corredor. Cuidado onde põem os pés.

Avançaram sem dificuldade, e enquanto Kieist segurava o candeeiro, Halder ia desenrolando a corda com cuidado. Após cerca de duzentos metros, chegaram ao fim do túnel.

Um imenso bloco de pedra barrava-lhes o caminho, inclinado para trás até ao tecto lá em cima.

- Ou me engano muito ou estamos num beco sem saída - comentou Halder para Rachel.

Ela apontou para cima, para onde a pedra inclinada tocava o tecto.

- Deve haver umas pedras soltas lá em cima. Acho que é a saída.

Halder levantou o candeeiro. Era verdade, havia uma rampa de entulho e pedras num recesso entre o topo da enorme pedra e o tecto.

- Dê-me uma pá e tente iluminar-me - ordenou a Kleist.

Este assim fez, e Halder atirou-se ao entulho até uma avalanche de escombros se precipitar para baixo, enchendo o corredor de pó asfixiante. Quando o pó assentou, ele ergueu os olhos e viu um poço pedregoso que subia.

- Vou ver aonde vai dar. Esperem aqui.

Estendeu a pá para baixo, entregando-a a Kleist, e trepou pela abertura às escuras. Momentos depois, chegou ao topo. Viu luar, cheirou o ar quente, perfumado, e içou-se para sair pela borda.

Ficou deitado numa pequena depressão do terreno numa zona imersa na escuridão e protegida em parte por um círculo de arbustos. A princípio, não viu mais do que sombras, até que reparou numa cerca à distância de pouco mais de cinquenta metros patrulhada por soldados armados.

Por detrás dele, havia um grande edifício, talvez a uns cem passos, que tinha à frente um relvado bem aparado salpicado de canteiros e palmeiras e cujas janelas deixavam passar o brilho das luzes. Reconheceu o Mena House. Dois tanques Sherman estavam estacionados em frente do edifício.

- Então? - perguntou Kleist, na expectativa, assim que ele regressou ao túnel.

- Acho que talvez estejamos com sorte. - O SS sorriu com uma excitação evidente, e Halder dirigiu-se a Rachel: - Leva um dos candeeiros e regressa para junto de Deacon. Eu vou lá ter mais tarde. - Reparou na expressão preocupada dela.

- Seja o que for que vás fazer, tem cuidado, Jack.

Quando ela reentrou no túnel, Halder disse a Kleist:

- Dê-me a mochila com as fardas. Vamos mudar de roupa e limpar-nos para depois vermos a coisa como deve ser.

Passados poucos minutos, Halder apagou o candeeiro, a caverna ficou mergulhada na escuridão e ele trepou de novo pela abertura, seguido por Kleist.

Halder e Kleist estavam deitados de borco no meio dos arbustos da depressão do terreno. Permaneceram assim na escuridão por alguns minutos, até Halder ter uma razoável certeza de ser seguro movimentarem-se.

- Dirigimo-nos para as traseiras do hotel. Descontraidamente, como se andássemos a passear. E mantenha os olhos abertos para qualquer brecha na armadura. Temos mesmo de arranjar maneira de entrar.

Quando se aproximavam da entrada de serviço, nas traseiras, Halder viu um camião militar de entregas e dois soldados de camuflado a descarregarem caixotes de provisões que transportavam para as cozinhas do hotel, enquanto um cabo armado e munido de uma prancha com folhas escritas procedia à verificação à porta. Halder parou, e Kleist pareceu ler-lhe o pensamento:

- Então, que acha?



- Vamos experimentar.

Com muito descaramento, Halder encaminhou-se para o cabo e indagou:

- Que se passa aqui?

O homem fez continência.

- Abastecimento da cozinha, meu capitão.

Quando um dos soldados fez menção de passar por ele com um caixote de mantimentos, Halder pousou-lhe a mão no braço.

- Verificou os documentos deste homem?

- Foram examinados com cuidado ao portão, meu capitão.

- Sei muito bem disso, cabo, mas não foi isso que perguntei. Você verificou-os?

- Bem ... não, meu capitão, não vi necessidade - respondeu o cabo, enervado.

- Não viu necessidade? - explodiu Halder. - É esse tipo de negligência que pode custar-nos a guerra. De futuro, volte a verificar os papéis de todas as pessoas que passem por aqui. A começar já. Entendido, cabo?

- Sim, meu capitão.

Dirigindo-se para a porta da cozinha, Halder gritou para trás, para Kleist:

- Fique aqui, sargento, e certifique-se de que estes homens são convenientemente supervisionados. Quero certificar-me de que ninguém passou aqui por este idiota.

- Sim, meu capitão.

- Meu capitão, pode acreditar na minha palavra... - começou o cabo, atrapalhado, porém Halder não lhe ligou, passando por ele para entrar na cozinha.

Ao princípio da noite, havia muita azáfama no Quartel-General da Polícia Militar. Weaver pediu na frontaria para falar com o sargento Morris. Passaram dez minutos até ele aparecer, um homem corpulento com aspecto atarefado.

- Peço desculpa de tê-lo feito esperar, sir. Em que posso ser-lhe útil?

Weaver mostrou-lhe a identificação.

- É uma questão de segurança relacionada com o telefonema que fez para o gabinete do tenente-coronel Sanson a propósito de viaturas e fardas roubadas da manutenção de Camp Huckstep.

- Sim, sir. Há uma pessoa que pensamos poder ser responsável, todavia não dispomos de provas concretas.

- Quem é o suspeito?

- Um tal sargento Wally Reed, do Exército Britânico. Careça para os amigos. E um burocrata destacado para o gabinete da manutenção.

- Mas Reed é do Exército Britânico, e os bens furtados são americanos.

O sargento sorriu.

- Reed tem um acordo com o primeiro-sargento da manutenção de Camp Huckstep. Se falta alguma coisa a um ou a outro, ajudam-se mutuamente. É tudo perfeitamente regulamentar.

- O que é que o faz desconfiar de Reed como responsável pelos roubos?

- Ando de olho nele há bastante tempo. Os vossos PMs descobriram que ele visitou Camp Huckstep no dia em que desapareceram o jipe e as fardas. O mesmo se aplica em relação aos camiões. No entanto, até agora não há vestígios de provas. Ninguém o viu furtar o equipamento ... é provável que tenha encarregado gente da manutenção de o fazer e pago para não darem com a língua nos dentes. Ao fim de algum tempo, desenvolvemos um instinto para estas coisas, e estou convencido de que é ele o culpado.

Weaver franziu o sobrolho.

- Faz ideia da razão para alguém querer viaturas militares dos EUA?

O sargento coçou a cabeça.

- Pois é precisamente aí que a porca torce o rabo, e foi por isso que liguei para o tenente-coronel Sanson. Um camião militar não é propriamente o tipo de coisa que se possa pintar por cima para disfarçar.

- Talvez seja altura de interrogar esse sargento Reed.

- Agora, sir? - protestou o interlocutor. - Mas eu não tenho

provas. E posso dar cabo do processo que estou a tentar elaborar contra ele.

Weaver já se dirigia para a porta.

- Agora, sargento. Eu explico-lhe pelo caminho. Pode ser uma questão de vida ou de morte.

Mena House

Halder atravessou a cozinha sem ser interpelado e parou junto de um guarda-vento ao fundo. Do outro lado ficava uma sala de jantar usada como messe temporária, onde dúzias de oficiais estavam a ser servidos por uma bateria de soldados.

Halder olhou em redor à procura de outra saída. Um pouco para a direita ficava um corredor estreito que

conduzia a um salão deserto. Neste, havia sofás e poltronas de cabedal. Dois oficiais superiores passaram por ele.

Halder fez continência, esperou que os outros desaparecessem por um dos corredores e a seguir subiu as escadas até ao primeiro andar. Avistou dois polícias militares e uns indivíduos de aspecto possante, à paisana, de guarda à porta de um quarto ao fundo de um corredor. Antes de poder dar mais um passo, um brigadeiro americano, de pasta na mão, saiu de um dos quartos do outro lado do corredor.

Halder fez-lhe continência, mas o brigadeiro franziu o sobrolho, avaliando-o com atenção.

- Como se chama, capitão?

- Kowalski, meu brigadeiro.

- Não me lembro de si. Já o vi?

- Fui mandado chamar de Camp Huckstep, meu brigadeiro.

- Ah sim? - O brigadeiro ergueu o olhar. - Venha comigo à recepção rapidamente.

Antes de Halder poder dizer fosse o que fosse, já o brigadeiro descia as escadas. Halder seguiu-o com o coração sobressaltado. Quando chegaram ao átrio, o brigadeiro dirigiu-se de imediato à secretária da segurança.

- Então, novidades, major? - perguntou com brusquidão ao oficial que se encontrava à secretária.

- Vêm a caminho, meu brigadeiro. Acabam de chegar ao portão.

O brigadeiro fez um sinal a Halder.

- Siga-me, Kowalski.

Com ansiedade, Halder obedeceu, atravessando o vestíbulo e descendo o pequeno lanço de escadas da entrada do hotel. Assim que o brigadeiro apareceu, as sentinelas de capacetes brancos endireitaram-se, e as guarnições dos tanques saltaram para o chão e puseram-se em sentido.

Passados momentos, apareceram um Packard preto e dois Fords a subir rapidamente o caminho de acesso. O brigadeiro ajustou o boné e disse a Halder: A.

- Capitão, mande dois dos homens ir buscar a rampa e colocá-la no lugar.

Contudo, Halder mal o ouviu, com uma estranha excitação a percorrer-lhe as veias. Era-lhe difícil acreditar no que via. Na parte de trás do carro do meio, vinha o presidente Roosevelt com um fato de linho claro, uma manta dobrada sobre as pernas e aspecto frágil e exausto.

- Capitão Kowalski! - rosou o brigadeiro. - Não ouviu a minha ordem, homem? Mande colocar a rampa no lugar rapidamente!

Por um momento, Halder entrou em pânico. Até que reparou num plano inclinado de madeira com rodas,

um pouco à sua esquerda, que dois PMs, já a reagirem à ordem do brigadeiro, faziam rolar rapidamente para diante das escadas. Halder juntou-se-lhes de imediato.

Mal a rampa ficou no lugar, os veículos pararam sobre a gravilha. Vários homens de fato completo, claramente agentes dos Serviços Secretos, precipitaram-se para fora do Packard armados de pistolas-metralhadoras. Com uma precisão militar, alguns deles assumiram posições e dois começaram a auxiliar o presidente a sair do carro. Outro agente já tinha o porta-bagagem aberto, a cadeira de rodas apareceu e Roosevelt foi ajudado a sentar-se nela.

O brigadeiro fez continência.

- Sr. Presidente.

Halder observou os homens dos Serviços Secretos a empurrarem com presteza a cadeira do presidente na subida da rampa. Quando chegaram ao cimo, a cadeira de rodas sofreu uma sacudidela ao passar para o chão e a manta escorregou das pernas de Roosevelt. Sem pensar, Halder estendeu a mão para agarrá-la e tapou de novo as pernas do presidente.

- Que simpatia a sua, capitão - agradeceu Roosevelt com um sorriso encantador.

Halder correspondeu com uma continência.

- Foi um prazer, Sr. Presidente.

O grupo prosseguiu para o andar de cima, com quatro homens dos Serviços Secretos a erguerem a cadeira de rodas entre eles, dois de cada lado, e Halder ficou a observar quase em êxtase. O brigadeiro aproximou-se e murmurou a meia-voz, irado:

- É tudo, Kowalski. Pode ir. E daqui para o futuro procure manter-se atento.

Halder fez continência e ficou a ver o brigadeiro seguir o grupo do presidente para o primeiro andar. Quando lá chegaram, os homens dos Serviços Secretos pousaram a cadeira de rodas e, ao dirigirem-se para a porta onde os PMs estavam postados, abriu-se um espaço entre o grupo de assessores, e Halder vislumbrou a oportunidade de disparar sem margem para erro.

Uma bala e acabava tudo.

Abriu disfarçadamente a aba do coldre, hipnotizado pela situação. De repente, um dos homens dos Serviços Secretos olhou para trás, cruzando olhares com ele. Halder sustentou o olhar frio, fez continência ao homem e regressou à cozinha.

O delapidado cais na margem oriental do Nilo parecia deserto na escuridão quando Halder e Deacon acostaram com o barco a motor. Halder procedeu à amarração. Enquanto subiam os degraus de madeira, viram uma ambulância militar estacionada junto da praia. Um homem de aspecto sólido estava de guarda, envergando uma farda britânica e com uma arma Sten. Dois outros homens, vestidos de oficiais, esperavam ao seu lado, um moreno, a empunhar um petro-max, o outro a fumar uma cigarrilha, baixo e de aspecto vil.

- O da cigarrilha é Salter - disse Deacon a Halder enquanto caminhavam pelo embarcadouro. - O outro é

Costas Demiris, o sócio.

Salter tinha um sorriso nos lábios.

- Ora então o senhor deve ser o homem misterioso de Harvey. O meu nome é Reggie Salter. - Estendeu-lhe a mão. - Não percebi o seu.

- É irrelevante - redarguiu Halder, ignorando a mão estendida.

- Como queira. - Salter encolheu os ombros. - Presumo que Harvey o tenha informado da minha propostazinha.

- Parece que não nos deixa qualquer outra hipótese senão aceitar, Mr. Salter. Temos extrema necessidade dos veículos.

O sorriso de Reggie aumentou.

- Oferta e procura, não é uma praga? Agora que o assunto está resolvido, importa-se de me contar o que tem em mente?

- Um assalto, Mr. Salter. Puro e simples. Vem um carregamento

valioso a bordo de dois aviões Dakota que hão-de aterrar no Aeródromo de Shabramant.

Reggie ficou radiante.

- Então, e quanto vale esse carregamento?

- É de um valor incalculável. Quase tudo artefactos de ouro e pedras preciosas. No entanto, numa avaliação por baixo, é provável que renda dois milhões de libras.

Salter assobiou, e Halder prosseguiu:

- Dez por cento dá duzentas mil. É muito dinheiro a ir parar-lhe aos bolsos, Mr. Salter. Mas vai ter de trabalhar pela sua parte. Está disposto a isso?

- Por duzentas mil? Por tanta massa acho que pode ter a certeza de que eu concentro toda a minha atenção neste trabalho.

- Ótimo, então vamos lá ao que interessa. Quero que você e os seus homens tomem o aeródromo. Isso tem de ser feito sem tiros. Não queremos alertar o Exército nem a Polícia.

- Estou a topar. Para que são os camiões? Para uma escolta posterior?

- Exactamente.

- Estou a gostar - sorriu Reggie.

- Uma dúzia dos seus homens deve ser suficiente. A torre, o quartelamento e a entrada são as nossas

principais preocupações. Calculamos que não esteja de serviço mais de meia dúzia de elementos da Força Aérea Egípcia. Sublinho que não quero ninguém morto, apenas quero que tirem as pessoas do caminho enquanto o avião aterra e a nossa transacção se completa. Consegue ocupar-se de tudo isso?

- Nas calmas. Com uma dúzia dos meus melhores homens, era capaz de tomar o palácio real. Quando quer o servicinho?

Halder sorriu.

- Quero o aeródromo tomado até à meia-noite de hoje.

Salter voltou a assobiar.

- Macacos me mordam! Tenho que trabalhar na mecha para organizar tudo. Porquê tanta pressa?

- Só há pouco soubemos que a entrega tinha sido adiantada. Por isso é que tive de concordar com a sua exigência.

Reggie acenou com a cabeça.

- E quando espera que o avião aterre?

- Algures entre as três e as quatro da manhã. - Halder tirou um mapa do bolso, abriu-o em cima do capô da ambulância e pediu o petromax emprestado a Demiris. - Muito bem, vamos lá ver as coisas com cuidado para ninguém cometer erros estúpidos.

Vinte minutos depois, Halder estava de regresso ao barco a motor, dirigindo-se ao outro lado do Nilo.

- Acha que resulta? - perguntou Deacon.

- Há boas hipóteses - redarguiu Halder. - Mas Salter vai ter um choque dos diabos quando vir dois Dakotas a aterrarem e a regurgitarem cem pára-quedistas SS de elite.

- Só espero estar lá para ver a cara do safardanas quando isso acontecer - sorriu Deacon.

- Enganou-se no homem, meu tenente-coronel. - Estava um calor sufocante na sala de interrogatórios da Polícia Militar, e gotas de transpiração escorriam pela cara do Careça Reed, com Weaver e Morris a pairarem sobre ele.

- Não nos enganámos no homem - ripostou o sargento Morris. - Só que ele está a cantar a canção errada. Um amigo seu do depósito de material de transporte de Camp Huckstep cantou-a todinha. Afirmou que você esteve por detrás de tudo. Portanto, venha de lá a verdade, Careça.

Reed lambeu os lábios com nervosismo.

- Está a brincar.

- Não é esse o meu estilo. Você deve saber.

- Deus me castige se ...

- Não, quem vai castigá-lo é o Tribunal Militar - interrompeu Weaver. - Há quatro agentes alemães à solta na cidade, e é provável que precisem do tipo de equipamento militar que foi roubado, logo quero saber o que é feito dele. Portanto, você pode passar a noite a fazer-se de parvo, Reed, mas juro por Deus que, se mentir, farei que enfrente um pelotão de fuzilamento por prestar auxílio ao inimigo.

Reed ficou branco como a cal e cedeu de súbito:

- Os sacanas é que montaram tudo, juro.

- Quem?

- Reggie Salter e Costas Demiris. Disseram que me transformavam os tomates em contas de meditação muçulmana se não os ajudasse.

Weaver virou-se para o outro sargento.

- De quem está ele a falar?

- Criminosos do submundo - explicou Morris. - Desertores com um negócio de bens roubados no mercado negro. Do piorio.

- Podemos convocar Salter e falar com ele? - indagou Weaver.

- Com todo o respeito, meu tenente-coronel, mais facilmente conseguia apanhar uma cobra pegajosa. Já há mais de um ano que queremos dar-lhe cabo do canastro sem sorte nenhuma. Tem uma estrutura com uma malha bem apertada. Há boatos de que dispõe de guardas armados e vigias nos seus armazéns, sem contar com a mão a encher uns bolsos por aí, de modo a garantir que o avisem de quaisquer problemas que possam dizer-lhe respeito.

- Bem, temos de falar com ele para esclarecer isto.

O sargento coçou a cabeça.

- Importa-se de me dizer como, sir?

Weaver indicou Reed com um movimento do polegar.

- Ele negocia com Salter, portanto pode levar-nos até ele. - Deitou um olhar furioso ao prisioneiro assustado. - Em troca, esquecemos as acusações. Então, temos acordo, Reed?

Shabramant

O jipe parou a uns duzentos metros dos portões de entrada para o aeródromo. Reggie ocupava o banco da frente, com o mesmo uniforme que usara no molhe. Halder ia atrás, fardado de capitão e com uma pistola-metralhadora M3, enquanto dois rádios de campanha haviam sido colocados ao seu lado.

- Parece bastante calmo - observou Salter. - Satisfeito até aqui?

- Só depois de tomarmos o aeródromo - ripostou Halder. - Lembre-se, nada de tiros, a menos que sejam inevitáveis, para não revelarmos o jogo.

- Acha que ia desiludi-lo? - Reggie estalou os dedos para o motorista. - Avança, Charlie. Pára em frente das guaritas das sentinelas.

A viatura rolou na direcção dos portões e deteve-se. Os três camiões Ford que a seguiam fizeram o mesmo. Salter saltou do seu veículo e encaminhou-se em grandes passadas para as duas jovens sentinelas egípcias.

- Sou o major Cairns. Por favor, chamem o oficial de dia.

Foi tudo muito rápido. Quando as espantadas sentinelas começaram a examinar os papéis de Reggie, meia dúzia de homens saltaram da traseira do primeiro camião e correram para a frente. Houve um momento de incerteza, com os confusos egípcios a tentarem empunhar as armas, mas os homens de Salter não tardaram a dominá-los e a revistarem-lhes as algibeiras à procura das chaves do portão.

- Informem-se sobre o número exacto de homens que estão no campo de aviação e onde se encontram - ordenou Reggie ao apoderar-se das chaves. - Se não cooperarem, partam-lhes os braços.

Tornou-se evidente que as duas sentinelas assustadas o entenderam, pois apressaram-se a dizer que só havia meia dúzia de homens.

Salter abriu os portões e acenou ao comboio.

- Ponham-se a andar, rápido. Por enquanto, deixem as viaturas do lado de dentro do portão e fazemos o resto do caminho a pé. Dividam-se em direcção aos edifícios do aeródromo. E dois de vocês tirem os uniformes aos guardas e tomem os lugares deles.

- Excedeu as minhas expectativas, Mr. Salter - elogiou Halder. - Antes de me ir embora, tenho de verificar a operacionalidade da pista de aterragem e assegurar-me de que o aeródromo não é obstruído.

- Muito bem.

Em menos de um quarto de hora, Reggie e os seus homens tomaram o aeródromo e, sem dispararem um único tiro, neutralizaram os seis homens da Força Aérea Egípcia, que foram fechados numa das guaritas.

Halder fez sinal a Kleist e Doring, e saíram todos com Hassan até ao jipe, no qual percorreram uns trezentos metros pela escuridão até à extremidade mais próxima da pista.

- Não é propriamente a pista de aterragem número um de Templehof, pois não? - comentou Kleist. - No entanto, já vi pior.

- Ainda bem. Então, só resta transmitir o sinal e esperar a chegada. - Halder olhou para o relógio e fez que os outros acertassem os deles pelo seu. - São exactamente vinte e duas horas e trinta minutos. Os pára-quadristas de Skorzeny devem cá chegar por volta das três da madrugada. - Virou-se para Hassan e Doring. - Vou deixar-vos com Salter enquanto Kleist e eu regressamos à vivenda. Reencontramo-nos aqui dentro de um par de horas. Mas se houver nem que seja o mais pequeno indício de problema, entra em contacto connosco pelo rádio de campanha, entendido, Doring?



- Sim, meu major.

- Portanto, parece que está tudo montado - declarou Halder sem entusiasmo. - Mais umas horas e, de uma forma ou de outra, é o fim.

## Bazar de Khan-el-Khalili

O Ford não identificado entrou na viela. Weaver ia ao lado do motorista militar, Reed atrás com o sargento Morris, todos à paisana.

Weaver olhou para o armazém ao fundo da rua. Sabia que, se as coisas corressem mal, seria julgado em tribunal militar, não tinha dúvidas sobre isso, porém já ultrapassara a fase de se preocupar com o seu destino.

- Muito bem, sargento. Vamos acabar com isto. Dê a palavra de ordem aos homens.

Vinte polícias militares armados estavam escondidos no camião de entregas que estacionara atrás deles. Morris deu o comando via rádio, e a seguir saíram do carro e encaminharam-se para o armazém. Weaver tirou três granadas da pesada mochila que transportava e colocou-as na base da porta metálica do edifício.

- Recue - disse a Morris.

Weaver arrancou uma a uma as espoletas das granadas e voltou para trás pelo mesmo caminho do sargento. Quando ambos se encostaram a uma parede, houve uma explosão tremenda das três granadas, seguida de uma espessa nuvem de pó e estilhaços de metal quando a porta foi arrancada dos gonzos.

Ainda a poeira não assentara, já as tropas saltavam do camião de entregas, de armas em riste, e Weaver e Morris precipitaram-se para dentro do armazém. Weaver teve dificuldade em disfarçar a frustração, pois só lá encontraram três dos homens de Salter, que nem sequer resistiram muito.

- Mandê vir Reed do automóvel - ordenou.

Quando Reed apareceu à porta, logo a seguir, o tenente-coronel perguntou-lhe:

- Reconhece alguma destas pessoas?

Ele apontou um moreno de bigode preto.

- Aquele ... aquele ali é Costas Demiris.

O grego debateu-se, irado, a tentar libertar-se.

- Reed, seu grande filho da mãe. Quando Reggie te puser as mãos em cima, é o teu fim!

Enquanto Demiris era dominado, Weaver retomou a palavra:

- Tragam-no aqui e levem os outros lá para baixo. Reed, regresse ao carro. - Grato pela ordem, Reed saiu, ao mesmo tempo que Demiris era levado para uma cadeira. - Onde está Salter?

- Isso é uma coisa que eu sei e você vai ter de descobrir - redarguiu o homem em tom de desafio, com um ligeiro sorriso.

Weaver não conseguiu conter a frustração por mais tempo. Atravessou a sala e no instante seguinte agarrava o grego pelo cabelo, puxando-lhe a cabeça para trás. Demiris soltou um brado.

- Para quem foram os camiões que sacaram ao Careça Reed ...?

Houve um súbito chiar de pneus na viela lá em baixo, seguindo-

-se o barulho de passos a subirem ruidosamente a escada.

Segundos depois, Sanson entrou de rompante, vermelho de furia ao deparar com a cena. Fitou Weaver com expressão irada.

- Que diabo se passa aqui? - Weaver ia falar, mas Sanson impediu-o. - É evidente que desobedeceu a ordens, Weaver. Falamos disso mais tarde. - Deitou uma olhadela ao grego. - Então, este é um dos da escumalha de Salter?

- Chama-se Costas Demiris.

- Já falou?

- Acho que não está com uma disposição muito cooperante.

- Vamos lá tratar disso. -, Æ Sanson dirigiu-se a passos largos para o grego, que assistira com indiferença à sua entrada. - Eu sou o tenente-coronel Sanson, do Serviço de Informações Militares. Onde está Salter?

Demiris cuspiu para o chão. Sanson sacou calmamente do seu revólver.

- Quero que ouça, e ouça com atenção, Demiris. Porque se não seguir os meus conselhos, é provável que passe o resto dos seus dias numa cadeira de rodas. - Demiris ficou um tudo-nada mais tenso. - Resumindo, responda às minhas perguntas senão rebento-lhe com as rótulas. Muito bem, onde está Salter?

Demiris riu com nervosismo.

- Não vai alvejar um preso, Sanson. Não se atreve a tanto.

Sanson disparou-lhe para a rótula esquerda. Demiris rolou para

o chão berrando de dores.

- Sacana de um raio!

Sanson apontou a pistola com toda a calma à outra rôtula.

- Tu não viste nem metade. Portanto, começa a falar, Demiris, e depressa.

Weaver afastou-se enquanto Demiris era levado para baixo numa maca, ainda a gemer de dor. Virou-se de novo para Sanson.

- Não acha que ele mentiu?

- Não me parece. Faz todo o sentido - retorquiu Sanson. - O tal capitão deve ser Halder. Quanto ao amigo árabe de Deacon, tem de ser o manhoso do safardanas que procuramos. O resto de certeza podemos adivinhar. Um aeródromo mal guardado a menos de meia hora de Gizé? Soa-me ao ideal para uma aterragem sub-reptícia. E essa história de um carregamento valioso não passa com certeza de um disfarce para enganar Salter. - Sanson estalou os dedos na direção de Morris. - Convoque pelo rádio uns tantos veículos blindados e tantos homens quanto possível. Mande-os encontrarem-se connosco no cruzamento de Shabramant.

- Sim, sir.

- Vou consigo - declarou Weaver em tom de desafio.

O outro lançou-lhe um olhar gélido.

- Não, Weaver. Vou acabar com isto de uma vez por todas, e você não faz parte do cenário. Sargento, algeme este oficial e leve-o sob prisão. A detenção deve-se a desobediência a ordens superiores.

Aeródromo de Shabramant

Doring e Hassan estavam a montar um dos rádios de campanha quando Salter apareceu em passo descontraído.

- O seu amigo capitão parece bastante desenrascado.

- Pois, é mesmo - assentiu Doring, acenando com a cabeça.

- Importa-se de me contar os antecedentes dele e a que unidade pertence?

Doring permaneceu em silêncio. Hassan semicerrou os olhos de suspeita e perguntou:

- Porque não lhe pergunta a ele?

- Eu não estava a falar consigo. - Salter deitou ao árabe um olhar furibundo e meia dúzia dos seus homens aproximaram-se, provenientes de todos os cantos da sala, rodeando-os ameaçadoramente. Hassan ia deitar a mão à navalha, contudo um dos outros apareceu de imediato por detrás dele de arma em punho. - Experimente e leva um balázio - avisou Salter. - Agora, patas ao ar. - Hassan obedeceu com relutância, e Salter tirou-lhe a navalha. - Eu já o tinha avisado, não tinha? - escarneceu.

De súbito, a lâmina brilhou na mão de Salter, e um golpe profundo abriu-se na face de Hassan. O árabe ia atirar-se ao atacante, mas o homem que estava atrás bateu-lhe violentamente na nuca com a coroa da

arma e Hassan caiu redondo no chão. Salter encostou-lhe a biqueira da bota à cabeça e rodou-a.

- Devia prestar atenção aos avisos que lhe fazem. - Espetou a navalha do árabe no tampo da secretária de madeira, deixou-a aí e aproximou-se de Doring como quem não quer a coisa. - Então, meu filho, estou à espera.

Doring entrou em pânico, dominado por uma sensação de predestinação. De súbito, socou Salter no rosto e procurou desesperadamente apoderar-se de uma arma Sten que estava atrás da secretária. Tinha acabado de pôr a mão no cano quando a coronha de uma espingarda lhe esmagou os dedos. Sem saber como, estava a ser arrastado pela sala e amarrado a uma das cadeiras.

Salter aproximou-se, cambaleante, a limpar sangue do nariz.

- Foi uma estupidez, meu filho. Uma grande estupidez. - Socou Doring com toda a força na cara. Ouviu-se um estalido desagradável, e Doring soltou um berro, ao mesmo tempo que o sangue lhe jorrava do nariz partido. - Agora, meu filho, que tal contares-me quem são os teus amigos e quais os planos exactos para depois da aterragem dos aviões?

Vinte minutos depois, Salter limpava á testa com a manga, pois estava um calor insuportável no gabinete do quartelamento. Virou-se para um dos seus homens.

- Tens a certeza de que era alemão que ele falava?

- Aprendi umas palavras quando guardava prisioneiros boches no Deserto Ocidental e foi ao que me soou, chefe.

Doring voltou a mexer-se com a cara banhada em transpiração, contorcendo-se de dor.

- Wasser...

- Lá está ele outra vez. Acho que é a pedir água. E boche, chefe, tenho a certeza. Mas que fará ele na companhia de Deacon e dos seus camaradas?

O rosto de Salter franziu-se de confusão.

- Pergunta-lhe quem são os amigos e que planos têm. Pergunta-lhe...

- Espere lá, chefe. O meu alemão não é assim tão bom.

Salter explodiu, exasperado, com a fúria espelhada na cara. Pegou num balde de água e despejou-o completamente em cima de Doring, que ficou ensopado. O alemão estremeceu e sacudiu a água do cabelo, recobrando de súbito os sentidos.

- Ora, ora - gracejou Salter. - Ele regressou ao mundo dos vivos. - Aproximou uma cadeira com um forte alicate na mão. - Vamos lá a recomeçar. Diz-me o que quero saber e tens a minha palavra em como saís daqui livre. Mas experimenta sonegar alguma informação e prometo-te que vai ser só sangue e lágrimas daqui por diante.

Cairo: 23 de Novembro, 0.20 da manhã

Morris olhava pela janela enquanto o carro de serviço circulava por um labirinto de ruas secundárias, apenas a cinco minutos de distância do QG.

Weaver, algemado ao lado do sargento no banco de trás, pensava febrilmente. Sabia que tinha de fazer uma última tentativa de fuga muito em breve, de contrário ficaria preso numa cela, sem mais hipóteses. Deixaram as ruas secundárias, e o carro começou a acelerar ao longo da margem do Nilo. O motorista guinou para a direita para ultrapassar uma carroça puxada por um burro. Weaver aproveitou esse momento e atirou-se para o lado, de encontro a Morris.

- Que raio ... - arquejou o sargento, perdendo o fôlego com o impacte, enquanto Weaver se estendia pela frente dele e agarrava o manipulo da porta.

Esta abriu-se, Weaver firmou-se e com o ombro deu um encontrão a Morris. O sargento rolou para fora do carro em andamento, soltando um grito de espanto. O motorista, um cabo, olhou de relance para trás, horrorizado, e travou a fundo.

- Raios me partam, podia ter morto ...

Weaver projectou os dois punhos para a frente, atingindo o homem em pleno maxilar. Ainda o cabo estava a cair para trás, já Weaver se apeava e fugia. Dez minutos depois, entrava num hotel de aspecto duvidoso situado numa rua secundária. Um egípcio velho ocupava o lugar à velha secretária da recepção, a passar um conjunto de contas de meditação.

- Effendi?

- Preciso de usar o seu telefone - arquejou Weaver.

- As minhas desculpas, effendi. O telefone é só para hóspedes do hotel.

- Mostre-me imediatamente o maldito telefone!

O velhote reparou nas algemas e achou melhor não discutir.

- Ao fundo ... ao fundo do vestíbulo há uma cabina.

Weaver ouviu o automóvel parar em frente do hotel. O coração saltou-lhe no peito, e ele desejou que não fosse a Polícia Militar, até se aperceber de que era Helen Kane, fardada, a entrar pela porta principal. Ela fitou as algemas.

- Harry, que se passa ...?

- Trouxe as coisas que lhe pedi?

- Trouxe, mas...

Ele pegou-lhe no braço, dirigindo-se para a porta.

- Explico-lhe pelo caminho. - Pouco depois, o carro seguia para sul por uma estrada secundária escura e ladeada de palmeiras. Weaver pediu: - Pare.

Helen Kane encostou o automóvel de serviço na berma e ele apeou-se.

- Traga a arma - pediu.

- Só vai arranjar mais problemas, Harry. Acha mesmo que isto faz sentido?

- A arma, Helen. - Weaver ajoelhou-se à beira da estrada e espalmou as mãos no chão, estendendo a corrente das algemas. - Vá.

Helen ajoelhou-se em frente dele, aproximou a extremidade do cano da corrente e premiu o gatilho. Houve uma explosão e a corrente partiu-se. Weaver levantou-se a esfregar os pulsos, ainda com as algemas metálicas a roçarem-lhe na pele.

- Conseguiu arranjar o corta-arama?

- Não, mas há uma serra e outras ferramentas na mala do carro.

- Servem. Dê-me as chaves, eu vou levá-la.

- Não há tempo. Além disso, eu vou consigo.

- Não seja tola, Helen. Já está a correr o risco de ir a conselho de guerra. Não vou arriscar também a sua vida ...

A voz de Helen revelou uma repentina determinação férrea ao responder:

- Se pensa que depois de tudo isto vou perder o último acto, tire daí a ideia. - Entrou no veículo. - Entre. Eu guio.

Shabramant: 0.25 da manhã

Sanson e o seu pequeno comboio de viaturas blindadas e camiões de transporte de tropas detiveram-se a quinhentos metros da entrada para o aeródromo. Todos os faróis tinham sido apagados mais de três quilómetros antes, em plena estrada, para não denunciar a sua aproximação. Ele apeou-se e contemplou o aeródromo ao luar. Mal distinguia cerca de meia dúzia de guaritas e dois hangares, por isso mandou uns batedores fazerem o reconhecimento.

- Então? - indagou quando regressaram, vinte minutos depois.

- Tudo parece calmo, sir - comunicou o primeiro homem. - Há duas sentinelas nos seus postos junto ao portão principal.

- Repararam em alguma actividade invulgar?

- Não demos por nada, sir. Parece tudo normal. Mas estavam três camiões americanos estacionados logo a seguir ao portão.

Sanson virou-se rapidamente para o major Blake, do SIS, que o acompanhava.

- É isso, vamos entrar. Prepare os homens para uma transmissão rápida de instruções.

## 1 DA MANHÃ

Hassan ainda estava zozinho da pancada na cabeça, mas ao ver o cadáver de Doring esparramado a um canto ficou de súbito bem desperto.

- O rapaz devia ter colaborado - observou Salter sombriamente. - Esperemos que você tenha mais juízo. Então, que tal pormos de lado os mal-entendidos e informar-me do que se passa?

Hassan retribuiu-lhe o olhar frio e obstinado.

- Não lhe conto nada.

Reggie olhou de soslaio para o corpo de Doring.

- Que se passa consigo e com o seu amigo? Qualquer pessoa sensata cedia antes de chegar tão longe. Fazem parte de alguma sociedade secreta ou quê? Ponham-no na cadeira, rapazes. Atem-lhe as mãos.

Os homens prenderam-lhe os antebraços com cordas aos braços da cadeira, e Salter pegou no alicate.

- Pergunto outra vez, só por delicadeza.

Hassan cuspiu desafiadoramente na cara de Salter. Este limpou o escarro com um sorriso malicioso.

- Sabe uma coisa? Eu estaria a mentir se dissesse que não estava ansioso por isto. - Agarrou com precisão no alicate e começou o trabalho pela unha do indicador direito de Hassan. O árabe retesou-se com o rosto contraído de dor. - Ainda não mudou de ideias?

Hassan rangeu os dentes e fechou os olhos com força, como se isso afastasse a dor.

- Não? Então, vamos tentar outra. - Quando Salter iniciou o movimento de preensão da unha seguinte, ouviu-se uma rajada de metralhadora no exterior. - Que raio ... ? - Levantou-se de um salto, ao mesmo tempo que um dos seus homens entrava de rompante na divisão.

- Sarilhos a caminho, chefe. Aos montes.

Salter encaminhou-se para a janela e observou, a menos de cem metros de distância, um blindado e um

camião de transporte de tropas com uma metralhadora pesada começaram a destruir uma das guaritas com rajadas sucessivas.

- Como diabo souberam que estávamos aqui? - perguntou ao homem acobalhado junto de si.

- Não faço a mínima ideia. Mas estamos tramados, não há escapatória.

Uma rajada perdida estilhaçou a janela. O homem ia erguer a sua Sten para ripostar, mas Salter impediu-o.

- Não sejas idiota, isso só serve para denunciar a nossa posição. - Virou-se para os quatro homens que ainda estavam na barraca. - Um de vocês fica aqui, os restantes procurem chegar aos outros. Digam-lhes que dispersem de imediato. É cada um por si.

Três dos homens desapareceram pelas traseiras da cabana, enquanto Salter se agachava junto da janela com o restante.

- Vai ao hangar mais próximo das traseiras. Vê se nos arranjas algum transporte. Eu sigo-te logo que tiver tratado do árabe.

- Certo, chefe.

O homem rastejou até ao corredor das traseiras. Salter agachou-se junto de Hassan, que continuava amarrado à cadeira, e apontou-lhe à cara a extremidade do cano da Sten.



- São horas de falar ou morrer, meu lindo. Onde estão Deacon e seus amigos? Diz-me e sobrevives. E a tua última oportunidade. Onde estão?

O suor brilhava no rosto de Hassan.

- À beira do Nilo. Numa villa chamada Maison Fleuve.

- Em que sítio exacto da margem do Nilo?

- Leve-me que eu mostro-lhe onde é - declarou Hassan.

- Ah, não te preocupes, camarada, levo mesmo se sairmos daqui vivos. Os teus amigos têm de me responder a umas perguntas. - Salter desatou as cordas e apontou com a arma para o corredor. - Sai pelo lado de trás. Rápido! E mantém a cabeça baixa.

Enquanto se levantava com dificuldade, o árabe reparou na sua

navalha, ainda espetada no tampo da secretária. Disfarçadamente, arrancou-a da madeira e enfiou a lâmina pela manga acima.

- Disse que te mexesses! - bradou Salter.

Salter viu o seu homem a correr na direcção deles trazendo pela mão uma maltratada Moto Guzzi, cujo motor já pusera em funcionamento.

- Que é isso?

- Não havia mais nada no hangar, chefe, a não ser uma bicicleta e isto. - Franziu o cenho na direcção de Hassan. - Não podemos levar o árabe. Só há lugar para dois.

- Tens razão. - Reggie ergueu friamente a Sten e premiu o gatilho, derrubando o homem, atónito. Empurrou Hassan para diante. - Monta. Vais tu a guiar.

O árabe rodou sobre si próprio de navalha na mão. Os olhos de Salter eram faróis de horror no momento em que a lâmina lhe atingiu o pescoço, abrindo um golpe profundo e sangrento. Hassan avançou para o golpe de misericórdia, enterrando a arma bem fundo no peito de Salter.

- Vai fazer companhia ao Diabo, inglês - rosnou.

Salter caiu, com o casaco da farda empapado em sangue, e o árabe recuperou a navalha, pegou na Sten e pendurou-a ao ombro pela bandoleira. Montou, vacilante, na Moto Guzzi, acelerou e arrancou a toda a velocidade pela orla da pista de aterragem.

Uma rajada de metralhadora fendeu o chão à sua direita, e ele relanceou o olhar por cima do ombro. Um jipe perseguia-o na escuridão, com três soldados a bordo. Hassan acelerou ainda mais, tentando afastar-se, mas a pista terminou abruptamente, e ele guinou para a esquerda para terreno aberto. Perscrutou a escuridão à sua frente, auxiliado apenas pelo luar, mas só via mato ondulante até à vedação de arame farpado. Estava encurralado.

Continuou aos ziguezagues, procurando freneticamente alguma elevação perto dos limites do campo, até que avistou um montículo que se desenvolvia em comprimento uns cinquenta metros à sua esquerda. Dirigiu-se a direito para lá à máxima velocidade.

A Moto Guzzi correspondeu, devorando os últimos vinte metros. No último momento, ele puxou o guiador com um safanão e acelerou a fundo. A motorizada elevou-se no ar durante uns aterradores segundos, ele sentiu uma coisa raspar-lhe com violência na perna ao passar por cima do arame e a seguir começou a cair velozmente. A roda dianteira embateu com força no chão, a Moto Guzzi desequilibrou-se e Hassan foi cuspidado, aterrando, desamparado, a gemer.

Estonteado, olhou para trás, vendo o motorista do jipe travar a fundo, na tentativa de evitar embater no montículo. Demasiado tarde: o veículo derrapou e capotou. Um dos soldados foi cuspidado, a viatura voltou a rolar, aterrando em cima do arame, e o árabe ouviu os gritos abafados dos outros dois homens ao serem esmagados pelo jipe.

Levantou-se com dificuldade e montou de novo a Moto Guzzi. A roda da frente ficara um pouco empenada, mas ainda rodava, portanto acelerou e desapareceu.

Weaver ouvira o tiroteio e as explosões de granadas e pediu a Helen Kane que parasse. Pegando na pistola dela, preparou-se para se embrenhar na escuridão.

- Se eu não regressar dentro de um quarto de hora, ponha-se a mexer daqui para fora e regresse ao Cairo.

Já percorrera à pressa metade da estrada que circundava o aeródromo quando ouviu o motor de uma moto algures atrás de si e se virou. Para sua surpresa, cem metros para lá do arame, avistou um motociclista a acelerar para transpor a vedação. Um jipe que o perseguia derrapou violentamente, rebolou duas vezes e ficou capotado.

Weaver começara a correr na direcção deles quando viu o motociclista levantar-se, verificar a máquina e afastar-se no sentido oposto. Ao chegar junto do arame, Weaver viu um sargento a cambalear do outro lado, agarrado ao ombro.

- Sou o tenente-coronel Weaver, das Informações Militares. Que sucedeu? Quem ia na moto?

- Um árabe fugiu de uma das guaritas e perseguimo-lo.

- Os dois alemães ... um homem e uma mulher. Foram apanhados?

- Não ouvi falar em alemães nenhuns, sir.

Weaver ouviu o ruído de motores. Uma fila de faróis precipitava-se na sua direcção pelo meio do mato. Olhou freneticamente para trás, para a pista de terra por onde a motocicleta desaparecera, e tomou uma decisão instantânea.

- Já vem aí ajuda, sargento. - Passou por cima dos destroços e correu de regresso ao carro de Helen Kane.

- Deixámos fugir o árabe, sir.

A fúria apoderou-se de Sanson ao ser-lhe contada a história.

- Mande alguém tentar apanhar-lhe o rasto - disse ao major Blake.

- Faremos os possíveis, embora talvez já seja um pouco tarde. Mas parece que um oficial americano, um tal tenente-coronel Weaver, apareceu lá e foi em perseguição do árabe.

- Mande uns homens atrás dele - explodiu Sanson. - Que prendam Weaver sem apelo. É um fugitivo. Agora, arranje-me um mapa do Cairo, e depressa.

Confuso, o major retransmitiu as ordens a um dos seus oficiais e depois regressou com um mapa. Fitou Salter, que jazia inconsciente num canto sob os cuidados de um paramédico.

- Acha que sobrevive, meu tenente-coronel?

- Estou-me nas tintas - ripostou Sanson, a abrir o mapa. - Essa villa que ele mencionou, a Maison Fleuve, já alguma vez ouviu falar nela?

- Não creio.

- Muito bem. Quero vinte dos seus homens para me acompanharem. Os restantes que fiquem aqui a guardar os prisioneiros e a impedir em absoluto qualquer aterragem. Como o rádio de campanha não está operacional, talvez o árabe se dirija à villa. E se Salter tiver razão, é aí que Deacon e os alemães estão acoitados.

Maison Fleuve

Levaram Hassan para uma cadeira, e Deacon tentou limpar-lhe com uma toalha o ferimento aberto na face.

- Que se passou? - indagou Flalder com ansiedade.

O árabe rangeu os dentes de dor e segurou a toalha contra o maxilar.

- O maldito Salter traiu-nos - explodiu Deacon, irado.

- A fúria não nos leva a lado nenhum - admoestou Halder. - Tem a certeza de que não foi seguido?

Hassan levantou-se com dificuldade da cadeira, sempre com a toalha agarrada à cara.

- Não tenho a certeza de nada, a não ser que matei o porco do Salter.

- Kleist, dê uma boa vista de olhos pelo exterior. - Halder tomou instantaneamente uma decisão. - Depois, vamo-nos embora daqui. Deacon, é melhor fazer uma comunicação a Berlim o mais depressa possível, enquanto ainda há tempo de fazer abortar a missão de Skorzeny. A seguir, saia para o barco. Vamos pelo rio, que deve ser mais seguro do que as estradas.

Ia buscar Rachel quando Deacon lhe segurou num braço.

- Ainda podemos cumprir a missão, Halder. Pelo túnel...

Halder libertou o braço.

- Sem os pára-quedaistas, é inútil. Se quiser oferecer-se para uma missão suicida, faça favor. Para mim, está tudo acabado.

Ouviram passos atrás deles e viraram-se.

- E para os outros também. - Era Weaver, no pátio. - Ninguém vai a lado nenhum.

Entrou na sala brandindo a Colt.

- Ponham todos as mãos no ar onde eu as veja. Muito devagar.

Halder obedeceu, seguindo-se Deacon e Hassan.

- Agora, tira a arma do coldre, Jack, com jeitinho, depois coloca-a no chão e dá-lhe um pontapé para aqui.

Halder assim fez, e a arma deslizou para o outro lado. O choque ainda não lhe abandonara a expressão.

- Parece ter chegado o dia fatídico, Harry. Tu e eu frente a frente, um contra o outro, como em qualquer western barato.

- Devia ter-me deixado matá-lo quando tive oportunidade - interveio Hassan com azedume.

- Receio bem que as lamentações não nos levem a lado nenhum - retorquiu Halder, que voltou a fitar Weaver. - Então, que se segue?

- Acho que já sabes a resposta, Jack. Sanson e os homens dele vêm a caminho. Depois, é uma corda ou um pelotão de fuzilamento.

Halder pareceu resignar-se.

- Então, vê se não te esqueces de pôr um lírio na minha campa, está bem, velho amigo? Nunca fui grande apreciador de rosas.

Weaver ajoelhou-se e pegou na arma de Halder.

- Onde está Rachel?

- Ela não faz parte disto, Harry. - O olhar de Halder era suplicante. - Foi enganada desde o princípio. Tens de a deixar fugir.

- Perguntei onde está.

- Estou aqui. - Houve um ruído atrás dele, e Weaver virou-se. Rachel entrou com a pistola-metralhadora M3 de Halder aninhada nas mãos. - Agora, baixa a arma, Harry.

Kleist apareceu atrás dela, agarrando Helen Kane brutalmente pelo braço e com a pistola apontada à cabeça dela.

- Encontrei-a à espera num carro à beira da estrada.

Weaver ia a levantar a Colt, irado, mas Kleist prosseguiu rudemente:

- Mais um movimento desses e a cabra apanha um balázio.

- Harry, acho melhor fazeres o que ele diz - aconselhou Halder em tom baixo. - Parece que a sorte mudou. Portanto, talvez devesse largar a arma e apresentar-nos a senhora.

Weaver largou a Colt, que caiu com ruído no chão. Deacon apanhou-a enquanto Halder atravessava a sala de mão estendida para Rachel e para a pistola-metralhadora.

- É melhor dares-me isso antes que alguém se magoe.

Ela não fez qualquer menção de entregar a arma.

- Afasta-te, Jack. - Ele franziu o sobrolho, totalmente confuso. Ia falar, mas Rachel fez um movimento com a pistola-metralhadora.

- Ali, junto da parede. Tu também, Harry. - Acenou com a cabeça para Kleist. - Leve a mulher para a cave e amarre-a bem.

Kleist arrastou Helen Kane à bruta para fora da sala, e Rachel dirigiu-se a Hassan:

- Vá lá para fora e mantenha-se de vigia.

O árabe parecia completamente estupefacto, esquecido da dor, e Deacon corroborou:

- Ouviste a ordem. Obedece. Explico-te depois de ter feito a transmissão para Berlim.

Hassan saiu da sala seguido de Deacon, deixando os três a sós. O sangue esvaíra-se por completo da cara de Weaver com a revelação da terrível verdade, e Halder com uma palidez de morte disse a Rachel:

- Sabes, estou de repente com a horrível sensação de que Harry e eu andamos enganados há anos.

- Acho que já é altura de ambos saberem a verdade.

Berlim, 1.45 da Manhã

- O que É que quer? - inquiriu um Canaris encharcado da chuva assim que entrou nos aposentos de Schellenberg, no quartel-general das SS.

Schellenberg passou-lhe a folhinha com a comunicação recebida.

- Notícias urgentes acabadas de chegar do Cairo. Achei que gostaria de saber isto.

Quando acabou a leitura, Canaris abanou a cabeça com desalento.

- Era o que eu pensava. Tudo isso acabou por não dar em nada.

Schellenberg agarrou na sua cigareira de cima da secretária, escolheu um cigarro, acendeu-o e inalou com lentidão.

- É uma calamidade, não há dúvida. Mas eu não estou totalmente destituído de esperança.

Canaris fitou-o como se ele tivesse enlouquecido.

- Não está destituído de esperança? Mas acabou, por amor de Deus.

- Ainda não. Na realidade, o mais interessante ainda agora vai começar. Sabe, guardei a melhor cartada para o fim. E acho que vai ter uma surpresa. - Schellenberg atravessou o gabinete até à janela e olhou para a chuva que caía em catadupas lá fora. - Recordo-me de você ter confessado que ouvira uns boatos sobre um agente meu, o Rouxinol, o melhor agente que a nossa organização alguma vez formou.

- Não há dúvida de que ouvi murmúrios. Porquê?

- O Rouxinol faz parte da equipa que mandámos para o Cairo, e vai procurar ter êxito onde Halder e Skorzeny falharam.

Canaris ficou espantado.

- Mas ... quem é ele?

- Nem é um ele. É uma ela. Para ser exacto, é Rachel Stern. - Schellenberg deixou o choque fazer efeito. - Claro que não é o nome verdadeiro dela, mas serve perfeitamente por ora.

- Mas ... Rachel Stern é meio judia ...

Schellenberg fez um grande sorriso.

- Ah, aí é que as coisas se tornam mais complicadas. Quando decidimos pela primeira vez mandá-la para o Egipto, precisávamos de um enquadramento plausível. O professor Stern e a mulher sempre foram de facto agentes da SD. Os antepassados judaicos da mulher foram inventados, como parte do disfarce, claro. Então, limitámo-nos a inventar uma filha aos Stern. Acho que já consegue imaginar o resto.

A mente de Canaris funcionava febrilmente.

- E a prisão pela Gestapo quando eles regressaram à Alemanha?

- Mais truques, confesso. Um navio da Kriegsmarine fora destacado para os recolher no caminho para Istambul quando o Izmir se afundou. Por sorte, o professor e o Rouxinol salvaram-se. No entanto, a

aparente detenção foi apenas uma forma de lhes proteger os disfarces.

Houve uma longa pausa, depois Canaris perguntou, irado:

- Porque me escondeu tudo isso?

- Não foi por iniciativa minha. O Fuhrer decidiu que o melhor era mantermos o segredo. Com o futuro de todo o Reich em causa, quanto menos pessoas soubessem, melhor.

- Sempre me apercebi de que ele não confiava em mim - comentou Canaris sem amargura. - Isto só vem confirmá-lo.

- Problema seu - disse Schellenberg, encolhendo os ombros.

- Quem é ela, Walter? - A curiosidade era palpável na voz de Canaris, agora rouca e muito baixa. - Porque havia de arriscar a vida numa missão de último recurso como esta?

Schellenberg esboçou um sorriso.

- Porque esta época em que nos encontramos é desesperada. E ela é patriota.

- Tenho a impressão de que há outro motivo. - Canaris parecia céptico.

Schellenberg exalou fumo, depois suspirou com tristeza.

- Muito bem, vou dizer-lhe um nome: general Peter Ulrich. Já ouviu falar nele?

O almirante acenou com a cabeça.

- É um oficial muito respeitado da Wehrmacht.

- E também é o pai desta mulher. Porém, já não se trata de um oficial respeitado, mas sim de um conspirador traiçoeiro contra o Fuhrer. Ele e toda a família foram detidos em segredo há uns meses sob a acusação de traição. Isto é, toda a família menos a filha. Ela não foi considerada envolvida no crime. Em todo o caso, decidimos fazer-lhe uma proposta.

O rosto de Canaris ensombrou-se ao perceber.

- Fez com ela o mesmo jogo sujo que com Halder?

- Resulta sempre - disse Schellenberg, encolhendo os ombros.

A boca do almirante contraiu-se de desagrado.

- E se ela falhar?

- Procuremos não considerar o fracasso - respondeu o interpelado com maus modos. - Todavia, acredite em mim, se houver nem que seja uma ténue esperança de alguém conseguir levar isto a bom termo, esse alguém tem de ser o Rouxinol.

Maison Fleuve, 1.30 da manhã

Weaver estava sentado com uma cara que parecia talhada em pedra. Halder, siderado, não pronunciou palavra enquanto Rachel Stern não acabou de falar.

- Tenho de confessar que me enganaste por completo - declarou numa voz que era quase um sussurro. - A história do campo de concentração, as razões de Schellenberg querer a tua participação, tudo soava a verdadeiro. Agora vejo que foi um embuste.

Uma expressão de remorso passou pelo rosto da rapariga.

- Tal como tu, Jack, eu fui colocada entre a espada e a parede, obrigada a fazer o que Schellenberg mandasse. - Afastou-se lentamente da janela. - Pareces abismado, Harry. Desiludi-te assim tanto?

Weaver sentiu que não lhe ocorria uma única palavra. Vacilou como se tivesse sofrido um golpe físico.

- Mais do que alguma vez imaginarás.

- Lamento que tivesse tido de ser assim.

- Muito tocante - interveio Halder com azedume -, mas podes guardar para ti essa angústia fingida e sem significado. Nunca nutriste o mínimo sentimento por Harry nem por mim, pois não? Foi tudo um jogo.

Ela fitou ambos com firmeza, e nos olhos tinha uma espécie de desgosto.

- Estás mesmo convencido disso, Jack?

- Estou mesmo convencido de que fui um tolo chapado. O resto não tem de facto importância nenhuma. Só interessa o que vai passar-se a seguir.

- Vens comigo. Já estiveste uma vez perto de Roosevelt. Podes repetir a proeza, mas agora na minha companhia.

- E quem vai cometer o acto final?

- Eu. Foi sempre essa a intenção ... se tu falhasses.

- Então, conduzo-te pela passagem e tu arriscas?

- Há alternativa?

- Podes simplesmente esquecer este assunto desgraçado.

Ela abanou a cabeça com solenidade.

- Eu não posso fazer isso. Tenho família a apodrecer nas celas da Gestapo e não quero que morra lá. E o meu país está a ser reduzido a escombros pelos bombardeamentos. Não tarda a não ficar nada de pé.

- Minha pobre tolinha. Nada que tu faças vai influenciar seja o que for. Os Aliados não vão deixar de



ganhar a guerra.

Rachel não respondeu, e Weaver, muito pálido, ali sentado a ouvir ludo, olhou para Halder.

- Falaste numa passagem. Que é que queres dizer?

- Lamento, mas estás completamente fora do jogo, Harry. Há uma fraqueza letal nas defesas do teu presidente.

Halder explicou a existência do túnel, e Weaver não conseguiu dominar a ira que sentia ao dirigir-se a Rachel com emoção patente na voz:

- Matar Roosevelt não vai acabar com esta guerra, só vai piorar as coisas. Não há um soldado americano vivo que não vá sentir-se ultrajado e sedento de vingança. Todos continuarão a lutar o tempo que for preciso.

- O que não altera nada, Harry, lamento. Continuo com uma missão para cumprir. E agora, Jack, acho que são mesmo horas de irmos. Em breve podem aparecer outros.

- Há um pequeno problema. Eu não vou contigo. - Quando Rachel lhe apontou a arma, Halder prosseguiu, resignado: - Mata-me se tiver de ser, mas a resposta continua a ser não. Estou farto de morte e destruição.

- E o teu filho?

Halder lutou por conter as emoções.

- Acho que aceitei nunca mais voltar a ver Pauli no momento em que concordei participar nisto.

Havia uma tremenda expressão de desgosto no seu rosto ao fitar Rachel. Por fim, ela concordou:

- Muito bem. Como queiras.

A porta abriu-se, e reapareceu Deacon com Kleist atrás.

- A comunicação foi recebida. A missão de Skorzeny foi abortada.

- E a mulher?

- Está na cave, bem amarrada - respondeu Kleist. Trazia a farda de Helen Kane no braço. - Achei que isto podia ser útil. - Ergueu a identificação da prisioneira, sorrindo abertamente. - E não vai acreditar no que lhe encontrei no bolso. Um passe especial para o recinto.

Deacon atravessou a sala à pressa, enfiou a mão na algibeira do casaco de Weaver e retirou-lhe a carteira com a identificação.

- Parece que afinal a sorte está do nosso lado. - Virou-se para Rachel. - Estamos a postos?

- Parece que o major não vem. Temos de arriscar sozinhos.

Deacon deitou a Halder um olhar de desprezo.

- Que pena ter optado pela traição. - Voltou a fitar Rachel. - Que lhe faço?

- Regressa sempre no avião mesmo que nós não vamos.

Deacon não discutiu.

- Muito bem. E o outro?

Rachel olhou demoradamente Weaver.

- Vai ter de o manter, a ele e à mulher, em segurança e fora do caminho até muito depois de nos termos ido embora.

- É melhor matá-los já - sugeriu Kleist com um brilho sanguinário no olhar.

Rachel virou-se para ele, furiosa.

- Nenhum deles deve ser maltratado. É uma ordem. Faça o que lhe digo. - Entregou-lhe a pistola-metralhadora M3. - Fique com isto. Mas use-a só em último caso.

Kleist enfiou a sua pistola no cinto e pegou na pistola-metralhadora, aborrecido, ao mesmo tempo que Rachel deitava a Harry e a Halder um olhar significativo.

- Só espero que ambos aproveitem a oportunidade que lhes proporciono. - Por um momento, os seus olhos enterneceram-se. - Pensem em mim de vez em quando.

Fez-se um silêncio prolongado. Nenhum dos dois respondeu, e ela voltou-se com brusquidão para Deacon, como se não suportasse ver nem mais um segundo os olhares acusadores de ambos.

- Vamos.

Saiu da sala, e, ao mesmo tempo que se aprestava a segui-la, Deacon disse a Kleist:

- Vá com Hassan para sul no barco até Mênfis e depois a pé para a zona de aterragem. - Olhou para o relógio. - Dê-nos até às três e meia da madrugada, no máximo.

- E se entretanto não tiverem aparecido?

- Vão sem nós - rematou Deacon sombriamente.

Pouco depois de terem ouvido a moto acelerar e afastar-se, Kleist íitou Halder com malícia.

- Se pensas que te levo no avião, tira daí a ideia, seu cobarde.

A bota dele subiu e embateu na virilha de Halder, que caiu ao chão dobrado sobre si próprio. Weaver esboçou um movimento para o ajudar a levantar-se, mas Kleist encostou-lhe a M3 à cara.

- Não me tentes, americano. Além disso, acho que há mais quem tenha contas a ajustar contigo. - Contudo,

quando Hassan avançou de punhal na mão, Kleist pousou-lhe a sua no braço. - Aqui não. Tenho algo mais interessante em mente. - Tocou com o cano da M3 na testa de Halder e fez um sorriso hipócrita. - Vamos dar de mastigar aos crocodilos do Nilo. Leve-os pela cave até ao barco.

Enquanto Weaver e Halder eram empurrados para as escadas da cave, ouviu-se o roncar de motores lá fora, a que se seguiu o guinchar de pneus.

Hassan espreitou por uma abertura nas persianas.

- Temos companhia. Soldados aos molhos.

- Scheisse! - Kleist empurrou Halder para junto de Weaver. - Cubra-os - disse a Hassan, e foi até à janela mais próxima com a M3 empunhada. Espreitou pela persiana e viu na escuridão um oficial fardado, de venda num olho, a entrar à pressa pelo portão aberto com a pistola na mão.

Estavam a ser gritadas ordens no negrume e de repente ouviu-se o barulho de madeira a lascar no vestíbulo, pois alguém estava a tentar forçar a porta principal. Kleist virou-se freneticamente para Hassan.

- Para a cave. Rápido!

Hassan deitou olhares furibundos aos outros.

- E estes?

- Deixe-os comigo. - Enquanto Hassan se afastava a caminho da porta, Kleist fez rodopiar a M3. - E aqui que tudo termina para ti e para o teu amigo, Halder. - Ria como um louco ao erguer a pistola-metralhadora, com o dedo a premir o gatilho.

Ouviu-se um clique, mas nada aconteceu. Com a gargalhada a desvanecer-se, Kleist fez um movimento fluido para ejectar uma bala vazia e voltar a premir o gatilho. Clique.

- Tens razão - pronunciou Halder. - E aqui que tudo acaba. - Atirou-se para a frente, esmurrando em cheio o maxilar do SS, que vacilou para trás. A porta, Hassan já estava a reagir, levantando a sua pistola, mas Halder foi mais rápido. Arrancou a pistola do cinto de Kleist, disparando ao mesmo tempo que rolava para o chão e atingindo o árabe primeiro no peito e depois no pescoço.

Quando o atordoado Kleist procurava alcançar a arma de Hassan, Weaver antecipou-se-lhe, atingindo-o por duas vezes no peito, o que impeliu o SS para trás, e a seguir voltou a disparar, alvejando-o na cabeça.

Halder pegou na M3.

- Ou os deuses nos sorriem ou Kleist era um sacana sem sorte. Duas balas com defeito é quase inacreditável. - Puxou o cão da pistola-metralhadora para a examinar. - Parece que me enganei nas duas hipóteses. A agulha de percussão foi inutilizada.

- Rachel? - interrogou Weaver, empalidecendo.

- Portanto, redimiui-se, pelo menos em relação a nós. Mas tenho quase a certeza de que o teu presidente é outra questão.

Do vestíbulo provinham mais ruídos de madeira a lascar, e ouviram o barulho de botas do lado de fora das janelas de sacada.

Halder fitou Weaver.

- Daqui a nada, estão aí os teus amigos. Qual é a decisão, Larry? Rendição? Ou tentamos travar isto antes que seja demasiado tarde?

- Que queres dizer?

- Eu estou condenado - reflectiu Halder. - Mas relativamente a Rachel talvez seja diferente. Se conseguirmos detê-la a tempo, talvez um tribunal militar lhe poupe ao menos a corda no pescoço. Tu é que decides.

- Importas-te de me dizer como podemos sair daqui?

- Se chegarmos ao vestíbulo, temos saída pela cave e um barco à nossa espera no rio. Então?

Nova rajada atravessou a persiana e pedaços de estuque da parede explodiram para dentro da sala. Weaver anuiu de cabeça.

- Vamos.

Sanson voltou a pontapear com violência a porta da frente e, frustrado, disparou mais duas balas contra a fechadura. Esta continuou trancada.

- Dê-me uma granada - pediu ao soldado mais próximo. O homem entregou-lhe a que retirou da bolsa. - Recue. - Sanson encostou a granada ao fundo da porta, puxou a espoleta e encostou-se à parede. A explosão deu-se após uns segundos, tão tremenda que fez a porta saltar dos gonzos.

Assim que o pé assentou, ele correu para dentro da casa e observou a carnificina. O corpo do árabe jazia no chão e encontrava-se outro cadáver esparramado a um canto com ferimentos no peito e na cabeça.

O major Blake precipitou-se para dentro da sala.

- Não há sinais de gente viva. Nem em cima nem em baixo.

- Mandem os homens procederem a uma revista completa do exterior. E volte a revistar todas as divisões. Passe-as a pente fino.

Minutos depois, Sanson ouviu um grito algures lá em baixo, a

que se seguiu uma movimentação súbita. Correu para as escadas da cave no momento em que dois soldados as subiam com Helen Kane entre eles. Ela vinha de cuecas, com os braços cruzados em frente do peito.

Sanson ficou estupefacto.

- Helen!?

- Encontrámos a senhora na cave, sir - explicou um dos soldados.

- Que diabo faz aqui?

- Tem de me ouvir. Harry Weaver deixou-me um recado para si. Não há tempo a perder.

Uns cem metros a jusante, Halder esgueirava cuidadosamente o barco por entre os juncos, impelindo-o para a margem. Saíram para a escuridão, treparam pelo meio do canavial e Weaver foi à frente em direcção ao caminho particular. Viram que o Humber oficial ainda lá estava estacionado, correram para ele e instalaram-se.

- Achas mesmo que esta coisa consegue atravessar o deserto? - perguntou Halder na dúvida.

- Temos de tentar. - Weaver accionou o motor de arranque, que pegou de imediato. - Ainda não me contaste como te meteste nesta embrulhada.

- Carrega no acelerador, Harry. Há tempo para explicar pelo caminho.

O amigo rodou o volante, acelerou e precipitaram-se para a estrada do deserto que conduzia a Nazlat as-Saman.

MENA HOUSE, 1.55 DA MANHÃ

- Leva-me até à janela, meu rapaz. Gostava de voltar a vê-las.

- Sim, Sr. Presidente.

O agente Jim Griffith empurrou a cadeira de Roosevelt até à janela de sacada do quarto e correu para trás a rede antimosquitos. A algumas centenas de metros, as formas maciças das pirâmides quase obliteravam o céu nocturno. Era um cenário de verdadeira imponência, e Roosevelt maravilhava-se com a vista.

- Belo panorama, não é verdade, Jim?

O presidente tratava quase sempre os seus guarda-costas pessoais pelos nomes próprios, familiaridade que os encantava. Mesmo pondo de parte o dever, Griffith sabia não haver nenhum colega seu não estivesse disposto a dar a vida por aquele homem, incluindo ele próprio.

- E sim, Sr. Presidente, não há dúvida.

- Sabes, toda esta excitação não é boa para um velho. Uma das Sete Maravilhas do Mundo mesmo à porta, e um grupo de comandos alemães a tentar matar-me. É coisa para dizer que se trata de uma viagem

interessante.

- Acho que tem razão, Sr. Presidente - sorriu Griffith. - No entanto, ainda bem que o general Clayton já praticamente resolveu o caso dos alemães. Já está pronto a voltar para a cama, Sr. Presidente?

Roosevelt parecia inquieto desde que fora acordado por uma visita do general George Clayton, que fora pessoalmente contar-lhe o que se passara no campo de aviação e as medidas que tomara para impedir que os agentes alemães se aproximassem sequer do hotel.

- Já que estou a pé, sou capaz de dar uma vista de olhos a alguma papelada. Traz-me a pasta, está bem, Jim?

- Como queira, Sr. Presidente. - Griffith afastou a cadeira de rodas da janela, fechou o mosquiteiro e a seguir foi buscar a pasta. - Mais alguma coisa, sir?

- Acho que é tudo.

- Muito bem, sir. - Griffith encaminhou-se para a porta para sair.

Rachel Stern estava deitada na depressão de terreno, consciente do bater descompassado no seu peito. Viu as duas sentinelas passarem a cinquenta metros de distância, e quando se afastaram, sacudiu a farda e levantou-se, saindo de entre os arbustos e começando a encaminhar-se para o hotel.

Mal dera vinte passos quando avistou outras duas sentinelas americanas em patrulha, com as carabinas M1 ao ombro. Ia levar a mão à lüger, mas os homens apressaram-se a fazer continência ao passarem. Ela correspondeu às saudações e continuou a dirigir-se calmamente para o hotel. Ao chegar ao relvado adjacente ao edifício, os seus olhos foram atraídos instintivamente por uma luz num dos quartos, um andar abaixo do beiral do telhado.

Desse quarto, projectava-se uma grande varanda quadrangular a que se acedia por portas de vidro. Na parede do lado direito, uma forte treliça de madeira a que se agarravam trepadeiras em flor subia até à varanda, e toda a zona em baixo estava na sombra. Ficou alguns instantes parada a respirar fundo, sentindo náuseas na boca do estômago, até que se aproximou da treliça, levou uma das mãos à madeira e puxou. Sentiu-a segura. Começou a trepar para a varanda.

Nazlat as-Saman

Weaver conduziu como um raio pelas ruas desertas. Passou pela Esfinge, em direcção às pirâmides, até que vislumbrou cem metros acima, na encosta, uma barreira policial vermelha e branca atravessada na estrada.

Travou a fundo, e Halder saltou para fora do carro.

- Vou retirá-la. - Ao levantar a barra, viu o polícia amarrado na guarita, inconsciente, com uma mordalha. Correu de regresso ao carro, no qual entrou ao mesmo tempo que Weaver acelerava.

- Então?

- Passaram por aqui. O guarda está neutralizado. - Halder apontou na direcção das ruínas do túmulo. -

Continua até te dizer para parares.

Sanson atravessou ruidosamente a aldeia dois minutos depois deles. O silêncio era de morte, não havia qualquer sinal do carro de Weaver.

- Continue colina acima - ordenou freneticamente ao motorista, e apontou a estrada que passava pela Esfinge.

Quando chegaram à guarita, mandou o condutor parar. Viu o polícia amarrado e amordaçado e a seguir percorreu com o olhar as sombras das ruínas esboroadas e das pirâmides, que pairavam sobre eles na escuridão, enquanto sentia a frustração a ferver.

- Onde raio estarão eles?

- Não devíamos procurar o túnel, sir? - sugeriu o major Blake.

- Não há tempo. A mulher tem um avanço considerável. E se Helen Kane não conseguiu chegar a um telefone para dar o alarme, estamos fritos. - Sanson sacou do revólver, com a fúria no olhar ao bater no ombro do motorista. - Vá directo para o hotel o mais depressa possível. Quero Rachel Stem morta no momento em que for avistada.

## 2.21 DA MANHÃ

Dentro do túmulo subterrâneo, Deacon começava a inquietar-se. Voltou a olhar para o relógio. Tinha passado um quarto de hora.

186

()uviu um ruído atrás de si no corredor e imobilizou-se, para logo recuar até um canto da caverna e apagar de imediato a lanterna, com o coração aos pulos.

Para seu horror, viu assomar uma luz, sombras a tremularem nas paredes. Sentiu aumentar o terror e a confusão, mas nesse momento apareceu Halder seguido de Weaver. Esperou que o primeiro subisse para um pedregulho, aparecendo então de pistola erguida.

- Não me parece uma ideia muito boa, major. Desça muito devagar. Retirem ambos as armas e deitem-nas ao chão.

Weaver não se mexeu, Halder porém deslizou de cima da pedra e assumiu uma postura destemida.

- Dispare, Deacon, e revele-se aos guardas lá em cima. - Avançou e, por um breve segundo, o pânico cego espelhou-se no rosto de Deacon, e esse foi o tempo suficiente para Halder deitar a mão à pistola, que explodiu num estrondo portentoso, com a bala a ricochetear nas paredes. Deacon debateu-se com ferocidade, mas Halder socou-o na cara e Weaver entrou em acção, dando uma coronhada na nuca de Deacon, que soltou um grito abafado e se estatelou no chão. - Tira-lhe o cinto, Harry. Amarra-lhe os

pulsos.

- Arriscaste-te ... ele podia ter-te matado, Jack.

- Parece ser o meu dia de fazer papel de herói ... não é difícil quando não se tem nada a perder. E posso ter-me enganado quanto aos guardas ... é provável que as paredes tenham abafado o tiro. - I lalder limpou à manga o brilho da transpiração e acenou para cima na direcção do poço. - A postos?

- Mais do que nunca. Só espero que Rachel ainda não tenha ido demasiado longe com isto.

- Não tardamos a descobrir. - Halder trepou para o pedregulho, estendeu a mão ao amigo e puxou-o para cima.

## 2.25 DA MANHÃ

IÂLA trepou até ao cimo da treliça, mantendo-se nas sombras, e depois esgueirou-se por cima do varão para a varanda. A luz continuava acesa para lá do mosquiteiro, e, ao espreitar para dentro do quarto, R achei reconheceu a figura de Roosevelt, só, sentado numa cadeira de rodas, de óculos e a ler documentos.

O coração dela bateu mais depressa. Tirou a Luger com silenciador do casaco da farda e engatilhou-a. Recorrendo ao cartão de identidade, que fez deslizar com cautela pelo espaço entre os dois batentes da janela, levantou em silêncio o trinco de segurança e no instante seguinte entrava no quarto.

Roosevelt ergueu o olhar, surpreso, com os óculos quase a caírem-lhe do rosto. Viu a rapariga ali parada, ameaçadora, de Luger com silenciador na mão.

- Não lhe parece um pouco tarde para visitas, tenente? - pronunciou descontraidamente.

Viu nesse momento algo na cara da jovem, não era medo, antes uma espécie de desprezo por si própria, quase insuportável, enquanto ao mesmo tempo ela lhe apontava a pistola à cabeça.

- Saiba o senhor que lamento sinceramente ter de fazer isto.

Roosevelt fitou-a olhos nos olhos, sem baixar os seus, e disse

com toda a calma:

- Minha filha, se vai disparar, sugiro que o faça de imediato.

Griffith passava pelas brasas no salão da suite quando o telefone tocou. Atendeu no instante em que alguém batia insistentemente à porta. O colega de Griffith, Howie Anderson, levantou-se de imediato e dirigiu-se para lá de Thompson em punho.

- Eu abro.



Griffith, contudo, estava concentrado na voz frenética do outro lado da linha, proveniente da sala de comunicações. Com o rosto a empalidecer, levantou-se de um salto, enquanto arrancava a Smith & Wesson do coldre ao ombro.

- Deixa, Howie! Posições de batalha! Temos um assassino no complexo.

No entanto, tudo parecia estar a acontecer ao mesmo tempo. Já soavam vozes altas no corredor, numa espécie de loucura desesperada, e uma avalanche de homens dos Serviços Secretos entrou de rompante de armas em riste a assumir posições. Sanson, quase sem fôlego, precipitou-se atrás deles a gritar:

- Por amor de Deus, vão ver o presidente!

Mas Griffith já investia loucamente pelo pequeno corredor que levava ao quarto de Roosevelt, logo seguido por Anderson.

Os dois agentes entraram de rompante no quarto. Uma das portas de vidro estava aberta de par em par. A mulher fardada de tenente estava a pouco mais de meio metro de Roosevelt, empunhando uma Luger com silenciador. Teve um sobressalto, entrou em pânico, rodou a arma e disparou, atingindo Anderson na mão. Ele deixou cair a Thompson, mas Griffith levantou a sua .38, da qual saiu um tiro para

o ombro da desconhecida, seguido de outro cujo impacte a fez voar pela janela aberta.

Por instantes, o quarto foi palco de um caos completo, com Griffith a correr enquanto Anderson virava a toda a pressa a cadeira de rodas ajudado por outros dois homens dos Serviços Secretos, e empurravam Roosevelt para o corredor a uma velocidade alucinante.

Dentro do quarto, Sanson apoderou-se da Thompson e precipitou-se pela janela aberta para a varanda no preciso momento em que as sirenes principiavam a tocar. Nada se mexia nas sombras, por isso ele correu para a extremidade da varanda e olhou lá para baixo, vendo então uma figura fardada a atravessar o relvado em corrida.

- Pare ou disparo!

A mulher continuou a fugir, agarrada ao ombro. Ele ergueu a Thompson e a rajada saiu entrecortada, a roçar as ervas, enquanto a mulher prosseguia a sua corrida. Disparou de novo, já uma rajada contínua, e finalmente a mulher rodopiou, parecendo ter sido atingida, tropeçou e tombou para diante. Sanson levantou completamente a pistola-metralhadora, pô-la na mira e puxou uma vez mais o gatilho.

Clique.

O carregador esgotara-se. No jardim, a mulher levantou-se, agarrada ao lado, e arrastou-se para longe. Ele sacou da sua própria pistola e disparou por duas vezes em rápida sucessão antes de ela desaparecer nas sombras.

- Detenham essa mulher! - bradou Sanson da varanda, quando dúzias de militares confusos se apinharam no jardim. - Vão atrás dela!

A divisão fortemente guardada na extremidade do hotel continuava apinhada de homens dos Serviços Secretos quando Sanson abriu caminho por entre a multidão. Roosevelt estendeu-lhe a mão.

- Tenente-coronel Sanson, presumo? Disseram-me que foi o senhor que contribuiu para me salvar a vida. E no momento certo.

- Acho que esse crédito deve ser dado aos seus próprios homens, Sr. Presidente - respondeu Sanson com honestidade. - Ainda bem que o agente Anderson não ficou ferido com gravidade.

- Pelo que ouvi, o senhor desempenhou um papel importantíssimo e estou-lhe profundamente grato. - O rosto de Roosevelt tornou-se sombrio, e ele continuou: - Que sucedeu à mulher?

Sanson corou, embaraçado.

- Ainda estamos a procurar detê-la, Sr. Presidente. Não vai conseguir fugir, pode ter a certeza.

- Claro - retorquiu Roosevelt sem entusiasmo, pois a perspectiva não lhe provocava qualquer prazer. Parecia intrigado. - Sabe, foi estranhíssimo. Ela teve oportunidade, mas não a aproveitou. Ouviu o movimento no corredor, no entanto continuou sem disparar. Limitou-se a ficar ali parada, a olhar para mim, como se não estivesse empenhada naquilo, quase como se quisesse falhar.

Houve burburinho à porta, e Sanson, ao ver o major Blake a tentar entrar, pediu a Roosevelt:

- O Sr. Presidente dá-me licença? Tenho de me ocupar de uma coisa urgente.

- Com certeza, prossiga com o seu trabalho.

Sanson fez uma continência rápida, virou-se rapidamente e enca-minhou-se para a porta.

O major fez-lhe continência.

- Encontrámos a entrada para o túnel, sir. Simplesmente, parece que Weaver terá descido atrás dela, assim como Halder.

- O quê?

Blake engoliu em seco.

- Ao que suponho, conseguiram de algum modo chegar à entrada pouco antes dos meus homens. Enviei um grupo com tochas em perseguição, que encontrou Deacon amarrado e inconsciente. E há sinais de sangue no corredor. O meu tenente-coronel deve ter ferido a mulher, mas ela desapareceu.

- E Weaver e Halder?

- Desapareceram também, sir.

Saqqara

Encontraram-na caída, encostada a uma das paredes do túmulo, com o casaco da farda atado à cintura para cobrir um grave ferimento no lado. Parecia uma rapariguinha perdida e desesperada. A respiração era superficial e sufocava com o seu próprio sangue. Ao vê-los, as suas pálpebras adejaram de reconhecimento.

Weaver ajoelhou-se ao lado dela, com os olhos rasos de lágrimas.

- Não tentes mexer-te. Tem calma.

- Deixa-me ficar, Harry - murmurou ela.

- Vais esvair-te em sangue, por amor de Deus.

Halder aproximou-se e desaperçou-lhe o casaco com cuidado.

Examinou o ferimento aberto pela metralhadora. A seguir, fitou Rachel olhos nos olhos e tocou-lhe na face com angústia na voz.

- A agulha de percussão na arma de Kleist ... porque fizeste aquilo?

A dor contorcia-lhe o rosto, e ela tossiu sangue.

- Vocês ... vocês dois sabem porquê. E agora é altura de um me retribuir o favor. Acabar com tudo, aqui e agora.

Weaver levantou-se com o desespero na réplica.

- Vou buscar ajuda ...

Halder agarrou-lhe o braço, dizendo sem esperança:

- Já está para além disso.

Ela soltou um grito terrível, como o de um animal atormentado:

- Não têm misericórdia? Um de vocês é capaz de fazer o favor de me abater? - Voltou a soltar um gemido, parecendo delirante de sofrimento, e os olhos fecharam-se-lhe com força.

Harry Weaver não suportou mais, sacou da pistola e ficou em pé ao lado de Rachel. Tinha a mão a tremer ao apontar-lhe à cabeça. Ficou longo tempo assim, incapaz de agir.

- Por favor...

Ele ouviu um estalido, olhou para Halder, que estava de olhos húmidos e arma empunhada. A explosão reverberou pelas paredes de pedra.

Transportaram o corpo da jovem para fora do túmulo e pousaram-no na areia. Houve entre eles um silêncio doloroso e prolongado, até que Halder pronunciou em voz trémula:

- Era a única maneira, meu amigo. Uma obra de misericórdia. - Sacou da pistola e engoliu em seco. - E agora é altura de me deixares só, permitindo-me uma saída honrosa.

- Outra morte não vai fazer qualquer diferença. Está tudo acabado, Jack. Larga a arma. - Com deliberação, Weaver estendeu a mão e agarrou o cano.

- Não estás a facilitar nada.

- Leva o carro. Foge para sul até onde puderes. Com sorte, consegues chegar a Luxor ao amanhecer. Depois disso, só Deus sabe. - Halder estava atónito, silencioso, e Weaver prosseguiu: - Foge enquanto ainda tens a oportunidade, antes de os homens de Sanson cá chegarem.

Halder estava perturbadíssimo. Ajoelhou-se ao lado do corpo de Rachel e tocou-lhe na cara.

- Promete-me que lhe vais proporcionar um enterro adequado. - Espraiou o olhar pelo deserto, com a voz pastosa de emoção. - Algures por ali. Onde fomos todos felizes juntos antes de esta loucura começar.

Weaver assentiu de cabeça.

- E agora é melhor ires mesmo embora.

Surgiu uma raiva súbita na voz de Halder:

- Que coisa terrível tem sido esta guerra nojenta! Acabou por nos destruir a todos.

Weaver não respondeu, pois de facto não havia resposta.

Halder entrou no carro de serviço, fez um último aceno e logo o Humber penetrou na escuridão, desvanecendo-se como um espírito de partida.

Weaver deixou-se cair de joelhos na areia. Aninhou a cabeça de Rachel nos braços, com a vaga consciência de o ruído do automóvel deixar de ser audível. E então apenas o seu próprio soluçar veio perturbar o vasto e vazio silêncio do deserto.

Cairo, na actualidade

Eram quase 3 da manhã quando Weaver acabou de falar. O átrio do hotel estava vazio, e o pessoal do bar fora para casa.

- Pronto, Carney, aí tem a sua história.

Fitei-o com espanto.

- E quase incrível.

- Quase, não há dúvida, mas juro-lhe por Deus que foi o que aconteceu. Presumo que mantenha a sua promessa de nada publicar antes da minha morte.

- Claro, tem a minha palavra. - Hesitei. - Posso perguntar uma coisa?

- Dispare.

- Como soube do corpo na morgue? E o que é que o faz suspeitar de que Halder ainda esteja vivo?

- Tenho um amigo advogado no Cairo, já velho, que contratei há muitos anos para tentar ajudar-me a encontrar Jack. Tal como você, ele leu o artigo no jornal e entrou logo em contacto comigo. Meti-me no primeiro avião em que consegui lugar e cheguei ontem à tarde.

- E que razão tem para suspeitar de que Halder ainda estava vivo?

- Tive um indício, mas já há muito tempo.

- Há quanto tempo?

- Uns anos depois da guerra, soube que a propriedade de Halder em Nova Iorque tinha sido vendida por intermédio do advogado de um banco suíço de Zurique. Os pais de Jack tinham morrido, por isso interroguei-me sobre quem teria autorizado a venda. Entrei em contacto com o banco, que se recusou a prestar-me informações. Sabe como são os Suíços, paranoicos com o sigilo, portanto as minhas investigações não levaram a coisa alguma. Até que sem mais nem menos, uns meses depois, recebi um postal de Casablanca que dizia apenas: Está tudo bem, Jack.

- Então, sempre escapou e sobreviveu.

Weaver confirmou com um aceno de cabeça.

- Tentei encontrá-lo, mas foi impossível.

- Acha que Jack Halder soube a verdade do que aconteceu ao filho?

- Não duvido que sim. Visitei a campa de Pauli, em Berlim, há muitos anos. O garotinho foi enterrado junto da mãe. - Weaver fez uma pausa. - Sabe o que achei estranho? Havia dois lírios frescos sobre a lápide, um para cada um. Ao que parece, as flores eram entregues uma vez por mês por uma florista de Berlim. Acabei por descobrir que as instruções provinham do mesmo banco de Zurique, o que não me levou a lado nenhum. A última vez que visitei as campas foi há cinco anos. As flores frescas estavam lá, tal como antes. Outro facto que me fez suspeitar de que Jack talvez ainda fosse vivo.

- E os outros? Que lhes sucedeu? - indaguei.

- Relativamente a Canaris, tenho a certeza de que sabe. Foi preso por fazer parte do grupo que conspirou contra Hitler e mais tarde enforcado. Schellenberg, fiel a si próprio, continuou a inventar esquemas cada vez mais loucos. Foi capturado pelos Aliados e condenado em Nuremberga em 1949. Ficou preso como criminoso de guerra, mas soltaram-no dois anos depois por motivo de doença. Tive sorte de conseguir meter uma cunha para uma entrevista com ele enquanto esteve na prisão. Foi aí que soube grande parte da história, Himmler também foi apanhado, mas suicidou-se antes de o levarem a julgamento. Quanto aos

restantes, Reggie Salter sobreviveu aos ferimentos, quer creia, quer não, todavia passados seis meses foi dado como culpado de deserção e homicídio por um tribunal militar e fuzilado. Harvey Deacon teve o mesmo destino sob a acusação de espionagem.

- E Sanson e Helen Kane?

- Sanson prestou serviço no Cairo durante todo o resto da guerra, regressando depois à Grã-Bretanha. Por estranho que pareça, dirigiu durante muitos anos com êxito uma firma de relações públicas até se reformar. Morreu há dez anos em Londres. Quanto a Helen Kane, soube que o namorado estava preso na Grécia, num campo alemão. Reencontraram-se após a libertação de Atenas, casaram e instalaram-se em Inglaterra. Deus sabe se ainda é viva.

- Sabe o que me espanta? Que uma história dessas tivesse sido mantida em silêncio durante todo este tempo. Parece incrível.

- Ao longo dos anos, tem havido indícios velados nalguns livros de história, contudo a manutenção do segredo não é de facto surpreendente. Numa fase tão crítica da guerra, a opinião pública, tanto na América como na Grã-Bretanha, teria ficado completamente desmoralizada se soubesse que os nazis tinham estado tão perto de matar os seus dirigentes, já para não mencionar o efeito que isso teria nas tropas. Washington e Londres puseram uma válvula de segurança no assunto, tão apertada como nunca vi.

Fitei o rosto de Weaver.

- Acha que Rachel Stern amava de facto os dois?

Por um momento, ele nada disse, com uma expressão pensativa no olhar, o vislumbre de uma tristeza infinita.

- Sabe, acho que nunca saberei a verdadeira resposta a essa pergunta. E talvez seja melhor assim mesmo. No entanto, se quer saber o que realmente penso, sempre estive convencido que sim.

- Que sucedeu à família dela?

- Himmler, é claro, nunca foi de cumprir promessas. Apesar dos pedidos de clemência de Schellenberg, o pai foi executado com os outros conspiradores contra Hitler, assim como os dois irmãos mais novos dela. Só a mãe foi poupada, mas faleceu pouco depois.

Fitei Weaver.

- Porque acha que Halder nunca mais tentou tornar a vê-lo? Porquê permanecer escondido todos estes anos?

Weaver respirou fundo, suspirou.

- Deus sabe quantas vezes tenho pensado nisso, mas só consigo imaginar duas razões para ele nunca mais ter entrado em contacto comigo, e ambas estão correlacionadas. A primeira tem a ver com o facto de se tratar de um homem orgulhoso. Não se esqueça dos antecedentes prussianos dele. A honra era importante. A palavra alemã ... Pflicht... indica a motivação de Jack. É traduzível por dever, todavia significa muitíssimo mais. Significa não desonrar os que estão mais próximos de nós. Penso que ele sentiu que

desonrara a nossa amizade e achou que nunca mais poderia olhar-me na cara. Mas, quem sabe? Quanto à segunda razão, parece a mais plausível. Depois de todo o sofrimento por que passou (a perda da mulher e do filho, a morte do pai, para não mencionar o que sucedeu no Egito durante a missão), talvez Jack pretendesse apenas deixar tudo para trás, começar uma nova vida.

Houve um ruído atrás de nós. Dois elementos do pessoal de limpeza do hotel, do turno da noite, entraram e puseram-se a levantar as mesas.

Weaver olhou de relance para o relógio.

- Parece que estamos a abusar da hospitalidade. Bem, Carney, tenho de dormir um bocado. - Levantou-se.  
- Amanhã, tenho de conseguir um voo de regresso aos Estados Unidos.

O seu aperto de mão foi firme, e eu acompanhei-o ao elevador.

- Tenho uma última pergunta.

- Sim? Qual é?

- Tem a certeza de que o corpo na morgue não era o de Halder?

- Jack tinha uma cicatriz bem visível na perna esquerda. Era de um velho ferimento de infância, quando ambos brincávamos nos terrenos da propriedade da mãe. O desgraçado da morgue não a tinha. - Weaver abanou a cabeça. - Ele até pode já ter morrido há muito. Já somos poucos os velhos sobreviventes que ainda por cá andamos. Foi tudo há tanto tempo!

- No entanto, as suas recordações são perfeitas.

Weaver hesitou, tirando depois a carteira e estendendo-me uma coisa.

- É isto que não me deixa esquecer.

Era uma fotografia velhíssima a preto e branco, já a desvanecer-se, envolta num plástico protector. Três jovens, no meio dos túmulos próximos da pirâmide em degraus, de rostos sorridentes, saudáveis e bronzeados. Reconheci de imediato Harry Weaver em rapaz. Ao seu lado, estava uma loura extremamente bonita e, do outro lado dela, um homem bem-parecido com um sorriso. Jack Halder e Rachel Stern.

Fiquei longo tempo de olhos postos na fotografia, com as imagens subitamente reais, rostos a acompanharem a história.

Weaver repôs o retrato na carteira.

- Ainda bem que conversámos, Carney. Se eu alguma vez regressar aos Estados Unidos, gosto sempre de ter visitas, portanto procure-me.

- Assim farei.

- Então, boa noite, ou devo antes dizer bom dia?

- Muito bom dia.

Entrou no elevador, as portas fecharam-se e ele desapareceu.

Nunca cheguei a saber o que aconteceu à colecção de Franz Halder, e não voltei a ver Harry Weaver. Ele faleceu cerca de quatro meses depois num hospital de Nova Iorque após uma trombose. Todos os jornais de maior relevo se lhe referiram.

Na altura, eu estava de regresso a Nova Iorque, em férias, e decidi alugar um carro para lhe ir prestar a última homenagem. Estava uma tempestade terrível, o que me atrasou, e quando cheguei já o funeral terminara. Havia dúzias de pessoas de luto e alguns rostos conhecidos da Casa Branca. A chuva caía sobre o cemitério em autênticos lençóis de água, pelo que a multidão não demorou muito a dispersar em direcção aos automóveis.

Deixei-me ficar ali, com a chuva a ensopar-me, e percorri a campa com os olhos. Coroas e ramos de todos os géneros cobriam-na na totalidade. Até havia flores enviadas por dois antigos presidentes. Caído no meio delas, reparei num lírio solitário com a alvura da neve junto da base da lápide de mármore preto. Peguei no sobrescrito, li o simples cartão branco que lá estava dentro, preenchido com uma caligrafia fraca e rabiscada. A assinatura não deixava margem para dúvidas: Jack.



Glenn Meade encontra inspiração para os seus romances em dramáticas histórias esquecidas da II Guerra Mundial. Já o seu primeiro romance,

O Lobo das Neves - publicado pelas Selecções do Livro -, tratava de uma conspiração para matar Estaline. Foi quando fazia a pesquisa para O Lobo das Neves que Glenn Meade teve a ideia para o enredo de Nas Areias de Saqqara.

- Eu estava em Moscovo a entrevistar um ex-oficial do KGB, e ele disse-me que em 1943 houvera um plano para matar Roosevelt e Churchill enquanto estavam no Médio Oriente. Segundo ele, a NKVD (braço externo do KGB) desmantelou-o mesmo a tempo. Fiz alguma pesquisa e encontrei imensos livros sobre o assunto. O plano existiu de facto e esteve perigosamente perto de ser bem-sucedido.

Para fazer a pesquisa, o autor passou um mês no Cairo a falar com pessoas que haviam lá estado durante a guerra.

- O Cairo era uma lúria de conspiração e um coito de espões - diz Glenn Meade. - Encontravam-se lá tropas americanas, britânicas, australianas e sul-africanas (entre as quais o meu próprio avô), e muitos egípcios eram pró-alemães. Por incrível que pareça, alguns dos personagens reais do drama ainda são vivos, incluindo um agente dos Serviços Secretos de Roosevelt que presenciou o acontecimento.

Glenn Meade vive nos arredores de Dublin e foi jornalista e dramaturgo antes de iniciar a carreira de formador de pilotos aviadores.

- Viver na Irlanda é como viver numa máquina de lavagem automática - diz-nos a propósito do clima na sua terra natal. - Mas também há muita calma, especialmente na costa ocidental, onde eu adoro escrever.